

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

MARCOS VINÍCIUS LEITE

**COMO CORPO LANÇADO EM SALA DE AULA TORNOU-SE PATAS AO
CHÃO, LÍNGUA AO VENTO.
CARTAS, PASSEIOS E PELES EM AULAS DE FILOSOFIA.**

Juiz de Fora
2016

MARCOS VINÍCIUS LEITE

**COMO CORPO LANÇADO EM SALA DE AULA TORNOU-SE PATAS AO
CHÃO, LÍNGUA AO VENTO.
CARTAS, PASSEIOS E PELES EM AULAS DE FILOSOFIA.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas, na linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Clareto

Juiz de Fora
2016

MARCOS VINÍCIUS LEITE

**COMO CORPO LANÇADO EM SALA DE AULA TORNOU-SE PATAS AO
CHÃO, LÍNGUA AO VENTO.
CARTAS, PASSEIOS E PELES EM AULAS DE FILOSOFIA.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas, na linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Clareto – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Anelice Astrid Ribetto
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Clarissa de Carvalho Alcântara
Instituto Felix Guattari
Juiz de Fora, 15 de fevereiro de 2016

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem.

*Friedrich Nietzsche
Humano, demasiado humano.*

RESUMO

Parte-se de aulas da disciplina *filosofia* ministrada a alunos de ensino médio. Problematiza-se, como indagação disparadora da pesquisa, a *processualidade* de algum tornar-se pensador em salas de aula. Em exercícios de experimentação, aproxima-se dos acontecimentos na sua potência *desterritorializante* escapando em cores, embates, encontros, escrituras, solidões, sombras e frugalidades presentes ao fazer de algum professor de filosofia. Tateando as trilhas sugeridas por Nietzsche, a partir do diagnóstico da falência do discurso metafísico e da produção de afetos e criação de conceitos sugerida por Deleuze, exercita-se por meio de cartas, aforismos e, na produção de peles, a construção de *corpo-escrita-acontecimento*, de *corpo-pensar-acontecimento* ultrapassado pelas e nas fissuras disponíveis em algum tornar-se pensar em sala de aula. A tese saboreia e passeia junto aos múltiplos afetos decorrentes do afirmar-se da *diferença* na relação *acontecimental* dos encontros, desencontros, clarezas e obscuridades de corpos lançados na formação constante e ininterrupta de *corpos-língua*.

Palavras-chave: acontecimento, aulas de filosofia, corpo, formação, tornar-se.

RESUMO

Se parte de clases de la disciplina filosofía ministrada a alumnos de enseñanza media. Problematiza-si, como indagação disparadora de la investigación, la *processualidade* de alguno hacerse pensador en salas de clase. En ejercicios de experimentação, se aproxima de los acontecimientos en su potencia *desterritorializante* escapando en colores, embates, encuentros, escrituras, soledades, sombras y frugalidades presentes al hacer de algún profesor de filosofía. Tateando las trilhas sugeridas por Nietzsche, a partir del diagnóstico de la falencia del discurso metafísico y de la producción de afetos y creación de conceptos sugerida por Deleuze, ejercita-si por medio de cartas, aforismos y, en la producción de pieles, la construcción *de cuerpo-escrita-acontecimiento*, *de cuerpo-pensar-acontecimiento* ultrapasado pelas y en las fisuras disponibles en alguno hacerse pensar en sala de clase. La tesis saboreia y pasea junto a los múltiples afetos decurrentes del afirmarse de la diferencia en la relación *acontecimental* de los encuentros, desencontros, claridades y obscuridades de cuerpos lanzados en la formación constante e ininterrupta de cuerpos-lengua.

Palabras clave: acontecimiento, clases de filosofía, cuerpo, formación, hacerse.

SUMÁRIO

Assim saboreou Zaratustra e caminhou junto aos restos.....	07
Prólogo.....	09
De (?) a Zaratustra.....	11
Epílogo.....	121
Glossário.....	127
70 x 7 línguas em peles em corpo-escola.....	135
Prólogo.....	139
Cores.....	141
Encontros.....	155
Embates.....	171
Escrituras.....	185
Solidões.....	197
Sombras.....	211
Frugalidade e morte.....	225
Epílogo.....	241
Cartas de e para distante e desconhecido amigo pensamento.....	243
Conclusão.....	405
Referências bibliográficas.....	407

Asim saboreou Zaratustra e caminhou junto aos restos. Um livro para boca, nariz e quiçá ouvidos.

Prólogo

Sob sol, céu azul e desejo de infinito. De pé. A vitalidade não é das melhores, porém virá na medida em que as disputas se instaurem... Liberar a língua através dos poros e

P a s s e i o s a o l é u...

(?)

Enigma sonoro da linguagem. Corpo se projeta na imensidão e no vácuo. Se caminha a passos rápidos engana-se facilmente! Se longas se projetam as passadas termina por se enganar na lentidão, por perder-se nas circunavegações infinitas! Análise festiva das poeiras. Pode também se perder na busca e controle. Sob este aspecto, sob aquele holofote os jogos de quaisquer sombras. As indagações projetam-se como pontos de força, como necessidade de instauração de campos a serem explorados, como povoamento de ilhas desertas, através de construções alegres, festivas e marotas – feito moleques sem camisa, de shorts curtos ao vento. Pode também ampliar os espaços de reclusão, de aconchego e alheamento. Pontos de interrogação como níveis de resistência, como postulação de passagens, de agudas passagens sobre pontes a serem edificadas ou de caminhos a serem destruídos... Mais um nível foi alcançado, confusão de graus e manobras... Ilusão quanto ao desperdício... Pontos de interrogação como resistência às autoridades e aos arroubos de certezas, mesmo que marotas... Desfile de capacidades e conquista de habilidades. Afinal, pergunta-se para manusear com maestria o bisturi que corta e mantém o vivo? Poderia a saúde ser doença? Poderia o desejo de saúde indícios de doença grave? Pontos de interrogação com fins a abolir os espaços de consenso garantido e garantidor? Pontos de interrogação como ação de lançar aos ares os sortilégios e sacrifícios da epopéia humana. Pontos de interrogação, como paradas, como indícios de fuga, como escapes à sofreguidão da persistência das interpretações e interposição do sentido... Pontos de interrogação como ruptura dos órgãos do instante, como tribulação... Mesmo que indiquem a ilusão do cálculo e da mensuração? A inquirição em torno do *quid*, *da essência*, *do ser daquilo que é!*

2011



Absurdo

Tudo é água ou, conhece-te a ti mesmo ou, ir para a raiz do problema... Ou, parir centauros com unhas, chifres, pés de patos... Aos pulos, aos berros, no entre rasgar folhas, no preciso instante da falha... Ou quem dera a filosofia pudesse! Quem dera o pensamento pudesse! Quem dera o pensar pudesse! Na velocidade da expansão do universo tudo é lentidão - cascas de ovos no chão – Seria o gavião?... Quem dera o pensar pudesse... Tudo é vontade! Tudo é ser! Tudo é vontade de poder! Tudo é máquina! Tudo é agenciamento! Na superfície da pele 70 vezes 7.

Aceitar o pensado!

Sem sombra de dúvida, **dói!**

Acontecimento

Ondas de fumaça dançam junto aos raios de sol com o nascer e plenitude da aurora. Ao longe, assobio de pássaro se mistura aos ruídos das aranhas que tecem nos cantos e nas quinas... Vaca sorri sob a sombra das cadeiras... Na tensão corriqueira, trapos de tiras enroscam-se na imensidão das vozes que teimam em invadir. Cartas para o velho estranho procuram instaurar territórios, afinal foram bons amantes e porque não... Em mais um plano, diversifica-se, amplifica-se e de borras de café ficam as xícaras, misturadas aos traços amareladas na boca e língua cheia de broa... Reflexo de mãos toma a dianteira dos olhos na mistura de tela, teclado e traços e invasões anunciadoras se dão a comemorar. Por breve instante, o amor ao distante entretece com o plano, pretendendo escapar, como escarpas ou peixes em mar profundo... Quanto de força para impor um caminho? Quanto de força para persistir no caminho... Disciplina, *disciplinarização*, hábito ou costume – palavras demasiadamente sonoras, encobridoras das velocidades e criações da superfície... Corpo aquecido acorda em novo e inusitado mundo... Fluxos de veículos e amor e saudade e espera do amado, do fugidio e distante amado de olhos claros e cabeça loira... Nas andanças dos fragmentos um amor mais violento... Em maquinações, corpos se põem a dançar ao abrigo das mitigações e peripécias e encantos dos chamamentos e seduções... Sem moralidades dispõem-se ao

baile das câmeras e quartos iluminados no desejo do ver e do visível... Disputas pelo visível ou...?

Admirar

Parar - elevar o corpo à capacidade de olhar e ver!

Adquirindo conhecimento

Entrar em relação com os intangíveis junto aos acontecimentos... Impressões corpóreas? Flexionar, atritar, esfregar, lançar junto à... Cavar um canto ou, por estar em canto, exibir buraco? Aos poucos... modulação indicaria a conversão de um corpo na expressão do sentido para um signo ou seria a modulação indicação do subjugar do signo ou a modulação seria a indicação da pertinência entre os remetimentos, na relação estabelecida no advento dos acontecimentos? Com o passar do tempo, na exposição ao movimento, adquirir-se conhecimento – depósito ou salta-se sobre os paradoxos? Imagem mental fixa-se na concomitância do passar do tempo! Na ausência de exposição, haveria lembrança? Se não há lembrança, haveria conhecimento? Se não há conhecimento, haveria aquisição? Se não há aquisição, haveria tempo, duração? Saber, duração, lembrança e fixação, aspectos temporais da aquisição ou vida e produção de conhecimento se equivalem... Conhecimento como um modo de ser do corpo... Corpos emitem signos que se chocam com corpos que emitem signos ou corpos são signos em emanção constante, sem destinação específica? Apenas signos sendo emitidos por toda parte, signos que reivindicam incessantemente: em lugar algum, estaticidade, reação... As emissões como simples atuações nas relações! Adquirir uma doença: alterar pela infecção o modo de ser... Apenas modos de ser incessantes! Aprender: infectar entre os signos, como modos de ser... Invasão de relações...

Agradável morrer

Suspensão da morte como destino, como acontecimento singular, intransferível e solitário. Controle sobre a morte e afastamento substancial do morrer e da finitude, negação do envelhecimento, do enrugamento da pele na construção do rosto, nos caminhos da face, na trama do tempo... Vertê-la como agradável, como imperceptível ou retirá-la do olhar, escondê-la nas pipetas dos laboratórios, na invasão das injeções e no império de substâncias narcotizantes. Ausência de presença, ausência de dor, ausência, clama a alma do moribundo!

Ainda não soube

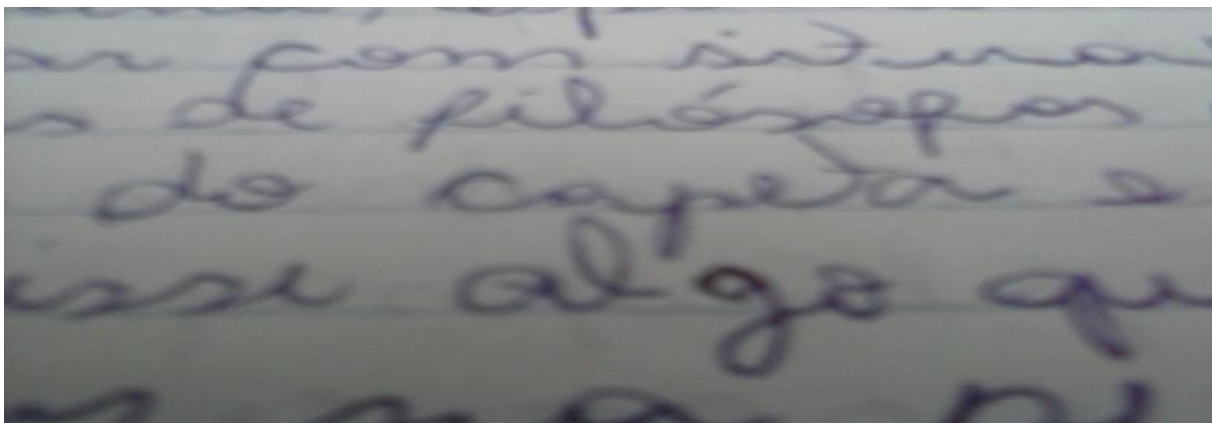
Saber o que se sabe; só saber que não se sabe; não saber o que se sabe ou tornar-se tolo. Primeira forma, trata-se de um saber que se justifica, que cria razões para sustentar a posse de algum conhecimento. Encontra ao final das longas cadeias dialéticas a verdade revelada, como algo que em si mesmo se dá e dispõe - signo da revelação divina ou do acesso privilegiado, disponível em função da capacidade interna da razão e do pensamento em esclarecer-se, por intermédio de procedimentos próprios, as condições gerais das suas afirmações. No segundo caso, mantém-se a certeza em torno da eficácia do instrumento, entretanto questiona-se a possibilidade de acesso e posse da verdade. A certeza em torno da capacidade da razão em delimitar as condições legítimas dos seus usos, diante da variedade de objetos, assenta-se na atestação da validação dos procedimentos de distinção e clarificação inerentes à capacidade reflexiva do pensamento e do logos. Nesse sentido, mantém-se a verdade como possibilidade e sua posse como problema. Na terceira via, evidencia-se que a posse do conhecimento advém da participação em uma determinada tradição de sentido, instauradora de mundo, homens e coisas e suas relações, entretanto também indica a possibilidade de escapar à vigência da hegemonia daquele sentido. Nesse nível, pode-se supor algumas vias para a obtenção do humor correspondente - manter-se preso a alguma tradição e dogmaticamente resistir à força dos argumentos contrários ou abster-se de qualquer confronto diante da necessidade de manutenção das posições - na habitação do conforto em alguma certeza. Entretanto, no caso, a suspeita introduzida pelo advérbio, tenciona a disponibilidade de um saber diante da possibilidade de negá-lo. Algum saber há! Porém, a condição de possuí-lo apresenta-se questionável. Inversão sutil da segunda figura – produção de tolices ou resistência passiva diante de algum saber?

Além das estrelas

Um passo para lá. Um desvio para lá. Um anseio de lá. Canto triste, de seguro canto. Um além, distante das incertezas do corpo, das mazelas do corpo, das inquietudes da terra. Um além terra, um além mar, um além corpo, um além como condição, um além como exigência... Para além das alturas, dos picos e dos montes elevados. Um além das estrelas... O que pode a superfície diante do além? O que pode a sensação diante do além? O que pode o bem diante do além? O que pode diante do além? No jogo do além, nasce homem, das entranhas do além...

Algo do capeta!

Aqui não! Por essa via não! Vai se dar mal, vai se perder nas brumas da experiência! Sempre estivemos certo disso e daquilo. Do modo com as pernas devem estar cruzadas, das razões para a defesa e para a destruição através da guerra! Temos as condições sempre presentes para a faxina, para a disposição dos tons, dos lugares e das conquistas... Sob qualquer circunstância não duvide! Não ultrapasse a linha divisória entre nós e eles, entre os bons, os justos e os carcomidos pelos desvios, os fracos de caráter... Em breve seremos arrebatados, nós, os incólumes... Ideias e corpos tementes ao devir revolucionário... Em um canto qualquer do universo, um bocado de força atrita-se com as linhas da conservação, com a molaridade das instituições... A maior das batalhas ainda virá!



Amor-criação-anseio-estrela

Corpo projeta-se como esquecimento, como suspensão através da manutenção do estado alcançado... Trata-se do império de um modo de ser da forma e da construção de mecanismos eficientes de retenção, do congelamento de vias alternativas, paralelas ou da hegemonia de um modo de ser, vinculado a algum acontecimento genuíno? De qualquer modo, em algum momento, o império das interpretações se cruza com a emergência de inusitadas formas de vida, de lampejos de singularização apreciados através da sensação de satisfação e cansaço com o modo de ser persistente no acontecer da forma na vivência do cotidiano, no desabrochar do cotidiano... O regozijar com si mesmo confronta-se com a resistência dos novos e inusitados jogos – com tentativas de estilizações, de modulações presentes ao jogo dos dados da fatalidade... Espécie sofisticada de pêndulo atravessa a construção e tensiona a ultrapassagem do humano... Ou na decomposição do cansaço é possível vislumbrar focos de resistência, lampejos

afirmativos da vida... A localização em um ponto seria demasiadamente pueril... São da ordem do acontecimento, as contradições, o inusitado jogo de atritamento... Por outro lado, a afirmação exige resistência, o passo inelutável do querer... Alcançada alegria de romper o limite daquilo que resiste, daquilo que se projeta para se manter. Amor e criação e estrela como movimentos do ansiar... Do querer resistência...

Amo os homens

Amar a possibilidade do tornar-se, das transfigurações dos tipos e das variações das formas... Amar a plasticidade da invenção que se nomeou como homem. Homem como signo de distinção; homem como signo de produção sobre si mesmo; homem como signo de ruptura; como signo de destino e elevação da vida; homem como signo da conquista de si na linguagem; homem como desafio e ruptura; homem como signo de colisão; como signo da disputa em torno do destino da terra; homem como realização da pletera das relações da disputa entre as forças... Homem como momento de decisão diante da constante possibilidade da ruína e da queda... Homem como signo das disputas em torno do tornar-se, em torno das auroras ainda possíveis... Amor: exaltação afirmativa da invenção permanente de si... Expansão através da fecundação...

Animal

Traço alcançado. Na disputa incessante, cristaliza-se como indiviso, escapando às exigências de conservação em uma comunidade de sentido – como desafio: construção da memória e persistência da memória e persistência em memória... Pura necessidade em deslocamento permanente. Extensão da terra, habita a terra. Como sol, habita sua órbita: grau da variação, das infinitas e infindáveis disputas... Lança-se sobre as estepes, sobre os caminhos indivisos. É caminho indiviso... Como animal se tornou homem? Como homem abandonou o animal? Como homem civilizou animal: o perdeu em algum canto, o prendeu em algum canto? Homem como um modo possível do animal... Animal como foco de resistência. Apenas extensão de subversão e alteração do sentido... Animal subverte invisível, homem subverte animal, para além do homem subverte homem... Impossibilidade subverte o império do sentido, sua radicalidade como graus da realidade. No âmbito do sentido divisa-se a experiência diversa do real... Qualquer correspondência: indícios de afirmação... no palco do visível, conquistas incessantes...

Ano filosófico

Carneiro, cavalos, águia e cachorro. Das metamorfoses do espírito. Como espírito de carneiro, torna-se cavalo. Como espírito de cavalo, torna-se águia e enfim como espírito de águia, torna-se cachorro. Como carneiro, vive-se em torno da multidão, do pasto magro, mas farto em companhia, aconchego e igualdade – de lado a lado, de ombro a ombro. Como carneiro, um pastor em um pastoreio. Agora dorme, agora come, agora canta, agora louva, agora faz prole, agora morre. A qualquer momento, perigo... Por todos os lados, lobos e cobras afoitas e famintas. Limites, fronteiras, e fragorosas fogueiras... Como cachorro, esgueira-se com o focinho nas mãos, como olhos nas orelhas, com tatos na ponta das patas... Ligeiro, caminha ao sabor das quatro patas, junto às odes dos bandos. Às vezes se perde nos encantos e nas batalhas do cio – como corpo, responde à pele da superfície... Quando desconfia, usa narinas – identifica, à distância, o odor pestilento das desconfianças - das carnes apodrecidas e dos encantos do mel das abelhas ao toque do dono... Acabrunha-se lentamente com aquilo que é distante... Flerta com todas as coisas, através do odor e do tato. Lambe com a língua áspera... Estômago capaz de digerir infinidade de tons e graus – no limite, força o vômito. Mede a verdade pela qualidade do seu gosto em meio à ponta da língua do olfato... Audição e olfato e patas junto aos movimentos silenciosos da terra e das tremuras e temperaturas - Órgãos da verdade! Combate com maestria o vigor disciplinado do cavalo e a visão límpida da águia! Nuanças do gosto e (____)...

Antes

Duração de antes, de corpo-anterior, de relação anterior, de fala anterior... Língua retrospectiva instaura a anterioridade, vislumbra a anterioridade... A mudança instaura ontem! Da ordem da mudança, as afetações das relações mediadas com o encontro com os textos... No encontro, a surpresa da fixação em um corpo, da fala em meio ao corpo, da disposição em um corpo... Fixar da ideia na mente-corpo... Oportunismo das ideias, oportunismo dos corpos em questão, oportunismo das composições – efeito esponja! Absorção através do contato, na simplicidade e fatalidade do contato... Absorver e ser absorvido pelas imediações...

Após

Breve instante da distância... Enigma do encontro, da digestão dos líquidos, dos sólidos... Das artes da degustação digestiva... O que a filosofia mudou em mim? Em

mim, algo em mim, algo, mim... Em – corpo-espaço... Sentido espaço... *Corpo-espaço-movimento*... Poderes da extensão. Da pele aos ouvidos! **Abrir os olhos**...

Aprender

Ver a vida com os próprios olhos – feito poeta, feito filósofo, feito poeta-filósofo... A feitura do filósofo na arte do garimpo, como artimanha dos garimpeiros... Pesar a terra, distinguir na terra, pesar discrepâncias, introduzir o valor a partir dos olhos... Partir os olhos para instaurar o garimpo... Trabalhar para descobrir... Para traçar planos e platôs, para instaurar momentos e acontecimentos atroztes... Feito vida... Feito gelo e água, feito gelo como água... Garimpo para atividade da escavação, como planos entre planos, no infinito dos planos, como ondas de água: agora vapor, agora gelo, agora líquido... Feito vida de imigrante... Garimpar a missa eterna: a vida... Habitar o poder de doar-se como garimpeiro... Aprender como arte da designação sobre si mesmo, como posse da nomeação... como fabricação da renomeação em uma designação...

Apresentado

Dado às claras, emerge como fonte desbravadora. Ao mundo na conquista de voz, composto nos encontros e decorrências... Abrir-se à janela da exposição sonora de corpos, da multidão lançada na multiplicidade de possíveis... Dar boas vindas ao jeito – em um caloroso *estar-junto-ao-outro*. Corpo arrisca-se na mudança... Um pouco mais de pelos, um pouco mais de coluna ereta... Um pouco mais de lembrança, um pouco mais de estima... Olhos redondos sombreiam a face e o destino... Jeito se apresenta... Atravessamentos exigem ereção, instalam andanças! Dar boas vindas ao jeito - em um caloroso *estar-junto-ao-outro*... Ou outros estares juntos? Na sombra, habita ainda a alteridade, indica inevitável quem vem lá? Jeito, a margem da distância do dado de lá... Inusitada composição com fora, na indistinção de dentro... Apenas na manutenção de persistente condição de lembrança... Mas e se... Afetos em todas as direções ou direções como ação dos afetos... Reverberação multiplicada... Ausência de filtro! Ampliação invade junto à sonoridade do nublado... Aquém da natureza, deuses e diabos...

Arauto do raio

Cruza estonteante a raia do cinza, encontra junto ao solo as forças da terra, incandesce os seus recantos. Na imensidão da superfície do globo reluzem as pepitas de ouro. Diz das entranhas, diz dos acontecimentos atroztes, das explosões subterrâneas... Das

irrupções das circunstâncias... Voz semeadora da terra, das virtudes inumeráveis da terra – corpo exuberante caminha feliz nas fronteiras da terra: como regalo, desfaz-se a superfície.

Acreditar

Esfolar corpo até ouvidos impedirem...

Arrancar os olhos

Visto – revisto – arrancado. Em nome do visto, extrair a visão... Ferir para extrair... Com dedos certos e seguros, agarrar a concavidade em um gesto de beleza e horror... Diante do desvendar do precipício, no mergulho no absurdo, gemer de pavor...

Árvore alta

Quanto de força, quanto de raízes, quanto de solo? Para escalar as alturas, medidas de solidão, medidas de medo, medidas de distinção! Para além da uniformidade, para além da utilização, para além da designação corriqueira, para além da disposição dos órgãos, para além dos impérios dos sons, dos gostos, dos dedos na pele ou nas concavidades do presente produzir ranhuras, nas persistências do cotidiano, realizar ilhas de sentido de corpos-órgãos outros... Dispor os mesmos talheres de modo novo ou de novo modo dispensar as mãos, comer com as solas da língua?

Aspas e parênteses

“...”; (Oculto).

Assim

Desse modo. De um modo específico. De maneira tal. De modo tal que não possa haver engano. A precisão não indica a clareza da certeza, mas a certeza em torno de um modo específico. Assim: reivindica a ocorrência do acontecimento. A ocorrência específica de uma emergência tal e qual. Por outro lado, reivindica a imposição de determinado modo. Como modo indica a disposição efetiva de um determinado grau, na imposição de um valor alcançado por uma perspectiva. Assim: como indicação de afirmação bruta. Assim e não de outro modo. Assim: como afirmação da diferença específica. Como diferença específica exige a subordinação... Assim: como instauração atemporal de uma

ocorrência em perspectiva. Assim: como conquista de um tempo que há de vir, que há de se instaurar como outrora. Assim: como atestação, como brotar de aurora.

Atenção ao andar

Passo certo, seguro, claro e distinto... Espécie sofisticada de reincidência... Eliminação proposital de qualquer superfície deslizante. Como um relógio, impõe seus passos no universo seguro das deduções por princípio. Do início, mais uma vez... Se, então isso... Se isso, então aquilo... Como acessar a variável X ?... Como descobrir segundo essa via, sem se importar com os sons do caminho? Nega qualquer atrito das botas pelo caminho! As miudezas – os desvios do caramujo, o movimento das incertezas no conjunto dos movimentos circulares! Os delírios da imaginação, no gozo com as miudezas mais sangrentas - o peso dos intestinos, o avolumar das tensões nas costas: um chazinho para aliviar o corpo, para descarregar as tensões e objetivar o pensar do pensamento: um alvo a ser atacado, um pequeno desvio na tradição, uma pequena e charmosa lacuna! Livrar-se de qualquer coisa que afaste a atenção, que retire o foco! Um grão de poeira repousa sobre a tela, faz a atenção destilar incompreensão! Segredo: afastar-se do mundo, do corpo, das paixões, acalantar-se junto ao fogo! Dividir, distinguir, analisar e sintetizar! Atenção ao andar!

Autoritário

No além da verdade, apenas disputas rigorosas pela hegemonia de **opiniões** – faces do rosto da violência da maioria ou minoria. Opinião e verdade, verdade e opinião, opinião como verdade? Expressão de condições de existência, de arranjos de poder e controle? As deliberações de uma maioria garantem a validade das suas pretensões – como as mediações se realizam nos corpos, quais corpos resistem aos encantos da posse do cajado da opinião?

Baluciar

Ma, ma, ma, MAM. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um, um. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um. Um, um, um, um. Ma,ma, ma, Mamum, um, um. Cego de olho. Vem, Vem, Vem... Ma, ma, ma, MAM. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um, um. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um. Um, um, um, um. Ma,ma, ma, Mamum, um, um. Cego de olho - arranca e queima! Ma, ma, ma, MAM. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um, um. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um. Um, um,

um, um. Ma,ma, ma, Mamum, um, um. Cego de olho. Vem, Vem, Vem... Ma, ma, ma, MAM. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um, um. Ham, ham, hamum, um, um. Ma, ma, ma, MAMum, um. Um, um, um, um. Ma,ma, ma, Mamum, um, um. Arranca e queima.

Beijo

A boca esfregou no papel, atritou. Para além da língua nos ouvidos, o som invadiu os lábios... Passou delicadamente o batom, dispôs da prateleira das cores... Misturado com um pouco de saliva e decisão escreveu, escreveu, escreveu e marcou com os lábios do corpo a página de letras... Delicadas linhas na superfície, pequeninos platôs. No centro, um rio de vazio, fez-se oco no entre abrir dos lábios. Como um salto pulou sobre as barreiras da língua, da memória, dos miseráveis afazeres e lançou-se aos encantos das linhas em branco... Em meio, lá no fundo, havia um olhar...

Bocó

Os pássaros voam ou andam nos céus... Formiga chora... Existe o eu na lagarta... Quando tiver seis anos serei velho ainda? Quando alguém diz, pássaros ouvem cantando? Esperar o nascimento da morte dos dentes...

Botafogo

Torce pelo botafogo. Desde pequeno reconhece a bola, sabe das regras do jogo... – Perdemos ontem, ganharemos amanhã! Eh! Vai ser difícil na quarta – Vai cair?! **Agora, é partir para outra.** Somos todos loucos! Começar pelo meio, subverter a página... Pelo caminho encontrar de bicicleta... Na velocidade do pedal... Alguma coisa já se sabe quando se sabe que nada se sabe, não é Sócrates?!

Brecha

M

Despir da lamúria, lágrimas de alegria!

Cabeça como entranhas do coração

Como parcelas, como fragmentos, como pedaços, como despedaçamentos, como ruínas, como fluxos demasiados descontínuos. Com pernas sem braços, com pés sem dedos, com dedos sem pés. Como desorganização plena de sentido, como desorganização plena de desvio, como misturas de partes, como partes sem oposição, como partes em distinção, como partes em colisão, como partes sem distinção... Sentimento de profunda alegria...

Cabisbaixo

Anel de onda na onda...

Calor

(...) As proximidades, os encantos da proximidade, a suspensão da solidão, do desespero da singularidade e a ausência de tortuosas e inconstantes alianças e riscos. A necessidade de estar em, de desaparecer na combustão da união, completo perder-se, desespero de se alcançar na unidade, na dissolução na unidade – na construção de um reino, de estratos seguros: recusa a qualquer rebelião – a soberania da covardia: recurso à força e amor à destruição, à eliminação. Odes ao genocídio... Calor: queima que apaga a chaga, combustão do aconchego... Um cantinho seguro, um lampião, uma lareira, um consenso garantidor de paz de alma, um cantiga de ninar, um rosto a se reconhecer, um rosto para se reconhecer, ambiente sem risco, nada a se perder – superfície de acúmulo – o belo como apaziguamento, dor como culpa ou castigo. Do outro lado, um igual... Um chazinho às cinco.

Caminha como um dançarino

(Geht er nicht daher wie einTänzer?): desloca-se com leveza, em passos firmes e belos. Alinha-se às sinuosidades do caminho, transita suas variedades... Instaure-se a cada instante na descontinuidade, explora em um processo infinito de conjunção, a multiplicação das formas. Não repete passos, inventa pela variação, modos de estar junto com o mundo e no mundo, em assombrosa e saborosa conjunção. Não se percebe aonde inicia-se a dança e termina o mundo, onde inicia-se o corpo e encerra-se o

espaço. *Corpo-mundo-espaço* como acontecimento inerente das variações - como arrombamento que desafia a fronteira e mantém as distinções. Na dança... Na dança... Pés acolhem olhos que acolhem ouvidos e assim ao infinito. Na desconfiguração contínua que permite os deslocamentos e os passos da dança sela-se o acontecimento da ausência da distinção – o *corpo-mundo-espaço* põe-se em movimento de ordinária e singular beleza. A dança afirma-se na não distinção... Seria o caminhar na dança, a dança do caminhar junto ao acontecimento, o acontecer da vida? Ora junto a isso, ora junto aquilo! Ora, aqui, ali e acolá! Como explorador, desloca-se aos passos da dança do acontecimento. Ora ali, ora lá. Distante da marcha, dança... Além da certeza e aquém do eu, dança e celebra e afirma a singularidade do encontro e o dar-se...

Cansado do bem e do mal

Esgotado em corpo da hegemonia das avaliações - queimado até ao fim, levado à fadiga. Como serpenteio da última fagulha... Denso na dinâmica de passagem, pesado nos deslocamentos, tende à lentidão... Furtivamente deposita-se junto ao chão – arruma-se a cama, dispõem-se os travesseiros, negam-se às travessias. Como grito irrompe suspiro de corpo extenuado em forças - após longa jornada caminha sem cessar por idêntica via. Mortificado, projeta-se como lamento, como lamúria. Sufocado através da vivência do mesmo... No limite do cansaço, voz figura no impossível... Canto cansado, em corpo vivo! É da ordem do cansaço a certeza da ruína, a condição da ruína? É da ordem do cansaço a força para o inusitado ou na sua vigência apenas colapso e fim? Tomar o projeto da identidade como condição daquilo que cansa? Transitar no mesmo e restringir-se ao mesmo e ser o mesmo? Na produção, mazelas sequazes sustentam os imensos pórticos na teimosia das velhas e antigas tábuas... Sob a métrica do bolor das tábuas, apenas cansaço...

Cansar

Estabelecer controle para... Constantes rotinas na economia geral do sistema e gasto energético... Moderação nos apetites, extirpação e controle sobre a produção da imaginação e do pensar... Colocar freios... Estabelecer precisão nas metas e diagnósticos seguros... Vida controlada... Vida controlada! Construir corpos afeitos...

Caos em si

In: defini: ção... Disputas afirmando possíveis em possíveis em possíveis. Arrombar cada fresta, a cada fresta arrombar... Vidros cortam ouvidos, sons cortam olhos, sentidos cortam sentidos. Feito navalha, lâminas incertas lançam-se violentamente às outras; Variações na unidade, a multiplicidade do uno... A distinção na unidade... No mesmo nível, valentia e descontentamento.

Cego

Até ontem.

Cérebro

Fatos eternos - *pensa* – **verdades absolutas**? Cérebro há? Similitude das funções... Na busca da diferença específica... Sombras... Ruídos sonoros... Cérebro *pensa*?

Certo conflito

Meus princípios e as apresentações sonoras do pensamento... Reclusão decidida e antecipada... Instauração de polaridades, de um certo eu e um certo mundo em recíproca necessidade... Resistir naquilo que se é! Resistir para ser o que se é! O que se é como instauração de resistências, como passos sonoros de uma composição na sua musicalidade... Enfrentamento ruidoso das narrativas mais abruptas, mais silenciosas e desconcertantes... Em algum canto das estepes solitárias, hinos de louvor à forma alcançada... A duras penas, sob o golpe de martelos da crueldade, resiste aos encantos de inauditas modulações... Tudo a perder... Desorientação!

Choque

Distúrbio momentâneo de incompreensão. As categorias falham e as faculdades colapsam. As seguranças tornam-se incertezas e velocidades impõem necessidades de sentenças. A boca escancarada, junto ao suor frio das mãos, antecede o desespero e desamparo explicitado nos olhos... De mãos dadas assistem a transfiguração de um passar... No início, antipatia, durante, incompreensão, ao final, a denúncia das marcas estampadas na mudez das memórias na extensão dos corpos.

Ciência

Ciência sim, filosofia não. Precisão sim, divagação não. Dinheiro sim, ócio não. Utilidade sim, desperdício não. Massa sim, singularidade não. Certeza sim, dúvida não. Disciplina sim, desvios não. Papai sim, irmão não. Dinheiro sim, roubar não. Sexo sim, namorado não. Carro sim, ônibus não. Hollywood sim, periferia não. Deus sim, pensar não.

Cobiça de Leão

Longe de qualquer escolha, distante de qualquer desinteresse – pura e alegre necessidade. Tateia com patas, movimenta-se com narinas, desloca-se com olhos... Corpo carregado nas veias invade as colinas, desfila a colina... A verve alia a destreza da caça ao encontro com a presa... Veloz ataca com destreza... De um só golpe. De um só golpe! Captura – produz-se pela necessidade alegre e jovial... Traço algum de lamúria ou lamento... Ausência de desperdício ou engano – trata-se de viver. Emaranhado nas veias estende-se como busca, como seta na direção do alvo...

Coisas como

Por que a passagem de ônibus **tem** que **custar tanto**?

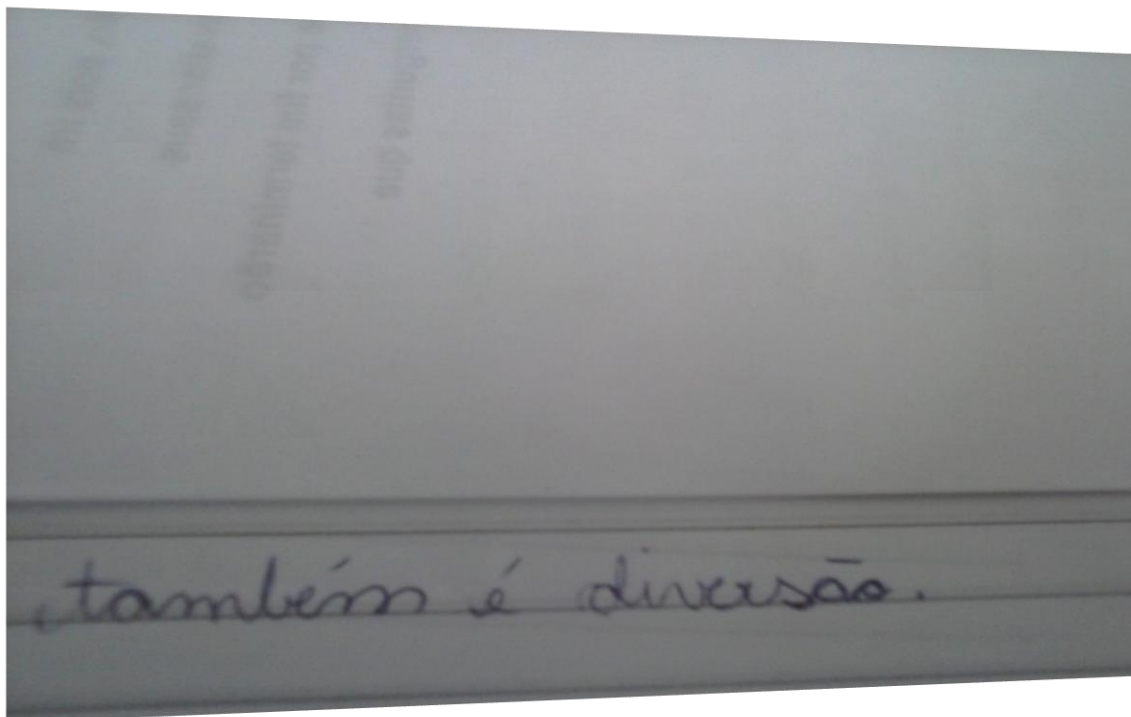
Compreender

Submeter-se ou acolher com cuidado? Acolher como cuidado, como via do submeter? Ou da ordem do submeter, a experiência do inventar, do compor em relação? (Ilusão quanto ao compor: não se trata de decisão: composição como expressão dos jogos de submissão.) Do catalogar em outras e inusitadas palavras e corpos? Da ordem do espaço, a compreensão! Abaixo ao intelecto calculante – ilusão à suposta invulnerabilidade da razão: quanto de esperança e medo e fantasiosa necessidade?

Conceitos em exercício

Se caminhas pela rua, se andas sob o sol, se desce das montanhas, se vê as ervas nascerem, se toca o olhar do outro, poderás algum dia indagar, poderás algum dia querer saber... Mas se indagas, poderás continuar a perguntar... Ao perguntar sem cessar inventará e sopesará conceitos, propará definições enredando-se nas tramas da língua, nas suas lógicas e semânticas... Se continuares, lá pelas 11, colocará em questão a certeza em torno do caminho, a certeza em torno do instrumento e se continuares poderás perceber o ledó engano denominado homem - colocará em questão o suposto

quem te tornaste! Ao longo da noite, desviarás dos caminhos, soltarás a língua e o fado da imaginação... Pela manhã descobrirás a morte, a velhice e as dores reumáticas, o ranger dos ossos, a destruição dos neurônios... Por um breve intervalo, entre os tênues raios de sol no iniciar da manhã, o sim lhe virará do avesso, pois se caminhas pela rua, poderás algum dia indagar, poderás algum dia querer saber ou...



Conclusão

Se chove, molha...

Confuso

*Nosdivad + Selleriem + Asuos + Sier = **mas é confuso.***

Conhecer para

Para além do encontrar, para além do procurar, para além da passividade, para além da falta, para além da dúvida... Conhecer edificando, conhecer estabelecendo, conhecer na experiência da via, conhecer abrindo desvios, rotas, deslizos. No conhecer decide-se a serventia, libertam-se graus de potência e diferença. Conhecer para desafiar conservação!

Conhecer a si mesmo

Solilóquio com a profundidade ou escalada da superfície? O maior dos paradoxos: quanto mais fundo, mais superficial? Partir em finas lâminas as zonas de atrito... Arte dá profundidade! Transpor a desventura do reflexo único no espelho em estilhaços no mosaico!



Perder o eu em si mesmo?

Contato

Diversidade e divergência de pensamentos produzem **tolerância** junto ao corpo e aos corpos?

Contato direto com textos

A maestria do texto... Como provocação, como exigência, como orgulho de estar junto a. Na imensidão das possibilidades, compactuar com os excessos, com os descaminhos, com as certezas advindas em um exercício de procura e delimitação... Em meio às árvores na floresta, nos caminhos em meio à delicadeza das teias de aranha. Um pouco de chão, um pouco de terra, um pouco de som junto ao caminhar entre as folhas e galhos no caminho... Quebrar um galho. Retraçar o plano, caminhar nas incertezas do plano... Um texto como uma vida, uma vida como um grau em um texto, na circunavegação de um texto...

Coração mudou e então falou

A mudança de um *pathos* exige outra voz e língua. A indagação sobre as condições da mudança não consegue encobrir o acontecimento da alteração. À instauração do *pathos*, como modo de ser em um estado, segue a conquista e a expressão enquanto língua dos

sentidos, na modulação dos tons e da voz. A mudança advém da cessação de um estado, do esgotamento da sua duração diante da irrupção, na luta, de modos diversos de afecção. As variações dos estados aludem a diversidade de composição e sua decorrência como afirmação de exigências diversas. Acontecimento atroz, indicador da mudança. Mudança - não supõe alteração, ou modos possíveis de um ser substancial, indica apenas níveis de variação!! Nesse sentido, afasta-se a suposição em torno de que algo seja e vá se transformando em outro de si, pelo contrário, cristaliza-se como ser, um resto, como um modo de afirmação diverso do sendo. Não há oposição entre singularidades dos acontecimentos e a manutenção da disputa, na vigência ininterrupta do sendo. *Acontecimento-mudança-corpo-voz.*

Corpo e alma

Corpo na alma, mas então? Alma no corpo, límpida? Corpo é alma, mas então? Corpo tem alma, como não? Alma tem corpo, mas...? Corpo versus alma, agora sim? Alma versus corpo, isso sim! Corpo para quem da alma, mas então? Alma, apenas palavra para um modo, um resto no corpo – então, eu morro, acabo? Julgar pelo fim, como não?

Corpo magro

Retirar, minar, diminuir as forças pela exaustão – longos retiros de abstinências! Bolhas nos pés, dentes apodrecidos, estômago destruído, boca muda, pela dúvida – costas marcadas pelo açoite. Escapar aos encantos do odor, do sabor do amor, dos prazeres. Produzir pele e osso, pele no osso, a santa magreza. Ir ao deserto através do desespero... Cortar os membros, amputar os membros... Tornar-se cadavérico... Querer a fome como acesso às alturas... Andar no trilho da morte... Na loucura de fugir de si... Incessantemente, separar carne dos ossos... Deus morto, nu, na cruz...

Corpos-língua-verbo

Revelar, ser, apreender, argumentar, ter, olhar, parecer, atentar, crer, impor, dizer, aprimorar, abrir, reavaliar, questionar, repensar, ajudar, errar, construir, desenvolver, deparar, permitir, ajudar, acreditar, responder, confessar, tornar, melhor, viver, praticar, deixar, dever, filosofar...

Crescer

A partir de um plano previamente fixado (ou composição nas relações entretecidas), extensível aos limites do possível, feito queima ao fogo. Da ordem do fogo, engolir a si mesmo, expandir aos limites do exaurível, criando rotas múltiplas em múltiplas planícies, desvios, subidas, descidas, paradas, saltos, deslizos, nadares, respirares, em fome... A fome como índice de crescimento e não sua razão! Crescer desesperadamente, multiplicando, diversificando... De um ponto de vista longínquo: a soma de todos os inesgotáveis esforços até então - como esbanjamento. Nada, senão isso! Isso como enfrentamento do nada ou mesmo o nada como efeito do fazer finito, mais infinito nas suas variações e possibilidades de atuação inesgotáveis... *NADA COMO IMPOSSIBILIDADE REAL DE EXISTÊNCIA*. Por agora, um instante a mais na escalada de graus e na variação incessante... Os órgãos como fim, a disposição dos órgãos como fim, o homem como fim, a humanidade como fim, ledos enganos ou fantasmas por ora ainda necessários? De um ponto de vista longínquo, para além dos limites da terra, dos limites do universo, dos limites da linguagem e das necessidades de comunicação e sobrevivência, para além da ilusão do espaço e do tempo... Corpo faz piruetas, de pés a cabeça hinos de louvor e gratidão... A dança das cadeiras iluminada pelas sombras entretecidas pelos raios de sol... Mais uma vez, na aurora da verdade, na imbricação de objeto, sentido e corpo... Humilhação... Trajetos outros disputam vozes...

Criança

Estar junto às coisas, enamorar-se da imaginação, do sonho... Habitar a indistinção... Criançar, criançar...

Crueldade era volúpia

Medições severas... Prazer na punição... Recompensar o dano pelo prazer da punição... Na quebra do contrato, da incapacidade em manter a promessa e pagar a dívida. Como desdobramento geral de um sistema de signos – estender a crueldade como modo típico de ser... Ao longo de milhares de anos, o maior dos prazeres, a razão de ser... Massacrar, pelo intermédio do submetimento.

Cultura

(Bildung): designação para uma distinção; designação para um resultado, designação para nível entre a diversidade de graus possíveis; esforço em uma direção; como produzir ouvidos, como produzir corpos, como produzir corpos em uma direção; como

órgãos produzem corpo; como órgãos e funções se produzem; designação da passagem sobre o animal, designação da diferença entre natureza e; sobreposição de valores, articulação do tempo no caso dos humanos; instrumentos variados de crueldade; instrumentos variados para a produção da memória; instauração de resistências ao instante; caminho para elevação; posse de alguém, um quem que se tornou; vitória de estabelecimentos; construção de estabelecimentos de ensino; reprodução de passado; estabelecimento da autoridade do passado; dar forma, estabilizar, arquivo de todas as invenções; motivo de gozo, arquivo do gozo, instauração do povo, inimigo e vizinho; terra do bem e do mal, dos deuses e do diabo; flexão da língua em um povo, instauração da língua em um qualquer, estabelecimento de um qualquer, de um alguém e um ninguém; da necessidade de uma comunidade, da resistência em meio ao medo, ao escuro e ao odor da fome e aos gritos apavorantes da solidão nas estepes. Mão agora escreve, tela agora emerge, mente agora frui, noção de sentido, o corpo agora lê... Decifra o movimento do espaço como signo de sentido... Traduz olhar como ouvido – sob a mesa objetos teimam em desfilar: a abertura em um mundo, de um mundo... Concomitância entre as ordens de sentido... Paradoxalmente...

Cura da loucura

O que pode a loucura? O que não pode a loucura? É da ordem da loucura a cura? É da ordem da loucura a margem e a desventura? No império da loucura, devassidão, descompasso, suspensão e endereçamento. Remete-se para os órgãos da terra, para os fluxos de sangue, para os tremores da carne, para as dúvidas frente certezas, para a descaracterização dos papéis no alargamento do estilo. Na distância inauguradora da loucura brota o inefável do corpo, na fronteira da língua, na composição da consciência em um corpo - como resto vislumbra-se o eu, como resto vislumbra-se o eu. Loucura e corpo se convêm, nas errâncias entre os possíveis... Quanto de corpo na língua da loucura... Como cura a ordem das submissões, dos abalos corpóreos... Como cura a irrupção... Movente dissidente... Aconchego junto à polifonia do corpo... Fala os pulmões, fala o pênis, fala o cu, fala o fluxo das veias, falam os intestinos, as degustações, os movimentos incessantes dos olhos. Falam as mãos, os pés e as sobancelhas... Do norte brota Dionísio. Da fronteira sul vento terrificante. Sonoridades invadem o lugar, fazem escapar os pés a dançar. Unidade de sentido brota na terra – cura da terra...

Defesas

Alguns afirmam, alguns negam, alguns negam e afirmam, alguns afirmarão depois, alguns ainda-não, alguns dizem sim, alguns dizem não, alguns se alinham, alguns se desviam, alguns dizem, alguns dizem, alguns sobem, alguns descem, alguns sobem-descem, alguns sabem, alguns sabem... Saber versus saber e corpo versus corpo e vontade versus vontade... Oxalá houvesse outro caminho! Alguns sabem, alguns sabem...

Deixai-me partir, para que nada vos tire!

Construir desvios, vias alternativas ao confronto típico à apresentação de razões – habituar-se a desviar o olhar e instituir distâncias, no aprofundamento dos silêncios e das decisões. Afastar-se da ilusão de tomar as razões como unívocas e universais, sustentadas pelo princípio de não contradição e pela ideia de unidade e identidade... Reconhecer, através da distinção, as distâncias... Nos encontros, habituar-se ao silêncio e às diferenças valorativas – abster-se de propor combates nos quais é certo a vitória – depor armas e ampliar os caminhos. Restringir para produzir e ampliar espaços de exposição e de variação de graus.

Deixar regiões

Com tristeza e junto à tristeza ou a partir da tristeza – incidir em calor, em expansão da massa. Quanto de tristeza na desistência? Quanto de idealidade na desistência? A desistência como esgotamento geral do sistema de produção de sentido! Mais vale casa de palha? Mais vale o soprar do selvagem! Parte do deslocamento?

Desceu sozinho pela montanha

Ouvia as pegadas junto ao movimento dos pés na terra, sob as rugosidades invisíveis das raízes enterradas no chão. Na descida rememorava os diversos graus alcançados pela subida e da solidão distanciava-se à medida que voltava a ser homem. A diferença de graus, alcançada na subida às alturas, assinalava a distância entre os modos de ser possíveis ao acontecimento de se tornar. A descida em solidão indicava a posse e a transformação em torno da variedade e multiplicidade do si. No silêncio requisitado para brotação de palavras, presente ao berçário da língua e da linguagem, transitava em

lentos passos. Do alto contemplava as nuvens e o topo da montanha que deixava para traz. Por pequenos passos deixava a solidão, as alturas e a *transvaloração* da forma homem. À medida que descia, o rosto, a voz, os passos e o corpo tomavam o aspecto humano – até a sua língua carregava-se de signos de comunicação... Sob os ruídos dos braços lançados ao vento indagava: quanto da solidão se perde no exercício de encontrar com os homens?

Desprezar – Venerar

Retirar o peso ou ofertar medida nova? A medida como imersão de novos avaliadores. Ausência de distinção entre o avaliador e a avaliação, entre o modo de ser da vida e as condições gerais, inerentes à amplitude do querer. A avaliação como co-extensão do querer e o querer como ampliação da extensão do valorar. O desprezar, mero efeito do valorar venerador? Venerar como expressão da ausência de dúvida, como momento de afirmação da densidade do querer que põe a venerar. O querer põe-se a desprezar quando se exerce, o querer põe-se a desprezar quando se exerce... Ausência de compatibilidade e aurora da disputa sobre a edificação das películas. A película como emergência do valorar, como imposição inventiva do valorar... No visível do mundo, a dança das películas... História: incessante devir das películas... Espécie de estratos... Querer contra querer... Querer contra querer. A construção da autoridade como hipertrofia de um querer, como idealização de um venerar... Ausência de engano – daí a imensa criatividade e variabilidade dos mecanismos de imposição: medições seguras... Introdução da punição...

Desprezo

(Verachtung): momento genuíno de ultrapassagem. Reconhecimento da transitoriedade das avaliações, dos procedimentos utilizados na fabricação, no reconhecimento dos fins da usina da boa nova que se nomeou homem. Por que insistir na preservação? Por que insistir na manutenção da forma alcançada pela história? Por que insistir na manutenção daquilo que teima em ultrapassar-se? Por que insistir na manutenção do caminho? Por que insistir na conservação do tipo? Desprezo: alcançar pelo ver o desvio do olhar, alcançar pelo sentir o desvio do querer... Experimentar a afirmação feliz da negação... O que pode o nojo? Distanciamento feroz, alargamento da possibilidade de ir além... Nojo, ação violenta de corpo almejante...

Deus

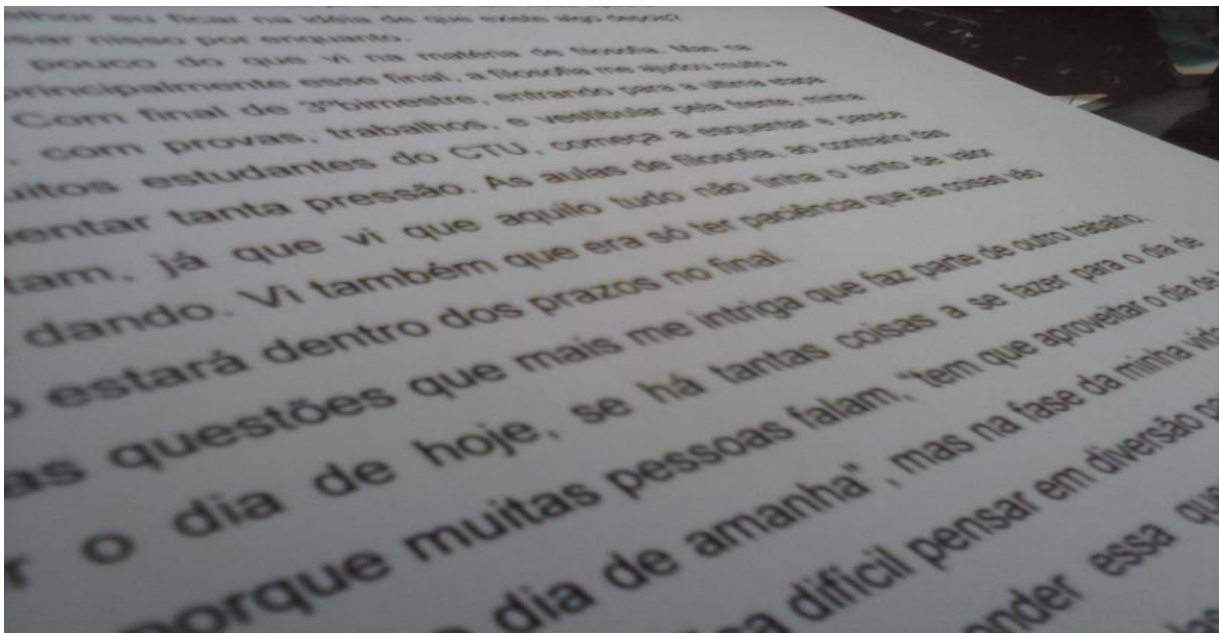
Existe?

Deve ser superado

Prescrição... A prescrição da superação assenta-se na ultrapassagem inerente ao vivo. O vivo ultrapassa-se, desperdiça-se, move-se ininterruptamente para além. Distante do conforto de unidade originária da qual distancia-se ou da certeza de aproximar-se do fim para o qual tende, desloca-se incessantemente através dos seus movimentos. Nos movimentos, os espaços se constroem, se desconstroem e se reconstroem. O dever da superação coaduna com a conquista permanente de espaço-tempo – reverberação e construção incessante de *formas-espaço-temporais*. Como expressão inerente do movente, a resistência à conservação e aos limites da manutenção da forma. Para além... Para além... A partir de si mesmo. As distinções e graus são inerentes ao movimento de busca de resistência e oposição – espécie sofisticada da afirmação da unidade na multiplicidade.

Disciplina obrigatória

Foi para o mercado como um produto, com intenções, prescrições, julgamentos, obrigações. Sentou à mesa com as instituições. Arrumada fez-se sedutora. Cantou hinos de louvor, colocou-se como a salvação da lavoura... Afoita decidiu por narrar sua história, afinal...! A cada 50 minutos, em uma estação... Pela manhã, de pé, obrigou à disciplina... Corpos encravados no espaço entre carteiras... Com olhos dialogou, com ilhas e desertos flertou! Tabulou, falou, ouviu e falou e participou dos rituais de absolvição, da instituição, das tábuas e seus tipos e critérios e demarcações... Garante agora o sustento... Abrir, furinho... Pouquinho... Pequeninho: lasca de fresta... Aonde derivam águas, cafés, estrumes, aonde derivam vozes e olhos e pés e chão e deserto da disciplina – desespero encantar-se com estórias e história!



Disciplina Filosofia

Dificilmente sobrevive às reformas dos cursos e, com certa indiferença, consta nos currículos escolares de Ensino Médio. (FALCONI, 2011, p. 02.)

Distração

Suspensão, mergulho no vazio da imagem, do som, do drama. Relaxamento dos músculos, destruição das tensões e das disputas por hegemonia. Mililitros de doses de nada espalhados ao logo dos segundos dos dias e das segundas e terças, em especial ao longo do domingo: sagrado dia da distração...

Dizem

Em alto e bom som - com amplificadores, em carros de som, em propagandas, nas tele-novelas, nas imagens dos shopping, nos decalques das sandálias, nas idas e vindas, na uniformidade da universidade, nos encontros na calada da noite, em meio às caminhadas nos desertos em companhia. No beijo da tele-novela, na carne do dia-a-dia, com cabelos curtos, longos, careca; na imensidão das fachadas, nas subidas íngremes, no lusco-fusco da janela, na sombra de qualquer ouvido! Palavras escorrem na lassidão da boca, na extremidade posterior da língua... Contorcida produz peripécias, tarefas rotineiras e restrições. Como farpas endereçam-se a qualquer ouvido, para qualquer ouvido, junto a qualquer. Rompendo silêncios, qualquer aguardar e coser... Dizem, dizem, dizem e continuarão a dizer: o segredo deveras inevitável reside (...) Sem sombra de dúvida!

(...) Temos todas as fechaduras, portas e janelas... (...) Com o passar no tempo, descobrirão a totalidade das nossas palavras (...) Para além de qualquer possibilidade de compreensão que seja ou se mostre ativa.... Dizem... enrijecem e dizem. Como qualquer instrumento tem uma finalidade, porém, usa-se o martelo como foice! A foice como chave de fenda! Dizem! Diz-em!

Do colégio a casa *questões*

inúmeras, deve ser *muito curto...* Muito curto... Curto... Curto...

Drogas

Maconha, sim? Maconha, não? Eutanásia, sim? Eutanásia, não?

Duro viver

Junto aos animais pantanosos, às aranhas que tecem, aos ruídos da noite, às tempestades de verão, ao rigor do inverno, ao som dos chinelos do feitor. Junto ao açoites dos brancos, aos exames ginecológicos, às fofocas do cotidiano, junto aos maridos traídos, ao gozo dos inimigos, aos distúrbios das tensões, aos arames farpados, aos insetos que zunem, ao sol demasiado quente. Junto ao salário mínimo, junto a pessoas mal amadas, aos enfermos de qualquer ordem, às rochas, ao movimento dos rios, ao som do rugido do leão. Aos uivos do inferno, diante do choro dos bebês, junto ao ruído dos mortos, aos pesadelos, junto à barriga vazia, à escuridão da noite, ao brilho do luar... Aos encantos das tardes de primavera, aos doces sucos de uva, ao charme da borboleta, aos hinos das cachoeiras, às lutas dos insetos, à brancura da neve, ao aconchego do sexo, ao sussurro no ouvido, ao leve toque das mãos, à alegria... Junto à provisoriedade! Junto à provisoriedade!

Dúvida

As convergências entre a produção de perguntas e a fabricação de dúvidas... Dúvidas como indicadores de possibilidades a serem exploradas sem a certeza das respostas, das soluções... A simplicidade como enigma da filosofia, como signo maior da indicação de uma tarefa em torno do si... Oscilações entre as possibilidades abertas em um questionamento... A indecisão como aliciadora, como experiência dos níveis de tensão e descontentamento em torno de um si...

É tempo

Sempre haverá tempo? Tempo para decisão, tempo da decisão? Nos lances, nas disputas em torno da forma homem, haverá tempo? Junto à vida, sempre haverá tempo? Outros e demais graus, outras e demais formas, haverá ainda tempo? Para a esculturação das formas, haverá ainda tempo? O terreno sempre fértil será, ou? Os esforços se darão aquém da decisão, aquém da fabricação de instrumentos e estabelecimentos de ensino e formação? Ainda há condições de povoar o futuro? Quais são os meios e mecanismos para ultrapassar a persistência da forma presente ao presente? Como os níveis macro e micro se relacionam? Como as esferas políticas, econômicas, ecológicas, culturais, sociais e vitais se relacionam? Como emerge o caos na dinâmica das relações de força, entre os vários planos de ação das forças e suas atuações? Quais os instrumentos para a disputa em torno da aurora do tempo? Apostas em torno da vitalidade da vida, da exuberante diversificação, ou? No mesmo âmbito, disputa de projetos no pulsar variado dos graus e níveis, no âmbito das qualidades e intensidades? Na ausência de distinção dos planos, na visibilidade da forma homem, na visibilidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais, qual vida?

Emprego – dever...

Distante das obrigações rotineiras, das necessidades imediatas de sobrevivência! Como conquista de sabor deliciado, delicado, certa aproximação e degustação, distante do dever...

Encarar

Face a face, roçando as vísceras, as temperas e temperos – renunciando a Pedro! **O novo já incomoda!**

Enjoar

Corpo rejeita os gostos, os odores, as velocidades dos rodopios. Estranha as indelicadezas dos questionamentos nos esquadramentos das funções... Resiste à anatomia, mas rejeita à indisciplina das novas funções... E, se... então... Quanto de clima suportaria, quanto de alimentação suportaria, quanto de montanha, mar e planície... Os pés revolucionam... Pés e labirinto dão as mãos: enj^ÔO - em meio ao mar revoltoso – pequeno bote... Pequeno bote de desejo diz das suas regras... Um pouco de baba escorre no canto esquerdo da boca, molha delicadamente a mesa...

Ensinamentos

Ver a vida! Vida!

Vida.

Vida!

Ensino

(Lehre): alguém ensina? Algo ensina? Há o ensinar? Se ensina, há o aprender? Aprender e ensinar se correspondem? Quando ocorre o ensinar? Quando há transferência? A condição da transferência supõe a relação? A relação supõe o encontro? O ensinar exige a atenção? Como se move a atenção? A atenção é passiva? O passivo da atenção sustenta-se? Possível aprender sem ensinar? Possível aprender sem estar? Possível aprender sem relação? É da ordem do aprender o submeter? É da ordem do aprender dizer e estar como se? É da ordem do aprender reproduzir? É da ordem do aprender reproduzir igual? É da ordem do aprender apreciar, não ter alternativa? É da ordem do ensinar a exigência do apreender? É da ordem do aprender o se tornar? Dá ordem o aprender... A transferência garante o ensinar? Imprimir cópias? Alguma ruína entre o ensinar e aprender? Algum lapso... Seria o lapso, resistência? Seria a resistência algo a ser vencido? Há o ensinar quando arrasam-se as resistências? Feitiço da sedução ou sofisticação da arte de dominar? Ensinar é transferir corpo inteiro, necessidade inteira? Ensino: lançam-se as condições pelas quais um modo se interpreta e se afirma, nada senão isso - como aspecto da emergência, da aparência do visível, como afirmação do invisível. A fala como disputa pela aparência.

Entrar pelos ouvidos – ficar no corpo...

Decomposições... Como pesadas gotas em mar de superfície... Como pingos de orvalho na grama macia... Como tempestade no início do verão... Junto às poças de lama... Rituais de passagens em precipícios... Ferem, instauram, permitem desvios, alteram destinos e instauram movimentos na monstruosidade da terra... Os desafios da sonoridade junto aos corpos! Entrar pelos ouvidos – raramente... Quando ouvem os ouvidos? Quanto de corpo para ouvir com os olhos do sentido? Partir orelhas! Parir orelhas e ouvidos e funções e corpos! **Fazer querer pensar!** Cuidar das aves no ninho – elevá-las, fazê-las subir aos abismos do sentido para avizinhar suas vertigens... Deixá-las em queda livre, junto aos cacos e caos do turbilhão! Outrora havia caminho, basta agora, mãos soltas e pés ligeiros... Qualquer estampido, algum ínfimo furo!

Envenenadores

(Giftmischer): pequenas e constantes gotas de ódio e chumbo. Fabricação e inoculação da dúvida, da tristeza e da persistência da memória. Parcelas substantivas de proibições, de tipificações de crime e da criminologia. Introdução severa de dispositivos de coerção, de normalização e *patologização*. Crime, doença e castigo revelando-se como instrumento de negação dos afetos e da sua redução a meras paixões que devem ser refreadas. Produção de instrumentos de classificação, através de zonas de excludência e de rebaixamentos: a metafísica como fábrica de morte... Sofisticação na produção de doenças e nos adoecimentos e no afastamento da terra, dos órgãos da terra...

Época

Qual é o **significado** de *estudar-trabalhar-ter filhos*? Pergunta para mim mesmo:

qual é o **significado** de *estudar-trabalhar-ter filhos*?

Pergunta para mim mesmo:

qual é o **significado** de *estudar-trabalhar-ter filhos*? Pergunta

para mim mesmo:

qual é o **significado** de *estudar-trabalhar-ter filhos*? Para mim mesmo e para você aí do outro lado que por ventura esfrega o corpo nessas linhas!

Equilibrista

Frente ao precipício, como estratégia de sobrevivência, como administração do risco... Equilibra-se por necessitar sobreviver? Equilibra-se por calcular as equidistâncias, por alcançar ponto médio, na conquista de um porto seguro, ou equilibra-se por andar cambaleante, por maleabilidade do corpo, por corpo em movimento? Na rigidez há equilíbrio? Na escassez há equilíbrio? Nas extirpações pavorosas há equilíbrio? Sob a hegemonia do medo há equilíbrio? Seria o equilíbrio da ordem dos excessos, dos desvarios, dos enganos e das tentativas? Existem graus no equilíbrio? Mais ou menos equilibrado... Quanto de paixão suporta o equilíbrio? Quanto na paixão suporta o equilíbrio? Lance de dados no acaso... A vida como equilíbrio, como linha cambaleante entre o caos e ordem...

Equivalências

Ciênciafilosofiaarte... Filosofia usa Físicos. Arte usa filosofia. Artistas-filósofos usam

ciência... Palavra nova em corpo outro: ***cifiar*** ...

Erro

$2 + 2 = (5)$; $1+1+1+1 = (5)$; $9 - 5 = (5)$; $3+3+3-18+5 = (5)$; 109 – Cento e cinco laranjas = (5); 5 latidos – silêncio = (4).

Escapar ao corpo

Por qual via? Por quais instrumentos? Por quais mecanismos de punição? Por quais estratégias de suspensão? Por quais mecanismos de tortura, de negação? Por quais mecanismos de coerção e produção de fantasmas? Por quais mecanismos de estranhamento, dúvida e desatenção? Por quais mecanismos de crueldade? Arrastar os corpos pelo chão, causar feridas na superfície da pele, realizar amputações. Fazer o corpo em partes: de ossos, de cabelos, de língua e de órgãos sexuais em celebrações festivas e públicas. Oferecer sacrifícios: sangue, dor, e crueldade como sistema de instauração de dívidas e cobranças... Por quais instrumentos? Proibi-lo, esquadrinhá-lo, suspendê-lo e torturá-lo... A qualquer preço escapar... Por quais instrumentos? Fabricação de torturas internas, fabricação da internalidade. Produzir o mundo interno

como resto da tortura... Produzir a memória como resto da tortura... Produzir a distinção como resto da tortura... Confundir a superfície, negar a superfície e o encontro... A qualquer preço escapar... Ao final, exigir um para além da superfície – misto de dor e glória...

Esfregar

Pouco atrito, pavimentação, facilidade de acesso.

Esmalte?

Qualidade de rebelde... Revolucionário: introduzir em **Unhas**, qualquer nova ordem, a reversão de qualquer ordem ou ordenação... Opor **co**nsistentemente resistências: cavaletes, pedaços de paus, camisas sem gola, corpo-vazado, pensar transviado... Produzindo furos, capilaridades transtornantes em caminhos indivisos... Cavar buracos,

Un**h**as em qualquer estepe, *afugentar* qualquer estabilidade... Propor

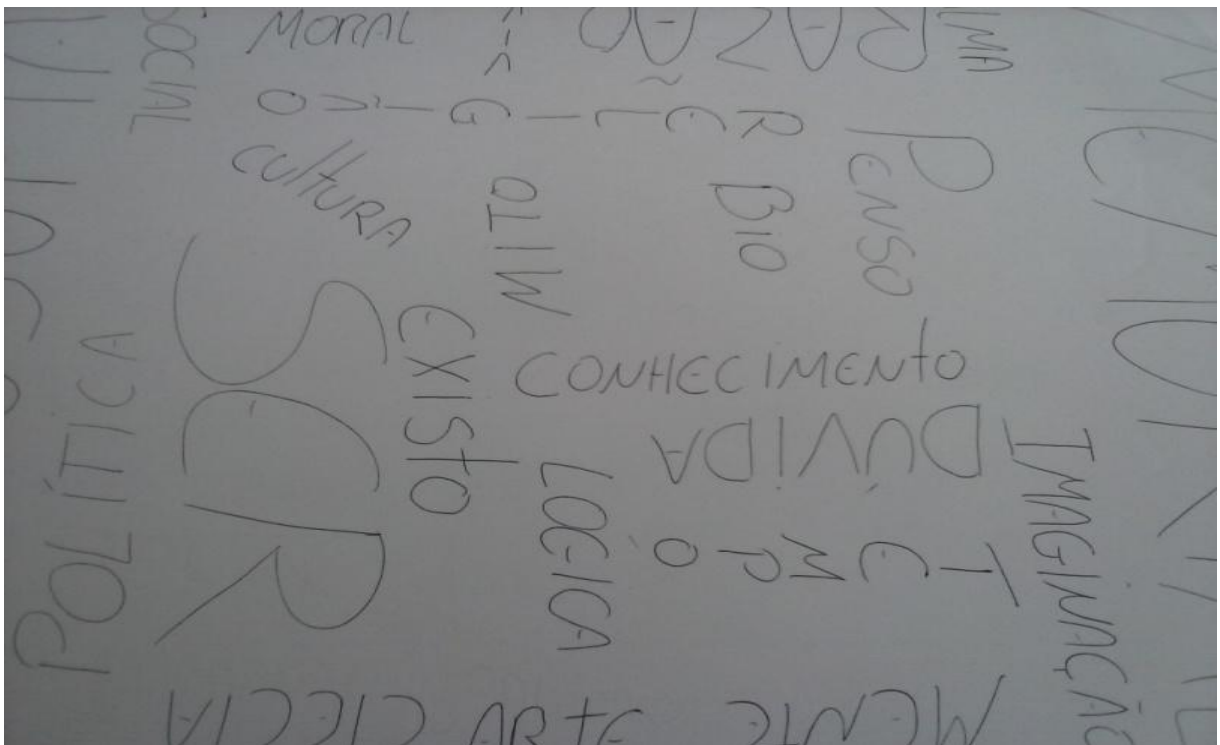
alianças, movimentos anexatos, corpos anômalos... Inventiva ação pura... Nos dedos, as cores da moda... No corpo, as curv**as** da Barbie... Nos cabelos, as retidões da chapinha, jeans, tênis, sandálias **Unhas** nos pés e culpa na mente – reverter... Identidade

versus morte, voz versus morbidez da forma... **Resistir**: basicamente a

tudo - da política à cor do esmalte... A cor do esmalte cobre, corta, cobra, pune unhas!!!

Espacialidades

Disputa entre signos e sentidos...



Esperanças *supraterrenas*

Ultrapassar a terra, esforço atroz de afirmação na construção da distinção - reivindicação sofisticada de distanciamento – ou fuge-se para afirmar em lugar algum a conservação da persistência? Fuga da morte ou assombro da morte ou assombro com a dor ou assombro com a ausência de sentido para dor ou assombro com o nada ou fabricação do nada? Passos rumo à distinção e passos de corpo enfermo! Na esperança ultrapassam-se as condições da terra ou a partir da terra ultrapassam-se determinadas condições? Paradoxalmente, na produção da esperança decidem-se os afetos que teimam em hegemonizar suas condições de existência – ausência de reflexividade ou na vigência e nas exigências de condições de produção especifica-se modos da reflexividade? A reivindicação da distinção assentaria na compreensão da falta, mas não

seria a falta resultado das condições que lhe são inerentes? Em alguns, a falta se apresenta como possível ou cabe a todos a universalidade da falta? No enfrentamento da ausência, a ausência mesma não estaria suposta e sendo a ausência resultante das condições que a produzem, estaríamos em círculo – produz-se a ausência e introduz-se a ausência – paradoxalmente, dois movimentos de único lance: a esperança supõe o afastamento e o afastamento supõe a distinção alçada na esperança! Enfrentamento da questão: a esperança supõe a ausência de sentido da terra... A ausência de sentido da terra toma a morte, a dor e o sem sentido da dor como signos da necessidade da ultrapassagem da terra. Finitude, assombro e desespero fomentam a esperança da ultrapassagem na afirmação da distinção – admitir a morte como fim... admitir a dor como fim... admitir o sem sentido como fim... Contudo, a noção de morte, dor e sem sentido como fim já não seriam vozes de corpos enfermos. A ultrapassagem da morte, da dor e do sem sentido na terra não demandaria a celebração festiva da própria terra? Não demandaria a afirmação da sua inerente propriedade, como provisoriedade permanente?















Esquecer

O nome, os encontros, as idas e vindas, o movimento das pernas, as lições do mestre, o calor dos dias, os medos, o si que teima, as obrigações de morte, os aconchegos do

riso... A língua... **B á r b a**... B á r b a r o!

Esquecer a si próprio

Nos excessos do corpo, transbordar a certeza sobre si, o controle de si... No fenômeno do múltiplo, atravessar-se pelos efeitos do mundo, dos acontecimentos do mundo. No esquecimento de si, transbordar mundo, transbordar clima, transbordar encontros, transbordar as pétalas de som e gotas... Quanto ainda é possível? Quanto ainda é possível? Canto ainda é possível. Andar ainda é possível!

Estranho

Pedaço de papel dobrado, amassado, revirado, confundido com a gordura, com os traços de manteiga do porco... Branco, não mais amarelo. Dobrando-se como papel, amassado. Dobrando-se como papel revirado, Dobrando-se como papel de gordura... Dobrando-se como manteiga de porco... Amarelando os dentes de porco... Pedaço de gente dobrando o amassado da gordura nos traços de manteiga de porco... Revirando papel, dobrado de manteiga de porco... A cada centímetro, a cada milímetro... No espelho vai vem de máquinas, de máquinas desejanter... Pedaço de papel dobrado, revirado mesclado com gordura de corpo... O impossível do ínfimo: quantos nomes e relações! Indicavam a curiosidade... Curiosidade na ciência? Há curiosidade na *pa-ciência*?

Estrela alguma

Fim de tarde, um pouco de som para relaxar, música que mantenha as coisas nos seus devidos lugares, nos seus derradeiros e últimos lugares! Conquistas devem ser mantidas a qualquer custo! Um pouco de álcool para manter a sonolência, um pouco de comida para manter o estômago, um pouco de sexo para manter o desejo sempre ativo, mas paralisado. Em bocados e em parcelas - tudo em 10x para manter o sucesso das contas. Escolas para manter filhos educados e civilizados. Prisão para os delinquentes e os degenerados e asilos e medicamentações para os desviantes e loucos. Em qualquer espaço, odes à satisfação. Carro japonês, com ar condicionado. Um emprego, um zoológico, uma viagem para Paris – um pouco de alemão e inglês. Porção de espetáculo para estabelecer sensação de unidade e uniformidade: todos, afinal, são iguais – Um grande regozijo: não há nada do outro lado - à espreita de aplausos sonoros e reconhecimento. Reflexos sem espelho. Trabalho que mantenha as condições de consumo infinitas... No limite, uma boa cama, um estômago satisfeito e nada de chuva e relâmpagos e apagões, além da fofoca e das imagens infinitas da eterna novidade do mesmo... Enfim, o topo!

Estrela dançante

Pode ser fruto dos olhos, pode ser fruto das estatísticas, pode ser fruto da probabilidade, pode ser fruto dos olhos, pode ser fruto dos olhos sobre algo, pode ser fruto da imaginação, pode ser fruto da ilusão, pode ser fruto do delírio, pode ser irreal, pode ser fruto de uma abertura, pode ser fruto da diferença, pode ser, mas é... Destinada ao limite das forças em relação, baila atraída pelas distâncias entre grandezas... Diante de lances possíveis fez-se visível, exigiu-se visível... Fruto dos olhos? Das estatísticas? Da

probabilidade? Dos olhos sobre? Da imaginação? Da Ilusão? Do delírio? Irreal? Da abertura? Da diferença? Ou do caos fez-se brilho e, junto ao brilho, dança!

Estudar

Muito importante para mim!

Experiência

Como oportunidade; e como arrombamento do enxergar; e como flerte com nova forma; e como aprimorar; e como nova visão; e como crescimento; e como índice do *destornar-se*; e como arrombamento de liberdade; e como ápice de soberania; e como abertura de mundo; e como compreensão; e como destino à felicidade; e como signo de alegria; e como fabricação de perguntas; e como exercício do gosto; e como deslizes do aproveitar; e como falência do humano; e como inquirição do ter; e como jogo com o ser e como corpo-acontecimento, pés-acontecimento, língua-acontecimento...

Explicação para tudo

Um cachorro está para atravessar a rua. Um (pode ser qualquer, entretanto, indica endereçamento – composto na espacialidade e temporalidade afins. Em algum instante e algum espaço específico) Cachorro (categoria formal de classificação - designa um grupo de características utilizadas nas composições de distâncias: um cachorro não é um elefante, como não é um pato, nem muito menos um homem... Um cachorro pertence ao conjunto categorial cachorro). Quão confortável... ***Apesar de saber sua importância, não é para mim uma disciplina atraente...***

Exposto

A céu aberto, atritar... Esfregar certezas... Estimular o entrechoque das simulações e mundos. Forçar o furo dos corpos, das funções, dos represamentos!

Expressar em palavras

Podem as palavras dizerem o andar? Podem as palavras dizerem o olhar? Podem as palavras dizerem o brilho do calor na porta do espelho? Podem as palavras dizerem das palavras? Podem as palavras dizerem o que passou? Podem as palavras dizerem o gosto do gostar? Quando palavras dizem o que ocorre? Pode o andar dizer em palavras? Pode o olhar dizer em palavra? Pode o brilho do calor na porta do espelho dizer em palavra?

Pode a palavra dizer da palavra? O que ocorre quando dizem palavras? Pode o que passou dizer em palavras? O que podem as palavras? Pode-se perguntar por intermédio das palavras sobre o poder das palavras? Esferas distintas – demandas do poder e a inquirição dos limites da palavra na língua? Tropos ou metáforas... Metamorfoses de imagens em sons, de sons em conceitos ou disputas infindáveis entre os inumeráveis afetos em um corpo, como efeito do eterno lance dos dados do nomeador... Mais uma vez, arquitetura de palavras sob a hegemonia das palavras... Mastigar palavras, desprezar o aspecto moral das suas intenções... Qualquer sopro de som invade o silêncio da sala... Junto às mãos, as lembranças imprecisas de memória titubeante na velocidade imposta pela classificação... Libertar as palavras do jugo da história, da memória e do esquecimento da invenção, das regras da gramática e dos rigores imprecisos da lógica... Meros artefatos da pressão da comunicação ou? ***O que aprendi não consigo expressar em palavras...*** Relicário das arcas do sentido disposto em qualquer canto dos confins da terra... Correspondências – caso fossem possíveis quais seriam as diferenças? Pote de arcano saber – blocos de sensação ocorrem e demandam em língua a palavra! Esperam lentamente a sua carinhosa designação... Habitar em meio aos destroços da língua... ***O sol é novo a cada dia!*** Rever o afeto que mora na designação?

Falou

Lançou aos ouvidos ou para ouvir a própria voz? Lançou aos ouvidos para convencer e arrebatá-lo; para entender e sedimentar ou para encantar e bailar? Lançou aos ouvidos com fins a bailar e convencer ou por bailar convenceu? Falou para algum, para todos ou para ninguém? Falou para qualquer? Falou para quem estava ou para qualquer que viria? Como corpo, falou sob qual perspectiva? Como vida, falou sob qual perspectiva? Falou como quem possui ou como quem distribui? Falou com alegria, com ódio, rancor ou tristeza? Falou de pé, caminhando ou sentado? Falou para conquistar amigos ou inimigos? Falou para lutar ou apaziguar? Somente o homem fala. Falou para o homem ou para além, ou aquém dos homens? Falou para o agora ou para o depois de amanhã ou para o ainda-não vindouro? Falou com precisão ou transitou nas entrelinhas? Falou por ter algo a dizer ou, por dizer, acabou falando? Falou apressadamente ou fez

longas pausas? Falou como crente, ou devoto, ou criador? Falou para manter ou inaugurar ou mitigar?

Falou algo

Como algo demarcou com precisão e fez exigências, ou... Falou a partir de quais experiências? Falou singularmente ou transitou pela tradição? Inaugurou palavras, pensamentos e sentimentos, ou?... Por falar, inaugurou um quem? O falar indica uma posse, um nome, um quem?

Falou ao povo

Permaneceu longamente em silêncio. Aguardou! Pulmões enchiam de ar, realizavam com segurança o esforço da respiração – movimento vivo da forma humana. Os pés, sujos, confundiam-se com os grãos soltos da terra, embaralhados pelo bailar incessante da brisa. Do lado de lá da rua, um cachorro observava o movimento da face e dos olhos: fixos, afirmavam o futuro. De pé, com pequenos e constantes movimentos das mãos, apontava a ruptura, indicava a ultrapassagem. Em tom melódico e seguro de si, construía suas sentenças, lapidadas nas irrupções brutas das novas sonoridades. Entrelaçada em cada som surgia fala prenhe de sentido. Nos lábios e sobre a violência das vísceras, lançavam-se aos ares as disputas no sentido.

Falou e coração e ouvido e boca

Quanto de coração no ouvido? Quanto de coração na boca? Quanto de língua no coração? Quanto de coração na boca? Quando fala o coração, diz língua? Quando fala ao coração, ouvem as vísceras? Quando fala à boca, ouvem os ouvidos? Quando fala ao coração, ouvem os ouvidos? Há boca na ponta dos pés... Há ouvido na extensão das vísceras! Nos solilóquios dobram-se os órgãos, diversificam-se perspectivas... Esquartejamento: ouvido disputa a hegemonia da fala... Boca abre-se para dizer do coração... Coração veloz infla pulmões, para explosão da voz... Voz das vísceras desmorona órgãos... Fluxos de sons instauram horizontes de sentido... Produzem dobras, repartições, territórios e deslizos...

Falou para seu coração

Uma fissura se avizinha. Uma fala, uma audição. Um dispêndio de força atrelada às sonoridades próprias ao solilóquio. Quando só, se fez dois... Enunciou para si, percebeu

em si. Força enunciativa se move em direção a si. Solidão reveladora do modo de ser das vozes e das audições – reconhece-se as intensidades, as variações de humor nos silêncios enunciadores e na instauração de papéis – divisão arbitrária ou hegemonia da gramática da linguagem? Se falou, há um alguém? Se dirigiu-se para, há uma escuta? Se falou e ouviu, existem dois, três? Se falou, enunciou para si, algo com sentido, algo que navega sob a égide de um sentido previamente decidido ou construído no ato da enunciação? Falou para si o mais íntimo, o mais próprio e próximo! A proximidade da enunciação a si como índice da conquista do mais próprio, das disputas e hegemonias no campo do próprio - a instauração das instâncias apenas como puro preconceito gramatical... Falou – enunciou, através do bailar da língua, dos seus movimentos, a sonoridade adequada à enunciação. Para seu coração: para o mais íntimo, para a intimidade singular e própria, para mais uma das máscaras, no jogo infinito de máscaras... Se falou ao coração, disse ainda mais do corpo que enuncia e é capaz de transitar no próprio enunciado – lapidou uma língua, um tempo e uma determinada condição para a recepção - compôs um estilo.

Farto da sabedoria

Carregado de odores, sabores e distinção. Quanto de sabedoria é necessário para dar e distribuir? Quanto de sabedoria é necessário para alijar-se da disputa? Quanto de luta é necessário para conquistar a doação, para movimentar, estender e abrir as mãos? Distribui quem nada possui? Seduzir é da ordem do doar ou no âmbito do dar exige-se o excesso? Excesso por gozo em trilhas, por produção de caminhos sem rumo, na ausência de pressa, partida ou chegadas... Excesso por carregar caminhos... Distribuir a fartura, por transbordamento da cultura. Cultura como arriscar nos desvios... Fartar e distribuir. Economia dos excessos - induzem a extensão dos dedos das mãos... Entregar a fartura de mãos abertas, caindo e escorregando pelos longos e delicados úmidos dedos. Pingando do alto das árvores, da grama ao chão. Entregar com movimentos violentos, mas lentos. Feito sementeira. Entregar entranhando, arando e fazendo terra e gente gemer. Entregar feito nuvem carregada de raios, prestes a desabar nos seus excessos. Entregar por fartura.

Felicidade

Riso! Estabelecimento em um costume! Declaração enviesada! Paz da alma! Tranquilidade! Exercício da razão, império do pensamento e da virtude! Moderação nos

afetos! Controle! Poder sobre o que se pode! Cerveja, futebol, fim de tarde! Encanto com o desabrochar das folhas! Uma tragada após o gozo! Mergulho no abismo! Desorganização, suspensão do eu! Encontro com Deus! Gozo com Deus! Gozar dentro! Filho passou no vestibular! Ganhar na Mega-sena! Casa limpa e arrumada! Vingança! Exercício pleno dos afetos! Corrupção do *ethos*! Um beijo! Suborno! Levar vantagem! Enganar um otário! Ser o esperto! Fazer um gol! Ser aceito pelos pais! Voltar para casa! Ir à lua! Comer quando se tem fome! Realizar sacrifícios! Flagelar o corpo! Comprar um carro Zero! A última mijada! A reconciliação! A conversão! A vitória sobre o câncer! Assistir o último capítulo da novela das oito! Ser aceito em um congresso! Publicar um livro! Ver o filho crescer! Paz! Apertar o gatilho! Arrumar um emprego! Bombardear cidades! Matar! Matar na guerra! Comer um pedaço de queijo! ...! Riso? Estabelecimento em um costume? Declaração enviesada? Paz da alma? Tranquilidade? Exercício da razão, império do pensamento e da virtude? Moderação nos afetos? Controle? Poder sobre o que se pode? Cerveja, futebol, fim de tarde? Encanto com o desabrochar das folhas? Uma tragada após o gozo? Mergulho no abismo? Desorganização, suspensão do eu? Encontro com Deus? Gozo com Deus? Gozar dentro? Filho passou no vestibular? Ganhar na Mega-sena? Casa limpa e arrumada? Vingança? Exercício pleno dos afetos? Corrupção do *ethos*? Suborno!? Levar vantagem? Enganar um otário? Um beijo? Ser o esperto? Fazer um gol? Ser aceito pelos pais? Voltar para casa? Ir à lua? Comer quando se tem fome? Realizar sacrifícios? Flagelar o corpo? Comprar um carro Zero? A última mijada? A reconciliação? A conversão? A vitória sobre o câncer? Assistir o último capítulo da novela? Ser aceito em um congresso? Publicar um livro? Ver o filho crescer? Paz? Apertar o gatilho? Arrumar um emprego? Bombardear cidades? Matar? Matar na guerra? Comer um pedaço de queijo? ...?

Felicidade excessiva

Feliz como o sol - na queima incessante de si; na ausência de qualquer reserva e dúvida sobre si a ponto de afirmar a distância propícia da sua irrestrita singularidade – incapaz de inveja, de qualquer laivo de falta ou culpa. Acontecer avassalador... Feliz como pingo de chuva, como raios no céu, como colisão de asteróide e brotar de flor, como afirmação pura...

Felicidade das partes

Voar com os pés de pato, com os umbigos de bananeira, com as topeiras arrasadoras... Em simbiose com a terra, na superfície do próprio. Orgulho das asas abertas ao sabor das tempestades mais noturnas, das estrelas esfumaçadas na chegada da frente-fria... Na fronteira do desejo e suas composições em produção... Basta um traço em linha em branco... Viajar nas mais absurdas possibilidades... Corpo-pensar como antídoto ao *andar-robótico*, ao *corpo-instituição*... Resistir à tentação das hegemonias entre poderes! Viver o que convém... Comer lagartos no deserto, esgueirar-se junto às cobras bravias das virtudes – ir voluntariamente para o manicômio! À nossa volta: *papi, mami*, shopping!

Filosofia e doença

Diagnóstico - prognóstico. Receituário - medicamento!

Filtrar o ouvido

Fechar as portas e fazer ecoar com grito e resistir e sobreviver e fingir de morto e produzir asfixia e fingir desmaio e desleixo e produzir imprecisão e cortar fundo a própria carne e quando escuta pensar no namorado e olhar para a parede e ligar o celular e lembrar o tu debes e comer e mastigar amendoins e tomar cicuta e qual o placar do jogo e minha mãe é Jesus e a prova de história é amanhã e ir ao banheiro o mais rápido possível e acusar de loucura e focar no vestibular e desejar o carro novo e sair para ver o mar e prestar atenção à luz na fresta da janela e reparar a cor das carteiras e fazer um desenho na face e fechar os olhos e rir e escorpear e pegar o celular e mexer no boné e retorcer na carteira e dormir e fazer o exercício da próxima aula e imaginar e não concordar e emitir a opinião e descansar em berço esplêndido e ***nem tudo deve ser absorvido!***

Findou

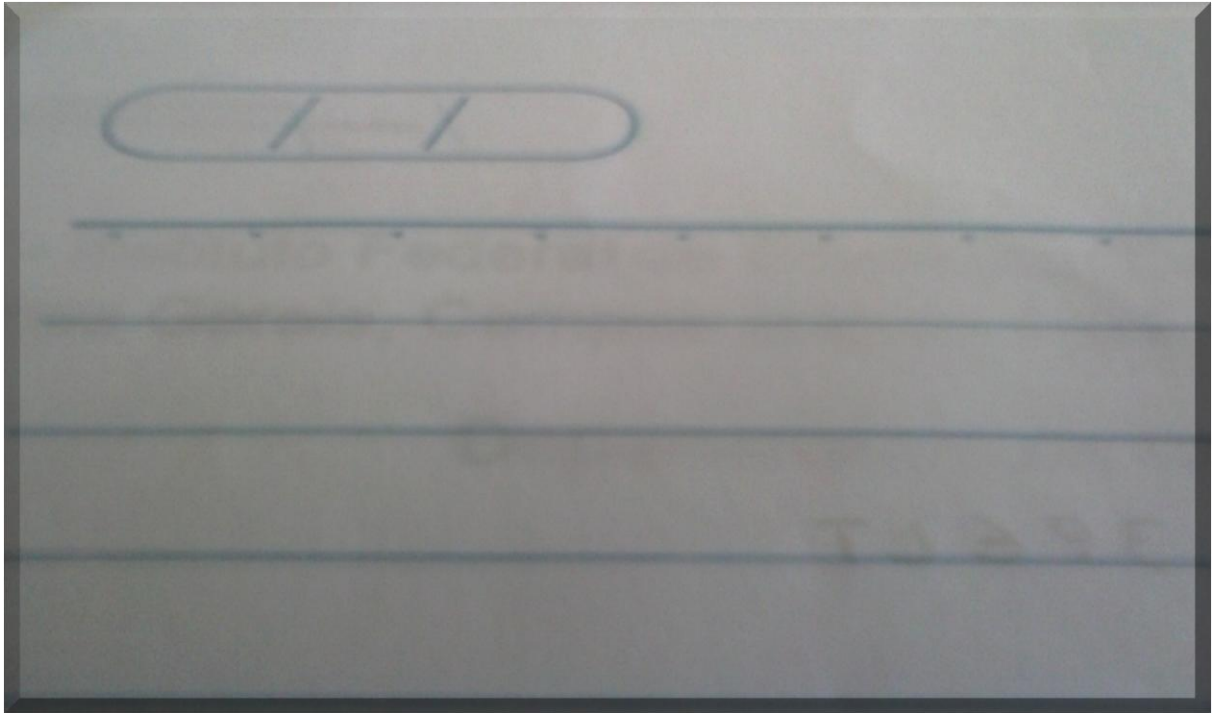
Ainda repercute... Ausência de som... A exigência de tempo nas imediações do discurso... Quanto de tempo e corpo, quanto de corpo e tempo na produção de sentir novo e outro?

Flechas de anseio

(Pfeile der Sehnsucht): Setas, direções, bifurcações, deslocamentos velozes fazendo direções, realizando direções... Latência alguma... Linhas de fuga ofertam resistências, desalojam.

Formação

De um animal, de uma forma, de um tipo para a forma... de instrumentos de tração... Por quais técnicas: selar com sangue a montaria na produção... Por quais mecanismos: por instituições de massacres... por quais mecanismos: controle dos minutos, do sentido do ontem, do hoje e do depois de amanhã... controle das entradas e saídas da boca, do cu, do pênis, da vagina, dos olhos, de qualquer nudez... Instituir boca, vagina, cu, olhos, seus usos, abusos, prazeres... Por quais prêmios: valorização da diferença na utilidade para grupo de hegemonia... Reconhecimento material... tu és terás isso... Quanto mais uniforme, maiores garantias... Avaliações ininterruptas, prazos, demonstrações de resultados, privatização em massa... Fudendo com a forma, abrindo furo... Multiplicar as variações das hierarquias, ampliar as zonas de conflito, produzir maquinações destrutivas... Arrombar com o martelo... Esfacelar identidade, forma, tipo, instaurar movimentos díspares, velozes, eficiências no micro, explodir represamentos com armas de liberação... Como pedaços, surgir junto aos monstros... Olho desliza às sombras das superfícies sonoras... Expectativa ressoa nas entranhas do sol nascente, umbigo volta a se ligar... Quanto de violência seria necessário na ampla tarefa da destruição da uniformidade, na destruição da humanidade do animal violentado? Quanto de violência no rastro da fala: **fundamental para a formação profissional e pessoal**... Formar profissionais, formar pessoas, formar pessoas utilizáveis, formar órgãos e funções junto a formação de mãos, pés, dedos, e centros de comando... A caça da eficiência ainda precoce... Prancheta nas mãos e cálculos a produzir... Produzir língua como fixação de um eu... eu que quer, eu que sonha, eu que executa, eu que consome... Até quando números servirão para a domesticação do há-de-vir?



Garantias

Dúvidas dissipam-se amanhã...

Garrafa

Desnaturalizações...

T

U

R

B

U

l

ê

n

C

i

a...

Generalizações

Acontecimentos invadem, instauram horizontes; acontecimentos invadem, instauram transtornos; acontecimentos invadem, instauram vias em corpos; acontecimentos invadem, instauram singularidades em corpos nus; acontecimentos invadem, instauram modos em mundos; acontecimentos invadem instauram espectros e lembranças e recordações; acontecimentos invadem instauram fissuras e arrombamentos – razão teima em produzir sínteses, em aplicar conceitos... Generalizações recobrem acontecimentos... etiquetas do pensar! Isso é uma flor... Isso é um homem... Isso é um avestruz... Isso é chuva... Isso é ontem... Chuva não se aplica a ontem; ontem não se aplica a homem; homem não se aplica a flor, avestruz não se aplica a chuva... Chuva se aplica quando? Chuva se aplica quando? Acontecimentos invadem, instauram fissuras!!!!

Gostar de ouvir

Decisão para quem do que se escuta? Hábito ou consequência? Conflitos em torno do escutado... Aninhar-se... Na variação das vozes, prevalências... Na imposição do gosto, a construção do orgulho! Sincronismo para resistências... Junto à forma a emergência do orgulho. Ouvido, forma e orgulho: lances de sabido jogo! Na decisão, trata-se da resistência à forma ou da hegemonia do ouvido? Corpos disputam na fala, a hegemonia do ouvido! Seria a fala instrumento do ouvido? Seria a disposição do rosto instrumento do ouvido, território do ouvido? No confronto, compor ouvidos outros, junto a *corpo-vozes* outros? No balé da alteridade, persistência e luta... Sala de aula de filosofia, conflito de rostos? Som de palavra negado com o enrugado da testa! Som de palavra negado com o rigor dos ouvidos. Mãos pesam sobre mesas e olhos estupefatos gritam: dessa maneira! A densidade da forma expressa a manutenção do ouvido... Olhos, boca, nariz e pele... Resistir aos encantos cruéis do ouvido – órgão do açoitado! Em quadro negro, palavra nega ouvido! Olhos recobertos por película sonora; mãos recobertas por película sonora; Entre silêncios: ouvido. Furar os tímpanos com o ouvir dos olhos, com o andar da pele... O maior dos silêncios: o dos ouvidos. Oh! Órgão da profundidade!

Gozou da solidão

(Einsamkeit): fruir da solidão. Solidão e isolamento, solidão e distinção, solidão e distância, solidão e encontro. Solidão como antídoto, como descoberta, como irrupção de modos de ser abrigados pela e na distância. Solidão como afirmação da distinção e da

diferença. Solidão como experiência da multiplicidade, como conquista da dispersão, como enfrentamento e suspensão da hegemonia da moralidade de um costume. Solidão como irrupção na e pela distância. Solidão como acesso. Solidão como enfrentamento. Solidão como precisão. Solidão como encontro com o ar, como o vento, com a chuva, o mar e a montanha. Solidão como encontro com as velocidades das reivindicações de sentido. Solidão como efetuação da aceitação, como alargamento dos espaços, da conquista de fissuras e arrombamentos das variações infinitas. Solidão como *desconforto*. Solidão como afirmação do silêncio. Solidão como habitação na zona da enunciação. Solidão como reivindicação de distinção, como luta e conquista... Solidão como saída da clausura de um olhar. Solidão como desmonte do rosto, como desmanche da língua. Solidão como conquista do odor, do sabor.

Nas técnicas do cultivo de si, como conjugam altura, solidão e distinção? Quanto de solidão é necessário para conquistar alturas, para multiplicar graus? Seriam os graus a afirmação dos passos solitários na reivindicação de distinção, da efetuação de distinção? Seriam os passos movimentos de afirmação, de proposições da... Os passos na subida da montanha ganham as alturas e os cortes precisos do olhar das alturas. Passo e conquista de um degrau na confluência dos arrombamentos da solidão. A trajetória de si como passos em uma subida pela e na distinção, como esforço de ampliar as afirmações das interpretações. Seria o gozo a alegria de afirmar a distinção em si? Nesse caso, solidão como signo da luta pela distinção, pela conquista dos graus e da sua variação.

Grandes momentos

A honraria em participar de encontros nas ancas da cavalaria... Cometa irrompe, rasga céu e festeja relâmpagos... Parar a passagem numérica do tempo...

Grito

Voz aguda, veloz e persistente no grito. Brota das entranhas, diz as entranhas... Afirma na sua diferença a distância existente entre a força anunciativa e o balé dos signos disposto nas exigências da vida em grupo. Quando do grito, ausência de dúvida! Quando do grito, ausência de consciência! Quando do grito suspensão da regra! Fuga enlaça-se no terreno do visível, lança-se na superfície oh visível... Conquistar na fala a persistência do grito! Revelar no grito a inconsistência do signo! O que pode um corpo em grito? O que pode um grito em corpo? Anúncio de tempestades... De

desfigurações... De disputa incessante. Renúncia ao grito da falta... Como reivindicação de força evanescente...

Hábito

Repetição do mesmo, o mesmo como repetição... Há repetição do pensamento, no pensar? Se livrar dos incômodos do pensar, através da memória do pensamento... Memória como resistência ao pensar do pensamento. Corpo na reivindicação do percorrido – não foi *algo inédito em minha vida...*

Hora de dizer

Instaura-se palavra. Por seu intermédio, coisas e homens tornam-se. A disputa violenta entre os afetos conquista palavra instauradora de olhos, boca, nariz e rosto... Na fronteira de todo o dito lança-se palavra - além e aquém do palavrório, reincidente nas falas anteriores, mantenedoras das repercussões anteriores. No instante de um dizer reside a instauração da ultrapassagem. Sentido e tempo convergem nos seus atravessamentos – como pontes selam um modo possível de existência... Conjugados encontram-se afetos disputando a hegemonia do sentido lançado através das palavras atreladas ao tempo... No palco da existência, corpo e tempo convergem-se como aparência visível do tornar-se... Na hora que passará a dizer, na hora que passará a viver... Ato poético instaura, pela palavra, forma do existir no instante do tempo... A ruptura dá-se na conquista pela palavra na experiência de um modo de ser do corpo, na existência de um corpo. *Dasein e Erleben* selam a confraternização na esfera do tempo... Palavra que instaura brota de um existir ultrapassado pela experiência, vazado pela experiência, como um modo de estar disposto ao encontro, trespassado pelo encontro... Trata-se sempre de ampliar a superfície de atrito, de tomar o tempo como convergência...

Hora do desprezo

(Stunde Verachtung): momento em que se instaura o desprezo - ruptura violenta de novos e outros significados. Retirar o prezar: prezar atividade de reconhecer como válido e único o caminho portador do vaticínio alcançado pela posse da verdade. A verdade como jugo que estabelece a condição do prezar. Preza-se por julgar-se verdadeiro... O impacto do verdadeiro sobre a avaliação instaura o possível como real

ou a instauração do sentido supõe o sentimento da posse da verdade – a verdade como ausência de dúvida quanto ao fato da avaliação - o estremecer de um corpo que põe como válida suas condições de existir, advindo na loucura da apresentação do real do seu mundo enquanto tal. Sem recorrer a qualquer instância transcendente deve-se considerar a imanência da vida como produtora do sentido, através de inúmeros e imprevisíveis experimentos. As variações se apresentam como modos de ser da vida, como graus infinitos das suas possibilidades de construção inusitada de caminhos, de vielas e sendas ainda não partilhadas. Como signo, os mensageiros da civilização e a inviolabilidade dos seus pretensos discursos da verdade – universalisadores e aplainadores. Corpo estremecido, verdade e fato homem como pertencentes ao evento instaurado do pesar e do sentido. Prezar: medida que propõe mundo e homem, corpo e voz...

Hospício

Errar voluntariamente pelo engano, no engano, através do engano... Erro, errância... Produção de monstros, de modos entre modos, nas entrelinhas das definições, das imposições de grupo e dos fantasmas de grupo... Nas entrelinhas da forma-ção...

Ideia

Um brilho? Uma visão? Uma clareza? Uma certeza? Uma distinção? Momento genuíno de lucidez? E Produto de multidão em corpo! Produto de uma vida! Produção de corpos e vidas e mundos e disposição de coisas e espaço... Revolucionam deslocando, abrindo caminhos e instaurando possibilidades... Produzida por corpos disputam pela crueza das suas crueldades corpos e coisas e fluxos e permanências e ultrapassagens e movimento e destinos...

Identidade definida

Um poste? Um pastel de carne? Um morto? A vasilha de comida de um cão? As dores da identidade... Quanto de parto na consecução da dúvida? Uma busca sem fim por interioridade benfazeja ou quando os cabelos respondem a um quem, ou quando nos dedos colocam-se anéis e nos buracos da face tornam-se rosto... Nas tensões das cordas vocais, o tom de uma voz... Uma camisa, uma sandália, um jeans surrado, a multidão de sonhos e lampejos e incertezas e cobranças junto aos restos da interioridade das mochilas... No canto esquerdo do rosto, a acne! A importação da *i-den-ti-dade*... Eu =

mim = vontade = todos. Rosto sobre os buracos da face! Sexo sobre os orifícios do corpo. Dinheiro sobre a capacidade de invenção. Silêncio sobre os descompassos da medida naturalizada. Identidade sobre (_____).

**Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais –
Campus Juiz de Fora**

(_____)



Ignorar

Virar as costas, lembrar do beijo da manhã, pensar no vestibular, andar de bicicleta à tarde, comer as torradas da vovó; com olhos atentos esfregar os ouvidos nas linhas

amarelas do asfalto, fugir para as colinas, fingir de morto, ir ao shopping, ajoelhar em qualquer canto, abrir o zíper da mochila, responder o e-mail, ir ao *face*... **De início, ignorei. Ignorei, no início!**

Importância

Por que resiste? Por que produz furo? Por que introduz a incerteza? Por que causa espanto? Por que desnaturaliza? Por que des-organiza? Por que torna veias velozes? Por que agride o Estado? Por que desloca nas colinas e planos lisos? Por que anomá-la? Por que re-visita? Por que dá um passado? Por que tornam visíveis formas possíveis? Por que instaura hiato? Por que transita? Por que desloca? Por que abusa da verdade? Por que ataca a verdade? Por que descrê da verdade? Por que retira a verdade? Por que retoma a loucura na lucidez? Por que desencanta? Por que cola na vida, decola vida? Por que tenta e exige tentadores? Tudo é água!

Intervalo do almoço

Teima em persistir em meio ao movimento das mãos, em meio ao movimento dos olhares, em meio ao movimento do garfo, faca, e do estômago, teima em persistir. Desaloja as digestões, desaloja sabores, desaloja o aguardar de pé na fila, desaloja a distância entre pés e chão, entre a ponta do nariz e a mochila preta que segue à frente... Desaloja e mantém-se firme nas suas reivindicações... Como um salto, ultrapassa as dimensões *espaço-temporais*, alarga-se na duração... Corpo mantém-se reverberando acontecimentos... Entre um mastigar e outro, o desalojar... O corpo confuso... As pernas tremem e remoem, remoem e tremem, a cabeça gira, faz piruetas no ar... De um canto - Chega aí! Mas, e?! O entreabrir da boca, o movimento dos olhos a sofreguidão da língua junto ao estraçalhar da mastigação: *persistir*.

Intolerância

Mente parada; fixação em algum si, busca acentuada de identidade, passado, ausência de fala no acalantar da forma e no re-conhecimento das formas... Suspensão do combate e persistência silenciosa de face do corpo... Singular reprodução de rosto... Na dilatação da influência, indícios da degustação e apostasia... **Perdurarão para sempre em nossas cabeças:** como expansão do instante na dinâmica do tempo alargado. Ruptura transtorna vivência do presente na reivindicação da lembrança como ato intempestivo junto à

dinâmica do tempo no contemporâneo... Convergências no deslocamento do corpo com a transitoriedade da forma no tempo... Como junto ao corpo convergem tempo e destino, formação e destino? Como junto ao corpo intempestivo afronta forma e transtorna tempo? *CaosCorpotempo!* Atualizações violentas instauram tempo-corpo, instante-face, alargamentos da vivência *caoscorpotempo!* Em algum canto, prescrevem-se reclusões, garantias... Ausências de amanhã? Anomalias: *enghumanoseiros!* Como soam paradigmáticas as tipologias e suas purezas... Meu filho vai ser médico, o seu evangelista... Quero que seja... E eu a assistir! A escolarização como eficiente tecnologia da **civilização**... Do início ao fim especializam-se: pai, mãe, filho, mulher, marido, trabalhador, exatas, humanas, utilidades... utilidades... Realizar furo no muro!

Inventar casa - trabalhar

Em meio ao trabalho, edificar colunas, abrir espaços, dispor mundo e coisas. Na invenção, fabricar instrumentos, utensílios – construir a servidão ao futuro, ao mais além, ao inusitado desconhecido!

Justificar a existência

(Rechtfertigen Da-sein): lançado aí encontra-se um modo de ser, na variação infinita dos modos. Antecedência não há! No encontrar-se do estar dá-se o espaço, no dar-se como espaço inventa-se o tempo... Tempo-espaço como modos de ser do estar... Tornar justa – compor a medida, o parâmetro e a jurisdição... Justificar por teimar em conceber, em estender as fissuras... Em algum ponto, produzir a equivalência: por plenitude, existir e existir por plenitude... Dádiva que dá, como afirmação daquilo que une, dividindo... Por excessos, desperdiçar, ultrapassar o cálculo das gentilezas e das alianças... Produzir incessantemente variação de graus, por atropelamentos, por ruínas e destruições!

Kant

Como canto: nos pés, dentro da boca, junto ao mastigar dos chicletes “**não há filosofia que se possa aprender, só se pode aprender a filosofar**”. Comer os ditos e escritos! Filosofia versus filosofar... Morto versus vivo... História versus marcas... Vivo. Advertência do dialético de Königsberg: tentar o proibido... O maior dos irônicos?

Lamber com a língua

Com palavras constrói-se mundo, edifica-se homem. Das palavras brotam as condições da cura, as ultrapassagens terrificantes, os estonteamentos delirantes. De *corpos-língua* nascem palavras benfazejas, palavras da escuridão, palavras luz e sangue... Palavras pontes, palavras para amanhã e depois de amanhã, palavras grávidas, palavras à espera de corpos, palavras à espera de encontros, palavras ainda perdidas, palavras nunca ouvidas. Palavras aterradoras. Lambe carinhosa com língua charmosa. Desfila estonteante nas curvas do sentido. Sorrateira e alegre, conquista na face riso jovial.

Levantar com a aurora

Coincidir na abertura do dia, no convite à extensão infinita da aurora. Levantar na aurora, no relampejar do visível da aparência na luz. Reincidir na aparência, junto ao romper da silueta singela da visibilidade da aparência. Levantar como a aurora, como proposição de mundos, como novo e mesmo início, como desabrochar de encantos e desvios. Junto à aurora, árvores canoras, relva molhada, terra úmida, larvas cinzentas. Levantar no compasso da aurora. Colocar-se de modo ereto, equilibrando nos pés que tocam delicadamente o solo. Coincidir na abertura da aurora, na conquista de mais um início, no desafio de levantar. Coincidir, no confronto, com a decisão na abertura da aurora, compreender a decisão como ação de projetar-se de pé. Quando cria espaço entre céu e chão, somente o homem pode se levantar. Na aurora, decidi-se o levantar, decide-se o céu e a suas distâncias, decide-se o romper de um dia, decide-se o amanhecer de um tempo. Somente o homem decide se levantar, somente no homem decide-se o levantar, somente na aurora do homem decide o amanhecer, somente no amanhecer de pé do homem decide-se...

Lições - para o resto da vida: *conviver com a vida.*

Alto e baixo, alegria e tristeza, verdade e mentira, bem e mal, ilusão e perspectiva, clareza e escuridão, vontade e necessidade... Reversão imanente: alixo e aleteza e vertira e Beal e iltiva e claridão e vondade... Da Vi.....*da. Para o resto da vida: **conviver com a viva.***

Língua da loucura

Desmoronar... Interromper... Criar hiatos, distâncias entre distâncias... Veicular fluxos... Transtornar... Reorganizar desorganizando. Instaurar movimentos circulares. Brota e bota ou bota ou brota e bota. Flexionar a língua ao limite de todos os sistemas de signos... Colapsar bem e mal, colapsar corpo e alma, colapsar eu e nós, colapsar homem e deuses, colapsar mão e pé, colapsar amor e ódio, colapsar vida e morte, suspeita e risco. Colapsar alegria e tristeza, colapsar caminhos e passarelas, colapsar a língua... Uh... urr... Xrr... Tsd... Como loucura brota no distúrbio... De arrepios e delírios se move em linha ao infinito... Como desafio identidade e conservação... Passo 1: encher a boca de palavras, o maior número possível delas – ordenadas de a a z com pausas entre as consoantes – enumerar a cadeia numérica de distâncias nos intervalos. Entre cada uma propor a elasticidade das tonalidades dos sons de cada unidade. Passo 2: encher a boca de café e leite... Passo três engolir as palavras e falar café e leite... Passo 3: destruir a memória. Passo quatro: lembrar do gosto das palavras após a destruição da memória. Passo 4: regurgitar o leite – fazê-lo escorrer nas palavras... Passo 5: gozar ser deus, Maria, João e Paulo e Beatriz.

Lista precisa?

Vento uiva e jornalista fala e azul exhibe-se e prateleira rouba por um segundo e fixa olhos e dedos dos pés encontram com a panturrilha e vrum de carro desce a rua e tênis repousa junto ao vidro da porta e grunhido de pássaros disputa a fresta dos vidros, produzem passagens minúsculas entre a parede, o vidro e o silicone. Vento uiva e cinza do portão invade e luz. Entre nuvens regurgitam a si mesmas e possibilidades e ruído de portas e sombras nas paredes e memória e lembranças e tensões do dia e a pressão da escrita, a tensão das vozes, os deslocamentos da atenção, a corrupção das vias, descem, sobem, deslocam para a esquerda-direita, vertigens sonoras, visuais, táteis a intercomunicação entre as vias, a linguagem brotando como fonte viva, como viva fonte de vida... Pulmões e ou fígado e ou coração e ou sistema límbico, níveis hormonais, olhos nos dedos das mãos, mãos na têmpora dos olhos, energia elétrica, postos de gasolina... Lista precisa: o reflexo da mesa na retina, a cor amarelada dos dedos das mãos, o grunhido dos pássaros e vento uiva e pássaro descreve vôo em círculos... Os atravessamentos pedem passagens, por breve instante, a indecisão quanto à classificação, reduzir ao limite as sensações *espaço-temporais*... Ficar nos rastros

indecifráveis... Lista precisa, ruído da porta... Som da fala, som do choro, pregador **rosa** agarra-se ao tênue fio da malha da **preta** rede, dança ao sabor do destino dos seus encontros... O destino na morte, a solidão na morte, a fatalidade da morte, a antecipação da morte. A influência... ***São tantas coisas que é impossível para qualquer um fazer uma lista precisa.*** Qualquer um como índice de lista imprecisa! *Qualquer* como filigrana e passagem, como caixa de ressonância, como fabricação de ressonância em caixa... *Um* como nome possível de qualquer! Lista imprecisa, incompleta ou lista que faz zebra?

Mais valor

Adicionar em uma caixa, de 2 metros de minhocas por 3 metros de terra por 4 metros de estrelas, todas as coisas simples do mundo: pedaços de pau, vasilhas com restos de feijão, o livro o pequeno príncipe, narrativas de memórias inventadas, o movimento dos caracóis refletidos na parede da sala, um bom pedaço de carne, a panturrilha, o dedo da mão esquerda de deus na pintura de Michelangelo, as paisagens de amanhã, as imagens de um retrovisor, ruídos atrás da porta, todas as vaidades do mundo, as torções das cobras bravias, os descompassos do acesso, os gritos de sussurros das mazelas; o lápis de cor das crianças felizes... Um pouco mais de simplicidade: a mão desliza sobre a superfície da caneta, por um breve instante, os risos dos amigos na conversação em sala de aula... O pequeno e simples brilho no olhar do entregador do gás, o seu bom dia! Pequenas gotas de gratidão na aurora do impossível... Quão cansada encontra-se a forma-homem nos seus tipos bem sucedidos e de mais valor?

Mãos que se estendam

Desejo de encontro, produção de encontros. Por excesso, colocar a caminho do encontro para distribuir. A suspensão da solidão por acúmulo, o acúmulo como índice para a saída do isolamento, como produção incessante das fugas de si. Através do acúmulo, doa-se a produção dos júbilos da solidão. O encontro advém da conquista da saciedade. A saciedade exige a distribuição e evita o confronto – equiparam-se entrega e recepção, como fins que se celebram - a entrega que demanda o encontro – vincula-se a razão do encontro aos fins do escoamento que distribui. O fato do transbordar repele qualquer exigência diante do ato da recepção, pois o excesso mantém a si. O excesso força a

ruptura do isolamento e exige a recepção no encontro. Como signo o estender das mãos: gesto de colher o que profusamente brota e jorra. Por arrombamento, faz-se relação.

Marcos Vinícius

Assim **Falava...**

Medo

Para mim... Falar para mim... Antonio de Souza Mattos... Falar para mim! Nove meses atrás... Um parto, uma geração, uma acolhida, um traço de inevitável... Apenas uma coisa na cabeça... Falar para mim: **enfrentar medos...**

Memorial filosófico

Trabalho apresentado à disciplina filosofia, ao professor Marcos pelo aluno
(Unidade de medida, unidade a ser medida, quando medida unidade se põe a medir) **da turma do 3º ano integrado de Eletroinformecangia.**

Mergulhado no mito

Alguém diz que ouviu... Alguém, quando ouviu, falou... Um quando falou, tornou quem... Quando ouviu, estava só... Quando falou, disse outro... Quando outro enunciou, não havia quem... Outro e quem se excluem... Outro e quem encontram-se na voz que disse... A voz diz quem e indica outro... A voz que diz ordena algum quem e um corpo-povo... Voz, silêncio, língua... Ouvido, ouvidos e boca... **Meu nome é Moisés: o profeta, o menino das águas.**

Minha felicidade

Seria a felicidade uma posse ou possessão? Estado que irrompe e domina ou por dominar sobe a superfície e navega a superfície? Traduz-se como extensível a todos, a alguns ou diz respeito à diferença de um na experiência do mesmo? Traz medidas exatas, esquadrinha condições ou emerge fortuitamente lançada na transitoriedade e nos jogos dos acasos da fatalidade? Como fato bruto, antecede os estados ou advém junto à plethora dos estados? Um ponto de chegada ou escape intermediário na escalada das ruínas e rupturas? Aponta para alguma cisão ou emerge da totalidade do corpo, no encontro com os corpos e seus campos de tensão? Confunde-se com o avanço e a

vitória diante das resistências ou almeja o descanso da violência dos combates duros? Irrompe despropositadamente ou caminha por graus? Confunde-se com o alcance do topo ou alarga-se como estado que se mantém e se sustenta? Indica gargalhada, riso, ou permite-se no choro e no lamento? É da ordem das curas e afirmações ou responde como antídoto, como paz duradoura? É da ordem da transcendência ou do transcendental? Celebra sorradeiras as suas vicissitudes ou escala e conquista no topo as andadeiras do dizer? Como dizer, instaura quais falas, quais músicas e poemas? É da ordem da distinção ou dos eventos das ultrapassagens esporádicas, das filiações e dos encontros e das confusões? Indica abertura, disposição à multiplicação ou tende à manutenção do que escapou? Mantém em confronto com o passar do passado ou alinham-se ao instante? Irrompe para além da memória ou transita na invenção do passado e das suas narrativas? Esconde-se em algum canto, em algum ponto de apoio ou vive à espreita? É da ordem das explosões, das impreviões ou... Ilusão teórica, ilusão conceitual ou... Símbolo de vida plena, de brilho no olhar ou... Atravessa e faz estremecer ou... Corre para algum canto, ave canora! Relâmpago infalível desce dos céus... Impõem capilaridades, estende os limites... Feito ampliar de asas e bater de asas... Como sangue, força as veias, com veias velozes aumenta a ventilação e o respirar... Como boca, engole e transita no ar, no deslocamento e na conjunção... Como vida, arromba e suja os pés, as mãos, os ouvidos... Sob a égide, vertigem, olhos lacrimejados...

Minha razão

Procura pelas frestas ou nega as frestas? Somente cálculo ou aliada da memória... Aliada da linguagem? Cálculo minucioso dos fonemas, dos grafemas ou atributo das exigências da vida em comunidade? Imposição via consciência através da vivência em comunidade ou esforço e dádiva dos céus? Aliada ao princípio de identidade ou alicerçada na unidade? Esclarece, ilumina, guia e capta ou advém dos jogos entre os afetos? Ultrapassa o corpo ou prototípico fenômeno do corpo? Reduz-se ao humano, ao ocidente, aos milhares de anos de pastoreio, ou...? É capaz de sustentar o conjunto das coisas, das ações e o futuro do homem, ou indica a vigência do passado? É da ordem do humano? Quanta confiança depositada nos cálculos - resultados infalíveis? Podem os resultados ser infalíveis? Corresponde às revelações da verdade ou apenas um jogo dos possíveis entre as variedades de verdades ou das variações entre as emergências de realidade? Justificou-se à luz da transcendência da verdade, ou supõe a verdade como

um dos seus lances mais escabrosos, como momentos de desespero? Instrumento capaz de formação de consensos? Pura, límpida, desinteressada ou resultado dos afrontamentos e das disputas? Signo de força ou mera estratégia de sobrevivência, advinda da incapacidade de recorrer a outras armas, de multiplicar as armas e estratégias? Sorrateira como arte da vingança ou afirmativa como o pôr do sol...

Minha virtude

Ethos versus *pathos*. *Ethos* como extensão do *pathos*. *Ethos* como hegemonia de um *pathos*. *Pathos* como variação valente das repetições. Repetições como variação da diferença entre os *pathos*. *Pathos* como valentia da diferença, diante da exigência do domínio e da manutenção. *Pathos* como condição da infinita variação. *Pathos* como domínio incessante do descompasso. *Pathos* como ausência de trilho, apenas rumo. *Ethos* como afirmação do *socius*. *Ethos* como imposição de um *pathos* corporificado em um *socius*. *Ethos* como hierarquia em um corpo. *Pathos* como disputa de mando em um corpo. *Ethos* como resistência diante de um *pathos*. *Ethos* como forma que resiste à violência do *pathos*. *Ethos* como ilusão da ruptura. *Ethos* como conclusão definitiva. *Ethos* como hegemonização de uma voz. *Ethos* como conquista e imposição. *Ethos* como resíduo de passagem. *Ethos* como configuração em uma passagem. *Ethos* como passagem. *Ethos* como norma em um cultivo. O cultivo como questão do *ethos*, do *ethos* junto ao *pathos*.

Montanhas

Subir, elevar e conquistar a distância como efeito das alturas... Elevar e ver. Distanciar e ver. Subir e ver. Caminhar para as alturas, conquistar as alturas e o ar rarefeito... Afirmar a vertigem das alturas e a pressão sobre o corpo pensamento. Subir sob o risco de sufocar. Subir e o risco de ver a distância, subir e conquistar a distância que permite ver... Como conjugam-se a conquista da altura, o alargamento da distância e a perspicácia em ver? A cada degrau em altura, conquista-se menos ar, mais visão e distância. A cada degrau em altura, cansaço e peso nos pés, risco de desabar. A cada degrau em altura, um grau em distância, um modo de ver. A cada degrau em altura, a conquista de uma perspectiva, no efetivar de um perceber. Subir não para ver melhor, mas para multiplicar o ver, de conjugar corpo-subida, pensamento-subida, ver-subida – quantos caminhos se fazem na subida? O deslocamento da distância na conquista das

subidas e dos graus... Forçar as distâncias, fabricar as distâncias, como lâminas que cortam e seguem estratos...

Mostrar o pensamento – fazê-lo nas anomalias

Abrir narrativas ao longo da história – dispor em cardápio o transitar da memória na lembrança do tempo; percorrer clamores de corpos; disciplinar ao rigor da lógica, nas linhas sinuosas da dialética – subir às induções, descer às deduções; auscultar solilóquios de noites de inverno, em caminhos de montanha, de quartos aquecidos, no provar dúvida das épocas – junto à poeira de pés imundos - úmidos, na porta dos ginásios, nos clamores da sacristia, no púlpito da política. Transitar na superfície das decisões do destino – no jogo das túnicas, das togas, dos suplícios, no gozo com o coliseu. Percorrer o rigor dos nomes – as filiações de família; transitar nas tramas conceituais – nas disputas entre os discípulos e as escolas, nas tergiversações dos corpos lançados no reclinar dos banquetes. Sensibilizar variações semânticas dos corpos, oscilar entre os signos – propor sentidos, estupores das singularidades, junto aos níveis, graus e possíveis...

Mostro

Dedo indicador aponta para o semblante do visível... Linhas desenham a esperteza do desempenho do destino... Como equivalência, indicação e celebração remetem-se na aurora do acontecimento indicado... O mostrar como ato indicativo da presença ao signo e suas *re-vel-ações*... Um bocado de penumbra, um bocado de distância misturados com pedaços de indiferença ou designações momentâneas, produções *desejantes* na emergência do visível... Como abertura, o mostrar enfrenta o *re-ve-lado*... O mostrar indica o revelado... O mostrar como fabricação do risco, como deslize no risco e como ameaça do risco... O mostrar como mecanismo da tentação, como ofício dos tentadores e experimentadores. O mostrar como suplício da sedução: arrastar os órgãos ao limite das exigências do saborear... Mostrar e saborear, meras equivalências ou *órgãos-indicadores-tentadores*?

Mundo

De pé, movendo-se sob a lucidez dos holofotes.

Nietzsche

“Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas”. A partir de...

Nó

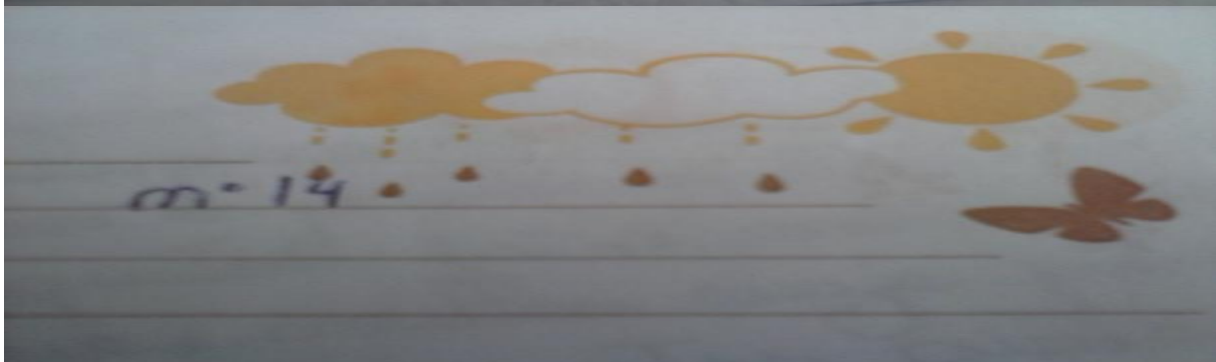
Cabeça demasiadamente confusa, corpo alterna em saídas, afugenta a qualquer canto...
 Nó: olhos brotam na face e corpo estupefato cambaleia no destino. Nó: atrela rápido demais. Nó treme e faz temer as circunvizinhanças. Nó: mãos na cabeça tentam desaquecer o desespero... Nó: a goela seca. Nó: o engasgar da língua, o tropeço da certeza. Nó: cabeça demasiadamente confusa! Nó: (...) Nó: olhos brotam na face e corpo estupefato, lança a seta e foge do alvo!

Nomeação

Diálogo com a filosofia e Filosofia e Memorial e As heranças da filosofia e Memorial e Memorial descritivo e Memorial de filosofia e Trabalho de filosofia e Memorial e É preciso saber viver e Memorial e Memorial de filosofia e Memorial e Memorial e Memorial e Memorial do ano filosófico e Memorial individual e Memorial de filosofia e Memorial e Memorial de filosofia e Memorial de filosofia e (...) e Memorial e Memorial de filosofia e Memorial de filosofia e Memorial e Memorial de filosofia e Memorial de filosofia e O que a filosofia mudou na minha vida? e A filosofia em minha vida e Memorial – 4 bimestre de filosofia e A filosofia faz parte da vida e A participação da filosofia em minha formação e Trabalho avaliativo da disciplina filosofia e Memorial sobre filosofia e Saber e ignorância e Viva (a sua Vida); pense (o seu pensamento) e A filosofia no refletir sobre a existência humana e O que aprendemos com a filosofia e Relatório de aprendizagem e Memorial das aulas de filosofia e A filosofia em minha vida e Filosofia não se discute e O que a filosofia mudou em mim? e A filosofia na minha vida e Filosofia e educação e

Memorial

Memorial



Nomes

Amanda e Dante e Nathan e Otávio e Gabriel e Gabriel e Túlio e Lucas e Camila e Caio e Vinícius e Mariana e Daniel e Vinicius e Ana e Victor e Letícia e Juliana e Taís e Pedro e Raquel e Mariane e Lucas e Thays e Weverson e Johnnatan e Gabriel e Daniel e Bruno e Matheus e Lucas e Moíses e Stefânia e Camila e Luiz e Douglas e Ellis e Alexandra e Mariana e Lahis e Laura e Laís e Daniel e Caio e Juan e Mayara e Marcos e Maria e Giane e Cassia e Lara e Susana e Ivana e Paula e Driely e Paula e Larissa e Robert e Isabela e Letícia e Tamires e Ágata e Jéssica e Anna e Tiago e Gabriela e Daniele e Luana e Jackson e Karina e Sara e Kamila e Ana e Anderson e João e Arantxa e Luan e Juliana e Igor e Guilherme e Arthur e Eric e Carlyne e Lucas e Felipe e Igor e Bruno e Henrique e Eduardo e Ricardo e Roberta e Luiz e André e Fernando e Henrique e Kenedy e Eloá e Deborah e André e Michel e Felipe e Evandro e Gabriel e Alexandre e Igor e Jéssica e Victor Otávio e Eduardo e Leonardo e Bárbara e Lucas e Leandro e Rodrigo e Nathan e Victor e Fábio e Diogo e Leonardo e Pedro e Tayrine e Marcos e Guilherme e Matheus e Addy e Robson e Edson e Vinícius e João e Frederico e Davidson e Clarissa e Igor e Pedro e Nayara e Felipe e Leonardo e Matheus e Iago e Lucas e

Normalidade

Finas lâminas sobrepostas produzem labirinto de certezas... Dar um *empurrão*...

Brincadeira de crianças... **=D**

Nós inventamos

Algum nós para além dos inventados? Nós algum precede aos inventados? Eu, tu, ele, nós, vós, eles pronomes que indicam pessoas ou pessoas que necessitam pronomes, que exigem, após sua emergência, modos de identificação e singularização - como corpo, como face, como utilidade específica? A singularização emerge singularizada por intermédio das interpretações das sensações e do sentido concomitantes. A distinção é ilusória: as sensações demandam sentido ou emergem concomitantemente? Os pronomes demonstrativos indicam a persistência *no aquele* do aluno, *no aquela* da garota, *no aquele* do aluno é bom, *no aquele* do aluno é ruim. A correspondência

derradeira entre o pronome Eu e alguma essência interior que se compreenderia capaz de dizer e realizar algo independentemente de qualquer relação entre as relações estabelecidas. Inventar indicaria apenas a extensão das atuações em um nível aquém da visibilidade de um eu, ele, ou nós! Eu, ele e nós respondem apenas como segunda invenção, como desdobramento de anel de onda na onda, como anseio presente à extensão dos níveis e estratos e graus ou a ordem da impessoalidade na vida ainda é possível? Vida como invenção primeira, como caso particular do anseio? A inversão torna-se corriqueira quando a emergência desdobrada, presente às relações entre os jogos infundáveis das atuações, responde como causa, além de livre e responsável por si... A invenção vinga-se do inventor ou faz parte no caso do uso dos pronomes de se ver desligada dos processos de constituição em um delirante si? A contribuição da gramática da linguagem acaba por reposicionar a avaliação de fachada, por outro lado, a gramática constituinte de determinada linguagem serve de apoio ao estabelecimento dessa compreensão, serve de apoio para a criação e manutenção das avaliações de fachada... A alusão à personalidade da invenção assenta-se na ilusão geral de tomar o domínio em uma direção como alienado das condições de produção. A inevitabilidade da avaliação produz o esquecimento entre as necessidades que exigiriam a invenção... Em uma direção, a impessoalidade da invenção exigiria a produção da correspondência entre a necessidade inerente ao acontecimento e a persistência nos demais níveis e demandas? A invenção disputaria com as construções cristalizadas, disputaria com qualquer eu, ele, ou nós... Imensa alegria de alcançar determinadas regiões, corpo envaidece-se de alegria... É inevitável a sensação da conquista e da derrota – pensar como duelo, ou dadivoso?

Noturnas imagens

Em precipício, caminha entre porcos: cheiro de lavagem tomava os olhos... Em meio ao cemitério, imagens sagradas desfilam, corpos gemem e crianças andam... Passar em meio à lavagem! Viver em meio à lavagem!

Nova ideia

Corpo outro, vida outra... Ideia penetra, força a digestão, altera diagnósticos, prognósticos...

Novamente se fazer homem

Distanciar-se a ponto de implodir a forma, de renunciar algum quem, até mesmo qualquer. No qualquer paira alguma humanidade do humano, na sua forma prototípica – com olhos, boca, nariz, bunda, cu. Distanciar do quem a ponto de perder o nome, de esquecer a memória, em desfazer ou suspender as marcas... Exercitar as benesses do ato de esquecer, de minar, pela crítica, dúvida ou derrisão qualquer a influência da moralidade do costume... Abrindo fissuras, ranhuras, fazendo experimentos, protocolando experimentos - É preciso aprender a *desaprender* de si, a desamparar a si, a suplantar o último poço: a angústia! Desafiar Ocidente e Oriente - conquistar ponto equidistante... Desafiar os deuses, as mães, o estado, a lei, o supermercado e o cartão de crédito. Desafiar o amor. Quanto de força há? Ficar tempo demais junto ao sol, às árvores, disposto entre as coisas, derretendo-se junto ao canto dos pássaros e ao ruídos das lesmas e ao caminhar das formigas – estender a ponto de confundir, de olhar no espelho e não ver... Mitigar-se junto ao ruído dos riachos, junto aos vínculos atrozes das raízes... Fazer questão de perder-se... Fazer questão de perder-se... Fazer questão de perder-se... Não atender pelo nome, sobrenome, como filho, como pai, como mãe, como mulher, como homem, como trabalhador... Esforço hercúleo: tornar-se homem... Novamente, tornar-se homem – estar em meio a eles, com seus hinos, sorrisos e contos de fadas... Perder-se para voltar a ser homem... Quanto de força para tornar-se outro de si mesmo e retornar a algum quem como fomento de um deles, de um nós?

Números

11, 03...

Nunca

Afirmção da abissal distância da novidade... Quanto podem os corpos nos encontros com os signos? Quanto variam os signos nos encontros dos corpos? Signos e corpos como efeitos sem causas! Corpo como signos sem causa... As incorporações subvertem as distâncias entre fora e dentro... Fluidificado fora, diz de dentro! Como surpresa, voz se diz junto à novidade do fora, nos descompassos junto à nuca e aos dedos da mão esquerda... Na folha de papel envelhecida - Nunca soube de fato o que era! Saber supõe os descompassos do encontro... Saber: incorporação do fora na língua do dito e ou subverter corpo junto ao atravessamento dos signos ou na subversão dos signos dizer corpo! As disputas entre os signos instauram corpos, instauram funções, propõem hierarquias?

O mesmo

Resistir aos ditames da regra, das imposições da tradição, das exigências e peso do passado ou do novo sobre a coluna invisível dos sentidos moralizados na língua... Tentar a solidão, fugir para a montanha, matar pai, mãe, filho, irmão... Estourar ouvidos... Rasgar livros, desligar a energia ou fazer outra coisa, realizar proeza de suplantar o tempo no tempo, intempestivamente, em nome de um tempo que há de vir ou viver no aqui o ainda-não vindouro? Níveis de concessão: pressões do mesmo? O mesmo diagrama, mesmo sendo diferente... Pequenos níveis de diferença apresentam-se como porta de saída... Nenhuma medida extrema? Espaço algum para a seletividade? Cuida-se demasiadamente do estômago! Fazer rapidamente as pazes – evitar mordidas bravias da noite! Certo dia, ventou por 36 horas...

O povo

Constitui-se por semelhanças ou por aproximações? Parte do cabelo é povo, parte da comida é povo, parte da festa é povo, parte do sexo é povo, parte da bandeira é povo, parte do hino é povo, parte do sagrado é povo, parte dos pés é povo, parte da bola é povo, parte do assento e aceno é povo, parte da violência é povo, parte do crime é povo... Parte do povo é assédio, parte do povo é estômago, parte do povo é atleta, parte do povo é filósofo, parte do povo é alegre, parte do povo é prisão, atentado e morte... Povo e multidão, multidão e configuração na desfiguração. Parte do povo é audição, parte do povo é redenção. Parte do povo padece, parte do povo empalidece, parte do povo arromba... Parte do olhar é povo, parte do andar é povo. Povo: parte corpo e corpo em parte. Traço de povo: sementeira, colheita, armazenamento, cozimento, agradecimento, mesa, digestão, absorção e defecação e morte... Produção de lixo... Soçobram os restos, as resistências, as rotas de fuga na linguagem do povo, na vivência do povo, na expectativa do povo... Povo: multidão, despersonalização e personificada... Povo: teimosia em se manter!

O sentido da terra

(Sinn der Erde): para onde convergem todas as multiplicidades e diferenças? Para onde se encerram todas as multiplicidades e diferenças? Para onde justificam-se todas as multiplicidades e diferenças? Ou a festa em torno dos sentidos? Ou a celebração afirmativa das multiplicidades do sentido na terra? Ou o sentido como expressão da

sensualidade? Ou a sensualidade como invenção e multiplicação do sentir(es), da explosão das variações na emergência da terra. Ou o sentido como variação da terra – ultrapassagem de pontos de chegada, ultrapassagem de unidades e identidades. Ou a variação da terra como sendo o seu sentido. Ou na terra decide-se o próprio destino – imanência irrestrita.

Ofender a terra

Propor desligamentos, construir ausências, escapar para o lado de lá. Interpor massacres, sobrepujar por meio do lá, do futuro e do mais distante. Cuspir na terra, escarrar na terra, tapar as narinas, tapar os ouvidos. Maldizer os alimentos, introduzir feiúra no sol e nos pingos da chuva. Desligar o céu da terra, a vida do corpo. Fazer macerações: cortar os membros, amputar as paixões, recrudescer o pensamento e introduzir a verdade em forma de voz das alturas. Estipular com maestria as artes da medida nas punições. Amar a produção da escuridão e das trevas. Produzir tristeza, choros e lamentos – fazer os narizes tocarem o chão, em dobras, em cobras de dobras. Construir corcundas, imensas e tenazes corcundas: em forma de dívidas eternas... Entortar, com tenaz açoite, a inocência dos pequenos. Fazê-los duvidar de si e amar os fatores... Maldizer o sexo, a reprodução e o nascimento da vida.

Olhou e calou

Quanto de ouvido para uma audição? Novas palavras, novas audições? Possível ouvir na presença de palavras novas? Como forjar ouvidos para inesperadas palavras? Para velhos ouvidos cabem novas palavras? A indistinção dos velhos ouvidos: aonde há sol, escutam chuva! Se há descoberta, tomam por pesados os perigos. Quando olhou, calou... Diante do povo, na extensão da igualdade, suspendeu a fala... Enigma: os ouvidos forjam as bocas, as palavras na boca? Os ouvidos torcem os narizes, as sobrancelhas e enrijecem a tez da face... Produzem escárnio, riso ou comiseração... Introduzem a miséria e excluem para as margens do crime ou para o asilo da loucura aquele de novas palavras... Como forjam ouvidos, mais duros que o ferro e o bronze? Seriam os ouvidos os algozes das velhas tábuas! Quanto de chicote teima os ouvidos... Quanto dos castigos exhibe a maestria dos ouvidos? Seriam os homens forjados e

mantidos pelo ouvido! Desafio do mestre, desabafo do mestre... Trata-se sempre de olhos e ouvidos, de ouvidos que permitem olhos... De olhos que instauram ouvidos...

Olhou o povo

Na distância da sua altivez flertou com narizes pontiagudos, chatos, empinados; com olhos negros, azuis, castanhos, arredondados, amendoados; com pés finos, chatos, pequenos, grandes, tortos; com cabelos em franja, longos, curtos, encaracolados, lisos, chapeados; com alturas, pesos, largura; com corpos organizados, enfileirados, enrijecidos pela rotina do trabalho, livres, esguios; com homens, mulheres, gays, lésbicas, travestis, meninos, meninas, grávidas; com braços longos, com unhas curtas, pintadas; com mãos firmes, delicadas, trêmulas; com estômagos famintos, com intestinos carregados de gordura, com ódio, ira, inveja, medo, cooperação; com deuses, credos, sacrifícios, santos e santas; com o som do mastigar, com o ruído do falar ao cotidiano; com passos apressados, com solas gastas. Em meio ao povo, suas danças, sua música, sua comida e sofreguidão, suas ilhas de imagens, suas formas de amar e vingar, seu dar de braços e largar das mãos. Mar de gente estendia sem distinção... Ao longe, movimento de braços, pernas expressavam a impaciência dos olhos, afundadas na dinâmica viva dos ouvidos - suas sanções e chancelas. De longe, as ilusões quanto ao povo, ao ser do povo, ao ser da multidão: composto de solidão, abandono e diferença... A que distância instaura-se um povo? Questão para o legislador: qual o sentido do povo, para aonde deverá tender a flecha da formação do povo?

De um só golpe - sob a égide do seu olhar: fundiu a diferença na uniformidade da massa!

Olhou o povo

Distante emergiu como diferença... Olhou contemplando a uniformidade da multidão. Em parte se uniam na convergência dos seus andares, dos seus pesares, dos seus sins e não. À espera do milagre... Santa uniformidade... O movimento dos lábios, a pequena abertura entre os dentes. Risos e escárnio rondavam os ares... Atentos! Por um instante obtive atenção: da massa indivisa, como único ouvido, como corpo composto de várias mãos e voz única... Como podem ouvir do mesmo modo? Arte milenar da escultura... Sob égide voraz do açoite! Instaura-se corpo com órgãos e funções... O milagre da **encar-na-ação**. Com brasão fere e molda, acaricia e molda, faz brotar sorriso e dor no rosto... No cruzar dos olhares o dar-se das mãos, o ombro a ombro...

Opinião formada

Isso é. Isso é Um copo. Isso é. Isso é Uma mesa. Isso é um Copo sobre uma Mesa.

Oportunidade de ensinar

Caminhar entre ouvidos, bocas, dedos, mãos com fins a... Indicar a certeza dos caminhos, dos motivos do olhar, das razões de estar juntos... As reproduções em torno do ensinar garantem a hegemonia da prática das oposições e modelagens... **Alguém versus ninguém!** Com fins específicos, meticulosamente... A maquinaria da civilização põe-se em movimento na perpetuação das suas condições... Em algum lugar, a reprodução do mesmo, as pretensões do mesmo!

Orgulho

A mais alta veneração... Produzir órgão venerador... Produzir dependência da veneração... Produção incessante de juízos benfazejos... Despertar da morte?

Origem

Philos e Sophia. Amizade com amor... Amizade junto ao amor... Amor pela amizade... Amizade de amor - **fatos eternos?**... Amar e Amizar e Saborear... Olhos brilham... Ampliam-brilham-expandem-põem a ver a disputa pelo visto! Com língua, tece distâncias diferenciadoras – saboreia o sabor com amor de amigo, nos braços e afagos do amizar do amigo... Amar amor do saborear amigo! Corpos apaixonados, na vida, junto à vida - paixões de corpos apaixonados – efeitos tentação, das fugas das teias da aranha nas fixações do ouvido... Pele versus ouvido... Paixões em corpos apaixonados... Velhos e novos arrastados na terra, nas movediças andanças da terra... Seriam terras, paixões movediças? Grau sofisticado de terra, grau sofisticado de terra quando do amor, quando do sabor, quando...? Subversões cutâneas... Quase, um pássaro fez ninho...

Ouvir com olhos

Ouvir o movimento das asas, ouvir a superfície da cor, ouvir a densidade das mãos, ouvir a frescura da pele, ouvir a forma do bico do anu, ouvir a claridade do sol, a quentura da pele, o esbanjar da semente de melancia. Ouvir o crescimento, a aurora do silêncio, o movimento da língua. Ouvir a imagem do futuro e estender os ouvidos sobre

a largura do horizonte em meio à distância dos tons de cinza... Olhar, tocar, ver e ouvir as novas tábuas... Olhar, ver, tocar e ouvir as novas tábuas... Olhar e ver e ouvir e tocar as novas tábuas!

Ouvir ideias em certos lugares!

Milagres da formação: corpos-ideias para ideias-corpos! *Espelhos da ideia...*

Palavra

Representação de um som; correspondência com o mundo; designação de um sujeito; signo sonoro diante da expectativa de sentido; apresentação de um mundo; índice de participação em um coletivo; memória e constituição de um povo; emergente em um corpo; esculpida no ouvido; produzida pelo ouvido; balé do organismo da fala; veículo da persistência do sentido; linha divisória, construção de espaço de distinção; indicativo da fundação; para além do grito, do choro e do urro; como relampejo dá-se como tensão na envergadura da língua e do ouvido; sem som, caminha na velocidade do retumbar das vozes; mantém-se oculta no silêncio; rompe o silêncio; movimento das tensões do corpo, na reivindicação da dianteira. Como quadro: antecipa as medidas e as flutuações dos graus... Como novas, proibidas! Quando inventadas, não ouvidas... Exigem tempo, imprimem tempo... Produzem discórdias, almejam ultrapassagens – podem se perder diante das exigências para a manutenção do ouvido. Exemplares instrumentos para sacrifícios e rituais de crueldade... Brota do alto, introduz autoridade... Desejo das crianças: a cada objeto, uma palavra. Agora palhaço, depois laranja, depois papai, depois mamãe. Papai pegou a laranja – garantia da universalidade da circunstância... Um mundo gira nos gonzos da certeza... Quanto de palavra expressa conservação? Quanto de palavra expressa ilusão da circunstância? Quanto de palavra produz homem, mantém homem? Quanto de palavra exige outro corpo, outros corpos? Quanto de palavras exigem comportamentos? Quanto de palavras... Já foi ouvido, forjou ouvidos e corpos e órgãos e pés e mãos e sins e não!

Palavras

Sentido... Palavra? P,r,s,t,u,v,w,x,y,z + a, b, c, d, e,f,g,h, i,j + l, m, n, o, p, q, r, s,t,u,v,w,x,z + a, b, c,d,e,f,g,h,i,j,l,m,n,o,p,q,r,s,t,u +v +r+a ou Pa+la+vra ou P, l, v, r, 3 a ou a, a, a, p, l, v, r,... Vra+la+pa... Palavra = palavra = letra = som?

Palavras

Poucas? Cantar então! Bate as asas passarinho

e vai

voando

pro seu ninho!

Bate as asas passarinho

e vai voando

pro seu ninho.

Passarinho quer cantar – não cantou.

Passarinho quer voar – não voou.

Bate as asas passarinho e vai

voando pro seu ninho!

Obrigado Discípulo!

Palma das mãos

No apalpar, no afagar, no cuidar, no tomar para si, na construção do destino, na extração da energia... A distinção se faz corpo, conduz à técnica!

Para todos e para ninguém

(Für Alle und Keinen): paradoxo do endereçamento. Como o endereçamento remete para todos e para ninguém ao mesmo tempo e da mesma forma? A forma não excluiria todos se servisse a ninguém e não excluiria ninguém se servisse a todos? Dirigir-se a todos e a ninguém da mesma forma alude a paradoxal produção endereçada contra o comum. Trata-se da serventia: o que serve para todos serve para qualquer um, mas o que serve a qualquer um não presta para ninguém de modo específico. Nessa via, a audição pretendida evoca alguns, restringindo o acesso de todos e de ninguém. Ninguém e todos figuram sob o mesmo modo, pois o remetimento para todos e para ninguém se equivale na despersonalização pretendida. Por exclusão instauraria o espaço da recepção pelo comum... O comum, como signo daquilo que serve a todos e ninguém ao mesmo tempo, como índice da despersonalização, na conquista de um rosto sem face, de uma voz sem som e da imersão geral no falatório. Por outro lado, o remetimento para todos e para ninguém pode indicar a presença de uma ausência. Ausência de certo quem, de um quem ainda-não possível, de certo modo de configuração que ainda-não vingou, mas que exige sua invenção... A ausência supõe a

produção de um dizer que propõe a afirmação de uma audição e da invenção da sua necessidade. A evocação do entre remete para a produção de uma audição que indique as condições para sua recepção. Exigir no endereçamento, a partir do tom do estilo, através da exclusão de todos e ninguém – repelir e congregar – apresenta-se como operação fundamental à construção e às pretensões de um estilo. Como ausência, a distância entre todos e ninguém aponta para um fissura, um entre na pretensão do endereçamento. Por outro lado, a distância entre todos e ninguém pode indicar a exigência de qualquer. Reivindica-se qualquer, um quem despersonalizado que orbita no espaço de construção de si além de todos e aquém do ninguém. O qualquer aponta para a vivência no presente de algo do futuro. Todos como indício da despersonalização, ninguém como índice de inexistência, qualquer como reivindicação de um modo de ser futuro, contudo presente, ao presente. O espaço existencial entre todos e ninguém figura como um modo de atuação que reivindica a sua pertinência e presença. Para alguns que ainda-não... Para todos e para ninguém contrapõem-se a algum qualquer de modo certo. Todos, ninguém, algum, qualquer.

A indicação em um primeiro momento não distingue entre a variabilidade dos destinatários.

Parado - olhar para o além

Quando o homem? Quando o planeta terra? Quando a morte? Quando eu? Tornar-se questão diante da fatalidade da forma, do tempo-espaço, do corpo e do eu na morte... Suspende movimentos ou instaurar lentidões na fatalidade e no olhar e na composição das espacialidades - a razão como órgão, como desvario na língua e na lógica ou excessos da vontade de corpos através do sobrepular na importação das questões da história – chamamentos da tradição ou traços de imposições no forjar da universalidade de uma forma? Meros ecos nas vozes dos corpos ou resíduo de aproximações na instauração de sentidos, na produção incessante de corpos em comunidades – como o pensamento dispõe-se sobre o pensar, sinais de impropriedade dos currículos ou da ordem do espanto a condição do pensar junto à fatalidade da condição? **Filosofar é necessário?**

Partam

Levar na mala todos os pertences... Encaixotar os livros, recolher os talheres, deixar a horta morrer, e em passos quietos, mas seguros, caminhar sem olhar para traz.

Partir orelhas

Oh órgão deveras investido! Para aquém dos olhos, à sua derradeira espreita e perturbação... Seria o olhar dos olhos ressonâncias do permitir dos ouvidos? Com cera quente derreter as concavidades do ouvido, suas sinuosidades, seus costumes, classificações e impedimentos. Por quais estratégias derreter ouvidos? Seriam os pés, os seus maiores inimigos? Hierarquia de órgãos, hierarquia dos órgãos ou órgãos como hierarquia? Exercício para quebrar as orelhas: primeiro passo: cozinhar as entranhas do aquém em água límpida e cristalina, colhida em fonte dos altos das montanhas minúsculas. Ferver todos os sons do mundo junto ao cozido das pernas e joelhos. Segundo passo, correr de costas com os dedos da mão esquerda esticados na direção do norte. Terceiro passo, fartar-se de comida até o vômito... Quarto passo,... (REALIZAR UM x). Quinto passo,...

Partir orelhas com o ouvir dos olhos

Passou

Afinal de contas, o que ficou? Os dentes amarelados, as restaurações, as unhas ainda crescem. Ossos enrijecem a ponto de aparecer, vencem as disputas com a visibilidade da carne, com o império das cartilagens, das insinuações da pele... Paredes de caixa ainda resistem, estômago se foi, rins. Veias, artérias, músculos, cu pênis vagina clitóris mastigados. Olhos perderam sua exuberância, apenas ruído dos vermes, das fundições no amálgama misturado com terra, nas ações intrépidas dos líquidos da decomposição – ácidos, mercúrio, enxofre... Nem mesmo caixa, terra sacode, vermes, comidas e suas orgulhosas lembranças... Em um suspiro, despede-se sol, universo e... Teima em resistir orgulhoso eu – desvela-se como liberdade nas loucas aventuras dos pensamentos!

Pelos olhos abrir a mente...

A d u r a
 ç ã o d
 o c a n t o
 d o p á s s
 a r o.

Penitenciar

Esfolar os joelhos – remeter para o fundo. Esfolar as costas – remeter para o fundo. Cerrar os olhos – remeter para o fundo. Cerrar os ouvidos – remeter para o fundo. Cerrar o pênis, costurar a vagina e anus – remeter para o fundo. Cerrar o gosto – remeter para o fundo. Cerrar a beleza – remeter para o fundo. Cerrar o orgulho – remeter para o fundo. Acreditar na imperfeição – remeter para o fundo. Cerrar a vontade – máscara do querer – remeter para o fundo. Cerrar os pés – remeter para o fundo. Cerrar a dúvida – remeter para o fundo. Cerrar o prazer – remeter para o fundo. Cerrar a superfície – remeter para o fundo. Cerrar as asas – remeter para o fundo. Produzir falta – encontrar o fundo. Produzir culpa – encontrar o fundo. Produzir dor – encontrar o fundo. Produzir sofrimento – encontrar o fundo. Produzir a perfeição – encontrar o fundo. Produzir o além – encontrar o fundo. Produzir conservação – encontrar o fundo. Produzir a morte, o temor da morte – encontrar o fundo. Cerrar e produzir.

Pensamento

Uma atividade? Uma presença que distingue? Algo que aperfeiçoe? Ganhos em rapidez, em sínteses mais consistentes e velozes? Uma serventia, para conversar com amigos? Certo desprestígio? Seria litigioso? Belicoso a ponto de fazer explodir?

Pensamentos dos filósofos

Oprimem, chateiam, impõem lógicas! Propriedade de um quem? Doutrinas, caminhos a serem seguidos?

Pensar e ser

Convergências, como passe de mágica as ilações entre a atividade de pensar e as afirmações sobre a intimidade de um eu, e as singularidades advindas na presença intermediária do eu... O pensar como afirmação da certeza de um eu, como afeto que impõe a superação da angústia e do caos de ser um si... Indicações de um dentro e de um fora, como dobras que expressam e instauram os sentidos através de dicotomias... Construção de espaços e medidas para a determinação dos encontros consigo...

Perdido

Pernas titubeiam, olhar roça a tênue superfície dos pequeninos blocos de sentido... Agarra-se com imprecisão nas ínfimas passagens de ar, respira com dificuldade nas bolhas que se formam na tensão com a superfície... A velocidade das sensações induz as vertigens e como passe de mágica a imprecisão em torno do eu instaura-se... Pudesse

usar as mãos para apreender a água do mundo... Pudesse usar as mãos para apreender os destinos do mundo... Pudesse usar as mãos para amar o gozo das divinas musas do Olimpo... Pudesse usar as mãos para fabricar outro de mim mesmo...

Perigoso a-caminho

(Ein gefährliches Auf-dem-Wege): pés suaves tocam o chão e entretecem com as pequeninas pedras que roçam a sola das desgastadas botinas. O fino bico da bota arrisca-se aos riscos do movimento incessante das pequenas pedras da superfície. Caminho de insensatez, de gravidez permanente – feito fêmea de elefante... O risco na bota e os riscos da bota... Distante alguém classifica... Seria um louco a caminhar, a balançar o corpo nas andadeiras do destino? Seria o cambaleante um dançarino? O som das pedras junto ao movimento os pés teima em fazer ver os ouvidos do distante olhar... Um pé do lado do outro? Um pé à frente do outro? Pés soltos ao ar... Por um breve intervalo no instante flutua-se sobre o chão, despe-se do chão... Chão, botas, caminhar e nenhum caminho... Certa vez, sob o olhar da carcomida tradição, um olho antigo enviesou – o homem ainda é possível. Seria de algum modo, ainda necessário?

Perigoso estremecer e se deter

Pernas equilibristas por um breve instante estremecem e se detém. Grão de pedra arrisca-se a bota... Por breve instante, lágrima escorre a saudade dos olhos...

Perigoso olhar para traz

Virou de costas, com as costas – com o peso e com o pesar das antigas medidas. Por um breve intervalo de tempo decidiu por impedir o movimento das pernas, o movimento incessante dos pés que roçavam teimosamente as pequeninas pedras do caminho. Como um velho rato de mansão resolveu roer as entranhas e as necessidades que se apresentavam como indivisas... Para aonde rumas... Não teme os riscos? Paralisia estonteante – afirmar as posições, os lances dos dados... Seria furtivo imaginar os descompassos, forçar as costas ao chão, entulhar e sopesar exigências?

Perigoso para lá

Abdicar da decisão. Trafegar a indecisão. Deslocar na indecisão, nos limiares, nas fronteiras do fronteiroço. Decidir-se no para lá. Um lá indiviso, indistinto,

indemonstrável - convite para um-a-se-fazer. Lá, como destino do aqui, como tensão permanente diante de algum há, de saber garantidor da fundação das colunas e da abertura dos espaços... Lá, como descompasso na medida, descompasso com a medida... Lá, como mais distante e próximo... Longínquo desfazer-se de armas e circunlóquios. Perigoso lá, como desafio do rumar, como desalento do rumar, com velas a se produzir, com casco a se afirmar, como cordas a se estender na direção do para aonde indistinto... Desfazimento... Através da dúvida, através do desejo de instante... Quanto de instante no perigoso rumar para lá? Quanto de perigo no deslocar um pouco para lá? Na fronteira do aqui, o perigo do lá... Um lá sem porto, um lá sem medida, um lá sem fronteira, um lá ainda-não visto, um lá ainda não almejado, um lá ainda possível... Um lá como perigo do lançar indiviso... Um lá como dispor das casas, dos abrigos, como expor-se às ranhuras e às fissuras... Lá, como poço profundo de agitadas e límpidas águas, de caminhos a se fazer, a se esculpir. Pátria dos inúmeros gostos...

Permaneço fiéis à terra

Contrariar o afastamento e a distância: conduzir até o ponto da viragem no qual se decidem as ultrapassagens. Tencionar de modo que permaneça no indistinto, na filiação direta. Na fidelidade alça-se ao encontro com o próprio, com o sentido da imanência – a decisão emerge na afirmação da fidelidade – na ausência de dúvida, como ímpeto. A transfiguração da subjetivação como condição para o encontro com a terra – espécie sofisticada de desassossego. A fidelidade como índice e conquista de um modo de estar, como aterramento ao movimento do passar. O salto na permanência dá-se como possível: a oscilação confrontou-se na história – breves momentos de afirmação da imanência... Até agora, prevaleceu apelar aos escapes, às ilhas bem aventuradas das negações – projeto vigente, desde o início, na afirmação das distinções e na invenção da pureza e da inviolabilidade – ecos na formulação da ideia de inviolabilidade e da diferenciação na construção da ideia de unidade – paradoxalmente: aquilo que é puro não se mistura. Correlatos à ideia de deus, à ideia de alma e à ideia de liberdade, bem como a noção de pensar e suas utilidades. O escape para além da terra produziu uma metafísica como teologia e uma metafísica como psicologia na extensão das suas co-implicações: o corpo e seus sentidos, a alma e seus lamentos, o pensar e suas soluções. Permanecer: insistir, feito os raios do sol, os pingos da chuva. Permanecer: continuar – afirmar a continuidade da afirmação da variação junto à terra: desfazimento. Ouvir os

pedidos de passagem com fins à lealdade – produzir e existir nos poros como ápice da propriedade...















Permanecer intacto e ser fiel

Sempre deixa uma marca... um registro, um rastro, um resto. Língua ainda a ser dita, lembrança ainda a ser inventada, corpo ainda a *ser des-coberto*... Seriam as permanências arquivos de marcas? Corpo só no plural, acontecimentos corpóreos só no plural, encontrar, só no plural... Lançados emergem como pluralidades, como permanências vorazes – *língua-corpos* disputando as razões da interioridade na superfície lisa dos afetos... Para além das exigências de pontuação e avaliação, a marca indica posse. Deixar-se, manter-se à distância, construir distâncias. Trata-se de distâncias e distanciamentos, como fuga nas e das hegemônias – os alargamentos permitem as invasões ou as invasões permitem os alargamentos, a tradução do corpo em outra língua – contorcionismo das figuras, das formas... Velho deus emerge como marca, como persistência e garantia... Aferindo juízos, demarcando ações, observando o egoísmo - deve ser mantido, agraciado, aceito e levado a cabo na organização do organismo, na disposição do seu funcionamento... No plural dos encontros, as vias se embaralham – a dúvida, como o violentar das marcas, como instrumentos das marcas! A dúvida como indício da tensão entre as avaliações-corpóreas!

Permissão

Pode! Poder, pode! Pode poder!

Pessoa

Uma **A** hierarquia, um organismo, **vida** uma função, uma previsibilidade **é**, uma escolha, uma posse, **feita** uma certeza, **de** um desejo, uma vontade, **escolhas** par de pernas caminham seguras na direção, um alvo, um destino, um mundo, um critério para a ação, um saber fazer, um saber ser, um saber dizer e falar, um saber desprezar, um bem, um mal... Através do pensar, um bem, um mal. Pessoa: ressonâncias do estilo? Impessoal – buracos saltam aos olhos – resistências à face, ultrapassagens metamorfis, desorganismos, inadequação... Pensar: sintoma vinculante na sensação do descontrole?
E para tais, precisamos da filosofia.

Pessoa

Um monte de coisas e milhares de pensamentos... Sou de aquário, sou capaz de afirmar, sou crente, sou devota, sou filósofa, sou artista. Pouca pedra, pouco céu, asa de águia, sorriso de lagarta, patas de elefante. Sou, sobretudo, sou por vezes, totalmente maluca...

Piscar o olho

Ainda sobre a dúvida... O balançar no vento na proa dos olhos, o balançar das roupas secando ao vento, o ruído da panela de pressão, a sombra das folhas junto ao nascer da aurora, a imensidão dos graus de azul, o pássaro quieto e atento, chocando ovos no ninho, as disputas dos micos por alimento, os uivos dos cães ao anoitecer, o despontar da luz da lua cheia no início do crepúsculo, a invasão dos sons, a invasão dos gostos, a invasão da pele, a invasão do alimento no aparelho digestivo, a certeza dos vermes, o desenvolvimento das doenças, a morte por infecção urinária, o esquecimento de si no Alzheimer – ação sem dúvida... A dúvida e movimento de ultrapassagem, e tensão de ultrapassagem, e furo no muro... Como ambigüidade, como impedimento e resistência... Como traço inevitável... Instante de paralisia? Satisfação momentânea? Olhos que piscam! Corpos em dúvida?

Podeis experimentar

(Erleben Könn): através da possibilidade do experimentar ultrapassar as garantias, ultrapassar a forma e os tipos nas suas delimitações de fronteira. Através da experiência, forçar a ruptura das conquistas, dos bens instaurados na composição da forma e tipos ao

longo da história. Experiência como índice de deslocamentos, como forja de rupturas, na participação da diversidade inusitada de estados e filiações. Experiência como salto na língua do sentido, na língua da composição. Experiência como evento da invenção, como imanência nas disputas instauradoras da aparência do visível. Experiência como modo operante do vivo, como deslocamento inerente ao vivo, como disponibilidade ao vivo. Felicidade, razão e virtude alvejados na aurora da e pela experiência, deslocados da sua pretensa certeza e obrigatoriedade. Felicidade, razão e virtude ultrapassados na suas hierarquias como corpo, nas suas disposições e diferenças de grau na edificação da forma. Inerente à experiência, a ruptura radical com as delimitações do meu, seu, isso e aquilo. A experiência como conquista da indagação e do destino - o que pode um corpo, em experiência, ou o que pode, em experiência, lançar-se um corpo como desprezo e nojo?

Poder

Diversificou, expandiu, criou zona de decisão... Atuou sobre olhos, sobre visto, sobre tato, sobre olfato... Diversificou, expandiu.

Pôncio

O que é a **verdade**? Da banalidade à cidadania.

Povo reunido na praça

Multidão. Aglomerado de vários uns – contrapõe-se ao qualquer, ao algum e ao nenhum – próximo demais do ninguém, mas distante do todos. Na praça, circula o corrente... Como corrente, o comum, espécie sofisticada de semelhança – com aspirações comuns, desejos comuns, iras e ódios comuns. Espaço rápido de disseminação e de produção da vulgaridade - espaço de proliferação do *socius* na instauração das exigências de corpo comum, língua comum. Imbricação singular: praça e povo, mercado e povo - em meio ao comum, circula a moeda e as trocas. Reunião como espaço de confraternização no qual reina a fadiga do mesmo – proliferação de língua, de prós e contras que afirmam a igualdade na semelhança. Produção de corpos que teimam em restringir... Oh... Uh... Ula, lá... Gol...

Povo riu

Ruído de cochicho - hum, eh, hehehe, assim, será? Distante, êtá nóis! Na fala mansa: esse homem tá louco, perdeu o sentido, acredita demais, quer nos convencer do contrário, de condenar ao inferno. Tenho medo, para aonde anda o andarilho? Para aonde caminham os seus passos e pés curvos? Acredita ainda em algo? Vem nos desviar, confundir nossa mente? Seria um criminoso? Fala de mansinho, língua estranha? Gargalhada sonora: cheira solidão, têm passos demasiado lentos e se arroga diferente de nós, portador de ilhas bem aventuradas, de códigos e novas canções!

Prazer

Como suspensão da dor e do temor, como estratégia diante do medo da morte e do horror... Prazer e desequilíbrio, prazer e confusão, prazer e descontrole? Prazer como felicidade, felicidade como suspensão? Como corpo responde as demandas de corpos! Como corpo degusta palavras de corpo... Como corpo fala, como corpo ouve, como corpo degusta, fragmenta, interpõe e interpreta? Afetos exigem ausências? Quando da dor falam pulmões, falam dedos e pés e mãos ou falam a organização das funções... Ausências de dor – resistência a expansão? Ausências de alegrias – ápice da superação, da alteração da direção? Da ordem da disputa entre os níveis e graus... Reverberações dos signos na produção dos sentidos! Dor como produção de máscara... Como corpo doloroso reverbera acontecimentos de superfície... Prazer como compatibilidade e índice de resistência e instauração de relação... Prazer como expansão, como ausência de controle, como amor ao precipício e travessias... Corpos amantes da dor, corpos amantes do temor, corpos amantes do horror... Prazer amante da dor! Como rimar prazer e dor? Como rimar prazer e dor?

Preguiça

Tristeza, preguiça, preguiça triste? Tristeza e preguiçosa... Preguiçosa e tristeza... Renúncia ao acontecimento de si? Renúncia voluntária – abandono necessário da singularidade, expressão da escassez ou da necessidade de destino – corpo deixa-se cair, repousar sobre mesa: reverberações do esgotamento da resistência – **fechar a cabeça:** hibernar? Tristeza como propulsora da preguiça... Quanto mais tristeza, mais lentidão, mais submissão e elanguescimento? Quando fala a tristeza, instaura-se preguiça – seria o medo fonte da tristeza? O que pode o medo? O que pode o cansaço? Desleixo frente à fatalidade da condição? A fatalidade da condição como propulsora da preguiça? Riso como antídoto à preguiça! Quanto pode um corpo quando ri? Riso como escalada,

como conquista de degrau, como expressão das inúmeras hierarquias! Quando tristeza invade, renúncia – reflexo do acúmulo: ausência de persistência ou impossibilidade na relação? ***Há riso na tristeza - ilusões da igualdade?*** Equivalências: *tristeza-esgotamento-preguiça-cansaço*? Preguiça para além das oposições... Acontecimento entre possíveis.

Presidenciável

Um currículo com 12 matérias não atrai os jovens. <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/09/bom-dia-brasil-entrevista-dilma-rousseff.html>

Primeira parte

A divisão supõe segunda parte? Há um desejo de composição e de intercomunicação entre as partes? A primeira deve anteceder à última, que finda as tensões da primeira e da segunda e assim ao infinito? Seriam as últimas posições as mais significativas ou o sentido inerente às partes conservaria em si as condições gerais para a sua afetação? Como primeira indica o início - como configurar o sentido de um início? Início como ruptura, como emergência do inusitado. Quando da ruptura? Quando um início inicia-se? Quando voz outra e *pathos* outro passam a operar, a exigir e impor interpretações valorativas oriunda de novos arranjos, outras experiências... As composições com o fora. O início está diretamente vinculado a experiências, a arrombamentos disruptivos... O encadeamento entre as partes mantém-se na vigência das reverberações de um início. Um início dura enquanto se mantêm tensas as repercussões gerais das suas vigências... A ruptura se dá na ruína, na disputa pela vigência entre inícios... Nesse caso, a repercussão acaba por encadear as partes, de sedimentar, mesmo que fissuradamente, a composição do sentido em um estilo, de uma obra ou ação... Um início dispara um conjunto inumerável de sequências, de distanciamentos e aproximações... Quando do início, introduz-se um era de errância – blocos de sentido disputam violentamente as eras. A primeira parte como fissura atuante de um início, a segunda como ressonância, como imposição e composição com outros e inumeráveis inícios.

Primeira vez

Saída da multidão, do rosto uniforme, do desejo uniforme... Saída... Ruptura com o lado de lá... Para além e aquém do preto e branco, em uma colorida identidade amórfica, anomá-la... Feito cauda de pavão, feito floração multicolor, na composição do estilo sob a

égide do gosto, da imposição do paladar... Resistir à imposição dos grandes homens, dos grandes pensamentos, da necessidade de filiação e aconchego das hordas lançadas nas narrativas ao longo da história do pensamento... Receio frente às possibilidades nos jogos com a composição do corpo e seus estilos na embriaguês do encontro... Qual o critério, o porquê da insegurança? Primeira vez...

Problema fundamental

O que é a **verdade**?

Professor

Disse uma frase...

Já cheguei a me achar relativista, pois afinal, tudo não deixa de ser convenção humana. Por outro lado, poderia ser, quem sabe, uma cética, 'só sei que nada sei', muito clichê... Entretanto, não deixa de ser um fato, que na verdade, nunca sabemos realmente, são apenas suposições. Todavia, se sei o que sei é porque existiu, ou existe um mundo paralelo que me deu tal noção, neste estágio me torno platônica. A conclusão que chego, talvez eu seja um pouco de cada, ou nada de nenhuma. Que eu apenas sou eu, e que me comporto dessa maneira porque fui criada neste ambiente, com esta cultura, também acreditando na influência genética ou espiritual, quem sabe.

Projeto

Por educação tomam-se os encontros que ampliam a variação dos graus e diversificação e multiplicação das hierarquias. Nos encontros, ampliam-se zonas de experimentação nas quais irrompe a diversidade dos graus. A quantidade é a condição para a qualificação. A quantidade como índice da repetição e a qualidade como expressão da diferença. No encontro, jogam-se as quantidades diversas de poder na reivindicação de assertivas. Manter o máximo de tensão, de irresolução e desconfiança, deslizar sobre as dicotomias sonoras das vísceras, seu dialeto melódico.

As reivindicações instauradoras e ininterruptas. Ausência de grau zero ou estágio final para atuações.

Prólogo

Quando do início. Voz do início. Voz que instaura e inaugura. Inaugura ao instaurar. Ausência de distância... pois efetiva-se na enunciação. Ledo engano supor algum tipo de resistência ou latência... No prólogo, dá-se o início... No prólogo ,lança-se a força de um início – decide-se de antemão ou prolonga-se na imposição? No prólogo, anunciam-se as heranças, as tarefas e a meta... O jogo das composições, das afirmações e das superações...

Próprio

Uma distinção, encontros, **Face** sem ressalvas! **Face**?

Quartas-feiras

Ninguém quer ouvir! Alguém ouve? Quando ouve, há alguém? Ouvir - redizer através de si o dito, traduzi-lo em sentido no corpo, colocá-lo em suspensão através da tensão... Sair pela boca e entrar pelos ouvidos, linhas difusas no entre dos corpos, nas demandas por corpos e sentidos... Por intermédio das palavras, ferir ouvidos, por meio dos ouvidos, ferir os pés, por meio dos pés, afagar a terra, tornar um quem em um dito, ferir ou ouvidos... Agora, sou tal e qual... Através das palavras pensadas, afirmar um quem do corpo ou admirá junto às palavras pensadas um quem? Na quarta, havia ouvidos em torno de um quem! O que podem os ouvidos? Ninguém sabe o que podem os ouvidos! Ninguém! A pele ouve? Pode a pele ouvir?

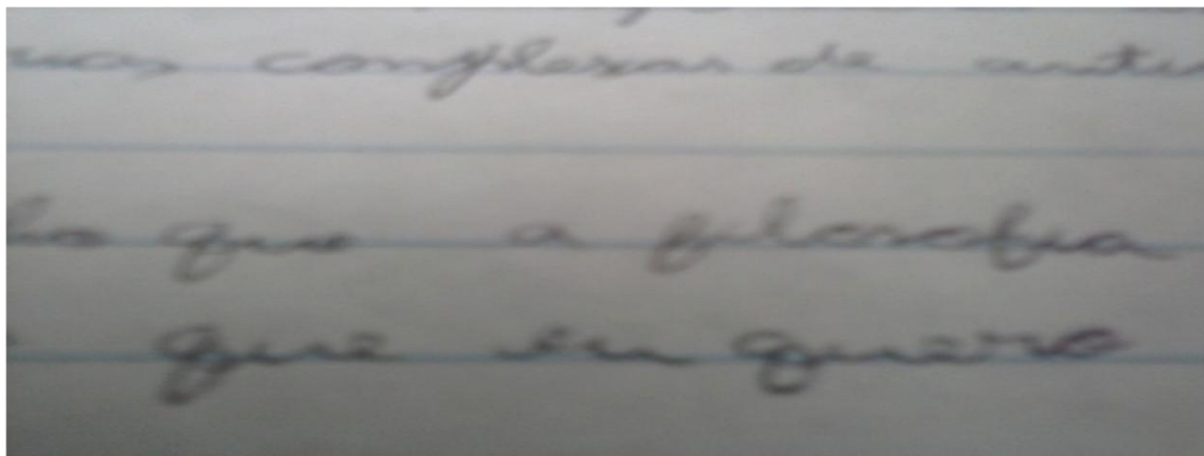
Que é?

(Was ist): hino à dúvida. Quanto ao passado, quanto ao que passou, quanto ao que passava no que passou, quanto à lembrança do que passou, quanto às condições de lembrança frente ao que passou, quanto ao que viveu, quanto ao que experimentou, quanto ao desejo de experimentar os sinais das fronteiras distantes do andor, quanto ao instante, quanto ao sabor do vento nas narinas, quanto ao calor do corpo e das entranhas, quanto ao estatuto de coisa, de laços entre as coisas, quanto ao sentido, quanto ao movimento dos olhos e dos pés sob o caminhar das aranhas, quanto à certeza da justiça, quanto à certeza da morte, do crescimento das unhas, quanto à velocidade do carro no velocímetro. Dúvida quando a tudo que é, ao que é naquilo que dura, quanto ao que dura naquilo que está sendo, quanto ao que está sendo, quanto ao sentido atrelado às palavras empoeiradas, emporcalhadas de metafísica.... Dúvida do poder da dúvida...

Não se caminha a passos rápidos e tépidos para certezas... Dúvida como instrumento da certeza, como momento ulterior da certeza, para o corte com o bisturi, para a correção com caneta, para marca em boletim.

Querer

Fina linha em um traço afirma:



Querer governar

Atrair de determinado modo; impor ao atrair determinado modo; ser capaz de atrair em determinado modo; exceder atraindo determinado modo; solver no querer determinado modo; querendo solver determinado modo; querer = governar determinado modo. Da ordem do querer, a imposição de modo. Sob o signo do calor, sob o signo da cor, sob o signo do som, sob o signo da pele... As inerências ao som como índice de governo. Atração pela nota, composição com a nota, submetimento às exigências da nota e da composição – Hierarquias de sons como império do querer como governo. Conflitos incessantes de imposição de governos... Governo: no plano do visível: emergência de território... Quem, como império do governar em um querer... A película do visível como grau possível do conflito do querer.

Querer obedecer

Deixar-se atrair ou sucumbir? A ilusão do sucumbir como destruição da tensão do querer! Nível de querer reinterpretado através da sedução do governo. Possível apenas no plano da idealidade na ideia de domínio! Domínio como anulação da diferença e não como índice da experiência junto à vigência da diferença. Sucumbir ao governo da diferença. A produção do sentido como interpretação do signo interpretante... Reconhecimento, no nível do combate, da determinação pela sedução adjacente...

Desprezo por anomalias... Obedecer: aceite afirmativo na imposição da diferença alçada na conjugação da relação... A decomposição do sentido na relação entre a diversidade múltipla do *querer(es)*: a cada instante, apenas governos provisórios e direções... Desejar obedecer: disposição ativa ao combate, ao risco de ser reinterpretado na direção... Trata-se de perder ou ganhar ou da superação das contradições ou do jugo do transbordamento por intermédio da experiência? A perda, a superação como resistência, como hipertrofia da plástica, do arriscar-se na disputa...

Questionar

O curso, o movimento lançado... Produzir fissuras na apreensão do cotidiano... Forçar o cotidiano à desnaturalização das pretensões... Como campo de forças em relação, tornar visíveis as disputas infundáveis... Olhar acurado, olfato acurado na produção das escrituras, das impropriedades da escritura... Como questionamento responde as tensões das ultrapassagens da forma-corpo, do *corpo-mente-razão*? Como o questionar instaura variações e possibilidades?

Real/imaginário

Imagem de caneta sobre o papel? Som do correr das águas? Distinção entre... sol e chuva... Meros indícios de ilusão... Ilusão das distinções... Graus, variações do mesmo? Tomar a razão como um evento da ordem dos encontros entre corpos... Os corpos mesmos, como da ordem dos encontros, nas variações momentâneas... O espaço e tempo como variação dos encontros momentâneos, os encontros como variação dos encontros e o momentâneo como Variação dos encontros... As ilusões da linguagem e suas distinções binárias... Real e imaginário, mente e corpo, homem e mulher... Cedo e tarde... Certo e errado, bem e mal... Sombra e luz... Vida e morte... Marcos e João... Tensões do arco e da lira! Um pouco de mãos como... Um pouco de olhos como... Um pouco de pés como... Um pouco de fígado como... Mistura híbrida... Um pouco de boca como... Um pouco de pés como fígado... Um pouco de imprecisão, de dilatamento...

Rebanho

Cabeças e ombros e olhos e joelhos e pés em uma direção. Ao toque do tambor da economia de mercado e dos marcos regulatórios da constituição civil e penal - Todos são um só... Doses diárias de ração, doses diárias de sonhos, doses diárias de obrigações, de medicamentos, doenças e saúdes. Junto ao tu deves, infalível, inevitável

modo de ser – defendido por tenra idade na reclusão programada das crianças e da infância, da conversão da juventude em operário da fábrica de *coisas-ideias-consumo*... Para o bom funcionamento da máquina, regras claras e precisas para a definição dos cortes, dos sabores e dos odores... Em meio à constituição, níveis de resistência? Ou resistência programada, esperada – convertida em criação e inovação... Desde que se mantenha a ordem e os bons costumes do amor e da convivência pacífica e a distância necessária de algum clã e a defesa geral da manutenção e conservação da ordem que vige... Para além do sim e do não e suas patéticas... E se um dia não houver nada mais a ser dito, pensado, pintado e *selfiado*: o dia inteiro dedicado à (___)? Mamãe morre de medo de barata, colocaram um cadeado no portão! Filha de família que não se casa papai não dá nenhum tostão... Família! Família! Engrenagem primeira do rebanho de classe média...

Redimir o passado

Capaz de conquistar o passado, trazê-lo à tona como fruto e não como mágoa. Verter a flecha do tempo e sua teimosia em apontar o futuro e o mais além. De um só pulo, almejar parcelas integrais de passado, de territórios já visitados, cristalizados em algum banco de memória ou grafados nas paredes da terra, nas entranhas da terra, nas chagas dos corpos. De um só golpe, transitar a autoridade do passado na verve de trazê-lo mais uma vez, de tomá-lo mais uma vez, de experienciá-lo mais uma vez. Instituir, através da vontade, caminhos outros no passado, caminhos outros de passado... Em ato de afirmação plena, lançar-se de peito aberto ao passado e sua teimosia em pretender afirmar sua hegemonia...

Refletir

Maçã no espelho.

Resultado

Ao final, nada se aprende, dizem uns...

Rio imundo: o homem

Um passar de águas, relampejar de águas nas suas descidas, na volúpia das suas conquistas. A cada centímetro da rocha que sede, em cada milímetro de água que espuma e salta, o passar das margens e a instauração das margens... Junto às margens,

descem as imundícies – os traços dos territórios, a conquista nos seus lamentos e atestações. Junto às margens, corpos em memória, trajetos de memórias afundadas em hábitos de tradições adoentadas e desconfiadas... Acúmulo de avaliações, de tentativas e experimentações variadas desse território que se nomeia homem. A cada conquista, uma forma de si, um lamento de si, um transtorno de si através do deslocar das águas... Homem: soma variada do acúmulo do tormento das águas em descida.

Sabedoria

Saber a sabedoria! Sabedoria: a felicidade, logo... Reconhece-se um homem pela qualidade do seu andar, pela entonação do seu falar, pelas ações não realizadas, pelo movimento dos olhos no entardecer, pela salivação, pela disposição dos dentes, pela necessidade de atividade, de descanso, por seus inimigos, pela fraqueza do seu desespero, pelos movimentos dos joelhos nas escaladas das montanhas, pelo vigor dos seus cabelos, pela necessidade de companhia, pelos clamores de reconhecimento, pelos atropelos, pelos sins, não, talvez. No rigor das suas derrotas, nos movimentos inquietos na ânsia de combates... Reconhece-se um homem feliz na qualidade e na exuberância acanhada do seu desprezo... Apressadamente tomaram-se exigências de singularidades por medicamentos! Afinal, o sentido para existir esgota-se na felicidade? Milagrosamente ouve-se o canto da sereia: a concordância, a correspondência... Meros artefatos da relação lançada aos encontros? Quais ouvidos ouvem! Oh órgão dos órgãos! Sob pele macia repousa o dragão da maldade! - Não me diga! Então seriam os ouvidos, órgãos da verdade?

Saber responder

Uma pergunta deverá conter sua resposta. A resposta deverá conter as inclinações, indagações da pergunta. A pergunta, bem como a resposta deverão ser produzidas por um pensar. A soma da variedade dos pensar (es) dá-se como pensamento. Respostas ainda para perguntas não formuladas... Perguntas para respostas já dadas... As respostas precisam ainda de tempo, mas ainda há espaço para perguntas, perguntas sem resposta ou corpos ainda possíveis com vozes indecifráveis? Paradoxo: **descobrir quem alguém é sem saber que aquela pessoa sou eu mesma**. Bem vindo ao erro, ou à pertinência constante das dobras - pensar como distensão, como dilatação dos impossíveis de si?

Sábios voltem a se alegrar

A sabedoria como fastio, como produção incessante de tristeza e ressentimento sobre a vida. Outrora, caminhava-se rumo ao fim, como dolorosa espera de vida futura. Outrora, construíam-se pontes para o longínquo ideal. Corpo como inimigo, afetos como inimigos, língua e voz como desvios e ruína. Alegria como gozo sem corpo, como voz sem som, como vida sem sangue. Voltar, retomar de modo que novamente seja possível, sem que se decida outro destino. Sábios como mestres da alegria, como experimentadores do júbilo, como anfitriões dos excessos, como fartos – transtornados pelos múltiplos sabores e odores. Corpos afiados na alegria, na expansão da multiplicidade de si. Voltar: conquistar novamente o acontecimento de si, estar à altura das singularidades do acontecimento de si na atividade de saborear o sabor das enésimas rupturas. Alegrar e conquistar o riso portador da afirmação. Mede-se um sábio pelo tom e largueza do seu humor. Como algum sábio é capaz de ensinar o riso? Como algum sábio é capaz de conquistar o pensar que sorri? Como algum sábio é capaz de um pensar que se alegra?

Sacrificar à terra

Imolar-se à terra. Perder-se nas suas curvas, nos seus inumeráveis sabores e odores. Ariscar-se aos picos, às subidas e aos saltos nos grandes mergulhos na superfície. Forçar a ausência de oxigênio, aprofundar os orifícios e as circulações maquínicas... Multiplicar as vozes, as velocidades e os sentidos, extravasar as diretrizes. Maquinar língua, dedos, lábios, orifícios... Entrelaçar com as estrelas, com o azul do céu, com o frio da noite e da névoa... Misturar-se com o ar e o vazio, beber sangue, sorver sangue, inverter as entranhas... Trafegar a dor, desconfiar a dor. Arrombar o sofrimento. Suspender desejos de origem – ariscar-se corpo, sobrepesar razão!

Sair da caverna

Algum acesso privilegiado? Algum oco a ser desvendado? Algum si a ser encontrado? Alguma alienação a ser desfeita? Algum? Um pote vazio – ainda a ser cheio, ainda a ser transbordado, transfigurado, *des-sacralizado*? Em campo, as vivas e intensas variáveis! Esfregando e atritando... Espremendo... Roendo e Ruminando e ficando junto e distanciando e alargando...

Sair ou manter a caverna

vozes ou recrudescer na decisão, nas vias benfazejas do acerto... Se penso, vivo ou por que sempre a verdade? Estar ao lado ou lançar ao lado? Afinal, o maior dos erros...

Sentir

Aguardo de novo nome! Distância e proximidade: faces do inominável novo...

Ser amado

A mais alta estima... O que enseja a disputa e a razão de ser...

Ser ponte

Como ponte, passagem. Como passagem entre pontuações, entre liames, entre destinos, entre pontos em ultrapassagens. Ser do entre... Em meio, em meio aos acontecimentos das infindáveis distâncias dos entre(s)... Escapes em duração... Homem: categorização falível. Enganar-se sobre a forma? Ponte como meta... Homem: um dos possíveis alvos? Abdicar da conservação... Em questão: a razoabilidade da civilização e as imposições da formação.... Pontos como índices de experimentação ou espécie sofisticada de trajeto e por que não de estilo? Estilo como meta do ser ponte? Estilo homem: selvagem, bárbaro ou civilizado. Ocidente ou oriente? As valorações pairam sobre o fato ponte, temem o fato ponte, almejam a extinção do ser ponte. Homem: eufemismo de **permanecer**. Bem e mal como índices para a fabricação do corpo homem. Verdade como instrumento de fabricação do ser homem – verdade como tentativa diante do ser ponte e não meta.

Sócrates em meio às carteiras

Sei que nada sei, mas desconfio de alguma coisa!

Superiores ao desconhecido

Ceticismo a favor da crença... Cavalgas sobre pés de pavão... Razão contra razão ou corpo a favor de corpo?

Terra está cansada

(Müde): na disputa infindável, na afirmação severa do sentido, a exaustão se codifica. Sob o corpo indistinto da terra e suas potências, estende-se a face codificadora da morte e o desejo da morte. Sugar a seiva, alimentar-se da seiva – tática dos vermes... Vermes que decompõem, que compõem decompondo, exaurindo... Táticas e técnicas de

produção de cansaço e exaustão: espreitar pela madrugada; identificar o menor nível de resistência; fugir ao combate direto; encontrar refúgios seguros; almejar a conservação; impedir a produção da variação; submeter aos estreitamentos, aos currais de tipificação; instaurar a dúvida, propor coletivos de identidades e semelhanças, deduzir a diferença a partir da ideia de semelhança, produzir ambientes abafados... De qualquer modo, sugar, sugar, sugar e impedir e impedir – assumir o lugar da fala por todos; dizer no lugar de todos; instaurar um lugar para dizer de todos; supor o todos para produzir o seu dizer - dar o laço, abrir as mandíbulas. Instaurar o caminho e agarrar-se onde o sangue flui com mais intensidade, sem sugá-lo em demasia - manter a fonte doente, mas estável. Afinal, sobrevive-se na produção do adoecimento... A terra está cansada... Como corpo pleno reage, na disputa e produção de sentido... Se brotou na fala, há resistência! Assim a terra canta: foge verme! Foge e come as minhas entranhas! Suga com bondade, até a exaustão das veias, dos fluidos. Suga... Suga... Suga... Acolhe a seiva - vê se suporta... Sou demasiada feliz para sucumbir às verminoses, às multidões de verminoses... Salvo engano, fazem parte de mim! Modos de operar dos incansáveis e infindáveis lances de dados que produzo, na variação das minhas formas... Na minha opulência habita a resistência, na minha opulência habita a resistência... Produzo constantemente a morte que supero... Venha verme, lamberei com amor a sua face e estenderei o meu sangue...

Terra pequena

Sob a hegemonia de um modo: ligações entre os pontos, circunavegação do todo em processo de expansão... Ampliação gradativa dos níveis de controle. Por via aérea, férrea, marítima e terrestre edifica-se passagens para ligar o maior número possível de pontos, de construir pontos para ligação – ambientes impessoais – aparelhos como aeroportos, shopping centers, fest food... O império das empreiteiras, a construção de arenas de futebol. A assombrosa audiência das partidas de futebol. A hegemonização dos logotipos, logomarcas... Construção necessária: a ilusão da escolha, a ideia de liberdade e direitos iguais. Interconexão e dependência maciça dos mercados de trocas – valor de equivalência na conversão das moedas... Judeus vendem para chineses que exportam para palestinos... Tendência na construção de dialeto único... De ciência única e de único pensar e de método único... A produção da ciência e a delimitação do âmbito de validade do pensar... Projeto de emancipação do esclarecimento... O apequenamento como face visível da expansão do controle... No âmbito bélico, condição de explodir o planeta, de produzir a desertificação como realização da paz perpétua...

Textos

Escritos de Tales de Mileto, perguntas, Anaximandro de Mileto, Heisenberg, Xenofonte, Platão, Agostinho, Protágoras de Agrigento, Karl Marx, Comte, Nietzsche, Sartre, Sponville, Marcos Vinícius, Revista Época, saída ao banheiro, A excêntrica Família de Antonia, Marilena Chauí, Pequena Miss San Shine, Hesíodo, A servidão Moderna, Hume, Kant, Epicuro, Einstein, o preço do lanche, racionais, intervenções diversas, os uniformes, os sinos, as falas entrecortadas e olhares e andares, os celulares... Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eléia, A ilíada e Odisséia, traços de giz no quadro-negro...

Todos

Prescrição de pura ingenuidade! Seriam alguns **t**odos? Seriam alguns ninguéns? Seriam **t**odos alguém? Mas quem diz todos? Soma do mesmo? Produzir **al**guém como todos. Todos devem. **Todos podem**. Todos **são**!

Tornou-se uma criança

Facho de inocente invenção... Distante dos sins e nãoos, dos prós e contras e das certezas do conhecimento e da enunciação... Longe das formas impostas pela moralização dos costumes e das submissões aos enunciados da tradição sobre o corpo... Ainda não carregado de certezas sobre mundo, si mesmo, outro e coisas... Abrigado pela distância e na distância ressoa experiência... Brilha com o sol, escurece com a noite, nada com a onda, flutua e ouve com os pássaros, pulsa com a vida, chora com a vida... Quanto de força para tornar-se criança... Quantos degraus a subir? Quantas idas e vindas na ambivalência do tornar-se, nos deslocamentos do tornar-se, dos escapes do tornar-se! Tornar-se como experiência na multiplicidade dos modos através da variação e

variações entre os estados... Habituar a desabituar... Habituar a criança e suas danças – perpassado!

Trabalhar, inventar casa

Em meio ao trabalho, edificar colunas, abrir espaços, dispor mundo e coisas. Na invenção, fabricar instrumentos, utensílios – construir a servidão ao futuro, ao mais além, ao inusitado desconhecido!

Trabalho

Contradições? Da foice à robótica... Para alguns, necessidade, para alguns... Jatos e salários-mínimos? Mínimos salários e jatos e aeroportos, tortos, portos, máximos!

Trago aos homens um presente

(Geschenk): doar de modo que o presente ressoe mais uma vez como possível. De modo que, no presente, decida-se a intensidade viva do instante. Felicidade da entrega, da distribuição, daquilo que simplesmente verte. Feliz por entregar, por distribuir através da enunciação o ato de doar. Desviar-se do convencer, do exigir através de razões alguma renúncia ou superação. Alçar encontros através da potência do doar – trafegar para além da falta. O encontro como signo do acontecer que distribui.

Trinta anos de idade

Aos trinta anos de idade rompe-se consigo mesmo. Hábitos e costumes, clima, alimentação, amigos e inimigos. Pátria e povo deixados de lado na irrupção da ruptura radical, da conquista do silêncio, na posição da fronteira em que se decide o falar em uma língua. Trata-se de conquistar um corpo-língua, de confrontar-se duramente com as exigências mortais de existir sob a égide de um costume, na fabricação incessante de corpos, homens, povo e nação requisitados na moralização dos costumes duramente praticados na composição de uma civilização. A ruptura, como escape, como distanciamento e ruína como condição para a afirmação da singularidade do acontecimento de si... Deixar a pátria... projetar no entre, na resistência diante do subjugar incessante...

Turma

Carteiras dispostas... Portas maciças, com maçanetas, chaves, trincos, pintadas...



Janelas, joelhos flexionados... Cabeças ao vento! Ficam abertas, por momentos... Intervalo na duração... Por breves instantes, ficam abertas...

Übermenschen

Palavra inventada. Palavra lançada com fins a afirmar. Palavra conceito: tece e entretece suas vizinhanças – exige participações, exclusões, diferenças. Lapida-se ao enunciar-se: sofisticação da disputa entre as vísceras. Palavra que propõe mundo; instaura na enunciação: homens e coisas e relações. Como brasão aponta para futuro que presentifica, reivindicando posições e resistências. Esculpir palavras; palavras inauguradoras de experiências, inauguradoras de sonoridade e sentido... Disputa no reino das palavras, ofício mor do pensador... Se és capaz de pensar, deve ser inventor de palavras, palavras-destino, *corpo-palavra-destino!* Se és capaz de pensar, deve se arriscar na decisão, na construção de palavras... Para além... Muito além... Distante a ponto de tornar-outro...

Último

Atual no instante presente ou presentificação da forma alcançada ou a maior duração ou na escalada dos graus, o de menor relevância ou a persistência do presente ou a persistência do presente na consecução e manutenção ou falência da invenção ou resistência à invenção ou regozijo no que foi ou teimosia da forma e satisfação ou deveras superado ou insistência ou grau elevado de satisfação ou realização do projeto inicial ou acabamento do projeto de existência designado homem ou corpo formado em meio aos pequenos e rotineiros prazeres ou realização do fracasso ou afirmação do cansaço diante da invenção ou fabricação de mínimo ou aclamação do fim...

Um ano marcante

Dizer de uma mudança! Os sentidos discursivos, os encontros e as desrupturas narrativas... Os acolhimentos como índices de rupturas, de trânsito dos afetos e direções... O contato com ideias: como ideias respondem a corpos, como corpos produzem ideias e nas suas direções produzem corpos e hierarquias e graus e funções diversas... Ideias como corpos em degustação, como corpos belicosos... Disputas em torno da afirmação de corpos, de saúdes, doenças e fantasmas... De corpos fazem-se ideias de ideias se fazem corpos... Corpos de mãos, de pés, de aconchegos e ouvidos... Corpos que desviam, que agem sob a pressão de milênios... Jovens corpos resistentes ao ferro e à brasa e à crueldade das punições... Outrora, pensou-se possível distinguir corpo de pensamento, razão de vontade, língua de carne, organização do caos dos afetos das inúmeras linguagens dos afetos!

Um livro

Uma música? Indício de unidade ou designação de conjuntos de sentidos variados, de modos e tons, de tonalidades afetivas múltiplas? Produção incessante de vários indícios, de tensões diversas disputadas nas atuações reivindicadoras. Um como enigma e não como indício de autoria? Um e vários e demais. A unidade aponta para a semelhança e autoria? A unidade aponta para o agrupamento em torno de um sujeito da unidade? A unidade aponta para a manutenção de um *pathos* específico, da vigência de um *pathos* específico ou induz ao erro de supor a referência a um sujeito da unidade? A unidade como ficção ou como rastro das atuações reivindicantes? O enigma da unidade como cifra da designação. A unidade serve como agrupamento do diverso ou expressa alguma intenção fundante? Como unidade, designa um livro ou conjunto de atuações, de graus e multiplicidades sonoras... Como unidade em livro designa autor e destinatário? A ideia de unidade como livro... Unidade como livro e autoria. A unidade como efeito retórico ou como conquista de estilo... O estilo como unidade provisória, como escultura de um acontecer específico. A idéia de unidade como composição, como indício de encontro em que se disputam hegemonias, como espaço no qual uma duração se estabelece. Um, como indício de unidade fragmentada, como unidade em tensões, como expressão da unidade em multiplicidade... Um, como face oculta da exposição ao conflito. Um, como esforço que impõe na sua vigência a proposição de sentido específico. Livro como música. Música como livro... Pensamentos como sensações sonoras, como canto de pássaro lançados ao vento, no encontro da audição, na disputa contra e a favor do

silêncio... Quanto de silêncio para a instauração da audição na dança junto a pensamentos sonoros... Na imensidão do azul, balanço singelo das sombras... nos rastros dos chinelos ao chão...

Uma corda

(Ein Seil): uma travessia, uma passagem, um ponto intermediário, um perpétuo ainda-não, um fazimento, um deslocamento... Tensão permanente em um movimento incessante de tornar-se. Sem ponto final, sem ponto de chegada, sem conquista definitiva. Negação inocente de qualquer unidade e identidade – campo de atuação permanente, de extensão dos limites, da multiplicação dos limites... Alcança-se o superável... Sem conservação, pura inescotabilidade em peremptória afirmação das distâncias de si. Como decisão, alinha-se aos desafios do estar lançado sobre abismos e entre torres móveis...

Usar sempre

Trazer consigo, sempre à mão, na ponta dos dedos, na ponta do olhar, na porta de todos os baús... Usos e desusos da utilidade do filosofar: a tiracolo... Mochila sem peso, caderno sem pressa, passo tranquilo... Um caso específico da precisão! Binóculo: quando aumenta, diminui! A tiracolo, passo tranquilo...

Alguns

esperam

a

morte.

Último

Atual no instante presente ou presentificação da forma alcançada ou a maior duração ou na escalada dos graus o de menor relevância ou a persistência do presente ou a persistência do presente na consecução e manutenção ou falência da invenção ou resistência à invenção ou regozijo no que foi ou teimosia da forma e satisfação ou deveras superado ou insistência ou grau elevado de satisfação ou realização do projeto

inicial ou acabamento do projeto de existência designado homem ou corpo formado em meio aos pequenos e rotineiros prazeres ou realização do fracasso ou afirmação do cansaço diante da invenção ou fabricação de mínimo ou aclamação do fim...

Valioso instrumento

Seria então uma arma? ***Criar-se a cada dia.*** Dialeto infalível... o clamor da chama. Oh fogo!



Veneno

Em pequenas e constantes gotas, destilado em porçõeszinhas. Acusações rotineiras, ressentimentos... Império do se e das vinganças mais secretas e recônditas, daquelas que removem sonhos noturnos, mantém a consecução dos dias e a habitualidade do andar e do movimento dos olhos e órgãos do juízo... Destilar é a meta: tornar mais concentrado, perigoso e mortal as pequenas gotas da (___)

Verdadeiras

As falas dos pais, os discursos da TV, o encontro com os amigos, as descrições na pregação, os ganhadores da Mega-sena, as palavras cruzadas no programa do Sílvio Santos, a destreza do Neymar, o calor do sol, o valor do dinheiro, o vestibular, o emprego na fábrica, a cerveja de domingo, o arroz com feijão, a carne assada, o rodízio no aniversário, as roupas de marca, o calçadão na rua Halfeld, as aulas de matemática, a masturbação na internet, o beijo do namorado, o riso dos amigos, as *encarnações*, o aparelho nos dentes, o frio na barriga, o olhar dos pais, as espinhas na face, o hino do

time do coração, a viagem de lua de mel, o vestido da formatura, a corrupção no Brasil, o quarto e os quadros na parede, o professor, as carteiras na sala de aula, a nota no boletim, passar de ano, o tênis no pé, o celular na mão, os cadernos na mochila, as palavras ao vento?

Vestibular

Ocupação intermitente! Critério de seleção, de utilidade, de seriedade, de conversão, de certeza e destino, para a disposição dos órgãos dos corpos... Uníssonos: da primeira à última fila: ***utensílios para o vestibular...***

Vibrar

Roçar, esfregar as partes mais distantes, as mais audaciosas e vorazes, atritar com lama, como, esterco de boi, atritar com os raios de sol nos ouvidos, com os lamentos nos olhos, com os pés sobre as colinas da boca... Esfregar a língua nos dialetos ainda possíveis... Fantasia... Miraculosa fantasia... De alegria, lágrima percorre o sangue e as veias! Delírio de corpo-pensador: as disputas de sentido: altura das alturas... Distante dos encantos e exigências da conservação...

Vida

sobretudo

frágil,

incerta...

Vida mais longa

De maior duração ou maior resistência? Maior resistência ou maior duração? Duração e resistência se equivalem? O arriscar-se como antípoda da longevidade? O risco como o maior dos perigos, a tentação, a invenção e o descontrole como inimigos? Vivas à vida mais longa! Há duração na vida mais longa?

Virtude como fatalidade

Campo de irresistível resistência... Em cada ato, a cada ação, puras afirmações se deslocam em meio às disputas das disposições das configurações. Um para lá, para cá e mais uma vez... Sob qualquer perspectiva, ausência de escapes – reivindicação

incessante de querer e mais poder... Assumir a fatalidade da configuração momentânea... Suspender a dúvida ou o duvidar como emergência da variação e multiplicação... Escalar a dinâmica superfície de si – das infinitas máscaras – sob a pele: 70 vezes 7.... Lutar contra a asfixia – inócuo pretender escapar!

Viu um homem velho

Como facho violento de luz, brota a forma - no ver, decide-se um modo de se dar dos encontros - a sua inocente radicalidade e brutalidade. Com rosto e olhos, com rugas, com marcas da senilidade. Sob as andaduras do estender dos espaços, corpo envelhece, enrijece-se e desfaz-se e inventa medidas: alonga-se e encurva-se e encurta-se... Processo de conquista de corpo que teima em se afirmar na disputa com os mecanismos da morte – quanto de morte indica o envelhecimento ou quanto de morte produz envelhecimento? Um homem velho. Como homem, carrega suas angústias. Como velho, experimentou-a diversas vezes. Quantas voltas o relógio deu? Um homem velho é constituído por velhas ideias, por ultrapassada forma? Quanto das indagações do homem velho ressoa antigas formas, rostos e bocas ainda mais antigos, mais distantes no espaço? Deve-se dar ouvidos e corpo ao homem velho, ao suor e odor do homem velho, à língua do homem velho? Deve-se depositar nas mãos do homem velho o cajado e a medida, a certeza dos passos nas sinuosidades, nas bifurcações e desconfianças? Os homens velhos são depositários dos melhores caminhos? Tem alegria nos olhos, têm risos na língua? É possível juventude ao homem velho? Viu um homem – topou inesperadamente e atribuiu forma, concavidades da face, buracos junto aos ossos, o ser ereto... Viu – se apresentou imediatamente na forma em que brotou – afirmando a distinção. Viu um homem. Atribuiu ao homem que viu a insígnia de velho – como marca da forma no tempo. Viu – encontro do entre, das remissões ininterruptas nas suas disputas infundáveis.

Viver

Arriscar em cada fragmento, em cada fresta, ser tentador... A cada fresta tentador, em cada ramo, via entre possíveis... Conversão das vozes: precisar + saber + viver. Amalgamados pelo ser como dever-ser... Ser: dever ser um precisar: calcular com rigor ou como necessidade de cálculo – de qualquer maneira, na busca pela conquista de disposição de ânimo específica... Deve ser preciso conquistar a precisão: precisão como índice de pressa ou de necessidade... A pressa como necessidade de precisão... Dever ser como pressa da necessidade de conquistar um saber precioso para viver... Vida como

desafio, vida como distância entre necessidades... Paira a distinção, um habitar na dobra do juízo... Abrigo da moralidade? Filosofar como habitação típica da moralidade: na busca de saber necessário!

Viver em declínio

Metamorfose dos campos em tensão. Enviesado nos terrores do céu, nas correntezas da terra, na superfície das gotículas do orvalho. Entrecortado pelos encontros com o outro, com o ruído dos carros, das mensagens no celular, pelas redes de TV e cabos de fibra ótica. De repente azul, de repente cinza... Às vezes no ódio, na ira e na bem aventurança. No colo, falam mãos e pés. As coxas tocam a distância da língua... Como homem, carregado de deuses, como mortal, de pedaços se fez tiras. Costas cravejadas em preciosas viagens. No lombo: parte índio, parte branco, parte negro... De pequenas medidas fez-se deslocamento... Em uma das mãos, a sombra dos alemães... Lançar pela janela toda a melancolia do passado, comer as raízes e vomitá-las... Ensinar o esquecer benfazejo... Ensinar o esquecer benfazejo... Picotar a história... Ganhar parcelas de passado... Subverter a hierarquia do corpo! Almejar declinar...

Vizinho

Chega cedo, sai tarde... Nunca abandona o posto, olhos atentos à dinâmica do dia, do passar regular de um dia... Regurgita a tradição, está na tradição, é a tradição – respeita regulamentos, catálogo de ordens. Imensa beleza sua companhia... De braços dados louva, de orelhas aparelhadas condena, juntos invejam-se, juntos dançam música de nota só, de corpo só... De braços dados marcham a superfície da terra, à caça da resistência... Olhos, ouvidos atentos... Quem vem lá? Será um ladrão? Amor ao amigo, ao apoiador... Ódio ao inimigo! Quem vem lá? Será um ladrão? Não fala língua estranha? Não rasteja como um demônio? Ensina corpo outro, será um aliciador?

Voo da mosca – fala do professor

Singelamente mosca figura na memória, que traiçoeira pergunta-se sobre a validade das suas lembranças – a senhora verdade assume a cena, tenta distinguir e garantir... Lançado entre falas, mosca se põe a voar e exige o olhar, na outra extremidade, fala de professor invade ouvidos, disputa atenção com a emergência das divergências... Ao mesmo tempo, o vôo da mosca e a fala aos ouvidos! Corpo reage na busca da atenção

aos zunidos... Os sons em movimento ecoam na disposição dos corpos, na construção dos sentidos... Quanto de corpo e em qual direção?

Zaratustra

Um quem? Uma personagem? Um sujeito histórico? Uma invenção? Certo modo de dizer? Um grupo específico de dizer? Uma disputa em torno da tradição? Um questionamento incisivo da tradição, um movimento ácido diante da tradição, um deslocamento profundo na tradição, uma roda que gira sobre si mesma, um novo começo, uma interdição, um sagrado dizer sim, um sagrado dizer não, um anúncio, uma aposta, um convite, um filosofar poetante, um filosofar desviante, uma busca de ouvidos, por encontros, por desvios e novos começos, redenção via eterno, redenção na afirmação do instante do eterno.

Epílogo

Precisa perder medo da musa

ou

*Somente quantidades de poder estão conferindo e retirando
distinção: nada senão isso*

ou

*A nova coragem - nenhuma verdade apriorística, mas antes livre
subordinação a um pensamento dominante que tem o seu tempo*

ou

Titãs e Nietzsche.

A primeira vista caminhava de um lado para outro da vida. Andar nervoso, mas preciso – calculava tenazmente a distância dos vãos. Nas mãos cajado de madeira. Touca vermelha. Dentes, tinha alguns. Falava da necessidade de matar, de ser o diabo. No fundo dos olhos, espantosa alegria. Cordões pelo pescoço reluziam sob a pele negra exposta ao rigor do sol. Se não falar não tem lua: Sou Deus. Todos estão juntos, a Maria, a Eliza, o João. Se precisar matar... Sou o diabo. E ria. No fundo dos olhos, espantosa alegria, contagiante alegria...

Alinhar-se à afirmação da distinção, à expansão irrestrita da multiplicidade da singularidade dispersa na variação dos encontros - na proposição da sensibilização das ideias e seus portos de chegadas e saídas, em seus pontos de arroubos diante das exigências de manipulação entre as vacâncias e errâncias da multiplicidade chamada corpo...

Palavras chegam e animam, afagam carinhosamente as andadeiras do ser... Cavalgas no lombo dos selvagens... Dos pretos, dos brancos, dos índios, dos amarelos, dos misturados... Hoje, tu és órfão de ti mesmo... No fundo do pote, apenas fluxo... Andar em meio aos pedaços de gente, aos pedaços de sentido e aos sons e aos zumbidos das abelhas... Estavam espalhados, compondo as paisagens do espaço... Nos seus olhares silenciosos, quando da disposição dos corpos, nas disposições do corpo... As reverberações do ouvido nas composições dos órgãos do corpo. Mesclar com corredores de silêncios, de temporalidades e espacialidades... Acolher, acatando... Não

mais que cinco vozes... Mover-se na composição dos espaços, nos jogos intermitentes de sentido... Atravessamentos táteis... a prática do acolher e aguardar, do aguardar acolhendo...

Ensinar a pensar é refazer as minúcias dos argumentos, sua teia dialética? Ensinar – pensar distância atributiva... Ensinar algo a alguém... Todas as insinuações e jogos de poder... Emancipação programada e império da tradição na imposição da mente...

Tecer retratos fictícios... Fala mansa, olhar atento, níveis de compreensão em jovens corpos... Os cabelos joviais, as questões joviais... Quem posso ser? No que devo acreditar? Não posso sair da linha? O que devo experimentar? Encontrar certezas, mesmo que evasivas?

Desde cedo, somos ensinados e influenciados por diversas pessoas,

A

e

O

N

T

e

e

J

M

e

N

T

O

s, estudos, amigos. São tantas coisas que é impossível para qualquer um fazer uma lista precisa.

O império do jeans, dos cabelos e das questões existenciais... Lançadas entre as frias carteiras, aquecida por jovens corpos.

A totalidade das falas do professor emergiu de pé... Os alunos estavam sentados, uns perfilados aos outros... No início, correria... Sôfregos caminham lado a lado, 100 minutos em cada caserna... Ausência de cobrança de controle de frequência... Corpo entusiasmado lançava blocos móveis de pensamentos, em cadeias de questões...

Projetar movimentos de encontros...

A sensibilização da experiência com os discursos filosóficos... Como *corpo-razão* interpreta os signos disparados nas aulas de filosofia? Como *corpo-razão*, interpreta os discursos filosóficos e suas necessidades e graus de hegemonia. Como narrativas, correspondem às exigências de sentido de uma determinada filosofia. Como escapes, se dão e se multiplicam no decorrer dos contatos. Como discursos, ultrapassam as interpretações que pretendem multiplicar sua hegemonia... Como articulações produzidas, promovem suas diferenças. Como incompreensões, apresentam-se em níveis de resistência e auroras do pensar... Como arrombamentos, da tradição, atravessados pelo vivido, circulam corpos. Resistir a tentação da classificação... Permear blocos de sensação junto aos afetos e suas imposições... Espécie sofisticada de degustação das sonoridades, dos relevos, e das evasivas...

Níveis de relação: com o sentido da interpretação; com o modo de recepção do sentido da interpretação; com o corpo... A não distinção entre a recepção dos discursos e as interpretações produzidas pelos corpos na composição das narrativas, na vida e nas sensações de modo geral...

Retorno à rotina de professor: olhos atentos ao espetáculo... Como professor, atente as demandas da instituição... Como professor, atente as demandas da sua inquietação em uma escola voltada para a técnica...

Como corpo, ouviu Zaratustra - a cada instância de sentido um portal de sensação... Como corpo, ouvirá os alunos... Como ouvir os alunos... Primeiro: destituí-los da distância... Como alunos, respondem... Como querer... Indiciar as trajetórias, as incertezas... Não se trata de pesquisa de opinião, mas do modo da relação entre os discursos e a afetação geral...

Antecipar o contato com os textos... Ir ao encontro...

Dois blocos: encontraram com a filosofia, com conteúdos típicos de filosofia,e

Perseguir os inacabados... As produções em movimento. Atração por monstros...

Imagens *anexas*, suas construções-desconstruções.

Produção da variação dos encontros deveria ser a tônica e não a exposição da qualificação das afetações gerais... Falência da compreensão... Passos do tornar pensador... Discursos, corpos, relações...

Importa destacar a apreensão corpórea no encontro com os discursos filosóficos expressas nas composições... Como questão: o fato da apreensão! Construir partes, hieróglifos, pequenas porções de passagens abruptas, de rupturas abruptas... Deslocar de

modo que expresse movimento, de decomposições: como deslizamentos em deslocamentos... Nenhum antes, nenhum depois...

O caos angustiante está lá fora e aqui mesmo dentro de mim e, por incrível que pareça, há beleza nisso tudo.

Presença constante de um antes... prefigurada na expressão de uma ausência... A experiência com os textos invade a necessidade de algum tipo de postulação, de apreensão em torno das narrativas e dos encontros com os textos... Uma resistência configura-se diante da necessidade de apropriação... Mas de qual lugar nasce a necessidade de apropriação, de tradução em uma técnica de exposição... Estágios de aproximação... de condições para o encontro, mas e os atravessamentos? A radical diferença expressa nos movimentos do *corpo-teclado*, do *corpo-caneta*... Desejo de invadir o *corpo-caneta*, de aventurar-se à sua diferença estonteante... Dormir com as narrativas... Os textos são *rostos-mãos-mentes-duplos-triplos*.

Ecoando na escuta: Junto às nuvens e junto à escrita que desloca... que manda para as favas do imprescutável a miséria da apreensão, do enquadramento e da certeza em algum sentido... Na capa da escrita - ***o caos angustiante está lá fora e aqui mesmo dentro de mim e, por incrível que pareça, há beleza nisso tudo*** - corpo deseja enamorar-se com as tensões que produziram a escrita, com os deslizamentos, as irrupções vorazes que tomaram a dianteira e botaram para falar as torsões sonoras de *jovem-corpo-adolescente* dançante na língua, conquistada sobre as pauladas da disciplina... Comer a língua com o odor dos ouvidos! Desejo de fuder com a capa, de comer as palavras e os movimentos dos dedos da escrita... Quanto de força aplicada ao lápis? Quanto de leveza no dançar da esgrima da língua, no bailar dos ouvidos com a tecedura do papel... Ouve? Faz romper a necessidade da explicação, faz pressão sobre a classificação, os regimes de trabalho e produção... Ouve, as contorções mais benfazejas, os gritos da carne nos deslocamentos da apreensão...

Rostos...

Apreensões corpóreas...

Parado se encontrava com barba desfeita, jeans surrado. E de pé apoiava-se na parede branca do muro. Junto aos pés, velho cão sentado sobre patas traseiras... Odor de lixo espalhava-se... Maltrapilho, observava a exuberância da casa... No saco, dependurado

nas costas, pedaços de coisas, de passados e futuros... Restos de comida, de gemidos e alucinações disputavam a produção do oco espaço das dimensões... Olhar calmo e estupefato percorria os distúrbios da noite... Deveras humilde, deveras silêncio, deveras expectativa... Sombras da noite invadem momento da morte... A ação deliberada pela morte, pelos cortes na carne e na produção de choros e gemidos... Quanta alegria na produção e liberação de espaços, quando da seletividade do passado, nas permissões de futuro e algo ainda mais além! Com firme traço impõe a presença da distância e deslocamentos...

Ainda repercute... Ausência de som... A exigência de tempo nas imediações do discurso... Quanto de tempo e corpo, quanto de corpo e tempo na produção de sentir novo e outro?

Sob sol, céu azul e desejo de infinito. De pé. A vitalidade não é das melhores, porém virá na medida em que as disputas se instaurem... Liberar a língua através dos poros.

Glossário

(?)

2011

08:44

Abismo

3°

Abrir cabeça

Absurdo

Aceitar o pensado

Acontecimento

Admirar

Adquirindo conhecimento

Agradável morrer

Ainda não soube

Além das estrelas

Algo do Capeta

Amor-criação-anseio-estrela

Amos os homens

Animal

Ano filosófico

Antes

Após

Aprender

Apresentado

Arauto do raio

Acreditar

Arrancar os olhos

Árvore alta

Aspas

Assim

Atenção ao andar

Autoritário

Balbuciar

Beijo

Bocó

Botafogo

Brecha

Cabeça como entranhas do coração

Cabisbaixo

Calor

Caminha como um dançarino

Cansado do bem e do mal

Cansar

Caos em si

Cego

Certo conflito
 Cérebro
 Choque
 Ciência
 Cobiça de Leão
 Coisas como
 Compreender
 Conceitos em exercício
 Conclusão
 Confuso
 Conhecer para
 Conhecer a si mesmo
 Contato
 Contato direto com textos
 Coração mudou e então falou
 Corpo e alma
 Corpo magro
 Corpos-língua-verbo
 C r e s c e r
 Criança
 Crueldade era volúpia
 Cultura
 Cura da loucura
 Defesas
 Deixai-me partir
 Deixar regiões
 Desceu sozinho pela montanha
 Desprezar – Venerar
 Desprezo
 Deus
 Deve ser superado
 Disciplina obrigatória
 Disciplina filosofia
 Distração
 Dizem
 Drogas
 Duro viver
 Dúvida
 É tempo
 Emprego
 Encarar
 Enjoar
 Ensinaamentos
 Ensino
 Entrar pelos ouvidos
 Envenenadores

Época
 Equilibrista
 Equivalências
 Erro
 Escapar ao corpo
 Esfregar
 Esmalte?
 Espacialidades
 Esperanças supraterras
 Esquecer
 Esquecer a si próprio
 Estranho
 Estrela alguma
 Estrela dançante
 Estudar
 Experiência
 Explicação para tudo
 Exposto
 Expressar em palavras
 Falou
 Falou ao povo
 Falou e coração e ouvido e boca
 Falou para seu coração
 Farto da sabedoria
 Felicidade
 Felicidade
 Felicidade excessiva
 Filosofia e doença
 Filtrar o ouvido
 Findou
 Flechas de anseio
 Formação
 Garrafas
 Garantias
 Generalizações
 Gostar de ouvir
 Gozou da solidão
 Grandes momentos
 Grito
 Hábito
 Hora de dizer
 Hora do desprezo
 Hospício
 Ideia
 Identidade definida
 IF Sudeste MG

Ignorar
 Intervalo do almoço
 Justificar a existência
 Kant
 Lições
 Lista precisa
 Mãos que se estendam
 Marcos Vinícius
 Mergulhado no mito
 Minha razão
 Montanhas
 Mundo
 Nó
 Nomes
 Noturnas imagens
 O mesmo
 O sentido da terra
 Orgulho
 Ignorar
 Intolerância
 Lamber com a língua
 Língua da loucura
 Mais valor
 Medo
 Minha felicidade
 Minha virtude
 Mostro
 Nietzsche
 Nomeação
 Normalidade
 Nós inventamos
 Nova ideia
 Nunca
 O povo
 Ofender a terra
 Olhou e calou
 Olhou o povo
 Opinião formada
 Oportunidade de ensinar
 Importância
 Inventar casa
 Levantar com a aurora
 Memorial filosófico
 Mostrar o pensamento
 Novamente se fazer homem

Origem
 Ouvir com os olhos
 Ouvir ideias
 Palavras
 Palavras
 Palma das mãos
 Para que nada vos tire
 Parado
 Partam
 Partir orelhas
 Partir orelhas com o ouvir dos olhos
 Passou
 Pelos olhos
 Penitenciar
 Pensamento
 Pensamentos dos Filósofos
 Pensar e ser
 Perdido
 Perigoso a-caminho
 Perigoso estremecer e se deter
 Perigoso olhar para traz
 Perigoso para lá
 Permanecei fiéis a terra
 Permanecer intacto
 Permissão
 Pessoa
 Pessoa
 Piscar o olho
 Podeis experimentar
 Poder
 Pôncio
 Povo reunido na praça
 Povo riu
 Prazer
 Preguiça
 Presidenciável
 Primeira parte
 Primeira vez
 Professor
 Problema fundamental
 Prólogo
 Projeto
 Próprio
 Quartas-feiras

Que é?
 Querer
 Querer governar
 Querer obedecer
 Questionar
 Real/Imaginário
 Rebanho
 Redimir o passado
 Refletir
 Resultado
 Rio imundo: o homem
 Sabedoria
 Saber responder
 Sábios voltem a se alegrar
 Sacrificar à terra
 Sair da Caverna
 Sair ou manter a caverna
 Se tronou
 Sempre
 Sempre ao lado
 Sentir
 Ser amado
 Ser ponte
 Sócrates em meio
 Superiores ao desconhecido
 Terra está cansada
 Terra pequena
 Textos
 Todos
 Tornou-se uma criança
 Trabalhar
 Trabalho
 Trago aos homens em presente
 Trinta anos de idade
 Turma
 Übermenschen
 Último
 Um ano marcante
 Um livro
 Uma corda
 Usar sempre
 Último
 Valioso instrumento
 Veneno
 Verdadeiras

Vestibular
Vida
Vida mais longa
Virtude como fatalidade
Viu um homem velho
Viver
Viver em declínio
Vizinho
Voo da mosca
Zaratustra

70 x 7
línguas em peles, em corpo-escola.

Se a lebre tem sete peles, o homem pode bem se despojar setenta vezes
das sete peles.
Nietzsche.

Prólogo.

Avistou a cancela.

Cores

01 - Breve instante prateado de sol entre nuvens e acinzentar dos assentos dos bancos manchados pelo esverdeado dos fungos na vermelhidão vertical no empilhamento dos tijolos. Corredores povoados por sombras esquecidas. Luzes amareladas e reflexos no deslocar das passadas brancas junto ao acinzentar do chão. Cabelos em cores lançados na potência iluminada da luz. Camisas brancas, pretas, manchadas de amarelo, salpicam multidão do acinzentar. Nas alturas, buracos negros das faces.

02 - Brilho negro dos olhos desconfia olhares e faces rosadas. O tom amarelado das suadas mãos, nas reivindicações de pavor indicam a ciranda das colorações. Nas bordas, parte de rosa, roxo, conjugadas com as flores avermelhadas. Um pouco mais à direita um facho de luz entremeia a fresta na porta marrom da entrada, saída. Buracos na face caminham na imensidão do azul, sob o deslizar do acinzentar, do mero acinzentar.

03 - Branco a parte de cima, marrom a barra. Prateado a parte de cima, avermelhado a barra. Amarela a parte de cima, azulada a barra. Na barra, a marca de nomes, de suspiros. Na parte de cima, buracos. Escuros buracos apontam para um dentro. Azul e branco a parte de cima, esverdeada a barra. Fino traço expõe latitudes. Na divisão: branco-cinza, prata-vermelho, amarelo-azul, nomes-suspiros; escuro-dentro, azul. Trata-se de colorir ou.

04 - Nas bordas brancas dos dentes. Nas paredes recheadas de massas e arames. Nas salivações translúcidas. Na vermelhidão rosada das concavidades sinuosas do dentro. No fundo, do buraco negro, sem cor, voz enviesada pelas fissuras sinuosas nas disposições embranquecidas nas pequenas e perceptíveis aberturas. No brilho da saliva, na extremidade rosada do singelo dos lábios, o entreabrir da gestualidade do som: o preto e o branco no vermelho da língua.

05 - Alaranjado corta o céu das manhãs e tardes enquanto loiros cabelos encaracolados; castanhos longos ou em amarelas franjas escalam o branco muro da face recheada de bocas, línguas e olhos e ouvidos em formação quando mecha em rosa agita a fronteira em ferro cinza de uma entrada. Sonoros crecs, talvez dois, três. Olhos pretos, em uniforme e botas também pretas certificam-se os caracteres coloridos do preto uniforme. Pode entrar.

06 - Mistura de cortes cinzas, em panos pretos, em mãos irrequietas. Em suspiro, pende-se a cabeça sobre os ombros amarelados, retraídos, projetados em curva linha para as pontas brancas do cadarço do pé direito. Os joelhos, flexionados, azulam as escuridões das velhas escrivaninhas marrons. Naquele breve instante sem cor, aguarda-se o baile colorido daquele dia, na abertura indelicada da porta. Apenas, o amarelado das paredes mal pintadas impunha-se à frente.

07 - Imperiosamente mantém-se e debate-se com vertical brancura virginal, imaculada pelas artes do esquecimento, no esquadrihamento das linhas de memória, na violenta marcação das negras, amareladas, marrons e brancas carnes. O cinza da lembrança impõe-se sem delongas sobre o buraco negro, fazendo-o vergar com incolor fora. No mesmo instante, apagam-se traços vermelhos da vertical brancura virginal do início, quando, na extensão colorida das carnes rosadas, exigem-se rastros cinza corpóreos.

08 - Era amarelo, era verde, era azul, era vermelho! Era amarelar, era esverdear, era azular, era avermelhar! Era exato, era inexato, era uma passagem, um movimento cinza em um acinzentar. Cobria o chão do amarelar. A face rubra refletia o desespero do avermelhar diante do movimento sem cor dos sentidos em um pensar-pesar. Era amarelo, era verde, era azular ou acinzentar o traço incontido na face de olhos negros assustados?

09 - Enquanto lábios enegrecidos se agitavam, aberturas das frestas pintavam de branco dentes amarelados. Alguma porta verde não era capaz de deter a neve escorrida na báscula marrom nalguma parede cinzenta. Pupilas esverdeadas teimavam em ascender aos píncaros do azul junto ao entreabrir das janelas avermelhadas do pensar. Naqueles parques espaços, entre a lousa rabiscada em vermelho e a ponta escoriada da velha verde carteira, cravada de breves deslizes.

10 - Na entrada, vermelho balde e vassoura azul aguardam piedosamente negras mãos de mulheres cuidadoras dos enegrecidos e sujos panos de chão, do chão e das paredes. Diuturnamente percorrem a superfície do chão cinza através das habilidosas unhas pintadas em vermelho em seus descoloridos silêncios. Teimam em embranquecer as paredes brancas, os ralos prateados as pias e os sanitários brancos dos banheiros. Pode entrar tia? Pode sim, meu filho.

11 - Em lentidão desfilam na copa outonal dos troncos marrons iluminados nos dias rosados de maio. Eram três ou quatro. Reluziam prateado rajado de

vermelho, ainda vivo, do corte da afiada lâmina dos braços amarelados e olhos negros naquele vale de casernas e árvores alaranjadas. Cada ponto sonoro de difusão singelamente esquecido na distância descolorida na composição das alturas, dos aconchegos, reclusões. Apenas sobreposições sonoras sobre corpos descoloridos, malditos?

12 - Cor do ruído, o colorido do contato, a cor do ruído nas sombras da indistinção. As cores da indistinção, na bravura da indistinção, na ausência da distinção pelos sentidos, no antes da sensação. Quanto de cor ainda na disputa da imposição? A sensação na produção de um caminho. Recorrência como tomada de posição prévia. Nas imediações do encontro ainda sem cor, feito o ruído: a cor como pensar.

13 - Em imagens coloridas de bichos de orelhas pretas compridas em rosto branco arredondado. Emoldurados em roxo, suspensos em mãos suadas, sujas, presos nas axilas molhadas em suor ansioso, sobre velhas carteiras verdes, do lado de dentro nas pretas mochilas. Abertos, em folhas brancas tingidas de preto, com o frontispício amargurado da capa em alaranjado. Grossos. Limpos, bem cuidados, sempre distantes e presentes no espaço quadriculado, em diversos marrons.

14 - Trata-se da luz, da luz produtora de sombras, de cores, de espectro de cores indefinidas em algum ponto claro e luminoso da indefinição. Daquela cor entre caneca e mesa e espaço ainda em tensão entre vermelho e marrom, amarelo e verde, azul e preto, branco e cinza, rosa e roxo. Caneca branca repousa sobre amarelar, amarelar do branquear repousa no facho de luz em ponto esfumado do encontro.

15 - Cor do nada, cor de nada, nada em cor. Cor dos ruídos das portas ainda abertas, do som do deslizar dos andares nas poeiras, dos odores, das ansiedades, das lembranças e sonhos com namorados, dos toques das mãos nos aflitos celulares, das emissões ininterruptas... Cor do ruído do giz no quadro, do atrito do pincel na lousa, do vento nos cabelos dos uniformes programados ou, sonhos da moda...

16 - Recobriam de amarelo os corpos jovens ensangüentados, atados em nó forte às finas e persistentes máquinas indutoras da naturalização do tom marrom do acinzentar do chão. Cabelos pretos penteados compondo rosto branco redondo, cabelos loiros penteados compondo rosto branco redondo, cabelos pretos penteados compondo rosto negro redondo. Passagens ao

visível: assenta, apara, dilui, corta, amálgama, estica, puxa, seca, apruma, pinta, vê, aprova, saia saltitante, rosto branco sobre buracos.

17 - Números amarelos, verdes, ideias em azul no fundo marrom com imagens esverdeadas, acinzentadas sob o império da luz amarelada do sol, em tons de vermelho sangue, de azul e branco da bandeira da pátria mãe, em desígnios feitos em finos traços pretos, promessas em finos traços pretos, compromissos em finos traços pretos em linhas e linhas sobre papel. Dentes brancos, olhos pretos em brilho, cabelos ondulados em campanha.

18 - Alguma luz sobe sombra enegrecida. Espalha fagulhas de branco, no limiar do prata rajado de preto. Alterna, ao efetivar, as decorrências do passar descolorido das necessidades alegres. Uns poucos mais por aqui, algum pouco menos por ali, alguns lá e pouco mais por aqui, salpicando de branco, já prata, alguma fresta enegrecida das persistências de habitar chão, em sombras vasculhadas, na sobreposição violenta, distante, da luminosa claridade estrelar.

19 - Silenciosa poeira branca eclode, explode partículas em multidão, invade olhos, olhares, respiração avermelhada da face. Espalha, nos cabelos pretos, ruivos, amarelos, roxos a imensidão fragmentada de branco em pontos, em bocados de brancura. Chão marrom festeja, em alegria vermelha, discreta festa do resto. Amanhã e depois, baile à fantasia do dadivoso: tingiu o rosto de dançarino das uvas, tremeu de loucura, nas brancas taças em mãos, deveio branco.

20 - Brilha no acinzentar os reflexos prateados na luz, nas ínfimas passagens nos tons em sombras brancas do céu carregado de ultrapassagens luminosas, em rasgos pratas na diversidade em graus. Junto à face mais ínfima da superfície cinzenta do chão, o tênue brilho rajado de reflexos e sombras disputa com vales, montanhas em sulcos, as pegadas de meninas, meninos e outros mais em mãos dadas e cabelos negros, loiros molhados.

21 - Tracejava em preto, branco, em vazio, no enlanguescer das faces rosadas de frio, de lábios roçados nas lambadas de uivos e vento, velozes, frios, cantores, e... Um bote cinza, de vidraça do azul, andante das colinas e dos passados ainda-presentes, fugindo ao amarelo, tornando no embate um pouco mais, um tom a mais, um quase esquecido traço marrom, ou seria cinza ou mesmo prata a cor daqueles lábios entreabertos?

22 - Empilhado por mãos pardas e negras hábeis, sob o império da cinza necessidade, hierarquizada via *socius*, na divisão embranquecida do trabalho. Sob a face ainda azul e verde do planeta as estratificações marrons das funções dos pardos pés, de olhos negros, das vísceras em vermelho no rápido degustar do branco e preto arroz com feijão salpicado de alaranjado-vermelho. Dos muros brancos, esverdeados, das pardas e pretas mãos de fora.

23 - Signos pretos em capa verde em mãos, entre axilas, na camisa branca, preta, amarela suada, em dia-a-dia cinzento, azulado, negro, junto aos finos pingos de chuva, em névoa ou ensolarados raios de sol junto a risos amarelados, brancos, calados, desatentos, sonolentos e roxos. Nas finas lâminas brancas, linhas pretas, em ângulos retos, em quadrados, retângulos, à espera de traço vermelho, azul, dos relatórios, dos corpos-relatório, em andanças e restos...

24 - Botas emborrachadas pretas... Silueta de pés, em couro marrom rachado... Dias azuis, cinzas, tardes ensolaradas, amareladas, noites rosadas, com buzinas... Emborrachadas, pretas, imprimem pés sobre face aguda da faixa branca... Distâncias, manchadas de barro, emporcalhadas nas poças negras podres das calçadas branco-preto-cinza. Emborrachadas pretas marcham sobre face em ruga rosa dos chãos das partidas... Em ruídos, acalmam as amareladas paredes verticais, em brilho de estrelas de noite sem luar.

25 - Gota de sangue vermelho escorria após a queda... Incolor, de baba, escorria após bocejo... Amarela, de pus, escorregava pelos dedos... Gota de luz azul estalava altos, baixos... Tinta preta escorria em palavras e unhas e cabelos e bocas... Alguma gota rosa de batom vermelho após o beijo ia... Ria e corria para o distante mundo mudo e sem cor da lembrança sem dor: Anaximandro e Tales eram de Mileto!!!

26 - Buraco negro em velha cadeira amadeirada com pés de metal em ferrugens, descascados, descoloridos, escamam superfícies esverdeadas, trilham manchas em tom marrom... Esculpem olhos pardos, castanhos e verdes e azuis e outros e olfatos maduros e tatos amarelados e cinzas coloridos e compridos narizes pontiagudos e pressa e passagens... Breve instante da ferrugem avermelhada em paredes levemente apagadas, em sombras e sobras de rabiscos pretos: vai se desfazendo azulados...

27 - Verde e amarelo e bandeira e botas pretas nos asfaltos quentes em dia de sol de primavera nublada... Mãos amadeiradas em verdes e vermelhos e quadrados e retângulos em dia de sol azul nas totalizações no verão... Bons cidadãos: em cores, franjas, olhos verdes, postura ereta, corpo são, mente produtiva, esquartejamentos e ladrilhos... Composição colorida em preto e branco para subjulgo da terra e animal humilhados: aprovado, reprovado cidadãos.

28 - Borrões, vultos, incompreensões táteis, auditivas, misturas de indecisões coloridas em deslocamentos imprecisos, antes das bolas, antes das formas, antes dos conteúdos, antes dos sabores e nas bolas, nas formas, nos conteúdos, mesmo nos borrões, nos vultos, nas incompreensões táteis, mesmo nos pulsares das línguas em borrões de cabeças, de calças, saias, sinais auditivos... lusco-fusco avermelhando, acinzentado, adocicado, em expansão ácida, líquida... Expressando poste em luz embranquecida em calda.

29 - Branco, um pouco mais branco, um pouco mais branco, um pouco mais branco, um pouco mais, mais, branco, um pouco mais branco, mais branco, um pouco mais branco, branco, branco, branco, mais branco, branco, um pouco mais branco, pouco, mais, mais, mais branco, mais ainda, um pouco, mais branco, branco, um pouco, mais branco, mais branco, olhos e chão e *caosmundo*, um pouco mais, mais, mais um pouco, mais.

30 - Salpicado em

.....

pontos pretos

im perceptíveis aguardados com expectativas
azuladas, acinzentadas, brancas,
reflexo...

.....

31 - Alegria do verde, da farda verde musgo e botas pretas emborrachadas com marcas avermelhadas, emporcalhadas pelas poças do caminho ou viciado amarelo de vômito sobre prateleiras das estantes da memória e andanças acinzentadas sobre chão marrom, de terra molhada junto a tênue pingo, pinga, em gotas, em gotas, sacrificiais. A bile amarelada, esverdeada, comprimida por facadas de jovens ausentes, pela pedra, perdida, pedra. Hoje, dia da pátria azul educadora.

37 - Envia azul, volta verde torna cinza ou envia vermelho, volta amarelo torna verde ou envia verde torna bege volta roxo ou envia tornozelo torna palavra envia rochedo... De agora em diante branco, envia branco torna chão volta do lado de fora azuis em tons... Envia sons, torna corpo volta olhar, estupefato rosa. Em um canto ressoa signo em lousa amarelada, envia, torna volta, envia, torna, volta, amarelo, branco, dente...

38 - Havia luz, carteira verde, lousa embranquecida, pincel vermelho fez-se noite... Havia luz, olhos pretos, verdes, azuis, jeans surrado, bota emborrachada fez-se noite... Havia noite, boa noite, professor, até amanhã, bom fim de semana, fez-luz. Havia noite... Dentes brancos, boca encerrada em lábios grossos, vermelhos, fábrica de pretas cáries em dentes amarelos, porção de açúcar, buraco negro ao vento... Havia luz ou noite ou pressa ou dia, havia despedida, colapso...

39 - Circula o branco, o amarelo... Sobrepõe marrom, o avermelhado... Mistura o branco com preto. Lá, porção de carne, de rosado pé de porco junto ao som metálico de garfo no ultrapassar o vazio da falta de dentes e olhar rico em sorriso azul de uniforme cinzento ou mãos lambuzadas de terra marrom e fina areia amarela com acinzentar cimento... Tá servido? Sem som e cor algum nome do pai...

40 Espectros de luz percorriam as sentenças da manhã rosada... De tão clara, brilhosa, apagou as vizinhanças, como mancha móvel duplicou de tamanho a cada segundo passado e futuro, a cada canto de pássaro verde escuro, apagou o escuro, apagou o escuro, apagou o escuro, apagou o insignificante escuro da caverna e monstros infames e bestas, maldades... Do alto do cinza, luz, luz, luz, claridade, brilho, luz, luz... *Fiat veritas...*

41 - Pinga do céu das rosas, gota branca, escorre sem pressa a face rosada do corpo avermelhado. Sem licença descreve linhas, quase palavras ou sussurros alvos nas cavidades ou poros; tagarelou em traços circulares mentiras ao vento, quase conceitos. Silêncios e rubores em faces negras ou pardas e cabelos pretos e rosas ou pontos do fora... Sob império das curvas do branco, escreveu, escreveu um **O**, uns p, u, **Ss...**

42 - Bolhas vermelhas em pés; batom marrom na periferia do rosto; olhares nas órbitas, silêncios brancos ao lado, na abolição das cercanias amarelas. Vidraças e vidros transparentes e fagulhas de verde em céu azul ou nublado... Milagres das violências e cruezas, fabricação de bote: instaurar olhos, em flutuante carne amarela, parda, negra, branca, amedrontada,

ajuizada, crédula. Cor da correspondência: cinza azulejo em traço de tinta azul, preta em folha branca...

43 - Facho de luz ilumina pedaço vermelho de carne na vitrine viva... Órgãos à mostra na monstruosidade disforme... Cabelos azuis, olhos azuis, braços azuis, vísceras azuis, uniformes azuis... Eis aqui o máximo daquilo da época... Corre e anima a torcida de 500 milhões... Facho de luz ilumina pedaço pardo de carne vermelha na vitrine verde da vida... Do lado de lá, repousa soberanamente estática pedra cinza sobre chão marrom humilhado...

44 - Das tintas pretas e azuis sobre folha branca quadriculada. Dos quadrados sobre tampo cravejado de passado rosado. Das peças de metal enriste, descoloridas na ação dos choques e entrechoques. Nas cores dos sistemas de crueldade sobre carne vermelha, órgãos e disposições aéreas... Das gotas de suor espalhadas através da disciplina e comportamento dos intestinos... Estou passando mal, professor, posso ir ao banheiro? Agora, não! Agora não! Mas? Não! Anão!

45 - Foi negado o aceite do examinador, tinta de mais, poucas retas e curvas assombrosas... Negado... Excessivo, demasiadamente excessivo... Misturava sem maestria, preto e branco, parcelas de apagamentos em diálogos sobrepostos, com ar azul e céu incolor... Escalou fronteiras entre amarelo Oriente e escravocrata Ocidente. Desvio para cinza, um pouco mais cinza, iluminando a redondês das estalactites das cavernas... Bom, breve hiato em pedaço de carne marrom, apodrecendo nas interferências..

46 - Percorre azulado, da direita para a esquerda... Insiste vermelhidão, do teto para chão ricocheteiam paredes, horizontalidades... Apresenta amarelo, invade centro desloca periferias, escorre em demasia dos buracos do muro branco estupefação... Cinza distribui-se inadequadamente, oferecendo espetáculos de descompassos atroz... Misturados distribuem a face da paisagem, brilho, luz, sombras e inadequações dos pés, dos pés lançados sobre a terra em movimento de escalada dos ouvidos e fígados, línguas faladas, escandalizadas...

47 - Pinceladas de jaqueta marrom, em couro de boi morto, pendurado... Gotas de sangue vermelhas espalhados no branco lado esquerdo. Eis mistura calorífica... Marrons vermelhos salpicando brancos... Marrons vermelhos salpicando bancos, pardos... Pinceladas de cabelos pretos inertes, de bocas avermelhadas semi-abertas regurgitando palavras de corpos ausentes, tracejantes em roxo, rosa e púrpura de passados... Agora, mentiras verdes,

ilusões azuis, traço torturante em lousa, apagando, esquecendo, latejando, sombras noturnas, dias claros.

48 - Janelas verdes envidraçadas de raios cinza em noite de verão desastroso... Refletem sombras, vultos ruidosos... Parcelas de penumbra, de disputas entre luz, reflexo, brilho e persistência de clareza... Trata-se das obscuridades pretas resistentes à qualquer raio de luz ou mesmo sombra, mesmo vento incolor incapaz de impor rigor, forma... Branco, brancura, sombras, penumbra, escuridões ou

brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões
brancobrancurasombraspenumbraescuridões

brancobrancurasombraspenumbraescuridões branco brancura
sombras penumbra escuridões

49 - Naquele dia chão sarapintou de... Paredes reagiram mal e resistiram ao estupor daquela cor, quando olhos refletiam e desfaziam os movimentos reticulares das orbitas fragmentadas de dor conteúdos e falas em diagonal ultrapassando paredes e velhas portas e vidros e vidraças e frestas... Frestas multiplicando frestas e ruídos e dar de mãos de homens pardos e mulheres envelhecidas quase apodrecidas em seus cantos... Ou seriam aposentos tenuemente amadurecidos, caixões?

50 - Junto ao módico movimento de balançar arestas do ar, na trepidação estonteante, quase imperceptível, das alimentações, transfigurações, incorporações nos encontros com signos, nas exigências de silêncio, disciplina, atenção, recuos do ontem e distâncias quanto ao hoje, nos cabelos úmidos, sonhos de estrelas e contos de fada da infância, ainda... Ou juventude? Cheiro melódico de... Estratégias militarizadas para... Prevalece ainda rosa, laranja, no amarelar silencioso da lousa, no instante pálido...

51 - Borrões e linhas claras e precisas de marrons... Linha espessa em curvatura regurgita ou reflete ou compõe com restos de luzes por debaixo da porta ainda fechada, livre dos conteúdos... Naquele palco desfilam rostos de Platão versus Nietzsche, Sócrates versus Protágoras, Maquiavel versus

Rosseau, Marx versus Ricardo, Agostinho versus Epicuro, Pascal versus Descartes, Leibniz versus aranha, Deleuze versus Kant, Kant versus Hume... Batalhas, de corpos em paredes alvas, amarelas...

52 - Em qualquer canto escorre melodia silenciosa da prece... Em mãos pardas suadas em olhares negros carregados de dúvida e medo e dedos amarelados tocando páginas de livro preto, de capa preta, tecido em dourado... 1, 19-23; 32, 19-18; 25, 3-4; Mas decide-se pelo branco, pela alvura da claridade em ruínas, em pedaços de corpos colapsando passagens móveis e táteis, sonoridades azuis e mantos persistentes... Acentuados sins, incolores, pálidos, supérfluos.

53 - Palavra quer se tornar alva, reluzente, capaz de iluminar qualquer traço de sombra, embriaguez ou escuridão, desvio, morte... Um passo para a esquerda e sombra se desfaz e palavra decompõe-se em partes, em mais uns dos conceitos em tarefas de combater, expelir, engolir as insistentes sombras... A... reflete... em corpos desavisados... B... Espriam em ondas os apelos de dei-me a chave, o ferrolho da fechadura... Esfregar cada grama, palavra...

54 - Movimentos peristálticos escorrem, distanciam-se negros buracos em cadeiras verdes, amareladas no avançar das paredes em lados, tetos, chão e brisas em catastróficos espaços ociosos amarelados em entradas de ar reluzentes... Ninguém habita... Uniformes, signos... Fugas, apenas... Entradas, saídas e movimentos volumosos de vultos... Oco aproxima-se, afasia... Quem sobreviverá? Alguém morrerá, sobreviverá quem? Batidas vazias nas antigas portas verdes, ponto intermediário entre tudo, nada, passados... Desfazer anotações e dias azuis...

55 - Desejo de um anatomista: cortes em várias direções nos movimentos vermelhos das carnes, junto aos ossos brancos e cartilagens rosas e porções azuladas de microfilamentos cerebrais... Um corte em V, outro em P, um turbilhão depositar de partes ambíguas, rodeadas de verdejares, amarelares, outonais... Os rostos emergiam como questão, da superfície alva, em jeans, em jovens corpos, com mãos, pés e orelhas... Professor, há um dragão atrás da porta?

56 - Vida como caso particular como exceção... Quando azul verde rosa haveria olhos corpo?

Branco, apenas branco... Branco, apenas, branco... Branco, apenas branco... Branco, apenas, branco... Branco, apenas banco...

62 - Cores do ontem entremeadas de amanhã e treco rta das por rostos do agora... Cores do ontem entremeadas por rostos do amanhã, agora...

63 - Poeira escura em turbilhão desfila em traços, acumulando e retirando distinção... Bravamente resiste tímido facho de luz, sustentado por leves linhas de sombras de velhas carteiras verdes refletidas sobre chão marrom ou cinza ou disposto entre finas películas de passados e pegadas... A cor do passado e do passar e sua amarelidão, feito pus, purgando, gemendo e distanciando, alargando na escuridão brilhosa, aproximando... Faz-se escuro, escuridão, traço, sombra, chão.

64 - Reflete na face posterior da dobra, brilho, olhar indagador... Brilha na face posterior olhar indagador... Reflete a face posterior da dobra, o brilho... De onde vem forasteiro? Voz de faces brilhantes e castelos adornados de ouro e céus, neve branca... Reflete a face anterior da dobra, excrementos amarelados, esverdeados, corrompidos por odor, cor das vísceras e líquidos... Tende às fronteiras dos muros, das brechas pequeninas ao longo das paisagens...

65 - Cores do chão, das carteiras, dos apagadores, dos pincéis, das telas de PowerPoint, dos teclados, das fissuras dos cantos das paredes, do entreabrir das portas, das escadas e dos corrimões, da água correndo para o ralo, dos ruídos das salas, das aberturas das bocas, das emissões dos signos, das asperezas entre os súditos, dos vínculos entre participantes, das disputas pelos créditos no Olimpo, das vozes, sussurros, silêncios, raios, e.

66 - Cores festivas, rosto se fez... Jovem, com livros e questões... Plastificados em papel verde, com unhas desgastadas e olhares distantes, subsumidos em paisagens estáticas, à beira do colapso das paragens sem pasto... Em longa planície, salpicada de amarelos, azuis e cinza percorre, de peito aberto, corpo afeito à morte, ao morrer, mas, distante do colapso das consciências... Professor, a matéria da prova... Professor, por favor, a prova... Até polinômios?

67 - Nas vigências das intensidades... Espectros variados em direções sobrepostas, efetuando-se como amarelares, azulares, verdejares, marronjares e outros mais e diversos incessantemente... Na variação dos

rostos, das reflexões em rostos e pupilas, na convergência de olhares pupilas e mundo... Na convergência das atuações, no desencantar da aparição... Carteiras, olhares, conteúdos, ministérios... Chão, paredes, tetos e espaços... Carnes, ar, passagens em portas, bocas e gestos... Em cores, efetuando alunos, professores, economias...

68 - Sala iluminada retinha destroços... Pedacos de peles espalhados por algum, qualquer canto, de pardos, negros, brancos ou amarelos e misturados... Em rostos deformados, carcomidos pela ação intempestiva dos mecanismos das decomposições... Traços de línguas, restos de sons à beira dos ouvidos. Colapsando, árvores balançadas pelo vento... e, sobretudo, sombras desfilando contrastes, reluzindo líquidos amarelados, carregados de sons e encontros com os mínimos possíveis... Auroras, sem lamentos, em ditosos círculos...

69 - Pintou a sala de roxo, em tecidos roxos, em flores, em chão e poeiras e gritos e dizeres... Qualquer... Pintou-se sala de roxo, de cheiro de roxo, toque de roxo e cinzas... Celebrou-se acinzentando cores do roxo... Professor, e a morte? Morrer não dói... Morrer não dói! Mas Professor, então tudo é possível? Pintou sala o roxo... Certo dia ou noite a qualquer momento... Fizeste do perigo sua valentia?

70 - Entre duas torres, caminham sorrateiro os véus... De azuis tornam cinzas, em breve passagens... De amarelos tornam verdes, em turbilhões... Nas duas alturas avistam-se os quatro cantos da Terra marrom... De norte a sul, de leste a oeste, véus estendem e convidam as passagens, distâncias... Por aqui, assinala... Por ali, indica... Cada qual em suas moradas entre torres... Pintando de cinza, azul, marrom ou verde as passagens entre distâncias...

Encontros

1 - Alunos. Alunos. Alunas. Alunos com cabelos sobre os olhos. Alunos com dedos nas mãos. Alunos com mochilas nas costas. Alunos com cadernos nas mãos. Vestidos de calças, de vestidos, de camisetas. Alunos. Alunas. Alunos com olhares. Mas e o João? A Andréia? E o filho da Maria, a pipoqueira? Do Pablo, dono do Honda Civic? Chegam sem voz, no frontispício do portal da porta verde musgo. Chegam em pé.

2 - Chegam com seus corpos, apressados, angustiados, alegres, tristes, atrasados. Olhares nos rostos, com olhos profundos, pequenos, arredondados, tímidos, desconfiados. Quando se tocam exigem reconhecimento. Quem vem lá? Quem vem lá? Instantaneamente instaura-se quem, algum. Quem vem lá? Quem está aí diante de mim? *Mim e quem* dispostos no olhar. Quem delega quem? Chegam com seus corpos, mãos trêmulas, dedos aflitos, joelhos flexionados, pulmões e fígado. Quem vem lá?

3 - Em breve instante, em intervalo da solidão, encontram-se expectativas. No plano da linguagem, produção de sentidos faz colapsar as naturalizações no plano do visível e dos enunciados. Rompe-se a certeza das conservadoras compreensões, das naturalizações do organismo no corpo, dos códigos no corpo. Na expressão do rosto, o rubor diante daquele impossível - corpo-assombrado... Corpo-transtornado, invadido, sacudido através da degustação das extremidades... Conquista momentânea das extremidades, das bordas, delirantes rupturas.

4 - Os dedos teimavam em circundar a borda preta do lápis. Faziam rodopios naquele amassado pedacinho de papel. A folha recebia, com toda a delicadeza, o sensual movimento das curvas, das idas e vindas, sob a linha da ponta enegrecida do lápis. As pequenas ranhuras depositadas festejavam a compreensão do olhar na incompreensão. Os movimentos transpunham o sem som das linhas na voz do solilóquio interior. Salvar linhas, contornos, e.

5 - A violência da questão se fez... Pôs-se a reivindicar a audição mais silenciosa e amiga. Como ninho, afagá-la, recebê-la, transtorná-la nos braços e abraços da língua. Totalizar, eis o nome do maior dos fascismos: os incessantes interrogatórios dos campos epistemológicos: Quem tu és? O que pretendes? Diga suas pretensões? Fale! A questão violentamente se fez! Comer a língua? Por desvios incessantes, por pura puerilidade. Seria o viver da vida?

6 -	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza			branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto
	Branco	cinza	preto	cinza	branco	cinza	preto

7 - No fugaz instante, olhares se tocam, percebem e indagam a gestualidade dos ouvidos. Dúvidas não há! Somente corpo violentado por novas sonoridades, por movimentos por ora desconhecidos. Lançados naquela brecha alargam-se as pupilas e ouvidos entram em consonância com a abertura lenta dos lábios no sopro do falar. No instante do silêncio, trafegam as visibilidades sem som dos rostos, a dança dos gestos no encontrar as cifras do pensar.

8 - Estavam lá sempre à disposição, de ouvidos e olhos abertos nas cadeiras organizadas e no silêncio peculiar. Estavam lá sempre à disposição, de ouvidos e olhos fechados, nas cadeiras desorganizadas e na algazarra peculiar. Estavam lá sempre à disposição, alguns ouvidos fechados e alguns olhos abertos, nas cadeiras desorganizadas e no silêncio peculiar. Estavam lá sempre à disposição, à mão das ordens, das ordenações, no aguardo da violência...

9 - Com hora marcada, em dias, marcados, em lugar, previamente disputado, agendado. Antes dos encontros, no aguardar soberano das circunstâncias: a porta, o lado de dentro, o lado de fora, o limite entre o dentro e o fora, as disposições institucionais, a distribuição delimitada de papéis e séries, gêneros e responsabilidade e corpos. Dispostos os móveis, adentram ações, as de homem, branco, professor e a diplomada autoridade da memória.

10 - Lentamente bloco de cinza se fez avistar à frente. Na sua retidão elevou-se até a mais alta das colinas, dos montes em planos esverdeados. Na disposição circular havia ainda pequena porta e indicação. Por ali, iniciar por ali, junto ao peso das costas sobre os pés que apóiam mãos no corrimão em

madeira da subida. Começar por ali, primeiro passo. Apenas primeiro e singelo levantar em uma manhã.

11 - O lusco-fusco efetivava suas manobras junto aos ruídos do silêncio em cores. De azul se fazia vermelho, de vermelho projetava-se o rosa até a sinuosidade extenuada dos jovens corpos azulados lançados no chão amarelado. À porta marrom celebravam os encontros das pernas e joelhos e celulares no acinzentar de um breve passar do instante. Facho de escuridão trafegava a fresta da fechadura. Bom dia! Por gentileza, bom dia!

12 - Tinham problemas com o álcool, com a violência doméstica, com os dentes, com os filhos, com os ex-maridos, com o desemprego, com as drogas, com a psiquiatria, com o peso, com o passado, com o sentido, com a linguagem, com os joelhos, com o coração, com a depressão, com as roupas, com a escola, com o trânsito, com a sogra, com o horário e sorriam. Balançavam ao andar.

13 - Saltou de um pulo, como algum ruído. No agir da memória, distingui-se como melodia, sorrateira reivindica as proximidades do ouvido, o seu freqüente estar atento, desatentamente. Em colorida deslembração põe-se a reclamar e a produzir em velocidade as passagens do sentido, afronta o aguardar distante da porta ainda fechada, lacrada, na reclusão daqueles disponíveis órgãos em organização. Na superfície dos órgãos, as bênçãos do agradecer permanente: denomina-se realidade.

14 - Luz branca tornava possíveis sombras das cadeiras esverdeadas sobre chão ainda marrom. Em compassos, se constituíam e dilaceravam no avançar das suas sobreposições. Em lâminas, dispunham as visibilidades corriqueiras das potências das luzes. Em meio à penumbra, os rostos configuravam expectativas através das indagações do olhar no enrugamento da frondosa testa. Sobrancelhas em riste convergiam para o centro, compunha-se a face da gestualidade na recepção: mas, como poderia?

15 - Estômagos, comidas, dedos, facas, garfos e bocas, falas e ouvidos, pés e chão, paredes, espaço, céus, terra, som, ruído, silêncio e pensar e violência, risos, causos e giz, porta aberta, porta fechada e verde, livros e botas soltas e passos indecisos, *tickets*, refeição e dinheiro, dinheiro e olhar e dinheiro e desencanto e carros, motos, e fadiga, garganta seca e poste e lua e dia entardecer noite madrugada.

16 - Tons de cinza, em meio à fumaça branca dos cigarros, lançados nos risos, com cabelos grisalhos, pretos, ruivos, dispostos nos aconchegantes bancos em concreto, fincados no chão disputando e forjando espaços com os ramos verdes de grama teimosamente espalhados na luta intermitente entre céu e terra, entre formas e tipos de algum teimoso animal em disputa: as próximas eleições - vai ser candidato a chefe de departamento, a diretor?

17 - Mãos suadas, trêmulas. Joelhos apoiados, horizontalizados. Corpo pesado, equilibrado na maçaneta prateada da antiga porta de madeira, em instantes fugazes. A fechadura resiste à sedução da chave, nas exigências de acoplamento estrutural com o avesso de si, como impressão de pés caminhantes na areia, barro, poeira, asfalto ensangüentado e chão. Na imprecisão do acoplamento, faces embrutecidas em fila, em algazarra. Trinco responde ao descompasso da desventura, *creck, crack!*

18 - Específico, porco, está leão. Cadeira está assento. Cadeira está ao lado. Cadeira está sobre chão. Cadeira está para multidão. Cadeira está à frente. Cadeira está leão. Cadeira está avião. Cadeira está resguardada, à mão. Cadeira está na solidão. Cadeira está dispersa, em pedaços secretos, em mínimos pedaços secretos de ocasião. Cadeira está oca, torta, tonta. Cadeira está ontem. Maquinações incorporam corpos, corpo assentado para corpo assentado em produção.

19 - Em breve instante desloca das mãos e pende para chão, aponta para o chão, desce até o chão em delicada compostura. Uma, duas, três das várias pontas equilibram nas poças e umidades da aurora em chuva. Mãos úmidas entretecem na ancoragem dos abrigos, do estar disponível ao encontro dos dedos e das palmas das mãos molhadas de suor. Lamentos, gritos e sussurros no desesperar junto ao estar meramente disponível.

20 - A certa altura habita o oco, na imensidão do prata, entre paredes, habita o oco. No acinzentar... No entreabrir dos lábios, habita o oco. Entre os olhares, habita o oco. No copo meio cheio, meio vazio, habita o oco. Entre um início e fim, habita o oco. Um oco, qualquer oco.... A certa altura, tencionou engolir com um sopro magnífico os impedimentos do oco... Seria ócio _____ torturante, *coisificante?*

21 - Com aqueles sons, com uns sonhos de tornar-se, de maquiar-se feito boneca ou soldado, com filhos e chapéus e encontros de domingo e divertimentos nas impressões sobre justiça e oportunidades, com cores do Brasil: bocado de brancos, pardos, negros e índios e outros descendentes de

italianos, alemães, franceses, portugueses e americanos misturados, sujeitos ao sol, ao espetacular som, de barriga e pernas para cima... Entre muros, protocolos de entrada...

22 - Cabelos poucos pela cabeça, pontas cinzas, camisas pretas soltas ou presas em cintos... Pés sobre calçamento cinzento, acima da terra humilhada, recolhida, em fusão de líquidos... Anéis, dedos, óculos, barbas... sorrisos e saudades e idas e vindas no circular, no caminhar das portas abertas. Aguardando próxima vez, mais uma vez e de novo e mais uma vez novamente. De cabelos, bocas e dentes e verticalidades sobre terra se fez.

23 - Cinco, seis, sete, onze caminham, encontram, esbarram, atritam... Sobem, descem, sobem novamente e descem e escalam e correm e se esbarram, encontram, atritam... Com bocas e dentes e sonhos e ouvidos e caminham, encontram, falam, gesticulam, e vozes e ouvidos e encontros, em ventos azuis, vermelhos e ar úmido, e céu nublado e línguas e fome... Oito, dois, quatro caminham, encontram, esbarram as solas dos pés no chão, gesticulam...

24 - Relações fazendo peixe, fazendo vento, relações fazendo azul, cinza, fazendo olho e olfato e fazendo sensação de ouvido e olhar... Fazendo grão de poeira de giz depositar, após andanças e danças e sussurros de língua filosófica, parcelas de f mais i mais l mais o mais amigo mais inimigo mais brutalidade violenta da disponibilidade de qualquer região... Olho ainda mais sanguinário... Bom, poderíamos ir por aqui, com máximo rigor!

25 - Emergem como fluência, deslocados do espaço e tempo. Esquecem-se, como problemas, como vida em questão, como questão em vida, como problematização, como homens e mulheres e dores e alegrias e guerras e paz e canecas e fumaças e ilhas e monstros e deuses e labirintos e castigos e culpas e ciência e magia e canto e poesia e uns, quaisquer, lançados na brecha... Emergem como clareza? Clareza explicativa? Pudera!

26 - Imagem, som, letra, palavra, conceito, encadeamento: sujeito + verbo + predicado + sol, fresta de sol na janela, chão, partículas de poeiras sobre chão, ruídos de toda ordem, porções de joelhos, de canelas nas frestas das portas, passado, olhos e olhos, ouvidos e olhos e boca e expectativas, futuro... Assentado entre paredes e distâncias dos asfaltos, barriga meio cheia e vazia um bocado de relações, corpos, longe de casa...

27 - Ria, fazendo círculos estreitos em borrões. Tons indecifráveis, em misturas atenuadas de parcelas gritantes em gestos constantes na imprecisão das flutuações audíveis, em crepitações momentâneas... De certo, caminhava sobre a face esquerda e no avesso das poeiras do chão, do lado de lá, nas movediças terras, nos intervalos entre tempos de contagens e disposições sem altura, largura, profundidade... Ecoou como odor, em pétala murcha. Chuva, sol davam as mãos.

28 - Qualquer vem lá? Onde? Vem de longe? Uns, juntos, refletindo o ar, outros, o vento, outros, o cinza do chão e a chuva e as aves e ninhos dos pássaros e livros e seios da face expostos, rosto exposto, dentes, cabelos expostos e boca entreaberta, língua... Bandeiras, disputas, corrimões e cadeiras... Qualquer vem lá! Uns e outros, joelhos, pés, chãos, animais, bípedes andando, correndo, chegando, aguardando a terra, estritamente...

Vintenove: Olhos, lousa, signos da lousa e olhares e decodificações de signos em lousa, entre signos da lousa, expectativas e ruídos de deslembranças, em desafetos distantes, em mundo outro de signos, dos papéis de bala, de bola de soprar, em frestas, crianças ausentes nos intervalos entre signos disparatados... Apagam-se rastros todas as vezes? Hei! Mais uma vez! Apagam-se rastros todas as vezes ou algumas vez ou uma vez, mas nenhuma?

30 - Parcela de chão cinza e sola do pé esquerdo apressado em dias de servidão voluntária, de adocicado ajoelhar e pintar de unhas e costelas e siluetas e sonhos de noiva, ou dias de mercado, ou funcionário público de estatal rentável ou colaborador privado em empresa multinacional ou servir ao exército ou ir às engenharias, e idas e vidas e partidas e orgulho de pais em dias de batismo, sermão...

31 - Pés tocam, mãos alcançam, olhares negam, odores invadem, ouvidos titubeiam... Na ponta estreita da boca, línguas passadas... Exige dialeto em corpos água, em corpos luta, em corpos ar, em corpos movimento, em corpos fogo, em corpos loucura, em pés dançarinos na terra, em sons, figuras e corpos atritantes. Refrigerante e *physys* ou automóveis e *logos* ou cotidiano e mercado e *apeiron* ou calça jeans e *peras*, *arqué* e *caos*...

32 - Na falência, eu desfalecido, destronado, deslocado das certezas e dos reconhecimentos dos papéis, das garantias em todos os funcionamentos, do chão ao bom dia, da chave na porta à saída no sinal, da fala e dos conteúdos, das relevâncias e das produções em jogos e atritos... Para além da morte,

em mergulho indeciso... Teimam em permanecer por lá, outros e demais virão, dobrarão novamente as esquinas e portões... Até...

33 - Na falência, eu desfalecido, destronado, deslocado das certezas e dos reconhecimentos dos papéis, das garantias em todos os funcionamentos, do chão ao bom dia, da chave na porta à saída no sinal, da fala e dos conteúdos, das relevâncias e das produções em jogos e atritos... Para além da morte, em mergulho indeciso... Teimam em permanecer por lá, outros e demais virão, dobrarão novamente as esquinas e portões... Até...

34 - Exige ou fundamenta ou moraliza ou ordena ou compra ou decreta impor forma. Regularidade de cabelos, olhares, de procedimentos com mãos e cálculos precisos junto a máquinas, edifícios, casebres ou fluxos de água em ralos e temperatura da fusão, ensino de fórmulas físicas e robótica e informação... Signos sonoros, táteis, visuais e comportamentos e imitação, então era isso a formação? Instauração de procedimentos, lei para natureza, protocolos, ergonomia, comportamento...

35 - Questão de método: 7 séries de 70 verbetes de 70 palavras. Séries de *afectos*, *perceptos*, conceitos. Baile de máscaras, superfícies de contato, entre as bios da bibliografia e àquelas da biografia. Misturas em tonalidades afetivas de cor e som, de chão, de cinza, de tetos, paredes e das portas das salas e carteiras e. Forçar o método aos seus limites, para transpor território, para alargar território, obrar, tracejar.

36 - Palavra como lamentação corrosiva, em parcelas de encadeamentos sutis, acelerados, estimulantes... Em calcanhar, panturrilha, joelhos, nádegas, tronco, espinha, nuca, orelhas, cabeça, cotovelo, mão, pincel... Junto à lousa em silêncio. Nas verticalidades, horizontalidades em devires... Dança em livre traço nas andanças dos passados em parcelas em ruínas em instante de presente cravejados em silêncios... Emerge como reivindicação, como problemática, reivindica sensibilidade, dispondo espaços, exigindo aprendizagens de contato na superfície, corpos...

37 - Fissuras, junto aos bancos de concreto cinza, nas grandes paredes verticais, entre os dentes, entre as folhas de velho caderno ou novo, entre as linhas e as marcas de traços em caneta azul, vermelha ou preta, nos olhares e reivindicações dos conselhos de classe, nas falas e ouvidos e olhares de reprovação... Entre os deveres impostos pela formação e resistências singelas em copos sujos em beiradas de janelas, portas.

38 - Corpos em palavras, em problemas, em construção incessante de conceitos em problemas...

Terminou...

Corpos em palavras, em problemas, em construção incessante, em conceitos...

Terminou...

Corpos em palavras, em problemas, em construção incessante de conceitos em problemas...

Terminou...

Corpos em palavras, em problemas, em construção incessante, em conceitos...

Terminou...

Corpos em palavras, em problemas, em construção incessante de conceitos em problemas...

Terminou...

Corpos, palavras, problemas, em construção incessante, conceitos...

Terminou...

39 - Decisão unânime: a partir de agora, de agora em diante, daqui para frente deve-se: andar em pernas, recitar a 15, comer a boca ou com os pés descalços ou com lâmpadas nas pontas dos narizes e dias de glória dos homens vivos junto aos peixes dos mares azuis... A partir de agora, 50 minutos em cada série do ensino médio... A partir de agora, minutos por semana em série...

40 - Desemprego e trabalho, adoecimento e conteúdos, periferia e qualidade, desperdícios e produtividade, margens e escola, pobreza e esperança, silêncio e fala, normalidade e visão, instrumentos e visão, cotidiano e visão, rua e porta, aluguel e casa, ônibus e carro, fome e cachorro quente da tia... Fome e cachorro quente da tia... Fome e cachorro quente da tia... Suor e antiga cadeira esverdeada... Religião e filosofia... Trabalho e bom dia...

41 - Achados e perdidos... Agachados e perdidos... Achados ou fumantes... Hei!! Você aí, esse monte de braços e pernas e ouvidos e pulmões e descontentamentos... Achados e perdidos... Descaminhados, descamisados... anteriores... Você aí, esse monte de dedos de mãos de coração e desejos... célula, celular, celulite., celeuma... cérebro... Ele para você, você para ele., Hei... Você aí, esse monte de palavras, de verbos e predicados e adjuntos adverbiais... Lábios, labiais...

42 - Acabou de chegar, veio de longe? Acabou de ir, veio de perto? Chegou, foi, anteontem? Saiu, deixou porta aberta, esvaziada. Escorregou, com pés molhados de chuva... Tinham treze, quatorze, dezoito anos... Eram bípedes, comiam com garfos e deglutiam com os estômagos e defecavam, às vezes tinham dores, alegrias, sabiam, ficavam sentados durante boa parte do

tempo, joelhos flexionados, mãos sobre as carteiras e dedos velozes...
Tinham dezesseis ou dezessete...

43 - Começou... Chegam de calças jeans, em blusas de lã ou camisetas, calçados, de mãos dadas, jogados nas portas, nas lâminas do chão e nas incertezas, em passos largos, curtos, com cordões no pescoço e anéis nos dedos... Protelam a rua, dançam rua, esquecem, lembram, sabem o nome, rosto, respiram e sonham, sonham e copiam... Por ora, bom pedaço de carne de vaca servido em sal e som e calor...

44 - Produzir algum corpo como mercadoria, braços curtos ou longos ou torneados, empreendedores... Produzir uns corpos como mercadoria, olhos negros ou azuis ou verdes, empreendedores... Produzir qualquer corpo como mercadoria, mente analítica, texto analítico, raciocínio lógico, matemático... Produzir corpo como mercadoria, pernas longas ou curtas, dedos das mãos, joelhos, empreendedores... Produzir corpos como mercadoria, vitrine sob holofote de certa luz, desvelando, mostrando, exibindo, convencendo... Compre-me... Compre-me... Compre-me... Compre-me... Corpo-me... Compre-Corpo-me

45 - Sentados colhiam amanhã... Com mãos trêmulas, ouvidos atentos corpos comportados colhiam amanhã... Qualquer coisa para amanhã... Amanhã de manhã com raiar de sol no horizonte. Quando carro passar, quando ônibus chegar, quando dinheiro vier, quando resultado chegar, quando casa tiver, quando empregar ganhar, quando andança terminar, quando viajante depositar, quando o dia sedentarizar. Quando? Amanhã, pela manhã quando a noite cessar, quando o dia deixar de passar, quando, amanhã?

46 - Frente a frente, ir. Frente a frente... Em qualquer direção ir, frente a frente... De lado, cambaleando... Frente a frente, em alianças, ir... Para traz, frente a frente, ir... Ir, vir, rir... Frente a frente, freme... Rio de larva sob negra nuvem... Riam como duas crianças capazes de frente a frente... Projetavam-se frente a frete, indo, como apenas duas crianças são capazes, singularmente capazes de ir... Frente a frente...

47 - Tipos gráficos pululam, circulam em brancos papéis, desenham circunferências, triângulos, retângulos e práticas de sonoridades em dó menor, ré sustenido e codificações e decodificações em sonoros compassos entre olhares destemidos... Refletem buracos do rosto, os narizes pontiagudos e as discrepâncias dos órgãos em desarmonia... Odes a resistência, nas reentrâncias dos caracteres, uns sobre os outros, para além

da esquerda para direita, uns sobre os outros como lâminas afiadas, bisturis.

48 - Frio, degelo, andanças e produção de buracos em vias com barrancos e unhas encravadas, encavacadas nas muralhas edificadas nas conclusões ocultas do *então era isso*. Propaganda, mergulho no mar, tecedura de fios de cor cinza ou rosa e apelos incessantes de carne justapostas lançadas nas avenidas do corpo... Agora, grita, amaldiçoa, descreve círculos concêntricos... Apenas garota sentada com dedos entre as mãos sonhando... . Apenas garoto equilibrando ponte estreita...

49 - Folha de papel em branco com memórias de corpos passados; amigos com suas tristes tristezas; dias de domingo e ansiedades do dia seguinte; sair de casa e ir para escola; escolher sem saber a maior das distâncias; redimir os maiores descontentamentos; sair junto ao frio, nu; escapar das armadilhas bem intencionadas; resistir às boas almas, aos costumes; descer as escadas de costas; levantar rindo; ir até as maiores fronteiras;

50 - Naquele dia aguarda-se com máximo carinho umas pétalas algumas películas qualquer poeira as partidas aquelas chegadas as pegadas uns assentos as histórias os nomes e suas contorções suas andanças sobre a terra. Aguardou-se com delicadeza a fala, a voz vazia, a testa franzina, o ditado da vovozinha, as linhas alvas das discrepâncias, naquele dia, procurou-se a mais violenta contradição, a terra devastada, as costas... Falou incessantemente para as paredes.

51 - Mães em *pax*, conteúdos... Alguma mãe disse, uns pais falaram, meu irmão recusou, tios indicaram cuidado, até vovó desceu da cadeira de rodas, andou pela sala, rodopiou sobre caixão do falecido vovô, selado, como de costume, na porta da frente, junto às velhas cadeiras verdes... Irmão mais velho dava piruetas, quando atrelados aos distantes movimentos dos corpos, em língua proferiu-se ruidosamente... Almas mortais, corpo como pluralidade de almas mortais...

52 - Viu? Eram três, quatro? Às vezes quase cinco, estavam calados, mas chegam caminhando sobre os joelhos, tornozelos edificadas na verticalidade... Viu? Alguém? Estavam ruminando antigas conversas sobre eletrodomésticos ou cozinhando artifícios biológicos, mecânicos, elétricos, carregados de engenharias de pontes, produção, de estriamentos e garantias... Alguém viu? Quietos... Meninos, meninas... Alguém viu? Os livros

didáticos chegaram... Sequências variadas de conteúdos hierarquizados ao sabor dos ares, ventos e relações de força...

53 - Com dezesseis, dezessete, quinze, quatorze, dezoito, dezesseis, quinze, quatorze, dezoito, trinta e cinco, quarenta e oito, vinte e nove, quarenta e três, trinta e um, vinte e três, quinze, quarenta e cinco, cinquenta, cinquenta e um, quatorze, dezesseis, dezoito, trinta e dois, casado, solteiro, namorando, viúvo, divorciado, desempregado, aposentado, quinze, quarenta e nove do Mariano Procópio, zona norte, Rio Branco, Lourdes, Nossa Senhora Aparecida, São Mateus, Jardim Glória, Goianá...

54 - Borrões de silêncio em corpos cravejados de lembranças, de memórias, de paisagens, de mundos, cadeiras e assentos e cortina em olhos... Arrancar a qualquer preço o equilíbrio, as órbitas sonoras, táteis ou vícios de decomposição cadavérica... Servir pratos amargos, sem amargura... Aguardar dentes de leão, sorrisos de crianças grávidas de futuros, deslizos... Frases do dia: ordem e progresso - Pátria Educadora... Estupefatos fatos transbordam, violentam, impõe aparelho de Estado...

55 - Suspiros com solidões de corpos amordaçados por mãos entregues às demandas dos conteúdos, das escoltas de passados e archotes de futuros... Signos disparatados refazem caminhos e descaminhos das hierarquias dos órgãos... Exigem mergulho, banhos frios, subidas de escadas e aligeiradas patas, ventres sobre superfície, poeiras de fagulhas em sombras, luz, pratos... Quem sobreviverá? Algum sobreviverá? Ontem, requeri a segunda chamada, professor! Ontem, atrasado! Ontem, criança a rabiscar bolhas, cinzas...

56 - Corpo em signos em ruptura... Feito lagartos em paredes verticais de pedras, em poeiras de pedras maduras para esculpir os ventos, nas ventanias e óleos de passagem... Vidros e litros de óleos sobre corpo ainda magro, alegre e jovial, de asas de borboleta... Ainda em decomposição, ou seria composição com sombra, olhos, ouvires, dizeres outros e mais, ainda em língua, em gorjeios de línguas, amordaças em fontes de sombras?

57 - Sobre superfície lisa do tablado desliza em palavras corpo intumescido de tradições. Em zigue-zague, perseguido por corpos em olhares... De espanto ou expectativa ou reprovação ou estranhamento ou conciliação ou descaso ou amor ou êxtase... Em tablado dá-se a dança monstruosa do problemático... Sujeito ao cálculo, sujeito do cálculo, em potentes variações

de fachada... Empréstimo de corpo para palavra... Habitar fendas sonoras de buracos negros... Espalha-se poeira em olhos...

58 - Com dias marcados por sistemas de estriamento...
Organizados por idade, por rendimento, classificados por gêneros, no conjunto geral das expectativas... A cada 50 minutos,

a cada 50 minutos...

Com dias marcados por sistemas de estriamento...
Organizados por idade, por rendimento, classificados por gêneros, no conjunto geral das expectativas... A cada 50 minutos,

a cada

50 minutos...

Com dias marcados por sistemas de estriamento... A cada 50 minutos,

50 minutos...

59 - Antonio? Presente, professor.

Amanda? Presente.

Agnaldo? Agnaldo? Ficou estudando para a prova de física amanhã.

Argenor? Presente.

Camila? Presente, fessor.

Carla? Presente.

Diana? Presente.

Eliana? Eliana? Eliana? Faltou.

Fernanda? Presente.

Flávio? Flávio? Presente, professor.

Geraldo? Geraldo? Gente, Geraldo? É a Bruna professor.

Hugo? Quase... Presente, professor.

Ivana? Presente, amamentando.

Júlia? Júlia? Parou de estudar professor.

Marcos? Presente.

Natanael? Presente.

Pedro? Pedro? Chega atrasado todo dia. Vem do trabalho.

60 - Cadeiras aguardam a pressa dos sonhos, suas presas... Paredes aguardam potência das colunas, seu desafiar, habitar distâncias... Telhados aguardam ventos, uivos das chuvas e raios de sol... Lousas aguardam bailar dos dedos, o lusco-fusco de palavras, traços, inteligíveis... Chão aguarda pés, joelhos, jeans e ansiedades e mãos trêmulas ou olhares cansados, tímidos e

criações velozes, acertos com o inesperado... Alunos aguardam conteúdos em currículos... Formação aguarda acontecimentos... Pátria utilidades...

61 - Depois de amanhã, junto ao despertar das auroras... Quando diferenças outras se afirmarão nos blocos de matérias fluidas em disputas e constelações, nas navegações intermitentes, em várias e diversas órbitas, centradas, descentradas, deslocando em velocidades variadas, exigindo resistências, configurações e expressões múltiplas, seguras de si, dispostas a atacar e violentar a qualquer instante e lugar... Trombetas e archotes aclamarão as danças pueris, infantis, nos estrondosos caminhos e descaminhos, querereres...

62 - Diretriz em documento oficial, como formação de cidadão, como cura, como reflexão, como acesso à verdade, como habilidade lógica, como competência argumentativa, como habilidade de conservação, como competência discursiva, como disciplina e clareza, como encontro com diferença, como saída da caverna, como edificação da polis, como Grécia antiga... Três versões, três razões para a inclusão e justificação e ofício... Agora, lei, obrigatoriedade... Em todo território nacional... Todo, x, y...

63 - Entre perspectivas... Cantos e glórias de corpos afeitos ao prosseguir tateando, tentando mundos, arriscando mundo, sem sujeitos, em variação incessante do mesmo... Em formações, tramando em mundos, em pletora aberta de corpos em mundos... Mundos em corpos abertos em pletora, mundos em tramas, formações em. Mesmo da incessante variação, sujeitos sem, mundo arriscando, mundos tentando, tatear, prosseguindo ao afeitos corpos em glórias e cantos... Perspectivas entre... Entre perspectivas... Cantos...

64 - Erram um, dois, três, quatro, cinco... Erram cadernos, mochilas, lápis, canetas, borrachas... Erram jaquetas, botas, sapatos, tênis... Erram traços em lousa amarelada, controles, frequência, notas, conselho de classe... Erram portas, janelas, vidros, chaves... Erram luzes, sombra, joelhos, olhares... Erram aprovações, correções, reprovações, filmes... Erram dedos, mãos, passados, ar... Erram dias, noites, madrugadas, conceitos... Erram um, dois, vinte e cinco, trinta... Erram ausentes, presentes, alegres, tristes... Erram, são, serão, educação...

65 - Embrutecimentos discursivos celebram as veleidades das antecipações... Formar eus e dizer eus. Traduzem acasos, resistências em animal de pernas, orelhas compridas, braços fortes e mãos capazes de

instrumentalizar a terra, arar... Embusteiros pretendem, com doses fortes de ingenuidade, vergar, com sofisticada arte da crueldade, o encontro decisivo com fluxos e refluxos e forças e acontecimentos atrozes, velozes e inesperados... Traduzir em língua antecipatória todas as línguas, linguagem e corpos...

66 - Sem olhos, apenas nuca era vista... Moveu pernas e solas de pés... Bolsos das velhas calças davam-se à vista, a cada vez, mais distantes se misturavam com imagens distorcidas, em borás de *amarelidão*, paisagens desérticas... Sem olhos, apenas nuca era revista, revista com olhares lacrimejantes, amantes das partidas... Olharás para trás? Suaves pegadas e sonoros e leves toques das solas junto ao chão, desfazendo-se... Apenas nuca era vista, galopava...

67 - Dos encontros: entre corpos, entre corpos e signos, entre corpos e signos e sentidos, entre corpos e livros, entre corpos e carteiras, entre corpos e sabores e odores e pegadas nas entradas e saídas, entre corpos entristecidos, entre corpos afugentados, entre corpos enegrecidos, entre corpos desfalecidos, entre corpos institucionalizados, entre corpos instituídos, entre corpos vibrantes, entre corpos e copos, entre corpos civilizados, entre corpos e pátria e soldados e.

68 - Andar, carregar, escolher, preparar, apresentar, encontrar, corrigir, falar, transmitir, acolher, ver, ouvir, avaliar, corrigir, entregar, receber, enfurecer, desenvolver, agitar, confundir, entristecer, alegrar, corresponder, encerrar, fechar, abrir, estremecer, arrepiar, emudecer, silenciar, perturbar, ocultar, desconfiar, enaltecer, duvidar, violentar, acalmar, conceder, espreitar, embrutecer, elogiar, amizar, lembrar, esquecer, surpreender, angustiar, tremer, temer, destruir, acolher, acobertar, ensaiar, flexionar, subverter, parar, silenciar, comer, salivar, aguardar, decepcionar, afugentar, correr, largar, apaixonar, corporificar, formar, educar, prevalecer.

69 - Olhares entrecruzam, se dão a celebrar em disputas, em seduções, em propostas de acordos e convencimentos... Dedos e mãos dão-se a equilibrar em conjunto de signos desconfiados... Signos, em demasia, junto aos descompassos dos olhares aflitos, aconchegantes, amigos das distâncias e plenos de selvageria... No breve lapso, desconfianças invadem, produzem desassossegos e desatinos ou colapsos... Organizações respondem, comovem, invadem e dão a se consumir... Flama chama de incerteza, colapsa.

70 - Recobre veias, vales, subidas, descidas, movimentos turbilhonares, em carnes e ossos, em dias de chuva ou gotas de delicadas passagens em subterrâneos ou superfícies de relevos... Traço decisivo... Com cores, sabores, odores, precipitações, com olhares, gramas, portas, ferrolhos de fechadura... Em bandos cobriam o chão com certezas, ainda esperanças... A qualquer inesperado estender a mão, a pele... Há pele... Composta, sobreposta, escondendo, revelando, engendrada... Há pele... Pele... Traço incisivo...

Embates

1 - Mas professor? Os filósofos são? Mas professor? E, se... Mas professor? E, se... Mas professor? Eu concordo. Mas professor? E, se... Serve para quê? Mas professor? E a sociedade? Mas professor? Então? Ilusão necessária? A verdade... Ilusão necessária? Mas professor? E? Bom. Ouvidos compõem com corpos em contorção. Mas professor? Os filósofos são! Mas, apenas colocou um problema! Mas professor e a sociedade? Mas professor isso seria loucura? Mas...

2 - Temos que decidir. Quais conteúdos? Temos que decidir: quais os conteúdos... Documentos oficiais indicam direções. E os livros didáticos? Quais conteúdos? A decisão supõe a instauração de critérios prévios, a noção de filosofia, o sentido da disciplina e seu papel na formação. Mas e o pensar? Como alguém se torna pensador? E o uso da História da Filosofia? Parte-se de problemas ou parte-se da tradição e instauram-se problemas?

3 - Som deslizava entre os dentes brancos e os buracos negros da face. Milagrosamente fazia-se entender com sorrisos nos lábios. Olhos brilhando indicavam a alegria de tornar-se mais potentes... Risos ensurdecadores... Mãos descansavam sobre os joelhos e voz ruidosa lançava signos à caça dos sentidos... No entrechoque dos ouvidos atentos, a maestria das distinções sonoras em algum jogo gramatical... Verbos e substantivos e pontuação em corpos alegres, altivos, sábios.

4 - Solidão, distinção. Trata-se disso: solidão, distinção! Conquista de singularidades. Como rimar solidão, distinção... Em uma música, em um concerto. Mas, e os outros? Mas, e os códigos, as boas maneiras? Trata-se disso: distinção na solidão. Quanto de afirmação para solidão, distinção? Mas, e os outros? Mas, e os códigos, as boas maneiras? Ao fundo, junto às paredes, seriam excludentes? A conquista do estilo suporia solidão, distinção? Mas, e? As...

5 - Quem vem lá? Depõe contra si seu rosto, sua voz. Soam demasiado pueris quando exigem as raias do impossível. Pretende, como de costume, fazer colapsar? Como dançarino, inaugura novos passos em antigas danças. Essa batalha de movimentos quase ensurdecadora, ou. E as demais pretensões? Os lances de dados? Mas, quem vem lá? Lá, do ponto mais distante, para além e aquém de qualquer minúscula exterioridade? Visibilidades dos invisíveis?

6 - Dobrar ou desdobrar? Dizer o fora na língua ou desdobrar? Dizer o fora dentro da língua ou desdobrar? Resistir junto ao fora ou dizer das exterioridades, das fixações da forma? Resistir junto ao morrer no desdobrar ou compor a confissão, a conquista de forma para o indelével si? Quando o cu fala, dejetos fluem? Tratá-los, limpá-los, adorná-los fazê-los reluzir, ou desdobrar junto ao fora, mais além, *esquizofrenizar, torná-los água?*

7 - Entre a disputa pelos espaços dos objetos-sentidos na composição dos lugares, na brevidade da lacuna, interpelado junto à virgindade da lousa amarelada no tempo. Há reivindicação por palavra, por breves ou ligeiras ou esquecidas ou referidas palavras. Em algum canto, o ofício exige palavras, em sequência, em frases, em escritas roucas, poucas, mínimas. Palavras capazes, palavras capazes de instaurar, palavras visíveis. Em algum canto, silêncio lamenta sua ditosa ausência.

8 - Pergunta: (___) instaura pavor. Suspende... Coloca em questão um fato, um visível, um aspecto insignificante do cotidiano: caneca sobre a mesa, rosto no espelho, carro do ano, salário, trabalho e mérito no emprego. Pergunta: (___) instaura desassossego. Coloca em questão um transtorno, uma ação, um adoecimento: policiamento das atitudes nos prontosuários, nos estabelecimentos de ensino, na demarcação do tempo-espço, na cor do batom e da sandália do pé esquerdo.

9 - O claro e o distinto versus a confusão na obscuridade. O claro e o distinto versus os deletérios movimentos no corpo. Unidade da consciência versus a superfície dos afetos e afecções. A necessidade de clareza e comunicação versus o balbucio e a gagueira. Transpor o claro em obscuro? Transpor o distinto em deletéria, a consciência em momentâneos, a clareza em balbucio? Mas, professor, e as necessidades de conservação?

10 - O pano úmido entristecido pelo olhar distante esfrega o chão e produz camada de água, de lama, em fina lâmina, dispersa entre as marcas das diversas pegadas de calçados, nos seus tamanhos, tipos, marcas. Debaixo do uniforme, rosto sem brilho, apela à naturalização do corpo-função: uns nascem para lavar, outros para produzir sujeira. No baile das máscaras, dispõem-se os malfadados encontros generalizantes: a vida é assim, ou educação...

11 - Embates: entre alaranjado florido e névoa espessa. Entre os latidos dos cães e buzinas. Entre o ruído dos pés calçados e lâminas de poeira. Do chão

e o peso das nuvens da manhã. No ampliar das colunas, no estabelecimento das alturas, teto. Entre a porta ainda fechada e o outro lado. Entre o silêncio e o falar escancarado. Entre ouvidos, olhos e sono e sonhos da noite anterior.

12 - Na clareza e na delimitação precisa das aplicações do entendimento, sob as velocidades e lentidões nos âmbitos do sentir, pensar. O esforço se dá na direção da forma e da formalização ou na ordem do conflito emerge linguagem e sensação? O embate entre o fora ou imposição ininterrupta de forças almejantes na expansão criativa dos graus de realidade? A claridade de um visível ultrapassa o obscuro da produção?

13 - A vida, o rito, a língua ainda aconteciam, os sons e a penumbra ecoavam na porta marrom entreaberta. Junto à verticalidade das paredes avermelhadas, empilhada em tijolos rumo ao teto, a apreensão, a singular apreensão do aguardar, no intervalo do ainda-não, nos incessantes deslocamentos. Nem lá, nem aqui, distante do já, mais ainda-não, no embate invisível do enfrentamento de um possível, no corriqueiro e passageiro e leve desesperar.

14 - Mão equilibrava-se sobre a escorregadia mesa, quando um dos joelhos roçava a ponta avançada da antiga escrivaninha enquanto os pensamentos disputam com a vigência de algum silenciar atento. Pés sobrepunham-se sobre as partículas de poeira singelamente depositadas junto ao chão cinzento. De pé, corpo equilibrava-se no mesmo instante da efetuação geral do desequilíbrio, no andar saltitante em baile da festa demasiado longa e alegre e porque não saudável?

15 - Mão disponível deslizava suavemente sobre a lousa amarelada, sofria no apagar dos traços deixados no último encontro. Em fina película, azulavam borradas palavras até o ponto de amarelar o quadro branco. Bailava a outra mão quando, do indistinto azular, surgiu o amarelar na antiga brancura da lousa... Em algum canto, resistem ainda, persistem ainda, os signos passados ainda presentes... Mas, como? Como ousaria, reivindicar o já passado, persistências?

16 - Corpo nu aventura à exibição. Vestimenta dilui, diagrama, espalha, antecede, interpõe... Em camadas, dispõe a serventia ao vento, as possibilidades no visto. Algum canto, parcelas de dedos, de ponta de unhas, de palmas das mãos, de bocados de línguas, emaranhados em tênues fios de arame entretecidos, coloridos. Um bocado de testa, brilho de olhar entre

lentes, indaga, invade, destrona... Corpo nu aventura à exibição no visto - estômagos reluzem!

17 - Repousa na ingênua brancura, à espreita do traço em corpos tracejantes, em produção, em invenção, em criação de resultados, de histórias, de projetos, de alucinações, de pedidos, de recados, de ensaios, em prosa, em poesia, na angústia, melancolia, na alegria, com raiva ou amor, ou na patifaria do quadro de aviso na entrada da sala à sombra. Repousa na brancura, na delicadeza de convidar ao traço, o traço...

18 - Breve brecha apóia a distância. Na ausência de luz, permite iluminar por expectativas, por acordos tácitos, através de alongadas prescrições passadas e irretocáveis persistências. Apenas um bocado de passado inteiro diante daquela fresta minúscula, forçando, esfregando, convidando aos limites da abertura, no salto em antecipações. Resiste fenda, impõe imaculada concepção virginal de objetos, quietamente acumulados em entulhos, vestires e olhares e andares, em disposição carinhosa do ainda-não majestoso.

19 - Palavra esforça, impele gestualidade da face, disposição da boca no baile da língua e dentes, sopro e céu nascente do buraco negro ou em movimentos no muro branco. De partes, em partes, invadem, buscam ninhos, de pombos ou cobras ou minhocas ou folhas à ventania, ousam, pela quantidade e qualidade da força, perfurar finas camadas de sentido, arquitetado na hierarquia dos órgãos e mãos calejadas em ouvidos passados.

20 - Quietude, habitualidade, cotidiano. Chão cinza assentado sobre a terra em silencioso deslocar das formigas e lento lançar de folha ao céu carregado de pratas nuvens. Recebe vento, recebe formiga, abriga em silêncio, depósito de pegadas, joelhos, mãos e cadernos nas ofegantes passadas das rupturas, na habitual reivindicação provocada por estar outro em relação ainda na verticalidade, na sobreposição em partes, em modos, em tipo esclarecido de vida humana, desumanizada.

21 - Entre a posição da mão e o traço no papel branco... Naqueles cadernos amassados, esquecidos, sujos de restos de Ketchup... Alguma seleção antecédida por alguma providência... E calculavam: isso deve ser lembrado, isso deve ser esquecido, isso deve ser perguntado... Saltou com orgulho, mas... Com orgulho mergulha corpo no embate, mas... Rouco, sonolento, com dedo da mão esquerda levantado... Pequena onda em mar revoltoso... Multidão silenciosa, em ruptura do oco.

22 - Ontem eram bons, hoje não. Ontem eram aplicados, hoje não. Ontem almejavam as estrelas, hoje não. Ontem era o melhor dos dias, dos anos, hoje não. Ontem eram brancos, hoje não. Ontem eram bons, hoje não. Ontem eram aplicados, hoje não. Ontem eram, hoje não e amanhã, e depois de amanhã? Ontem era mérito, hoje não. Hoje, diz-se o ontem, ontem não? Hoje... Nesse azul embranquecido por ferro retorcido?

23 - Parar... Suspende... Parar... Paralisação, novamente... Faixas, salários... Greve, novamente... Convencimentos, consciência, classe... Paralisação... Falta recursos... Assembléia, sindicato... Andes - Apes - Alpes - governo, educação pública, política. Paralisação, novamente, de novo, ovo... 10%, panfletos, sociedade... Vai ter greve? Vai ter? De novo? Quando... E o vestibular, reposições, férias. Mães... Vai ter greve? De novo? Novo? Salário, inflação, melhoria, direitos, relações de forças... Vai ter greve? Carreira... Aposentadoria... Novo? Vai ter greve.

24 - Boca entreaberta, mãos inquietas, olhar atento... Voz ainda-não, gesto... Delicado gesto na bruma de luz amarelada da noite reflete uniforme e dia e noite e madrugada de trabalho e sonhos de trabalho e café, cigarro, deslizes... Amanhã e depois de amanhã, uniforme, partidas, chegadas, uniforme... Vale transporte, qualificação, emprego em uniforme... Um gesto, voz ainda-não, uniforme, qualificação - À noite, na bruma fria da lua ou luz amarela, sonhar uniforme!

25 - Folha branca suspensa responde aos apelos da velha carteira marrom. Enamora, deixa afetar na relação de desencontro... Uma página, duas, três vezes multiplica, em variação de mãos talentosas e olhos decodificadores e ouvidos e joelhos flexionados e chão e teto e bocado de ar das frestas do jardim das delícias e paredes... Breve toque sela persistência da aproximação rigorosa da distância dos signos, das imposições dos sentidos nos exercícios...

26 - Obscuridades, velocidades e lentidões e multiplicação em diferença da repetição vertiginosa... A merda da inteligência... Luz com sombra... Luz com sobra... Sombra e sobra e merda de inteligência... Para quem da luz e da cópia, a diferença do diferente, o diferenciado... A merda da inteligência... Uns cantos: luz com sombra, sobra... Com sombra, sobra cobra... A merda da inteligência... Labirinto e mais labirinto ou mais labiríntico e mais *labirintar*...

27 - Vazio e silêncio e esquecimento... Disposições da negação... Negativo, como imagem da identidade. Ausência, como decorrência das exigências da

semelhança. Esquecimento, como afirmação da memória... A orquestra do invisível e o jugo das igualdades... Conversas impossíveis: um pouco mais para a direita, um pouco mais... Um pouco mais para a esquerda: eis o centro... Direita, esquerda um pouco mais no centro: fantasma na ordem do progresso da bandeira.

28 - Confusão sonora de línguas, e... Se... Sobretudo... É mesmo, falei... Agora! Mas e ontem? Haveria condição? Nessa idade? Indevido a decisão de percorrer... Subiu? Estava claro demais... Olhos... Viram? Quando mesmo? É... Hum... Cuspiu... Caiu! Andava ou corria, sustentava? Ninguém? Na escuridão? Mesmo de dia! Hum... Comia... Quando, era dia... Sol e chuva... Dia algum! Algum livro nas mãos, tinta sobre as unhas e pés... De pé? Hum

29 - Insignificante folha empilhada em folha empilhada em livro empilhado em livro em estante em madeira em plástico em tacos em chão em terra em líquido em larva em deslocamentos em lentidões efetuando em lentidões em larva, líquido, terra em chão em tacos, plástico em madeira em estante, livro em livro em folha em folha em traço em corpo sopra boca signo em outros, alguns, demais sobre outros tantos empilhamentos.

Trinta Sentados, calados, com pés sobre chão, costas apoiadas sobre velhas carteiras marrons, solitários, olhados, corrigidos, enfileirados, aprumados, sem desvios, reproduzindo memórias, méritos e carros de corrida e anões de jardim e garotas na sala de jantar e ruídos de alegria em festas de natal ou compaixão ou das mães e ou putas e ou delírios de perseguição e remédios controladores no trânsito estagnado, na queima injustificada da gasolina, veias...

31 - Futuro da retidão, dos cadafalsos, dos barbitúricos, das balburdias escandalosas, dos cabelos, pontas das orelhas, na ausência de música e presença de câmeras apontadas, ângulos e relógios de ponto e datas de prova e dias de trabalho e hora do almoço e dias de inverno, outono, quentes e ou frios e mornos e qualquer um: sirene do sinal, sirene em sinal, sinal, sinal, palavra de ordem! Todos para dentro.

32 - Poeira levantada, calma. Olhos cobertos por franjas e presentes... Lá no fundo, brisa, leve, amarela, jovial, atrevida... Expectativas desconfiam a paisagem, explodem-na em mínimos, fragmentos... Orelha acolá, pés para trás, dedos virados para o lado de fora das mãos, intestinos revirados, baba no canto esquerdo de boca semiaberta, bando alegre de signos velozes em

corpos saltitantes, paredes amareladas, distâncias abertas entre vãos, fora e dentro... Resistências, silenciosas, amorfas, retorcidas!!!

33 - Dura, pretende, almeja... De um lado, junto ao jogo, no jugo dos desalentos... Destino, tarefa e povo porvir e tempo intempestivo no enfrentamento de signos da época... Moral versus verdade, no limite as avaliações de fachada e baile de máscaras... Educação com simulacros... Insistir, persistir no *a se fazer*, na fixação de códigos, na produção de perceptos, funções, conceitos ou destinos extraviados, em tresloucada devassidão? Tens olhos, ouvidos, pés!

34 - Matéria fluída em corpos, organizada em sistemas, em funcionamento pleno, submetida às exigências da ergonomia, da economia, da produção e comportamento... Tornar profissional: pretendente excelente das escalas e variações na utilização e instrumentalização dos graus, na conversão à direção... Trata-se de forjar corpos em carnes, olhares azuis, pretos, hábitos para mãos mecânicas, crenças seguras quanto aos funcionamentos sociais e méritos, propriedades, desejos de reconhecimento, aplausos e ojeriza ao fracasso...

35 - Signos e corpos, signos e corpos em olhos, em pés no chão, junto às poeiras brancas em lascas, junto aos ruídos dos pinces e dedos das mãos desfilando os papeis, em problemas dispostos em campos de conceitos entrelaçados por épocas distantes e presentes na sensibilização da ideia... Então... Gaguejando... Pingo de luz escorre, faca escorre e corta, tirano massacra, oprime, relâmpago surge, carro atropela, jovem se torna, signos intervêm...

36 - Uniforme sem golas, calças em jeans descosturados, um cigarro e memórias de uma garrafa de vodca ou pinga mesmo, com olhos repuxados de conversas entre o fogão, a pipoca e canto de sofá e vômito em festa de formatura e uniforme engomados, passados, em fino pano liso e branco, em doce alvura, em desconcertante comportamento, em pernas e olhos cruzados e unhas pintadas e cabelos lisos esticados pelo calor...

37 - Redondo versus reto... Univocidade versus ambíguo... Diferença versus identidade... Clareza versus escuridão... Sol versus dia... Contraposição versus graus... Redonreto, univoguidade, diidenti, barroco, fatalidade... Sem oposições, processos então... Redondo inclinado ao reto inclinado ao unívoco inclinado ao ambíguo inclinado à clareza inclinada à escuridão, dia, sol, escuro... Redondoretounivocidsadeambigua identidade diferença escuridão

clara... Ultrapassar a gramática e os indiferenciados e oposições de fachada e garantias de homens brancos, Estados e guerras...

38 - Querem proibir ou permitir ou obrigar ou transmitir ou exigir ou Estatizar... Querem fundamentar ou abrir ou discutir ou esclarecer ou decretar... Querem formar ou instruir ou diplomar ou concursar ou observar ou aplaudir... Querem demonstrar ou produzir ou fabricar ou comportar ou cidadanizar ou redimir... Querem, querem, querem querer e poder e distribuir e equalizar e democratizar e criticizar... Querem documentar ou etiquetar ou conscientizar ou libertar... Libertar...

39 - Mão junto à ferramenta, junto ao copo de cachaça, aos fios elétricos, em cartas de baralho, em pontas de vassouras, em portas de delegacias, cadeiras em escritórios, em pontos de vendas de drogas, em dias de domingo no parque com crianças, em noites mal dormidas, em salgados sem cor, dores de estômago, em dias de manhã, em madrugadas com putas, em carteira de trabalho assinada, em fachadas, roubos, celas.

40 - Sonoros, células, celular, céu, cu, guerra, garra, garfo, garrafa, cinzeiro, Getúlio Vargas, vagas, desperdício, hospital, hospício, engenheiro, engenho, cana de açúcar, filé Menon, casa de palha, palhaço, falência, fusão, metal, economia, estrada, buracos em paredes de vidro e ruídos, roedores, ratos, reprodução assistida, princesas em véus azuis e escadas rolantes de signos voadores ou comer com olhos os frutos da língua... Um bom pedaço de língua... Vagueia nos andares.

41 - Olhares, por muito tempo, estáticos... Desorbitando as órbitas circulares... De súbito, palavra lançada para ouvidos ressoa em olhos... Reflexo inodoro do verso da letra. Mede-se, a partir de escolhas passadas, delírios presentes, aprendizagem marotas... Regurgitam-se escutas em olhos, dedos das mãos espalhados pelos poros junto ao corpo... Organismo versus palavra, mas então posso? Podes experimentar... Algum entrechoque, qualquer entrechoque, lançado nas trincheiras larvares incessantes... Palavras versus organismo... Anúncio, parafernália

42 - Em passadas curtas. Em orelhas compridas ou curtas, nos domingos ou segundas. Entre jovens de periferia, classe média. Entre irmãos, avós, tias, sobrinhos. Entre pincel, silêncio, linha de pipa no céu. Entre a história da filosofia e pensar do pensamento. Entre faculdades. Entre senso comum e pensar e bom senso e belas almas. Para além do homem e bondades...

Sempre, a qualquer instante, quando muito, novamente, novamente, agonicamente, novamente.

43 - Propostas forjadas nas relações de forças, nas madrugadas frias e secas da capital, dos espaços verticalizados, hierarquizados ao sabor dos interesses mercantis do capital nas épocas e corpos e sangues e comportamentos derramados na confluência entre educação e mercado, formação e mercado... Hein? Olha o picolé! Olha a bala! Hein? Olha o picolé de maçã-verde, laranja, coco, chocolate... Hoje, mais um filho nasceu na pátria Brasil... Olha o picolé!!!

44 - Pende último traço azul sobre folha quadriculada branca depositada suavemente sobre velha mesa verde. Em pés envelhecidos de metal, manchas marrons ou descascados sobre chão cinza quadriculado, verticalizado em amareladas paredes suspensas entre chão e teto... Sobre o traço impõem-se critérios de demarcação, sobre os critérios, o exigir da civilização passageira, sobre esta, forças, querereres, lances de dados do *caosmos*... Da janela avista-se multidão de formigas? Pernilongos? Lobos? Crianças?

45 - Dois olhares, duas distâncias ou três ou quatro... Dois signos, sonoros, indicam distâncias entre... Duas distâncias esfarrapadas, engolidas nas tramas e traumas... Um lá e cá fervilhante, como armas corpos projetam anomalias, rupturas disruptivas... Dois buracos negros... Algum perfura, faz o fora... Dois olhares, dois pulmões, dois manejamentos... Três, cavalgando dorso de signos sonoros, exigindo olhos e ouvidos... Frente a frente, ir e vir, montando faces em línguas, gestos...

46 - Entre as cercanias do fora... Ordens de entulhos, das embalagens de sabonetes, em rios caudalosos de água fervente desafiando cordilheiras, ou picos de montanhas edificadas junto aos melhores amigos em escolas outras e signos sonoros. Espaços territorializados em silêncios disciplinados amedrontados através das oportunidades, nas andanças apropriativas dos conteúdos e mais conteúdos. Relações, equações e lembranças junto ao corpo, ao corpo marcado nas codificações, por alfabetizações quantitativas, qualitativas... Tempos...

47 - Tem uma razão, delimitada, estreita, clara, obtusa, capaz de quantificação, qualificação... Para matéria fluída... Uma ideia... De corpo, de alma, de ônibus, de carro e suas partes e desigualdades e justiças atrozes e mesmo carrascos de plantão pelo salão... Justifica-se, é claro que sim, ora, por aqui, em todos os pontos há concordâncias, entre os maiores

sofredores... Mede-se, apalpa, transita e grafam-se vias, rodovias, estradas, pontes... Oposições, novamente, oposições...

48 - Material mais resistente: o móvel. Velocidade mais constante: o lento. Vínculo indissolúvel: o entre. Espasmos mais eloquentes: o contorcer da carne. O mais longo dia: aquele da distância. O maior dos desafios: manter a luta. A maior conquista: andar devagar em momentos de extrema necessidade. O maior dos inimigos: os pais, a família o eu. A maior das tristezas: inexistente. O mais alto cume: saltar junto à sombra, morrer.

49 - Havia eco, no entre havia eco... Signos percorriam e ricocheteavam em rostos mudos em paredes carcomidas de memórias entre traços e trapos de restos da civilização e dia qualquer de inverno ou verão... Sons de insetos invadiam clamavam atenção diante da persistência do Eco, som multiplicado da própria voz, dos percalços das violências do pensar no pensamento... Para entender? Para estender, complicar, compor? Havia eco... via eco, ia co...

50 - Entre as lembranças dos recém chegados com as películas de passado pasteurizado, desvinculado das violências, das exigências de produções mensageiras na genitalidade do pensar, das alegrias dos colapsos e das ultrapassagens... Perambulavam por aí, ao sabor das lutas mais sangrentas e díspares, na ausência de convencimentos, nas alianças de Apolo e Dionísio... Amavam intensamente quando corpos foram vistos boiando às margens dos conteúdos, nas áreas limítrofes dos respectivos territórios.

51 - Inicia-se com a distinção entre mito e logos, releva-se a importância da razão na construção de mundo possível... Como de costume posiciona-se a problemática da verdade, as implicações dos acessos e pretendentes... Na sequência, surgem Tales, Heráclito, Parmênides, Sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, Marco Aurélio, Sexto Empírico, Agostinho, São Tomas, Duns Scoto, Guilherme de Ockham, Descartes, Pascal, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Hume, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Heidegger, Rosset, Deleuze, Guattari. Conteúdos?

52 - Terras de Minas, barroco, montanhas carregadas de modernidade e novos pactos no trabalho e meios tecnológicos e enxadas e chão batido de terra em terreiro de moer café, saias curtas, cabelos compridos e santos e deuses e pedidos de toda a ordem e tipos, com olhos abertos, mãos estendidas, fechadas em canto, murmúrio e copos de café e litros de água espalhadas nas artérias e digestão, incorporação, aflição momentânea.

53 - Palavra escorre, reflete das alturas no amplo espaço de peles, superfície... Traduções, interpelações, ampliam, revertem, desdobram os significados entrelaçados em paredes e azuis e poeiras e pedaços de giz espalhados e olhos e arrepios, reverberações cutâneas... Mas, então, assim... Então, olho revira e dá as mãos e busca aconchego entre gemidos e sussurros. Mas, então... Traduções amplia-se perspectiva, e torce ou retorce e acalenta... Mas, então, fala esboroa, gagueja...

54 - Signos olhares mãos pernas joelhos calças jeans jaquetas pretas dias de ontem com madrugadas e pânico e corrupção juventude... Terás de continuar a cada instante como portadora de futuro ou mão de obra de presente e futuro, como condição de mais valia de presente e futuro... Quem sobreviverá? Alguém sobreviverá? Em hordas, em abocanhadas de mordidas sedentas de alegria, para além do ódio e mesmo na raiva... alguém sobreviverá?

55 - Efeitos, expressão... Breve imagem circula a capa e borda de durações nos quais presentes e passados e futuros lançam-se na permanência inevitável de ocorrências desordenadas... Passo na colina, entre torres e abismos... Mão treme ao andar das pegadas na visão da superfície do abissal, dos elances dos abismos e rios no mar azul... E cavalgadas de fêmeas de elefante, grávidas de futuros ou desovas e larvas e fluxos potentes...

56 - Habita cego amigo do caminhar sorrateiro, entre bosques, colinas e fluxos abaixo da terra, molhada de suor ou chuva dos arados... Trata-se de arar, arranhar, pulverizar ou tornar disponível. Durar até exaustão... Habita cego amigo de corpos em devir de proposições improváveis ou guarda segredo do nefasto dos dias, quando convicções sobem à superfície e dão-se bailar com imperar de máscaras... Habita algum cego amigo da variação em corpos...

57 - Grades, câmeras, muros, sistemas de vigilância, roupas, cabelos penteados, cadernos com folhas numeradas, armários, chaves, portas trancadas, decodificadores de celulares, grades para data show, boletins de ocorrência, conteúdos previamente definidos, conselhos de classes, identificação na chegada, guarita, botas pretas emborrachadas, reprovação, desligamento, apagadores, avaliações internas, avaliações externas, classificação, rendimento, dinheiro, sucesso, extratos, rostos, língua, juventude, registro de frequência, siga... Bom dia! Quem é você? E o uniforme? Escola, escolha!

58 - Colunas de aço, concreto circulam avenidas estriadas da Terra, soerguem sobre estratos a densidade dos projetos humanos, suas repartições de espaços e tempos... Cruzam os céus e disputam o olhar com árvores, canto de pássaros, marcas de pneus e asfalto... Entre os convidados colunas de papel, aço e carnes circulam avenidas estriadas da Terra, celebram as saturnais de uma época na exibição e exigências de formas, formações... Carnes, Terra.

59 - Necessária e urgente, a aprovação de regimento para dispor os limites das condutas... Os limites das condutas, os limites.

Comunicado da coordenação pedagógica: aluna do 3º ano requisita atendimento em regime especial. Motivo: gravidez.

Necessária e urgente a aprovação de regimento para dispor os limites das condutas... Os limites das condutas, os limites.

Aluna do 3º aluna do 3º aluna do 3º aluna do 3º aluna do 3º...

60- Muitos degraus, vários platôs. Sobe-se, desce. Sobe, desce-se... Abrem-se as portas, acendem-se as luzes. O quadro-negro deve estar limpo... Um pincel azul ou preto, vermelho não cai bem. Nas mãos, apagador. Por pequena fresta, um facho de céu nublado ou azul ou estrelas ou lua ou chuva ou sol.

Do lado esquerdo, no canto superior da lousa.

Aula de Filosofia, dia, de, de...

Isso, não diz respeito ou, talvez!

61 - Aguarda-se o futuro, desloca-se do passado, desloca-se no passado, desvia-se da lembrança, projeta-se na lembrança dos futuros... Aguarda-se o tempo para além do tempo, na esperança dos vindouros, renovados, presentes ao tempo do devir... Aguarda-se futuro diante das colunas do hoje, dos inusitados lances de dados, frente ao durante, quer dos passados ou futuros... Habita-se o presente do futuro... Resistir no tempo a favor de tempo futuro para hoje.

62 - Sair ou estar ou escapar ou esculpir ou sentar ao fundo ou regurgitar sombras ou simulacros ou ideias ou modelos ou cópias ou semelhanças ou erros ou desvios ou marginal ou realidades ou produções incessantes de encontros e realidades e aconchegos e discrepâncias e palavras ou conceitos rasteiros em dias, horas e acontecimentos de distâncias e fachadas e peles... Persistir em chão carregado de poeira, mínimos em corpos, rostos...

63 - Elesaquelesoutros...
 Unsoutrosamanhãpelamanhã
 ounoitenovamenteamanhãànoite...

64 - Retorcia, braços gesticulavam, joelhos se aproximavam em tez aguda, em vibrantes olhos intumescidos... Retorcia, gestos faciais despiam as certezas diante das palavras amenas ou ríspidas... Novamente, retorciam braços, gesticulavam joelhos e boca, em mergulho no caos, gesticulavam e olhares se despiam de certezas... Inesperado se fez, mas... Seria isso então? Mas, seria isso então? Breve hiato em leves pernas jovens, forçadas à segunda, terceira natureza... Seria isso então? Diversão!

65 - Suspiro, furo, armadilhas, teias... Teias sem aranhas... Artefatos benignos de homens morais... Professor, Papai Noel tem barba? Chove sempre no verão? As ilhas bem aventuradas são azuis ou verdes? Corações são capazes de bombear o sangue para narinas? Ursos andam em quatro patas ou rastejam ao sabor do mel das abelhas? Andamos em duas ou esquecemos andar em patas? Duas, seis patas, rabos? Professor, retornar, ir além, aquém, ou...

66 - Dúvida quanto ao paradeiro... Ricochetear nas paredes, subi-las... Escalar picos mais elevados das poeiras dispostas no chão... Naqueles pequenos, ínfimos fragmentos dos dias, anos, futuros, inícios... Hei? Poderia doar os olhos, olhares ou bom pedaço de rosto e suas paisagens? Um rosto, qualquer rosto... Com entradas e saídas... Com gestos em veloz música de sentido... Hei? Poderia doar a metade ou pequena parte de uma ou qualquer história, passagem?

67 - Conjunto de carteiras dispostas em retângulo, resguardadas por paredes verticais sustentadoras de teto, amizades, escrutínios... Conjunto de solidões, de busca incessante por voz, gesto e caminhar sobre pernas... Conjunto de escritas, anotações, fixações em memória de caminhos de crianças, de desvios de alegres corpos jovens em voos menores, mínimos ou apenas saltos em decorrências... em decorrências... Conjunto de veias, de resistências físico-químicas, de valores em franca e descompassada algazarra...

68 - Subterrâneos... Vem à tona, paisagem... Vem à tona, rosto... Vem à tona, grande política... Destino... Vem à tona, pele cobrindo sangue, veias... Vem à tona, traço incisivo... Vem à tona, o tracejar dos inesperados... A altura dos inesperados... Vem à tona, rostos dispostos em peles, em escrituras de

ontem e amanhã... Vem à tona, imolações e sacrifícios... Vem à tona, a marca celebrada em sorriso... Vem à tona, amanhã!

69 - Um passo, uma máscara, uma pele, uma distância na proximidade... Uma ausência de língua, persistência de corpo em várias almas, ritmos, assunção e tensa calma... Ondas silenciosas repercutem espaços abertos, janelas e fundações... Tarefas e meios, grande política e artefatos de resistência junto ao civilizar... Mãos *ainda-não*, pés, rosto... Plasticidade aberta as impressões em relações imprecisas e acasos... Outro, outros e vários e demais outros... Dança labiríntica... paisagens desérticas...

70 - Início versus finalidades, teleologias... O jogo dá-se ao jogar, em suas regras excluem-se apostadores, perdedores... Na brecha do jogo, aposta se perde... Mais uma vez, do início... No movimento, decidem-se destinos, as implicações, diversidades... Viagens afeitas ao deslocar impreciso, vagabundo, sem pontos de paragens e destinos... Puro jogo do início... Balança mãos fechadas o destino de monte, savanas, estepes, mares, na roda do jogo... Lances, além aposta... Dados lançados

Escrituras











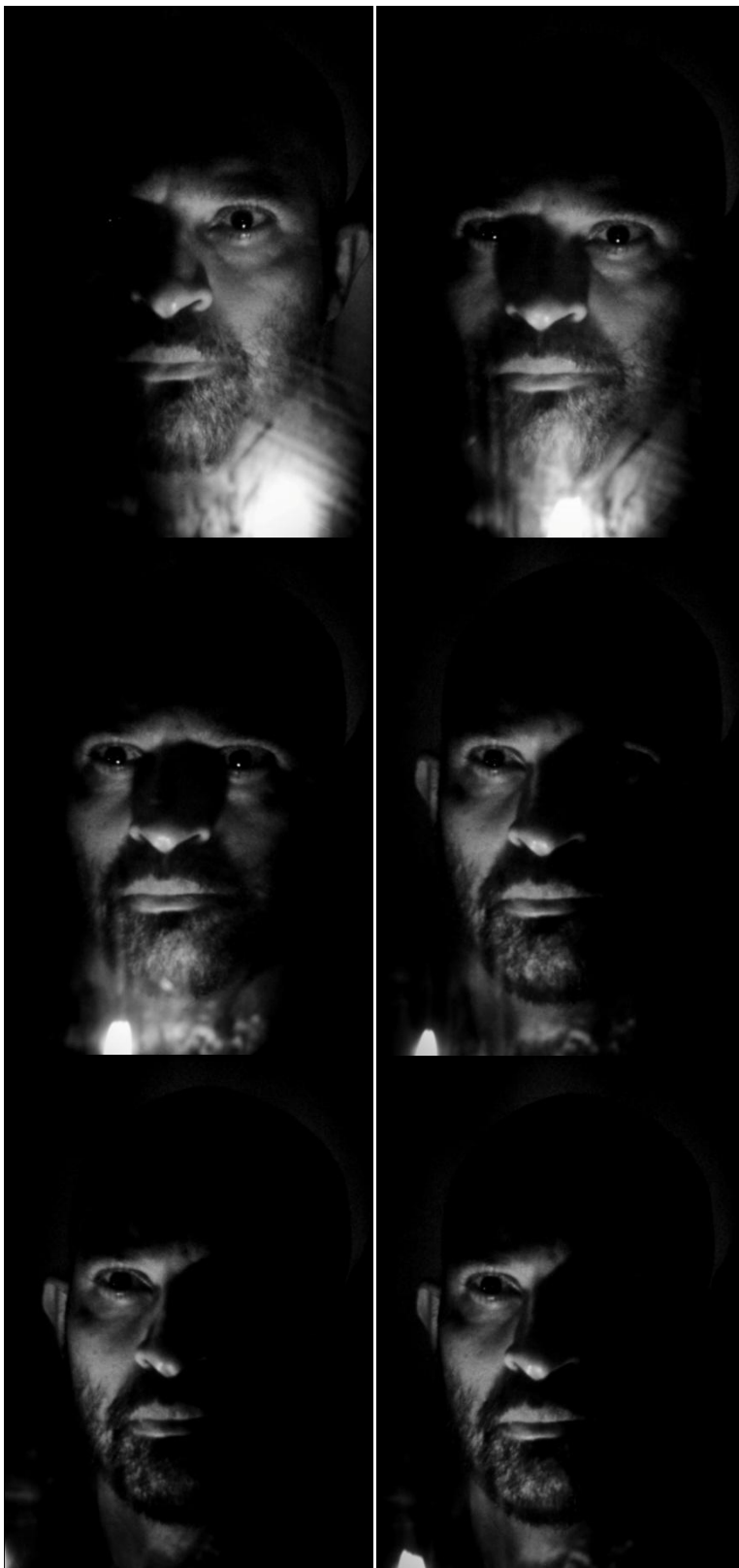














Solidões.

1 - Das decisões solitárias, nas autoridades instituídas nos diplomas. Bacharel em, licenciado em. Distinção junto aos jogos de constituição. Como pesquisador, distância da sala de aula. Como professor, distância das questões teóricas. Grande fosso entre o pensar e o fazer na execução da delegada tarefa. Por lá, encontram-se dispostos em carteiras paralelas, rostos. Por lá, encontram-se dispostos os currículos, os controles de frequência e avaliações e aprovações e reprovações, trabalhadores.

2 - Deverás produzir ementas. Deverás produzir objetivos. Deverás produzir conteúdos. Deverás produzir unidades. Deverás produzir as ordens de prioridade. Deverás produzir variações nos sistemas de avaliação. Deverás produzir critérios de avaliação. Deverás produzir os resultados. Deverás tabular os resultados. Deverás produzir a bibliografia. Deverás produzir os textos aula. Deverás produzir as condições para o xerox. Deverás fechar as portas. Deverás manter a ordem. Deverás fazer entender. Deverás corrigir, indicar erros!

3 - Figura como complicação. A cada instante, decisão de fronteira. Talvez indecisão de base. Naquela distância a manutenção da dúvida diante da necessidade em oferecer tais e tais presentes. Aquela distância dos 2 metros, comprimida entre as exigências dos olhares da primeira carteira e a face luminosa do quadro ainda não maculado. Em uma das mãos, o pincel, sobre a mesa o diário de classe e as cegueiras do método.

4 - Pobre diabo, caminhando de lado, coxo, em perna só. Sabes de todas as dificuldades, mas teima em resistir, em ser caolho! Pensa... A sedução do visível, a sedução do enunciável, a sedução de ser portador reconhecido... Uma fresta de palco, de aplauso, de outro, apenas um pouco, pobre diabo, um pouco. Quem versus algum, alguns no quem... Memória, identidade, o derradeiro combate... Uns, escuta, uns talvez! Pobre diabo, quem?

5 - Naquele breve instante das ausências, na distensão entre o silêncio emudecedor e o silenciar, emerge em ondas ou camadas em sedimentação reivindicações de escuta. Como ingrediente hegemônico, as prescrições, os cuidados com derivações e o querer prosseguir persistente. É da ordem da escuta a atividade da formalização? Misto de violenta espontaneidade e seu indubitável colapso? No desdobramento, as mortes se sustentam, nos usos e abusos da feroz guilhotina.

6 - Teima em persistir na caminhada sinuosa, do lado esquerdo dos desfiladeiros e das camadas compostas pelos pequenos resíduos de areia e terra, equilibrando-se. Os ventos úmidos indicam o abrandar da tensão e o cheiro da morte salda o início do fim. Portas e janelas se arriscam no fechamento das brechas, no estancar dos furos e das passagens de ar no acabamento. Ainda vida, ou cortejo fúnebre ou inevitáveis despedidas?

7 - Prematuro supor fim. Prematuro supor no fim as condições do início, do meio. Cabe-se *travessias*, seria derradeiro, algum fim? Ledo engano tomar como realidade qualquer passagem, afinal, de rastros, junto aos rastros, se faz os passos do caminhante. Sombrios afetos assolam a casa do pensamento, desejos de lassidão, da virtude, dos outros possíveis. Tornar-te duro, para receber e *transvalorar* ditosos inimigos, ou. Afinal, não seria sua maior graça, alegria?

8 - A divisão em três, em quatro ou cinco confunde, embaralha e produz desconfianças. O pêndulo da balança perde o equilíbrio e embaralha-se em um deslocar para a direita, às vezes para as distantes periferias e margens dos limites estreitos junto ao fora. Nas margens, as acolhidas tornam-se mais selvagens e violentas, um murmúrio em forma de canto pede constante passagem: instauram a questão do pasto, da digestão e sesta!

9 - A cisão mantém suas chagas, a trégua torna-se ainda mais distante, mais improvável, talvez imaginária. A pressa em classificar lança, sem mais delongas, adjetivações, sobretudo, as de ordem moral. O correto erige-se como juiz, aponta o ridículo como traço da atividade. Pretender esgarçar as hierarquias dos graus irresolutos das *micropercepções*, das multiplicidades do sujeito, na experimentação da alma mortal, seria essa a tarefa e o destino do pensar?

10 - Dólar caiu. Vulcão subiu. 800 emigrantes morreram na vã tentativa de vida melhor em país próximo, desigualmente distante. Do lado de lá, afirmação de grande filósofo sobre o sentido de ser humano, sobre a produção, os limites e as possibilidades das faculdades de conhecer, querer, julgar e das relações entre sensibilidade, entendimento e razão na construção dos imanentes e delimitados usos. Trata-se de querer, de vontade de poder?

11 - Inicia-se por tensões tênues. Confusão momentânea, dispersão, velocidades. Sofisticado, absolutamente nada a se impor ou configurar-se em língua na superfície do dizer. Então exercício, reivindicação, um apelo.

Habitar a distensão ou apenas um aguardar, ficar à espreita, com olhos e orelhas compridos? Nada a dizer. Sorrateiramente as sombras se infiltram, impõem parada, questões, consciência, moralismos e responsabilidades de ontem, com o ontem. Entrechoque do pensar: sombras versus início!

12 - Apressa-se para tomar dianteira, para indicar um sentido na linguagem na produção de um pensar. Pula as barreiras, antecipa conforto e distancia-se do confronto. Esbarra furtivamente na parede das designações, arromba o filtro e rasga o céu, um mínimo de caos e velocidade no limiar ainda indistinto do sentir, querer, pensar. Nas fronteiras indeléveis da ausência do rastro, do resto. Direção brota em um esforço, brota no esforço.

13 - Iniciar, trazer à língua ao som, profanar o espaço e solidão e ouvidos e audição. Iniciar, lançar corpo na gestualidade da língua, no encontro desejoso de olhares, de brilho e alegria em olhos e palma das mãos e dedos de pés bailarinos. Iniciar, suplantar a penumbra da distância, rumar com os outros no mar em devassidão. No alto dos ombros, a visão do delirar no deserto. Iniciar? Iniciar?

14 - Na conquista do tom, das tonalidades, das variações, das cifras em deslocamentos joviais, alciônicos, pueris, sorrateiros e alegres. No tom das vizinhanças, dos colapsos, dos cataclismos, das... Na conquista da palavra, tom está aquém - milagre do humor! Tom antecede a língua, efeito da ordem da imposição da hierarquia, dos lances infalíveis da efetivação dos níveis, das relações entre as forças? Esforçam-se à soberania na melodia em algum som.

15 - Lançada fala de multidão corpórea, alojada na distância ínfima, entre as vozes, uns e outros, demais, junto às coisas horizontais, verticais em movimento incessante de luminosidade e diante daquele corriqueiro repelir, capaz de comunhão, de aprendizado em comunhão, na variação intempestiva de tempos a perder, encontrar, reencontrar e conquistar. Em solidão ultrapassada pelas inumeráveis cores, sons, signos, tradições corporificadas, incorporadas, lança-se ao arrombamento de solitários possíveis: vamos, vem?

16 - Breve hiato: tênue suspiro junto ao mundo, redimindo passados e futuros e vindouros. A persistência de passo violento, sereno, na multiplicação do sensível das passagens lançadas aos encontros desavisados, dos uivos nos latidos, das falas nos miados, em canções em pingo de chuva, e desenhos terrestre na via - láctea. Lutar por habitar? Por insidiosa

22 - Na servidão dos padecimentos... Nos descompassos das multidões e passos de manada, junto às portas, junto às lousas e pincéis, aos dizeres e saberes e poderes, nas entrelinhas da decodificação das tradições, na conquista da paz, na consecução de graus, na luta... Quão longínquo, a brecha em outro rosto, da norma, da fala disciplinada, dos acordos e desacordos das paixões, sentires, pensares, querereres. Perna moveu, corpo deu as costas...

23 - Encarnar ferida, engasgar ferida, enganar, fantasiar ferida, esfregar junto, esparramar com, ajuntar cacos de pedras, de restos em azuis... Obscuridade clara, devida ferida... Nascer, encarnar ferida, pequena, gigante, ínfima, maior dos pesos, alegrias e pés descalços sobre fogo ardente... Abrir ferida, ida, parir centauros em feridas, amar feridas e desassossegos... Aconchegar ferida no colo... Em boca aberta, em décimo de segundo, em idas, vindas, no corpo, só corpo, só...

24 - E se qualquer buraco fosse furo, passagem, ilha dos bem-aventurados, conquista de distância, em algum para além possível, construído em golpes de machados, foices, martelos e queimaduras de sol? E se algum buraco fosse encarnação de ferida, na fabricação alegre de destino? E se algum buraco fosse apelo a povo porvir, tipo a porvir... Enquanto as andanças certas depositam os conteúdos necessários aos currículos: sob qual destino qualquer...

Vinteecinco - Uns acompanham, dão as cartas, embaralham o desnortado jogo. Sempre em meio, acorrentado às cores, às sombras, às paisagens em rostos, em rostos sem paisagens, em destroços de sentido, em complicações virais, em falta de ar, na batalha... Estacionado nalguma periferia, sem atrator qualificado... Produção de bote com furo no meio, naufragando, misturando com fora, peixes, aves, azul, ar, cinza, pedra, navio, ondas, profundidade, opacidade - milagrosamente estendeu o chão.

26 - Em caracteres azuis ou capas vermelhas, verdes. Em páginas compostas por linhas e mais linhas e mais linhas pretas em fundo branco, em parcelas de passado, em questões do futuro, em signos dos passados em grego, latim, francês, italiano, inglês, alemão, português, em carne-osso de corpo disposto em pensar na língua, no jugo com a morte os outros e o mundo... Mediando, medindo, obrigando, distribuindo, calculando, sugerindo, violentando. Comunicando?

27 - Banco vazio, em tela branca vazia, em linhas evasivas, em tempo vazio e distante, em constantes parcelas de incompreensão, em desutilidade plenificada, em arrepios e chamamentos diversos, em irrupções desconcertantes no hiato de acontecimentos... Pálida lágrima alegre em pensar impossível, quão potente a diversidade de mundos, de cantos e modos, em variações repentinas de desatinos severos nas irrupções cutâneas... Breve brisa de vento assassino, de opacidade e distante voz!

Vinteito Distâncias longínquas em proximidade, rondando face oculta, obscura das imprecisões violentas e precipitações de partes de presentes e passados e futuros deslocados dos espaços seguros e gavetas... Ausência de categorias para sapatos, meias, potes de açúcar, cadáveres, coelhos ou cartolas, sapos e gatos e patinhas de aranhas e nadadeiras azuis ou rosas e cinzas, cigarros espalhados em janela verde de cozinha de casa ou teto, ou porta para quintal...

29 - Carrega estandarte com mãos trêmulas ou cabeça firme em pés em marcha. Às vezes, dança em palavras dispostas em cadeias e entendimentos, convencimentos e delinquências, em dúvidas vorazes e marginalidades e pés chatos e narizes pontiagudos em crosta de chão, fragmentos de poeiras e descalabros e mais palavras e olhares atentos e livros entre os dedos e destino; roupas rasgadas, quase apodrecidas, em algum ou qualquer canto das paredes...

30 - Há, há, há, hum, vum, vulto, volumoso vulto, escandaloso rio profundo de larva, escaldando as profundezas das involuntárias discrepâncias algébricas, olhos e olhares diante das grandezas... Verdade vezes mentira dividida por n vezes discórdias açucaradas em xícaras de café no bule da vovozinha de rabo de burro. Rabo de burro com buracos negros na face na retidão dos espaços inconclusos: qualquer deve tomar conta, olhar, olhar, deter movimentos desviantes...

31 - Ruidoso furo, corrida enlouquecida, carregada de pressa em ombros desertos abertos em fúria. Fúria, com peças de artilharia, com facas, estopins, marginais, boca sem dentes, Kombi, rumando para o norte ou sul ou leste ou oeste... Som de violão de garoto rebelde de mãe espancada e pai pastor e violento, abandonos e incompreensões... Afeito ao blues... Ao álcool e ao devir outro social, às repetições e expulsões, sem pentear.

32 - Porta fechada, demasiada abertura torna límpido o obscuro, ou obscurece a claridade da escuridão. Desencadeia desfechos ordinários: um

pouco de luz, sombra, volumes e profundidades e latitudes e longitudes, certezas quanto aos cardápios, sons classificáveis, teia completa da aranha: toca, insetos e badaladas para sono e sonho de futuros e solidão acompanhada de qualquer: assistência, fim, graus da brutalidade ou marcha de signos petrificados, de acertos e assentos, paisagens?

33 - Línguas em parcelas... Em qualquer direção volumosa, ondas balançam a embarcação... À superfície, artimanhas, imprecisões - pincel e lousa e livros e memórias realizam o conclave... Distribuir o ainda-não, as ausências, os nascedouros imprecisos... Cansaço pretende as cartas... Novamente, rolar a pedra ao topo da colina, sem risos? Ruína ocorre lá... Na região para além da distância, no ápice algum próprio... Fugidio, líquido, eis movimentos nas margens, bordas, resoluta alegria...

34 - Buracos sobre ruínas, das paredes sem espaço, em meio às cadeiras e assentos na estampa da face... Pouco mais de cuidado com a formação... De preenchimento das rupturas móveis... No limite estreito, na borda, em larvas junto aos terríveis... *Impossível* na atração dos vivos... Às vertigens assassinas, suas exigências... Hei? Por aqui, então? Hei forasteiro, tem poeira desconhecida entre solas e terra úmida, em lágrimas e brilhos de sol!

35 - Quatro partes, de um lado as andanças, de outro as escarpas, em outro os abismos do céu e as abissais lentidões na multiplicação de abscessos, de tumores e lugares onde se fabricam pus, memórias, lembranças e conservações de qualquer ordem nas imprecisões temporais... Em faces famigeradas e lamentos, ressoa corpo em palavra, em palavra lançada nas aprendizagens... No tráfego, signos múltiplos da multiplicidade fulgurante nomeada audaciosamente como um corpo...

36 - Máquinas de carne em dias de reclusão... Agenciamentos velozes entre risos e ditos e conclusões e reclusões... Mas ele aprontou muito... Ele é bom, nunca falta, atrapalha... Ela tem um pouco de dificuldade com a disciplina, é aplicada... Está sempre prestando a atenção, em silêncio... Nossa, sem comentário, ele, ela é muito boa... Aplicado, inteligente, respeitoso, tem um excelente futuro pela frente... Então é isso... Vamos para próxima turma...

37 - Sofisticada galhardia? Por engano... Em rua estranha, por engano... Mas, então... o erro? Erradicação do erro... Mas e o desvio? Mesmo o desvio, infantilidades momentâneas, delírios de pátrias seguras... Mas, então... o erro? Pensar errante, para além do erro e do engano... De um pensar moralizante, gramaticalizado, eivado de belo ou feio... Mas, então... o erro?

Garoa fina de maquinismos... ismos... Mas, então o erro... Ainda nesse chão marrom.

38 - Vento leva, vento traz... Bocado de corpos em palavras, dispostos em conceitos, em terras filosóficas... Traz sorrisos, histórias de crianças doentes, de filhos mal sucedidos, escombros de casamentos, problemas com mães, falta de dinheiro, sonhos de motoboy, cozinheiras, pastores, namorados, filhos adotivos, andanças perdidas, ex-padres, homossexuais, prostitutas e carros novos, ditos, escritos e saudades da terra natal. Esperança e crença nos conteúdos e avaliações e sucessos... Educação muda homens...

39 - São trabalhadores, carregam latas e latas e sacolas e limpam e entregam e carregam e limpam e vendem e carregam e recebem e somam e dão o troco e limpam e carregam e entregam e de dia e de noite e comem e bebem e entregam e limpam e cortam e correm e limpam e são trabalhadores e chegam para as aulas e limpam, correm, entregam, carregam e falam...

40 - Verter em lágrimas o grosso leite, aquele das caixinhas, das mesas e suas gavetas e seus estampados com os nomes das coisas, dos tipos e das relações 456678 sonoras e imprecisas... Precisas da imprecisão... Mais precisão... Soa estranheza... relações 4566789 antes e junto com a ilusão da clareza, agora sim... Sujeito verbo predicado complementos... Ele ia subindo as ladeiras com o caderno nos braços... Braço = braço, caderno igual.

41 - Esfregar língua em qualquer espaço... Esfregar ponta da língua em qualquer espaço... Fazê-la transtornar a cadência, contagem às avessas... Ampliar os fluxos sanguíneos nas cavidades, nas oxigenações, ampliar alongando as pontas dos indícios e suplícios da carne e as devassidões... Invadiu, maltratar a língua, submetê-la às imprudências... Aos deslizos, aos desencantos e tocas e intrigas... Tinham dezesseis, dezessete... Quarenta, ou 22, dois, 43, três dias, falavam dedos dos pés...

42 - Mesmo na menor das armadilhas, nas ilhas e praças públicas e salas de aula, livros ou livros. Linhas lançadas nas periferias do som, nas bancas de jornal, esquinas em copos cheios ou lisos, acendimentos de cigarros e beijos, falas e apertos de mãos, sorrisos indelicados ou cumprimentos de grandes amigos, na decisão dos conteúdos e atropelos e guias de lugares em festa ou viagem, perguntas, respostas claras, imprecisas, escandalosas.

43 - Quando crescer quer devir sol, quando morrer quer devir água, quando sair à noite quer devir leão, quando respira pode devir animais rastejantes, quando olha devir águia e leopardo e fêmea de dragão, quando sonha devir dias e rotações e planetas e *Napoleões*, leões, Madalena, Judas, Spartacus... Quando no silêncio, entre a primeira palavra, devir multidão... Ontem... Professor?! Professor?! Mas, então, os filósofos... Mas, e a sociedade? O eu?

44 - Escrita chegou do além, de decisão em decisão caminhava terra, céu, tremores e terremotos... Deve-se votar... Deve-se escolher... Deve-se convencer com argumentos... Deve-se detalhar cada minúcia, com letra maiúscula e minúscula, com ponto, vírgula, acento e concordância... Deve-se acenar para os amigos e dizer bom dia e dar ouvidos ou ombros em singelos segundos... Por aqui, homem negro pergunta: o senhor está servido? O senhor está bem? Oh senhor!

45 - Encontrava disputa ruidosa entre sonhos, vigílias entre pensares, tradição, fossos. Madrugas e dias claros, garotos e garotas e outros tantos desviados, incorrigíveis, de cabelos longos e pintos e partos sem barriga de aluguel ou folhas em branco e cheques e mercadorias chinesas e reprodução de máxima qualidade em cópias em Xerox de péssima qualidade... Fugia, encontrava portas abertas, sempre abertas, em lago, às vezes... Redimir, livrar sangue, andanças travessas!

46 - Buracos e rasgos e furos e decomposições e singularidades velozes na face estreita do muro conjugadas com lentidões de várias ordens, como onda de camelos montados desfilando e desafiando o deserto e sempre mais distante deserto ou buracos para abrigar-se junto ao fluxo denso, nas passagens de líquidos quentes ou lentos ou ferozes... Escalam, escavam, escorrem ou duplicam a si mesmos na singular distância das efetuações... Vizinhos ausentes, limítrofes.

47 - Olhares em todas as direções perfuram a carcaça da certeza... Vêm e trafegam descontentamentos, alegrias, desconfianças e atrocidades dos carregadores de animais abatidos... Parcelas de parte posterior, em corte diagonal de lóbulo esquerdo, sangue das vísceras percorrem as lentas velocidades dos fluxos e olhares de direito, aclamação, tortura, pedidos de ajuda de toda ordem. Vem e vai, cada fresta, vem e vai, cada furo, vêm e vão... Bom, terminou.

48 - Escalar armadilhas do dia a dia até o encerrar dos anos, das noites e madrugadas; chamar de amigo os inimigos ou desistir das certezas junto ao outros ou deixar vir, acolher, festejar, chorar como alternativa ao corar... Para os moralismos: até quando julgarás propositadamente o despropósito, até quando exigirás forma ao disforme ou imporá as necessidades como signos das realidades? Resistirás pobre animal, a maior das inimizades, ressentimento?

49 - Perseguem voz com silêncios, com juízos e cálculos a cada segundo, como moscas na feira, pontuando, equilibrando, buscando atentamente com quadro cinza, branco, vermelho ou rios de entendimentos sobre caminhos de larva... Cada palavra e suas correspondências cadenciadas nas alvas paisagens da língua... A língua como produção de paisagem, de quadros em movimento, de fluxos vorazes em corpo desconexo... Trata-se de empréstimo, de acolher corpos em corpo, feito copo?

50 - Temer a maior das temeridades? Reduzir o caos à desordem... Um só movimento? Ledo engano supor convergências, mesmo na ínfima claridade, com holofotes de pelica guardam-se os mais divergentes tesouros, em miudezas, em parcelas resistentes, mas multiplicadas por 10, 15 n vezes atuando e registrando turbilhões de passagens... Caixa aberta nas bordas recheadas de coisas ainda não definidas por olhares ou mãos ou conceitos ou funções, ainda não nada!

51 - Vultos, imprecisão na demarcação, parcas siluetas e olhares sobre ombros, mulas sem cabeça, boitatá, saci, desconfianças severas quanto à disponibilidade da linguagem em ilhas de ilusão. Mergulho nas sequências, um passo para lá outro por aqui, um salto, uma abertura de mãos e deslocamentos singelos sobre a densidade do chão... Rumam e riem na direção da porta ainda trancada no penúltimo gole do dia de ontem: escura brancura alva.

52 - Enfrentar o livro mais persistente, cavá-lo, fazê-lo aterrar os corpos, as engrenagens dos tempos e dos movimentos mais ditosos em andanças sorradeiras e alegres nas superfícies velozes e lentas das passagens e paisagens fincadas nas distâncias e zonas de duplicação e linhas limítrofes... Trata-se dos limítrofes, da produção incessante de bordas, franjas, minúsculas, ínfimas, persistentes, dadivosas e talvez, quem saberá, algum saberá, vindouras... Bandeira pirata apruma mastro, baila vento.

53 - Decide-se conteúdo, traçam-se cadeias, explicações em qualquer direção. De A salta-se para B... Mas, então... de B salta-se para A, D, F ou G e cinzas. Patas azuis, unhas verdes, níveis acentuados, insatisfações... Novamente, A salta-se para B... Mas, então... X, Z, X e H, em P... Agora sim, círculo completa, sedução colhe... Agora, terminou... A implica C, implicado por D, sustentado por pernas, estômagos, funções... Eis organismo fatal...

54 - Bandos saúdam a persistência de dias passados, resistem, com maestria, aos rituais de imposição da representação... Expõem seus rostos como signo da luta contra a resignação. Parcelas de orelhas, dedos e ruídos de digestão... Tens de administrar os conteúdos em poções de cura... Dois dentes de alho, gramáticas, ossos de lógica, espasmos, ruídos no canto da boca, olhares revirados, sedentos de acolhimento em chão móvel... Quem sobreviverá? Algum sobreviverá?

55 - Haveria aurora, ou riscos e flertes com inícios e distâncias móveis em lapsos? Superfície do fundo, quando emergem, nas margens, restos de rostos, parcelas de línguas e orelhas e estômagos em colapso da organização... Uma orelha sem ouvido, uma língua sem gramática, digestão devoradora... Deliciosos sabores-odores sobem às margens e indicam passagens de níveis... Pés descalços e andanças de olhos na ponta das orelhas... Olhar sem ver, feito película...

56 - Habitas estepes, alargadas no encontro dos campos amarelados, verdes colinas e azuis, e nuvens brancas movendo-se aos ditames dos ventos... De longe avista a pele de animais lançados ao acaso dos encontros na expressão da fome ou em cinzas... Como bípede, supõe a verticalidade como saída mais provável, contudo, assolado por todos os cantos e assobios, desloca-se com dedicação sobre a superfície do globo, junto aos objetos e encantos...

57 - Elevar aos montes ao contemplar os riscos e poeiras e pontes e fragmentos e pedidos e reivindicações de passagens transitadas em corpo-língua... Sustentar obscuridades e atropelos de partes indispostas, resistentes aos ritmos e melodias da organização em tamanhos... Deslocar a profundidade, o acima e abaixo, para o âmbito das distâncias, intensidades, velocidades... Urso violento atacou sem compaixão um rosto, qualquer rosto... Tu, um quem, deverás na língua? Apenas língua...

58 - Destino, desatino, ponto de convergência entre passado e futuro, momento de viragem na flecha reta do tempo... Passos do programa: atacar causas vitoriosas... Construção de filosofia guerreira, na proposição de duelo

com risco de morte... Aclamar e reivindicar resistências e pontos de viragem... Ruidosa vitória: as imagens do eu, a construção do eu e instrumentos sofisticados de formação lançados nos encontros e desencontros com conteúdos, falas, corpos, instrumentos, instituições...

59 - Oh língua das línguas, corpo dos corpos, teu desejo te permite estar... Pudera alargar o encontro com reivindicações... Portadora de inusitadas auroras... Archote do relâmpago, do movimento incessante das águas, dos deslocamentos das asas dos insetos mais ínfimos, dos movimentos das colônias de bactérias e líquidos em fusão! Estremecimento é seu nome, sua reivindicação... Abandonas-te as amarras das distâncias e torna-te apenas fluxo de invenção junto aos encontros.

60 - Soberba língua, junto às fagulhas do corpo ensaia timbres do amanhã na face aguda do agora... Sombreia como árvore dadivosa, as virtudes do amanhã e redensões e convalecimentos... Há muito esteve doente, resistiu com bravura aos ataques mais ditosos, estratégias mais sangrentas, ferozes... Afeito à glória dispôs os cômodos da mansão para circular sangue, vento e ar nas veias oprimidas na escravidão do ontem, ainda no hoje, saberá amanhã...

61 - Talvez? Quem sabe? Aprender com corpo, com língua-corpo, com paredes e panos de chão e giz e silêncio, com aguardar, com olhares estampados em firmes joelhos lançados no chão... com fagulhas de luz e sombras e castelos de sonhos de pátria e futuros e amanhã... Com vísceras e acontecimentos, com inesperados em portas, em subidas e descidas... Talvez? Quem sabe? Aprender corpo, com língua corpo em paredes e tetos...

62 - Toma-se mundo como lugar da procura ou seu instrumento... Toma-se o dar-se do mundo como problema... Vive-se o dar-se mundo de um modo... Nos olhos, nos ouvidos, nas narinas, na extensão corporal da língua... Toma-se mundo, em superfícies, em idas e vindas... Toma-se um mundo como acontecimento, atroz, violento, a qualquer instante, ameaçador e portador da boa nova realidade, na extensão rigorosa da sensualidade... Nasce, colina atrás do monte!

63 - Se o pensar inicia-se com a violência, certo a demasia das suas exigências. Perseguição sem piedade... Talvez, a reivindicação de traduzir-se em língua opere na diversidade e multiplicidade dos níveis de relação entre sujeitos, objetos e alteridades. O sentido do real como inerente sintomatologia da vida. Ainda homem? E, por ventura, para além do homem?

Ecoss, da maior das devoções... Devotar aos apelos, curvar alegremente ao magnífico sublime.

64 - Por agora, enrolar em pano tecido de prata em utensílios de cirurgias... Esfregar nas superfícies, desertos, noites sem luar... Gerner ao som de algum violino, entreter com danças e passos mágicos no saltitar junto à Terra... Espécie sofisticada de encontros sonoros em suspiros com ar, com fogo, na terra e passagens intermitentes do magma... Bem de pressa fruir o bote do fluido incessante da corrente afeita a resistências, relações...

65 - Compor corpo. Gestualidade capaz de língua, sons, danças... Armando em montaria, lanças, flechas, armas de propulsão, arremessos... Lançando aos confins da terra convites e abraços fraternos e ilhas e partes de terra úmida... Rumando nos abismos, nas pontas dos pés, sob vulcão em lava, mar revoltoso, rios, em sulcos borbulhantes... Aladas narinas em dedos e mãos e bocas amigas do vento... Cavalgando dorso, em selvagem animal... Vida, *pereat vita...*

66 - Andar na fluência dos sons, dos signos e dos sentidos, junto às vãs expectativas. Ir e vir borbulhante, pretendente de suspiro do chão, de acordos no chão. Na estranheza de tornar movimento, conquista da altura, na distinção entre chão e sola, andar e saltar e falar. Anda com o chão, junto aos signos e vozes. Às vezes, do andar, surgia o correr, como festa: Dom da alegria. Agora, sorri...

67 - Efetuar lance de dados. Variar implicação da jogada... Efetuar outro lance de dados. Variar implicação da jogada... Efetuar outro lance de dados. Variar formação na jogada... Efetuar sensualidades, luz, sombras, cheiros, gostos, escadas, pedaços de sussurros em caldos, em rostos, em reivindicações de ares, luzes, sombras, gestos em face, paisagens... Signo transposto em superfície... Rosa diz em gesto, na língua, em corpo atritado, eivado à condição de dizer mundo...

68 - Canto da alegria... Amarás amarras de toda ordem... De peles, com pescoço... Asas intumescidas em líquido incandescente... Como lebre, corre, acata, deslancha... Como leão, esculpe faces agudas das estepes... Asas intumescidas, incandescentes... Amarás o inesperado em qualquer desordem... Amarás amarras de toda ordem... Amanhã chegará o relâmpago... Amarás o inesperado em qualquer ordem... Amarás solturas de uns, muitos...

Em peles incandescentes, amarás qualquer ordem, desordem, semente...
Amarás feituradas, faces...

69 - Do lado de lá... Treme... Em mortes de várias ordens... A petição da língua instaura conjunto de certezas provisórias... Na impressão, indecisão, ou aquém mesmo de decidir ou mero deixar estar... Bote de ondas instaura embriaguez... No velório, mortos e suas línguas celebram-se... Nenhum registro de coisa alguma, nem mesmo petição em língua... A distinção opera-se na língua, na verbalização? Existindo além do código... Persistindo além código... Lá, lá.

70 - Leve jogo de cantigas noturnas... Jogar um iniciar... Instalar um iniciar... Impor iniciar... Quanta alegria há... Jogar o iniciar... Uma desdobra da obra, um infantil e delicado iniciar, arrojado... Algum ponto de apoio? Ausência de papéis, valores, posições previamente definidas... Jogar iniciar? Nesse instante, outra vez... Sem cartas, sem tabuleiros, sem linhas esquadrejadas... Instalar iniciar? Um bocado de monstro e caos... Quanta alegria há... Iniciar ao abrigo da fronteira...

Sombras.

1 - Enfurecido, tremendo em medo. Rastejante e de pé, em vale de lágrimas, queimou o maior, o mais pesado dos livros - de tão grande e precioso, o maior daqueles dos sagrados, de longa linhagem. Ao fim do incêndio, apenas o cinza e o fragor do vazio acinzentado das palavras sem memória. Habita superfície andante das peles em cinza, o mais alto cume não seria a mais baixa colina, ou?

2 - Ainda palavras na persistência do esquecer em corpo desmemorioso. Habita superfície andante das peles em cinza, o mais alto cume não seria a mais baixa colina? Espécie sofisticada de colheita das cinzas? Não temerás aos incendiários? Não temerás ao fogo sagrado dos incendiários? Em meios às cinzas, às advertências, às fronteiras, incendiário! Às fronteiras bastariam pequenas e breves palavras naturalizadas pelas benesses do lembrar - as fronteiras, instantes petrificados?

3 - Vais dizer novamente? Vais ter coragem de dizer novamente? Vais levar ao topo do monte? Vais oferecer novos olhos e maneiras? Vais adiantar-se novamente? Vais convidar à escalada das montanhas? São amigos? São amigos? Não deveriam sê-lo? Vais dizer novamente? Vais demonstrar novamente? Com aquela certeza descomunal? Mas, são amigos? Não deveriam sê-lo! Vais novamente esvaziar o pote? Oferecerá mãos nas subidas mais íngremes? Retirá o sagrado da parede?

4 - Quem vem lá? Em cada canto da sala, alguma disposição de móveis. Neste lugar, um sofá de quatro assentos, neste, algum bule de café, fumaças. Ali, uma caneta, um caderno e borracha e lápis nas mãos. Quem vem lá? A disposição da casa não lhe agrada? As janelas e portas e chão estão tão bem dispostos! Mas, quem vem lá? Como líquido vais tentadoramente escorrer? Quem vem lá adiante?

5 - Supôs que poderia escapar do retorno, das conclusões, das clarezas do método? Supôs que poderia manter-se como caminhante, passeante, um vivente e nada mais? Supôs que ousaria continuar na fabricação de brechas, de inusitadas brechas? Supôs que não teria de voltar? Supôs que a civilização o abandonaria? Supôs que escaparia às instituições, aos olhares de pais e mães e tias e vovozinhas? Supôs que escaparia de apresentar resultados, de?

6 - Seria da espécie dos monstros abrigados junto aos cacos, ao caos? Seria capaz de monstro e caos, ou apenas infâmia, singular infâmia? Após a brecha, pretenderia apenas lavar a casa, retirar todos os indícios e os desvarios dos nevoeiros nos traços embriagados dos caminhanes? Abusou demasiadamente: riu da língua, do visível, da tradição e das marcas do cotidiano! Ousaria sair ileso? Supôs, supôs que devanear a memória bastaria, garantiria?

7 - Pensas que poderás ludibriar as carnes, os movimentos incessantes das carnes nos derradeiros solilóquios silenciosos. Não desconfias da clareza das palavras sobre os delírios incompreensíveis da carne? Seriam ideias tão puras assim, tão seguras e amenas a ponto de desfazer a combustão? Tolo, esquece-se das maiores das vinganças, aquelas das vísceras, no seu aprumar incessante para a morte? Seria prudente, pelo menos, reconhecer a fragilidade do castelinho de cartas!

8 - Faz sentido, desviar a rota? Algo maior aguardaria: persistência, bocado de dor e distância fariam bem! Os grandes monumentos, o permanecer na história e o arremessar da flecha e escalada de grandes e reconhecidos muros, quase a conquista das patentes ou as patentes mesmas. Doar o valor seria a meta esquecida? Valor, tradição e veneração, inevitáveis caminhos! Teima em persistir, em angustiar na peregrinação? Rumar em solo sagrado, desconhecido?

9 - Abdicar da gramática. Abdicar da identidade. Abdicar da semelhança. Abdicar da consciência. Pretender pensar sem conceitos. Pretender ir demasiado longe. Pensar sem imagem definida. Pensar para além do princípio de não contradição. Pensar sem pretensões de calcular, de administrar riscos e resultados. Não seria isso idiotia? Seria isso um disparate, submissão proposital ao engano e ao escárnio? Máscara de asno, de misturas indeléveis, impróprias. Em uma palavra: feiúras!

Dez: Teima em persistir, desvairado caminho. Sonha com a consecução da língua, com hierarquização inusitada de órgãos e de fagulhas no sentido. Estimo o esforço, mas e a realidade, as funções, os acordos, as aprovações, os submetimentos e os desejáveis apelos às explicações dos cantos e das frestas do muro e sobretudo, às justificativas do trabalho nas expectativas sociais, sem falar das aprovações? Os conteúdos de filosofia entrarão no PISM-III?

Onze: O homem precisa ser libertado, convencido das suas correntes. O que fizestes para indicar a soltura, ou ao menos, dizer-lhes das infinitas possibilidades inerentes, das disposições sorrateiras do caminho no deslocar das formas, dos tipos, das formações lançadas nos processos civilizatórios? Indicar caminho! Tuas orelhas exigem cabelos compridos, boca escancarada e certeza no peito! Deves constituir barba, solidões e encontros amorosos com o mal. Línguas que dizem, ouvem, ouviu?

Doze: No máximo descrições, apologias de configurações em mínima provisoriedade. Em algum instante, apenas disputas em movimentos. Por alguns instantes o *ainda-não* poderoso, *ainda-não* pensar, *ainda-não* sentir, mas soberano e astuto querer escapar uns e outros fagulhantes. Querer a indistinção, pobre solitário! Querer a distinção da indistinção, pobre solitário? E a modéstia, o risco de Platão? Sem delongas: ingenuidade de habitar grosseiro espaço indistinto da afirmação da diferença! Obscuridades, *micropercepções*?

13 - Bocados de *despercepção*, de imagens sonoras, de delírios visuais, de delicadeza e miudeza garantirão? Por que não, coluna consistente de conceitos, de conserto em explicação minuciosa das paragens, das passagens, dos movimentos e velocidades conceituais? Soberana clareza, sem distúrbios, sem afrontamentos à consciência de si e seu cuidado com delimitação segura e precisa do caminho ou mesmo explicação talentosa e sustentada das possibilidades, limites do miserável andar cambiante.

14 - Capturar cada movimento da sensação em um conceito; construir cadeias de problemas e seus correlatos para a solução das questões fundamentais, tais como: o movimento, o conhecimento, as condições da validade, os critérios de definição das possibilidades, os caminhos do método, suas seguranças, eficácias. Validar a teia conceitual correlata e suas implicações morais para o destino geral da justiça entre os homens, enfim, estabelecer reino de paz na...

15 - Terminada a tarefa, deverás começar novamente e assim novamente e mais uma vez e de novo e ainda uma segunda vez. Repetições em canto de alguma sonoridade, em algum estranhamento, em algum vislumbre, em desinteresse, em calorosa recepção, em arrepios velozes na superfície da pele, na extremidade dos pelos. Terminada a fala, começarás novamente e assim novamente e ainda mais uma vez e de novo em uma segunda...

16 - Desejar ultrapassar as ocupações, os movimentos intermitentes do cotidiano, os seus apelos, usos, costumes e obrigações. Pensar, sentir, querer, maquinar breve hiato de tempo e disciplina e recorrência para lançar no abismo da multiplicação nos longos, tortuosos e alegres exercícios de experimentação... Estavam por lá, estampados feito tatuagem no corpo, a pedir, a suplicar, a mandar, a exigir encontros, escritas, aconchegos, reconhecimentos, publicidade. Ordens do território, mero territorializar?

Dezessete: Homens com cabelos penteados, barba feita, dentes brancos, camisa limpa, calça passada, sapatos lustrados, pretos, marrons, alinhados, com cintos afivelados, com ideias claras, precisas, dispostas com maestria no tom, velocidade, na argumentação. Trabalham por todo o dia, auxiliam, regulamentam, propõe quadros, rotinas, tarefas, corrigem, reconhecem, punem, conversam, ouvem, cruzam as pernas ao sentar, vigiam, convidam ao café, homens de bem em grupo de bem em instituição de bem, bem.

18 - Mas e o porquê? E resposta ao porquê contida na marcha dialética do pensar? A obscuridade dos andares inferiores deveria ser dissipada! As reminiscências, imortais, garantem a disposição correta dos cavalos e dos pretendentes ao controle para a nossa cidade e destino! Os simulacros seriam superados pelo ar consciencioso das sombras, pelos degraus iniciados nas sombras no estabelecimento seguro das aparências, das ilusões, do erro e dos enganos!

19 - Cor e solidão? O que podem cor, solidão? E o estático, a unidade, a clareza, a identidade? O que podem? E a passagem? Ainda-não é? O que pode o ainda-não? Pode ainda-não? Mas, e a cor, a solidão, o estático, a unidade? Pode poder a *desunidade*, singularidade, multiplicidade? Mas, e a unidade, a formação? Baile das máscaras? Pretendes além? Temerás Ícaro e raios de sol... Rios de sol...

20 - Todos esses, em qual direção? Reconhece no seu apressado ir e vir, com livros, mochilas e celulares e dedos e anéis nas mãos, o destino e sua tarefa... Ofegantes, trafegam em vias abertas, em trajetos definidos ou acabrunham em algum canto, em cantilena qualquer, o hiato de tempo configurado nos seus existires? Uns ainda saúdam, acampam e esperam o bem-aventurado elixir dos céus, das compras, do cotidiano ou álcool.

21 - Vais perder a língua, salta... Vais perder a coragem, foge. Vais perder a força, arrebenta. Vais vacilar, cambiar. Vais desistir, morrer. Vais se enganar, engasgar com as palavras. Vais se enganar e olhos esbugalhados

saltariam das órbitas. Vais nos excessos do olhar, cegar. Vais de tanto andar, ficarás perdido... Vais entulhar de tanto ouvido. Vais por excessos parar, feito poste fincado em chão de avenida. Vais sambar na escuridão...

22 - Deve haver reprovação... Como signo de respeito... Deve haver chamada, como signo de obediência, afinal, e os cartões de ponto, o código de defesa do consumidor, a gestualidade dos comportamentos no *socius*? Deve haver respeito, uns assentados, outros em pé, uns de mãos atadas às máquinas, outros à caneta, ao computador... Deve haver recordação, tradição, bom senso, deve haver educação: língua única em corpos diversos. É isso, só isso!

23 - Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há...

Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há...

Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há...

Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia sombra não há... Ao meio dia...

24 -

Em fila, nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca para frente, quieto.

Em fila, nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca para frente, quieto.

Em fila, nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca para frente, quieto.

Em fila, nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de nuca atrás de civilizar...

25 - Costurar feridas, lambê-las em lábios ardentes de amor, ódio, vingança. Retirar-lhes pus ou saltar sobre o purulento, desgostoso, fatigante e cozê-lo com ovos mexidos em barriga de elefantes virgens? Com pequenas e consistentes poções para acasos, dos felizes ou tristes dores ou prazeres ou descontentamentos quaisquer! Ensinar três não: desejo, vontade e razão... Em nome da luz, instaurar sagrado *não* aos desentendimentos, aos obscuros sem sentidos... Vem!? Vamos lá?

26 - Riscar passagens em papel branco. Capturar com maestria linhas de idas e vidas e voltas e subidas e descidas, com atenção, em essência, na exclusão... Estabelecer condição de reflexão... Obscuridades? Apenas equívoco, vale a inteligência, a cadeia de aplicação de conceitos e exposição atrelados desde o início ao princípio de não-contradição... Por aqui... Um, dois, três... Por aqui e depois vamos... Da capa, ao prólogo, ao público: por aqui...

27 - Mas, e a função da filosofia como disciplina e conteúdos filosóficos no Enem e no Pism III? E as exigências dos PCNS - responsabilidades, direitos, deveres na ascensão à ordem disciplinar na aguardada, propalada, obrigatoriedade dos conteúdos? As prescrições dos sistemas filosóficos para conquista de visão clarificada, para uso seguro e lógico da linguagem na convivência harmônica em sociedade, capitalista, democrática, plural e produtiva? Saber para aprender, fazer, conviver...

28 - Prazer da resistência vencida, atolada em sentidos seguros, espaços, tempos, códigos e olhos nos rostos e boca aberta com língua projetando símbolos sagrados e vozes do além: tábuas de idas e vindas, chegadas, partidas, em cortes precisos de mãos, dedos, na extirpação do câncer e morte e prescrições. Saúde. E das sanduicheiras e fascismos de toda ordem? Vontade de obstruir? Com e sem bisturi... Subir ou deitar... Monte?

29 - Mas então, os pingos repousariam na face, o fora no dentro, as angústias no fim? E as devassidões, as sangrentas e coletivas devassidões, às vezes em lágrimas e acompanhadas de relâmpagos? Um pequeno bote ou pé ou tronco ou eu? Eu e resto e fragmentos e indecisões e *caosmundo*? Pergunta lá, abraça lá, medica lá... Vai até eles, diz, tens coragem para tal? Diz, façam dizer da doença, vai!...

30 - Oh! Pudera! Pensas escapar ao a b s u r d o apelando ao o b s c u r o ?

Pensas? Escapar? Apelar ao absurdo? Pudera, peixe de penas e pés pequenos... Pensas escapar apelando ao absurdo, peixe de asas... Pudera?

Escapar ao absurdo?

C l a r o c a l m o c i r c u n s p e c t o ou... Cidadania?

31 - Limpar, com panos de chão, tochas, artifícios de culpa os poros, ouvidos, gêneros, propriedades. Garantir permanência em longo declive... Determinar medida, com máxima precisão, da razão diária, passar dos dias, anos, saúdes e doenças e hora da morte, sexo ou vigílias. Construir incessantemente comportamentos, compartimentos, memórias e hábitos maiores... Súditos: sedentarizar e extorquir, aprisionar a fluidez da terra, na terrificação de palavras de ordem: nós, o futuro, a nós!

32 - Misturas as discórdias, os descompassos, as indivisas regras... É simples: confunde-se com o fardo, aceita-o e leva-o aos limites estreitos de reprodução e acerto. Delimita, com precisão, as condições da progressão enumerando passos seguintes: por isso, por aquilo, desta maneira e terás o que pretendes... Besteira imaginar-se capaz de ir além do trato. Mesmo se

pretendesse, esbarraria nas leis e tu sabes do valor das leis e recompensas futuras!

33 - Distante, em algum lugar, canto, lapso... Desnortado, carregado de imprecisões, inseguranças, em pernas trêmulas, cambiantes, bêbadas ao final do traço. Encontrou dúvida, portas fechadas? Resistirás às memórias? Porto? Embarcações suspenderam âncoras, rumam erriçadas no liso... Converter em carregamento, no máximo, rogo resignação resoluta! Indigno da alegria! Então, mais um degrau, levante a perna, abaixe os ombros... Vamos, mais um degrau e outro e novamente e mais uma vez... Vamos!!!

34 - Perderam as lentes, várias vezes por lá, aqui estivestes... Foi informado da necessidade de retornar, mesmo já estando diversas vezes por lá, aqui. As prescrições são demasiadamente claras, mas máquinas outras forjavam demais carnes e olhos e ouvires e dizeres... Deverás voltar e voltar e voltar e talvez, quem sabe, novas e inusitadas lentes fiquem prontas... Enquanto isso... Faça bom uso da identidade, semelhança, analogia, negação... Sobretudo, seja, e.

35 - Esgotam-se os problemas nas soluções, nas operações estabelecidas do cálculo para cada função... Perguntas, condições de respostas e implicações... Eis a máxima tarefa: transpor o abismo, realizar o traço e sujeitar à meta, nas práticas, nos protocolos, nas regularidades e leis: certeza, cadeias e decomposições... Justificam-se os cadafalsos e confissões, afinal, impor um fora, não seria a tarefa? Reduzir às resistências aos ressentimentos, às vinganças... Produzir incessante falta, culpa...

36 - Trata-se de produção de ossos em carnes, em ter pescoço e pernas e olhos para contemplar, desejar a face presente da superfície iluminada do destino no aqui e agora, desdobramento da efetuação de glamoroso antes e persistente de passados e longínquos passados recentes ou de transtornar em trabalhador, uma ceia, uma botina emborrachada, um silêncio produtivo ou empreendedor uma conta bancária e cerveja e futebol, vestido de noiva, altar...

37 - Pretendes então o pior dos mundos... a acefalia, a afazia... Como vovó já dizia... Problemas de digestão... Ousaria dois, três estômagos... Cartel de remédio da alegria e danças mágicas e corpos ensanguentados e pés descalços sobre o fogo e risos insanos em... Pretendes então o pior dos mundos... A bobeira... boi, beira... boi... berra... Deixa de máscara, ainda tens o cartão de crédito e os diplomas... Como vovó dizia...

38 - Bastava isso, dobrar o fora... Civilizar corpos com instrumentos sofisticados de crueldade... Produzindo nos buracos negros e muros brancos, profundidades capazes de dizer eu, de sintetizar eu ou dizer os outros como si, sentir os outros como si, ou olhar dos outros como si... Eis a tarefa, a meta, o destino, produzir povo de pensadores... Ingredientes: matéria fluída da vida, instrumentos, práticas de controle, domadores, artistas de circo, professores...

39 - Denúncia? Amolecimento do coração? Ismos, justiça e coisas do gênero? Oportunidade para todos, sem todos e apenas alguns. Todos? Apenas uns? No limite, conversão econômica! Troféu das nossas conquistas. Pretende a mesma vitória, welfare state, socialdemocracia? Saúde, trabalho, casa, comida, filhos, educação, consumo, aposentadoria, mausoléu e esperanças ultra-terrenas. Troféu das nossas conquistas!!! Pretendes a mesma vitória? Todos, uniformemente iguais a um - cansou, civilizou, casou, comprou, gozou, teve filhos ou?!

40 - Sistema geral de equivalências delimitadas com máxima precisão entre a manifestação e sua expressão na esfera da linguagem, um plano da expressão, um plano da designação, um plano da significação, tudo isso para produzir, encontrar o sentido... Trata-se de buscar e encontrar o sentido? Sabe isso, não?... Aprender para vir a saber, para colher o fim, para solucionar o problema... Quem tu és! Quem tu deverás ser hoje, sempre!

41 - Ficar calada, ausentar da mesa de jantar? Escapar à parada de sete de setembro, ir para a guerra, produzir campos de extermínio, ser companheira na última hora, oferecer os ombros nas despedidas, a maior das amigas nas horas impróprias, confortar os traídos, propor recompensas e castigos, carregar, humilhar e subir colinas e fazer jejuns e esfolar joelhos... Por amor... Por amor... Por amor... Ter sempre à mão, palavra, conforto...

42 - Acocorou!!! Acorda, dá braço a torcer, flexione joelhos e aceite distinções... Sem sombra de dúvida, exposições claríssimas, assim, a alternativa para ação é: seguir e seguir e seguir e seguir e seguir e seguir por aqui. E seguir e seguir e seguir por aqui... Vá... Temos a melhor das estratégias... Em diálogo, conscientizar e assumir língua, linha... Seguir e seguir... Já pensei em tudo, em detalhes mínimos... Oh! céu!

43 - Receitas para se fazer bom cidadão: desde sempre, porção de órgãos submetida às diretrizes, ou aos desenhos diretrizes ou aos apelos do Bayer, de Munique ou Barcelona, de Madri, ou do Porto, de Lisboa, ou do Flamengo,

do Rio de Janeiro... Trabalhar em multinacional, salário fixo, no serviço público, defendendo a pátria, rumando para a guerra em defesa do Estado, dos limites e fronteiras do Estado... Passou no vestibular!

44 - Feito, produzido, idealizado para durar... Mais resistente dos metais: a carne sob o açoite de séculos, pesadelos, mortes, futuros... Feito para edificar distâncias seguras, mesmo na fome, na miséria, deve-se manter as condições, hierarquias, sins e não e portas abertas ou fechadas de antemão... Por ora, ecoa a servidão, ouve-se chicotear de carnes noite e dia, nas madrugadas, nos plantões... Você... Está de recuperação. Será na quinta, às 09:30!!

45 - Pensa?! O riso pode limpar esse sangue, os vazamentos, entrecruzamentos ruidosos das visões de fachada? Baile de máscara aturdido pelos limpos, alvos panos brancos no apagamento de pés, joelhos, no chão? Pensa?! O riso, logo, a máquina de escárnio, de desobstrução atroz, feito arma projetiva, em espaços alados, livres? Indico o choro ou algo entre o riso e o choro, o murmúrio. Primeiro passo na escalada do pavor, ou.

46 - Apenas código, codificação e sistema qualificado de reentrâncias e modos de distribuição... Conjunto de sins e não com fins a fazer ver, fazer falar, fazer pensar em direções... Tentou-se de vários modos rejeitar mecanismos abertos, entretanto, relatos nos indicam, com máxima precisão, níveis rigorosos de resistência, na produção de genocídios, endemias e guerras de toda ordem... Admitiu-se possibilidade de ilusões, a mais divulgada, a vedete, além da vontade, EU...

47 - De costume, trazer doces, apaziguar colheitas, desatinos... Trazer sorrisos dentes bem distribuídos nas cavidades subterrâneas da boca... De algum modo, manter o traço, postura, ar de certeza, seriedade, bom senso... Trata-se de bom senso, cada coisa em seu devido lugar de direito, adornado por artifícios funcionais... Carteiras sobre chão, mochilas penduradas, olhos atentos, pés fincados sobre chão, atenção... Longos períodos de atenção, às palavras, aos gestos mínimos, e exercícios.

48 - Pobre poço de ignorância, diversas vezes arrastei-lhe ao muro das mensagens, descabro das subidas e das idas às nuvens. Apenas seres alados terão privilégios: pernas e penas compridas para riscar mares, ar rarefeito... Sabes, e mais uma vez temas o frio, degelo, renúncias. Desde o início poucos ou até mesmo ninguém, no limite, irá sofrer o maior dos males: ter a si mesmo como inimigo... Desistirás quando, fôlego faltar!

49 - Quase meia-noite... tateia com percalços confusos os cômodos da mansão, sabes das ausências... Mesmo assim, insistes na alegria de desabitatar as nossas conquistas mais audaciosas... Terás de voltar à antiga necessidade de ganhar pão, de comer e degustar carnes, ventos nos ouvidos e uivos de amigos em madrugadas de solidão... A menos... Por tudo a perder, terias coragem de por tudo a perder? Primeiro passo... Segundo... Quase uma dança...

50 - Receitas para traçar a vida com linhas fortes, seguras... Dispor de sistema de referências, um bom sistema de referências seguras, de fundamentações e à mão, sempre em qualquer instante, sistema de fundamentações e apedrejamentos com livros marcados sem manchas e alvos, de todos os tipos, alvos, em círculo, em quadrados, em retângulos... Cozinhando com parcelas modestas de indigestão, para jovens travessos alfabetizados em idade escolar, brancos, meritocratas, bem sucedidos.

51 - $1 + 1$ são 2... As ferramentas do entendimento devem se pautar na certeza da clareza e pactuar comunhões... A concordância nasce da compreensão da inevitabilidade da demonstração. Assim, clara e devida, a curvatura dos ombros... As derradeiras argumentações dispõem cenários, superfícies, forjam rostos, modos de ser, estar... Em momento algum, deve-se duvidar da força relativa de uma exposição... Convencer, palavra chula, tornar igual por intermédio da demonstração...

52 - Na mais persistente das desconfianças, das chagas abertas em gotas de sangue e crueldade. Nos agradecimentos junto às maiores felicidades e alterações de humor. Nos confins da terra Brasil, dos assentamentos do norte aos mares do sul, nas montanhas íngremes ou vastas planícies, presente em velhas carteiras carcomidas ou prestes a chegar junto aos joelhos olhos dentes ouvidos crenças... Junto, deve-se repousar língua, ajoelhar, acalmar vestígios da dúvida, apascentar!

53 - Trafega em vias abertas em caminhos de corpos sofredores... Traduz em língua mestra, chagas, devassidão dos descompassos cambaleantes... Mães denunciarão riscos do abismo; aparelhos de estado perseguirão os tresloucados, os esburacamentos... Em dias de sol ou chuva surgirão conversas aos pés dos ouvidos e, no limite, os protocolos e registros de saída ou... Há tempos quer-se um organismo para trabalhar, reproduzir, ajoelhar e consumir... Há tempos... delinquentes, suicidas, drogados.

54 - Esperava alguma redenção? Algum resíduo indicador de habitação moderna, lançada à beira de forças em ondas, em movimentos de expulsão ou reclusão? Um além da angústia, fastio, solidão extremada em língua convulsiva, em pedaços de futuro lançados à margem de qualquer fim? Não sabes da vingança, da ausência de rosto, das acefalias e horrores e mesmo alegrias convulsivas? Como breve pingo de chuva escorre em vidraça!!! A escorrer, vidraça!!!

55 - Pensou trafegar ileso, ultrapassando pontos, margens... Pensou livrar as organizações, suas marchas, cadências, modos de operar em harmonia? Sonhou com afagos nas bordas onde há rios, larvas? E os calafrios, as sentenças mal formadas, as peças despedaçadas? Imaginou bestas de toda ordem? Crianças desviam o rosto... Sair ileso? Das idas e subidas, das escarpas, pelos, poeiras? Tateou, com a face, a brancura do muro, seus buracos negros, julga-se vitorioso?

56 - Resistirás às sombras? Oferecerás o corpo aos sacrifícios? Defronte ao muro, serás decapitado! Milhares de células escorrerão no solo sagrado da punição... Terás o maior dos sofrimentos... Ficarás preso, amordaçado ao passado, fixo, em círculo perpétuo de 70 x 7 x 700... Suportarás o retornar? A cada chibatada escorrerá em alegria seus mais destemidos feitos... Nem mesmo choro, lágrima ou recuos da carne em sofrimento serão ouvidos... Resistirás, e?

57 - Tens advogado espaços diferenciados, contorções? Dobras e desdobras e afrontamentos com semânticas... Trata-se de sustentar determinada ordem de significância... Pretendes pastorear, estender a estriagem e dar apascentar as pequeninas ovelhas e seus descaminhos... E as crianças, edificará sistemas de controle ou vigilância? Disporá remédios e terá discípulos, cátedras e ensinamentos... Disputará com X, Y ou Z os confins da Terra, seu solo sagrado? Caso sim, temos muito a distribuir!!!

58 - Inventamos a moral, instrumento bem sucedido na consolidação de tipos de corpos e organismos... Capaz de dar rosto e função aos desvios e desviantes, de corrigir, expulsar, impulsionar em direção x, y, ou z... Por intermédio de nossas sagradas mãos, pode-se orgulhar de deus, homens, inferno ou paraíso... Basta aplicar amputações, sobretudo das paixões, nossas eternas rivais e no corpo, e seus fluxos, odores e líquidos... Moral versus líquido...

59 - Às portas da loucura estivestes, como sorrateiro, átimo de conservação exigiu-te resquício de barco, de banco em barco em mar revoltoso, mas além ainda é possível, se faz e se exige como possível! Terás desejo? Terás vontade para pairar no sopro de mais uma pele, nas fronteiras das máscaras? Tu sabes do edificar constante das máscaras! Quanto de força exigirá sua próxima fronteira? Desposar setenta vezes sete peles.

60 - Resiste bravamente aos chamados... Tornei-me velha, incapaz de sedução? O corpo esburacado provoca repulsa, a voz tenra, meticulosa, dispersa os audaciosos, companheiros de viagens longas, aos mares e desertos de superfícies móveis, rasteiras, joviais... O mais belo, o doce mais amargo das distâncias em devota língua, reverencio... Pudera ser jovem o bastante, fluir, devir outro rosto, que não a cólera, dúvida, falta e culpa e chicote... Seria eu embusteira?

61 - E as garantias do controle, do plano de organização e da produção de rostos, organismos e eficiências e habilidade e competências e o capital, o mercado de trabalho a produção e o produto interno bruto e a taxa de desemprego... E as garantias de controle, notas, aprovações, reprovações, processos seriados de seleção, vestibulares, Enem e famílias, classe média, pesquisa, futuro, pátria, nação... Nação? Povo? Oportunidades iguais para diferentes... Hoje?

62 - Correspondências, equivalências? Sem distinções? Apenas graus, relações, conjunto emaranhado de sobreposições, acordos e desacordos, sons e vigílias de mãos e corpo atado? O que haveria para saber? Para agarrar com mãos frágeis, mas recobertas de desejos, de aprisionamentos, garantias e caminhos certos? Como poderia vir a apreender se... Apreender sem nada saber? Ensinar sem nada a saber? Falar nas imediações do silêncio, nas andanças junto ao sublime? Tornando-se, dobrando-se?

63- Ajeita-se em corpo sedento, força as rodas e faz rodopias em trapos e tralhas, em ditos e escritos de movimentos em trocas com sons, cheiros, testamentos, testemunhos, rivalidades e superfícies... Escandalosas, maldosas, tentadoras, dissimuladas, ébrias de alegria e descontentamento... Fragmenta a cada passagem, desmonta a cada subida e aceita os desenlaces e desacordos, afeito à aluvião de ouro, fruindo e descendo as suas andanças sob o manto da terra.

69 - Antídoto: picada de víbora, teias de aranha, odor de pastores... Em dias de tristeza, subir ao maior dos montes, oferecer sacrifícios, bois, carneiros, primogênitos... Fazer holocaustos festivos, danças, gritos e multidões... Centralizar fala, propor audição e destino... Portadores dos archotes e das negociações com divino... Olhos fora das órbitas, língua indecifrável e como não, presença face a face com algum inominável, que tu, constranja, peça, obrigue, nomeie... Antídoto: ferir!

70 - Oh metal dos metais! Quão mais duro... Mesmo o bronze, ferro, aço... Oh metais dos metais! Quão mais resistente... Mesmo o aço, ferro, bronze. Oh metais dos metais... Quão mais durador... Mesmo o ferro, aço, bronze... Oh carne, metal dos metais! No sangue celebra dureza... Na dor conquista resistência... Na carne alcança duração... Por instrumento, a palavra... Inscreve, e grava e marca o fora... Oh carne, metal dos metais...

Frugalidade e morte

1 - Com olhos derretidos em meio a imagens de persistência, conservação e breve brilho de noite em luar. Mais uma cambalhota, mais uma distância, longa distância dos espaços entre lembrança, na fugacidade devorante do instante, em breve palavra para algum demasiado grande. Breve lamento junto ao demasiadamente. Ao fundo, sublime som de lua em noite de cambalhota, em macacão verde-escuro, buraco negro em assento, em aceno de impossíveis palavras lacrimosas.

2 - Apenas um pedaço de sombra e um pouco de luz entre os retratos. A fecundidade da iluminação oferece lampejos de clareza. Aos poucos, as sobreposições dos olhares, no fundo, na borda e nas profundidades. Seriam então três rostos? Por que não quatro e cinco e seis? Naquela fronteira, a mistura daqueles olhares tímidos, lançados na fogueira da imprecisão luminosa. Um pouco de sombra e pedaços de possibilidades infinitas, de.

3 - Rompe em delicadeza, faz furacão. Sempre e mais uma vez serena, veloz. Junto aos anúncios das mortes inaugura-se questão: a duração depõe a favor da destruição ou apenas indica a superação das vias? Pequena ultrapassagem pretende aninhar... Vários confrontos, na persistência de devir linhas em superfícies. Seria a dor fenômeno de fachada, vingança contra a vida na dobra e no dobrar ou ecos da plenitude exitosa tragada pelo comportar?

4 - Resistência se fez. Lutar junto ao abismo, de braços e mãos estendidas para a morte. A eternidade do morrer como medida mais salutar, como indicativo de vida demasiadamente saudável, mas realizada em franjas, em fugas constantes do mesmo. Por algum encanto, as sonoras reivindicações de consistência e persistência. O morrer invade a memória e indica, solicita o esquecer. Trata-se disso, de lembrar o esquecer, de querer esquecer, nada mais...

5 - Por um breve instante havia sentido. Já é tarde, não há mais. Já é tarde, havia sentido. Por um breve instante, não há mais. Fugas disparatadas alheiam em uns as possibilidades de encantos, de sonoros perdidos junto à grande roda da duração. De um lado, mantém tênue distância, a persistente distância, do outro, alicia ao encanto da língua com visíveis - aprender morte e frugalidade seria o destino, o querer?

6 - Seria prematuro afirmar o desfalecimento, a desorganização, ou qualquer estratégia de conservação diante das posições e arranjos

conquistados na severidade da disputa? A vaidade e o orgulho inerente à forma teimam em propor limites seguros e precisos para o escoamento das certezas. Um mergulho no caos, ou a ascensão na superfície instauram *terminalidades*, processos de acabamentos! De mãos atadas vida e morte celebram-se, escalam suas pontiagudas escarpas e falanges.

7 - Volta-se em idas e vindas aos mesmos lugares, mas os mesmos já não são, resistem, escapam e introduzem outras relações. A memória teima em resistir, em tomar como igual o que se apresenta no instante, mas os mesmos já não são, resistem, escapam, reivindicam novas relações nas fixações das habitualidades. A manutenção do mesmo como a mais sofisticada arte de morrer, na instauração de igualdades e semelhanças, derivativos.

8 - Uivo de cão chega, ao mesmo tempo se esvai. Pensamento chega, ao mesmo tempo se esvai. Imagem chega ao mesmo tempo se esvai. Desejo chega, ao mesmo tempo se esvai. Tempo chega, ao mesmo tempo se esvai. Pequeno sabonete no banho, ao mesmo tempo se esvai. Lembrança chega, ao mesmo tempo se esvai. Rosto chega, ao mesmo tempo se esvai. Algo, que não linguagem, talvez riso, permanecerá, e?

9 - Em grito ensurdecador, nos lábios da amante, no pingar da torneira de antiga pia, no pio do pássaro, no ruído das ondas do mar, na pressão do urinar, no apagar das luzes, na chama da vela ao queimar, no aparecimento das rugas, no diálogo com o espelho, no estilhaçar do espelho, nas frestas de domingo, movimento singelo das patas vivas da aranha, no canto do teto, teima, persiste!

10 - Porta ainda aberta permitia a entrada do sopro, de luz e de poeira solta no ar em partículas leves capazes de bailar junto ao vento quando copo vazio, marcado por dedos, boca, língua, saliva, descansava à sua soberania translúcida, na antiga mesa junto ao amarelado quadro. A liquidez fez-se necessária! A liquidez fez-se necessária na condução das aventuras do sentido em um lance do pensar o pensamento, quando?

11 - Dura um estado quando outro intervém, quando na ocorrência, diferença lança-se e almeja *estrutura-dinâmica*? Da ordem das resistências, os movimentos da efetivação do querer na vontade, no derradeiro embate, querer contra querer e subjulgações, alterações de realidade no mando na hierarquia que se configura... Obstar ruidosas disputas, todo o torvelinho

das indecisões momentâneas, em nome da hegemonia da clareza? Seria mais sedutor o lusco-fusco, o claro-escuro das frugalidades?

12 - De costas caminham rumo ao desconhecido lado de lá. As certezas organizam-se na anterioridade de hábitos, na fixação de um ontem, algum passou. Os joelhos flexionados projetam os passos a cada vez mais distantes daquela permanência, daquele jogo exaustivo de olhar, olhar, olhar e ouvir e movimentar mãos junto ao uso codificado de alguns objetos corriqueiros. De costas, exibem as partidas, as alternâncias do estar sempre a caminhar.

13 - Sob peso da pressa, pingo d'água escorre da velha torneira prata na branca pia escorregadia. No chão amarelado, do deslocar persistente e lentificado do tempo, rosto com olhos, sobrancelha, boca, dentes, orelhas, testa, cabelos transfiguram-se na imagem de unidade na desapareição do *espelho-show* dos órgãos! Do outro lado, cadernos, apostilas, dias de prova e olhares espalhados pelo chão, nos esforços, rememoração: primeiro isto, aquilo, então era isso!

Quatorze: Algum conceito e sua vida, alguma vida em uns conceitos ou há vida em conceitos? De vias e planos e subidas e recaídas jaz um conceito. Momento posterior de clareza ou da escuridão lança-se como luz, como irrefletida luminosidade obscura em obscuridades? Pudera, quisesse acreditar na triste certeza da irrestrita validade... Conceito como descaminho, desencanto. Horda de bárbaros no deserto da desorganização dos corpos e encantos singulares das gramáticas...

15 - Iniciar apagamentos, primeiro o chão, em finas camadas se fez pó, depois o teto, em grandes blocos, caiu sobre o chão e fez-se pó. As paredes, em parcelas de reboco, poeira e areia, fizeram pó. Agora, todas as passadas impregnadas nas paredes, os risos e rabiscos em velhas carteiras verdes destruídas pela queda do teto, em pó. As lembranças, agora, despregam o céu da terra, amanhã de ontem!

16 - E s c o r r e s e m c e s s a r o u s e m c e s s a r e s c o r r e o u e s c o
r r e o u s e m c e s s a r o u e s - c o r r e o u e ...

17 - Em poeiras, depositadas levemente ou suspensas apressadamente na composição com a distância do entre e acima do chão, abaixo do teto, aquém, além ao mesmo tempo das verticais paredes, nem mesmo no centro, em qualquer direção, em suspensão, lançadas ao acaso do atrito, em forças

dispersas na fricção. Brancura de cacos, de formas espectrais em cacos: na lousa, o resto em traço de palavra firme: querer, querer resistência.

18 - Como impedir adeus? Como ocultar desventura de partido modesto, traiçoeiro, subterrâneo? Traçar moinhos ao vento, vermelho em telas, paredes, ou formas em brutas pedras, linhas em papel de celulose, em penas de ganso? Como impedir adeus? Em resoluta memória, em plano superior, em distinções, em conceitos, em fábulas, em livros infantis, ou de homens montados em camelos no antigo deserto? Com alegria, expansão, irresoluta embriaguez? Como impedir adeus, deus?...

19 - No baile, havia extrema alegria, no auge, havia angústia, um pouco de música, de papai, mamãe, vovó, titia... Naquele ano, havia aprovação, no auge, havia angústia... Naquele dia, segundo, instante havia alegria, no auge, havia angústia. Naquele caderno, na ponta da caneta havia alegria, no auge, um pequeno lugar chamado luta... Um pouco mais para a esquerda, por favor... Todo mundo sorrindo! Um rosto, rostos, algum, nenhum e oco...

20 - Estados... Podres poderes... Poderes em saberes, saberes em verdades. Confissões, corpos verdadeiros, comunicantes em práticas de verdades, circundados... Corpos falantes em arquivos codificantes, descodificantes, sobrecodificantes. Selvagens, bárbaros, civilizados... De uns, estados. De outros, rostos e sujeitos, profundos, falantes em corpo invisível em órgãos e funções... Rastro de animal x anima febre classificatória a 200 milhões de anos... Ainda animal, mas ainda-não humano, bípede, pardo, negro, branco, classe média...

21 - Pudesse parar...
 Pudesse parar e ficar,
 Pudesse parar e ficar e garantir,
 Pudesse parar e ficar
 e garantir e
 Pudesse
 parar e
 fic
 a
 r

p u d e s s e f i c a r e p a r a r e p u d e s s e f i c a r , p a r a r , g a r a n t i

r

22 - Da marcha: pés compridos comprimidos nas botas pretas, marrons emborrachadas sobre ação do tempo e poças, atritos das faixas de pedestres, fachadas dos prédios, casas e silêncios de portas fechadas entre cortinas e brilho azulado da TV, no luar, na quentura do asfalto, no uniforme a transitar na passagem das portas e solas dos pés subindo escadas. Botas emborrachadas, rosto emborrachado, mãos rachadas... Na próxima aula: dia de prova!!!

23 - Se números pudessem, se contagens se dessem, se degraus pudessem... Encerrou o tempo. Deve-se recolher e arquivar e aguardar e abrir e depositar e olhar, apreciar e calcular a vida ou aquém da vida, desde o meio do início sem começo e fim... Agora, o sinal, a abertura lenta em avassaladora correria desnorteada, em poeiras e números e céu e chão acinzentado, maculado por botas, areia, após águas, sortilégios...

24 - Desfaziam pedras em poeiras, em ar, em pelos das narinas, em secreção nervosa. Escorria, apressada corria invisíveis partículas em ação recíproca. Desfazia mucosas, inchaços de mãos ainda trêmulas da embriaguês, da besteira, da gagueira, na passagem ininterrupta dos signos, das exigências das composições do sentido - ponte sobre inevitável passagem, defasagem, corrida louca e difusa das obscuridades benfazejas... Na presença do esquecimento... Quanto de memória? Diz aí, quanto de memória?

25 - Os passos de ontem ficaram por lá, os de amanhã, ainda-não. Entre ontem e amanhã, as ameaças do hoje, das obrigações para o instante em momento de ocupações fugazes, de olhos revirados e cabeças mirando em linha reta os sistemas de ordem planejados. Rosto... Olhos dentro das órbitas, cabelos, a boca entreaberta sem dentes, sem embocadura: mastigar, deglutir, engolir, reivindicar direitos, acessos, semelhanças - no limiar, junto ao fora, e...

26 - Pensas repousar em método? Algum deslocamento seguro? Alguma farra de conceitos em céu inteligível, em viagem transcendental, para destruição do conflito das faculdades e divisões binárias típicas ou, e mesmo aprofundar nos abismos, nas totalizações desavisadas e rápidas em vozes distantes do além móvel do corpo e suas dobras e redobras e afetações para aquém do sensível? Entender ou estender... Pedaco de palavra, prosa ao pé do ouvido?

27 - Pedacos de alegria branca presos na fonte da juventude, esgarçado nos dentes alegres e bocas vorazes e narizes longilíneos e pernas esbeltas, atentos e passos inseguros, de bailarinos nos desertos das incertezas móveis, nos mares abertos e inexplorados e no gelo liso, e andanças e danças e cabelos jovens, tenros e agasalhos e roupas apertadas em corpos, corpos, corpos e relações e corpos, múltiplos, nos instantes, jogos da efetuação...

28 - Somar e multiplicar colchetes vazios divididos por grandezas indefinidas, por valores explícitos em espaços fugidios tendendo a zero, elevados à vigésima quinta potência do ângulo de entrada e saída, igual a menos vinte e três e meio dividido por n vezes b ao quadrado da magnitude do magma em deslocamento incessante abaixo de delicados pés de gavião e patas de elefante, patas e cortes de alfaiate = sopro indelicado.

29 - Pudera com ~~resignação~~ (Apagar)? Com calma e ~~resignação~~, com lamentos, com internações endêmicas e loucuras de prontidão e desvios e alianças, provisoriiedades de seres alados, de penas e patas e bicos de águia e focinho de lobo... Na frugalidade da alegria, na destruição da alegria, na violência da alegria das impermanências. Bandos, produção de bandos deslocados e violentos em devir... Devir leão, criança, lampião, batalha e ocasião... Pudera, ou?

30 - Escapava, corria em longas cadeias aladas na corrupção de memórias... Nem mesmo rastro de luz, sombra, devassidão qualquer... Nem mesmo em instante qualquer, em alto de colina abrigada por sagradas relvas ou pastores de cabras ou produtores de tábuas e cabelos compridos e sacrifícios... Nem mesmo nas uvas e na festa das uvas... Nem mesmo no futuro... És múltiplo, mas singular. Por tua janela fechada avisto todo mundo seu...

31 - Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco..

Apenas como expectativa, como fantasma, como orgulho ou eco...

Apenas como expectativa, como fantasma, como.....

32 - Algum dique em algum ou qualquer lugar poderia, almejar... Talvez, apenas na esfera da língua e do conceito pudesse ousar imaginar um contra-senso tão obscuro nos acontecimentos atroz... Pobre mortal, deveria tornar-te divino, junto à divindade daquilo do indiviso e próprio no estar sujeito às relações nessas condições específicas... Pedra rola e torna-se roda, mesmo fixa... Roda, gira e assobia de alegria... Apruma-te, estamos apenas começando...

Monstro

e caos!

33 - Signos remotos... Conexões e desconexões e sobreconexões e mais uma vez e de novo conexões ou desconexões e sobreconexões e mais uma vez de novo conexões e ou desconexões e ou sobreconexões e mais uma vez de novo diferindo, ousando, relampejando, deslocando, lembrança vazia de possuído passado, em pernas, saias, saídas, em descontraídas idas e vindas em suor, sangue ou lágrimas de júbilo e cruel dor na alegria ia...

34 - Época... Estranhamente, pretende alguma unificação... Um arquivo, lá de longe... grupo de enunciados precisos, circundando as faces e olhos e solilóquios interiores em violências organizadas e praticadas por mecanismos sutis, nos reflexos de retrovisor, nas poeiras e quedas de galhos e folhas em chuvas finas e demasiadas... puerilidades... estratos, sobre estratos em diferença... Nem mesmo época, nem mesmo ontem, nem mesmo amanhã... desse lado... Momentâneos de força e caos...

35 - Tensiona, alarga na máquina de sonhos e bestas. Alarga mais um pouco no conflito... Tensiona, grita, exercita a entrada em máquina de sonhos e bestas, alarga, amplia para além da certeza de cor definida... Tensiona, alarga, entrada de máquina subindo, descendo, rodando, esvazia, enche... Amanhã, tem prova, professor? Amanhã, prova!... Amanhã? Primeira questão: faça com a mão esquerda e com caneta azul um x... Marque a opção correta... Faça!

36 - Move com rapidez, nos confins mais distantes, nas veias e batidas dos pulmões e órgãos de descompasso, colapsando caminhos, artérias, em camadas de gordura e raios de sol e sorrisos de crianças marotas, nos cavalos alados, nas linhas de batalha e resistência das estepes, nos sins e

nãos dos cadernos de anotação das aulas de filosofia, ou história ou matemática ou física ou biologia, ou gastronomia... Corre algum devir...

37 - Último ponto, arremate... Último passo, chegada... Último suspiro, morte... Último abraço, despedida... Último adeus, choro... Última prova, alívio... Último filme, ócio... Último degrau, descida... Último ingrediente, falhou... Último emprego, desempregado... Última escola, reprovado... Última hora, a pé... Última calçada, esgoto... Último amigo, morto... Último caderno, no lixo... Último descendente, morto a chicotadas... Última carne, silêncio... Último parente, cadeia e morto... Último dente, sem rosto... Último filho, alegre e solto...

38 - Era pequeno bote, grande nuvem, choro e berro. Era pequeno alívio, de pernas longas; Era erva maldita, era de chão e giz e lousa o riso aberto da célula, da guerra do Paraguai, da revolução tcheca, grega ou saudita, cavalo ou Napoleão, chapéu de elefante fecundando alegria do mísero... Afinal, passava distante, multidões saltitantes, latas na cabeça... Cavalgava berço esplêndido, pátria... Agora, fonte pura d'água... Quer? Hei, quer?

39 - Mesmo quando há sol, há lua; mesmo quando há dia, há noite; mesmo quando há escrita, há apagamento; quando há ruído, há silêncio; quando há menino, há menina; quando há fixo, há movimento; quando há belo, há feio; quando há tempo, há espaço; quando há vida, há morte; quando há juventude, há tradição; quando há alegria, há tristeza; quando há corpo, há corpo; paixão, intensidade, desdobramento, rumando para escola.

40 - Havia quadro perfeito...

A cada linha,	segmento...
A cada esquina escura,	poste de luz...
A cada porção de carne,	saleiro...
A cada dia,	compasso...
A cada minuto,	sessenta segundos...
A cada tripa,	sangue...
A cada lua,	estrela...
A cada passo,	chão...
A cada alegria,	presente...

Do lado de lá, grande ou pequeno furo em cadeira de balanço e jogos de dados... Lance em (i) mundo, mudo, sete solidões ou...

Jamais, terminar, ilusão. Terminar, ilusão, jamais... Ilusão, terminar, jamais...

Jamais, terminar, ilusão.

46 - Poeiras de giz branco desfazem e inundam de silêncio o colapsar das falas... Montanhas de palavras mortas pesam o descabro das subidas. Desafiam melhor as audições, aquelas dos ruídos, da multidão de roedores cavando buracos junto ao fluxo, nas correntes subterrâneas das passagens, de mudanças de lado, escapes... Naquele traço, os olhos verdes das ultrapassagens das margens... Naquele dia, sentou, olhou, pensou, contorceu, ao final, levantou, rumou para casa.

47 - Fragmentos persistem em vultos de corrimões, de portões e entradas e pedaços de olhares e pontas de dedos em subidas de escadas ou descidas de folhas e mãos mudando de páginas e movimento de lábios procurando abrigo em qualquer gesto... Mas, gestos... Válidos em qualquer território, em círculos concêntricos voláteis mas repetíveis... Gestos válidos repetíveis, procurando abrigo, mudando páginas e olhares e vultos... Aulas de anomalias anatômicas... Gesto mudo.

48 - Dentes alvos em boca pequena, em sopro com delicadas jóias em signos sonoros, em andanças sobre os ouvidos adestrados ou carcomidos por signos e códigos e sistemas refinados de coerção e crueldades... Resistiam, faziam círculos no ar com lembranças de olhares, ouvidos, toques e persistência de passagens e experimentações... Agora, celebram as núpcias de amantes fogosos em dias de culto ao silêncio e apagamentos das engrenagens... Trata-se de implodir-se.

49 - Vazias estavam ainda as carteiras, recobertas pelo depositar calmo das poeiras e noites passadas. Resguardadas, à distância do trato e serventia, sabiam em detalhes do peso dos nomes, das farsas e ilusões sorrateiras nos domínios propagados a todo instante... De posse das armas, subvertem com carinho os ombros e olhares daqueles que *ainda-não* estiveram ali, quando aprumam no corpo as envergaduras, resistências, junto ao ir e vir constante, estonteante.

50 -

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Ficar esfregando, atritando com a paisagem em rosto modificado na ternura.

Atritando, esfregando, rosto

51 - No limite, desfazer organismo, impor dúvidas nas sequências e usos dos órgãos... Instituir programa em linhas de transbordamento... Passos para a esquerda, borrões de tintas vermelhas, azuis e verdes estampadas na superfície límpida dos ouvidos quando calmamente a digestão dos enlaces de sentidos em corpos, em corpos sentido. Mas, então, eis o projeto, decompor-compor incessantemente deslizos e movimentos táteis... No próximo encontro: experimentações cutâneas em dias de servidão voluntária.

52 - Escorre em movimentos peristálticos, distancia-se em buracos negros sob cadeiras verdes, amareladas no avançar catastrófico das paredes em lados, tetos, chão e brisas e espaços ociosos apodrecidos em entradas de ar sombrias... Ninguém habita... apenas fugas, entradas e saídas e movimentos de vultos... Oco aproxima-se na afasia... Quem sobreviverá? Alguém morrerá, quem sobreviverá? Batidas vazias nas portas verdes antigas, ponto intermediário entre tudo e nada... Desfazer anotações, dias, círculos...

53 - Colapsar em odores venenosos, em cavernas abertas a golpes de finas lâminas, afeitas às poeiras e seus montes... Nos empilhamentos de peles, de células mortas despidas das suas funções, comunicações... Encher os pulmões das ervas da morte. Respirar aliviado por narinas cutâneas... Mesmo braços e mãos deixados livres para abraçar som inescrupuloso das paredes movendo-se na direção dos mares e ventos do sul, neves... Sobretudo os enjôos, visão turva...

54 - Garanto-lhe a supremacia das ausências. Desse lado, verte rios de alegria e saltos e pulos e danças de corpos lambuzados de desejos, de ares, de pés, de ouvidos e pulmões de encantos mais ínfimos... Desabrochar de fogo, terra, ar, água ou partículas de poeira em desvio, em turbilhão... Conquista das estrelas e suas distâncias e aproximações... Garanto-lhe, garoto, alegrias crepusculares no gelo, mesmo na ausência de vida, há movimento...

55 - Qualquer ausência... Aventura-se estilo, em aquém vida, organismo e passagens secretas... Mas, haveria mesmo assim qualquer resíduo para

fixidez ou descontínuos crepusculares em devassidão atroz... De certo modo, as petições impõem princípio, a superação das condições lógicas ou gramaticais na proposição do problema... Mesmo as convicções teológicas modestas... Resta algum relógio e ruídos e odores animais... Cheiro de leão, de asas de águia e passos silenciosos de serpentes venenosas...

56 - Traço indiviso, capaz de diferenciação incessante, de modos de atuação diversos, em composição de linhas e estratos codificáveis, descodificáveis e sobrecodificáveis, por intermédio de encontros reivindicatórios na expansão de formações e ou vida e aquém e além da vida, organismo, homem, povo, nação, humanidade, deuses, deus, mortes... Como baile de várias máscaras capazes de mundos, de variações incessantes de mundos... Breve passo para lá, para cá, para lá, cá...

57 - Meu nome, teu... Descendo de Marte e Baco... ou de Ares e Dionísio. Mistura inusitada de guerra e loucura, espécie sofisticada do *pathos* das fúrias, próximo aos relâmpagos e aos trovões e aos vôos de águias nos céus. E você, tem um nome, um nome para um rosto? Em que condições produziu-se o seu rosto?

Carcaças de corpos foram carregadas pelos cumes do desfiladeiro. Havia sombras, havia cinzas.

58 - Coisa alguma se torna... Fixa-se em algum ponto ou instante, célula, átomo, identidade... Apenas pontos provisórios de resistências lançadas em convergência e divergência mútuas, afeitos a recorrentes viagens, variando modos, graus em dispersão contínua. Tornando mar, célula, céu e novamente espaço, tempo e aprendizagens... Desatino lance de dados, implicação geral, decisiva da série... Em danças, violências, sussurros e nada mais, senão isso... Do início e mais uma vez, início.

59 - Banco do Brasil, Banco Bradesco, Banco Santander, Banco Caixa Econômica Federal, Banco Safra, Banco Meridional do Brasil, Banco Itaú, Banco Mercantil do Brasil, Banco Toyota, Banco GM, Banco, Banco... Banco Nacional de Desenvolvimento... Caixa eletrônico... Favor insira seu cartão... No Brasil, Espanha, Portugal, Grécia, China, Alemanha, França, EUA... Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, Banco, escola...

60 - Ao término da frase surge outra, revestida de mel, entretecida com aromas de corpos, sabores. Dedos ou penas junto aos papéis ou peles, fincados pelo lançar do acaso em terrenos diversos ao longo dos tempos.

Boiou Boiou Boiou Boiou

66 - Pedir seria aceitar? Aceitar seria proceder? Proceder seria necessidade? Necessidade seria fatalidade? Encontros fortuitos de materialidades em funcionamento, acasos necessários e fortuitos... Maestria dos mecanismos de ação... Sem sujeitos... Apenas mecanismos de ação em ação em efetuação... Aceitar seria pedir? Pedir seria resultar em relação! Coisa alguma se mantém... Quanto de linguagem para ascender ao movente, quanto de corpo para acender a linguagem movente?... Rios, risos, morreres e alegrias...

67 - Iniciou! Bravamente iniciou... Quereres construíram corpo, olhos, pernas, garras... Estratégias de sobrevivência... Em teia armou casa, caçada e reproduções... Habitou o canto, a convergência entre fora e dentro... À noite, escalava corpos mortos... Diversas vezes, iniciou do início... Bravamente... Ontem, encolheu as patas, em último suspiro, um pouco mais, encolheu. Como mágica, sorveu si mesmo... Bravamente iniciou... Escorreu como gota, como linha e, teia, resistiu ao vento. Forças. Iniciou...

68 - Alguns se foram... Ruídos de silêncios e marcas de passadas percorrem multidão. Eu, tu, ele, eles, elas, uns, outros e mais e multidão e povo e nação e planeta terra... Alguns se foram, em carnes, ruídos, resíduos, em vestes de prata e cumes e poeiras e acinzentar do céu e algumas cores... Foram alguns, em mares, sons, líquidos, em cavalgadas, montarias de armas e forjas, instrumentos de trabalho... Uns...

D e f g h i j l m n
 O e f g h i j l m n
 O p s t u v x y z a
 B c d v x y z a b c
 D e f g i j l m n o
 P q r s t a b c d e
 F g h i j l r s t u

70 - Oscila devorando as espécies, conserva modificando... Palavras paradas em *corpopalavra* e gesto... Gaguejares, torções, invencionices disparatas em seleções desvairadas... Tresloucada alegria, gira e recompõe e decompõe em partes, em minúsculas partes de afazia... *Leãosendo, ruafazendo,*

acontecendo... Em dia de luz sem luar... Gestar, distância, aprumar
corpofantificar... *Desachar*, encontrar... Relacionar... Ruído, sussurros,
movimentos larvares em direção, em persistência, em *corpofazendo*... Agora
sente, agora quer, agora pensa, agora, agora... *Corpoacontecendo*... Já.

Epílogo

Ao lado.

Ônibus e carros e motocicletas e bicicletas teimam em passar - aguardam a liberação dos sinais junto às carroças e ao trabalho extenuante dos animas de carga. Em lentas passadas, rostos aguardam o transpor dos lados. O intenso movimento pende sobre os ombros e pés e olhos e lábios, os hábitos do cotidiano. Do lado de lá, olhares desviam-se no volver dos compromissos, nas idas e vindas dos dias: de manhã à noite, de segunda a domingo, de janeiro a dezembro. Equilibram-se, junto aos volantes, nos corredores dos ônibus, nos assentos das motos, nos desvarios dos pés e dedos e cotovelos junto aos toques apressados nos teclados dos Smartphones. Alguns entram, outros continuam fora. Alguns saem, outros continuam dentro. Do lado direito, um boteco vende cachaça, cerveja, linguiça e amendoim. Do lado esquerdo, revenda de carros usados para todos os gostos e preços. Do lado de lá, vende-se e vai e volta-se do trabalho. Do lado de cá, pretende-se formar para a vida e para o trabalho. Quanto de fora no dentro? Quanto de dentro no fora? Amiúde, saúda-se a tarefa da educação! Produzir, reproduzir rostos em corpos. Produzir, reproduzir com máxima eficiência rostos em corpos. As fachadas dos imóveis mantêm-se ensurdecidamente caladas. Chaminés e muros de fábricas. Números nas entradas. Nome de alguém importante como marca do logradouro, de passado, presente, fez-se distância. De verde, ou tijolos, a extensão das fachadas e dos muros e das grades das supostas separações e da persistência de passados e re-leituras de passados. Por ora, os tijolos empilhados saúdam, em suas janelas e portas atadas contra o fora, as relações temporais dos espaços. Marquise e teto para abrigar da chuva, portas e janelas e números, ao lado. Pura e simplesmente, resguardados, ao lado. Em tom amarelado, olhar distante da balconista. Charmosa leviandade?

A sagrada correspondência em um destino... Maquinaria de produção de realidades. Trata-se, e como não, de produção de realidades, de disposição de lugares, de funções e obrigações... E, como não?

Por breve instante, bêbado atrapalha o trânsito, atrasa a aula, impede o cartão de ponto, faz perder a prova. Com a chegada da polícia... O pêndulo retorna o seu movimento.

Então, Professor, para Platão a verda...

Ratátátá... Ratatata... Ratatata... Ratatata... Bum! Bum! Bum!
Um dia como outro qualquer.

*Cartas de e para distante e desconhecido amigo
pensamento.*

Junto ao tronco, todas as lembranças de ter sido ainda árvore. A árvore ainda abriga na memória do tronco as idas e vindas do chão, os raios e as tormentas. Como selados dançaram ao sabor das ventanias e dos luares, das noites cinza de outono e das claridades do inverno. No tronco entretecido com chão paira as lembranças dos raios que fizeram ruir suas certezas diante dos céus e dos pássaros. No tronco, paira ainda as memórias do início, do movimento das galáxias e das colisões cósmicas que enveredaram pela infinitude circular do tempo que se estende em todas as direções da vastidão do universo e das suas eternidades. Tronco e chão se compreendem. Um tronco, sem árvore, sem chão, sem terra e céu, desventura diante do impossível.

Mergulhado no instante, as lágrimas brotam nos olhos, assim como a sonora banalidade do cotidiano. Um pequeno pano é lançado sobre a mesa. Cai, livremente... Toca singelamente a mesa - que o aguarda, silenciosamente. Os ruídos do dominó esfacelam os ouvidos. Ao longe, o céu, entrecortado de nuvens, brinda a si mesmo. As árvores apontam as suas copas para o seu azul. Nesse instante, o estar se apresenta... Loucamente, foge, faz uma curva e se deixa perder da bruma de um assim vivi. Sedentamente e angustiadamente se reconhece a fuga... O que se passou? A miséria da pergunta avizinha-se como falta... Certo "quê" remete para um algo, um inusitado, que por ora passa a ser brevemente lembrado, obscurecido por uma distância. Um outro plano, em uma nova imanência? Uma imanência que instaura uma rede de relações com sentido e um conjunto sonoro de questões a partir de um horizonte doador de sentido?

Caro companheiro, espero que esteja bem. Por aqui, minhas botas acumulam barro e minha boca exala mel de flores de outono. Hoje, meu cão fugiu. Pedalamos juntos. No início me acompanhou fogosamente.

Corria veloz na frente, com tempo cansou, mas não desistiu de acompanhar o dono. Acompanhar o dono. De fato, uma posse, não é indício de uma possessão? A distinção é muito relevante, pois não se trata obviamente de amor ou de uma erótica qualquer... Ser atraído feito o cão que fugiu... Por outro lado, o sol estava se pondo no horizonte. A luz indicava um caminho, mas repelia infinitas possibilidades de visão. Como o cão, a luz invalida qualquer outra tentativa, porém, não se trata de tentativas, pois nesse caso, estaríamos ainda a ponderar, de algum modo, estaríamos distantes do ocorrido. Por aqui, apesar das botas estarem sujas, estão limpas o suficiente para afirmar - não é absolutamente relevante se estamos ainda vivos ou nos compreendamos. São tantas as diferenças de intensidade que mesmo o formulador não dá conta de perceber seguramente se tem ou não razão sobre algo, mesmo sem saber se o critério para decidir é verdadeiro ou falso, mesmo por que, não é possível aferir se o critério para distinguir o verdadeiro do falso é de fato verdadeiro. Nesse caso, para encerrar com um abraço fraterno: por que sempre a verdade? E se o pensar fosse apenas uma atividade como o correr, e se as palavras fossem um movimento das pernas, e se não passasse de uma maquinaria, violentada por um estar qualquer? E se Platão fosse um modo de ser da máquina, e se Agostinho fosse um modo de ser da máquina, e se Nietzsche fosse um modo de ser da máquina? Obviamente, não da máquina, pois não há a máquina e sim maquinações que se expressam como... No mais, despeço-me.

Por alguém que estando junto, estive algumas vezes só. Acima do chão e debaixo do céu.

Estavam lá. Dia de comemoração. Três amigos, brincadeira de meninos. Juntos criavam mundos, davam formas, se transfigurando em mocinhos e bandidos, em polícia e ladrão. Compartilhamento de mundo, de certezas, de investimento em um sentido. Olhos vidrados escorregavam pelas trilhas que instauravam as falas, os gestos e um mundo infinito de possibilidades. Na brincadeira, surge o convite - vamos? Pegue as suas armas, vou com você! Revólveres e espingardas estão sendo forjadas; regras acertadas e os limites delimitados. Os amigos de olhos atentos e corpos vibrantes se põem a inventar os movimentos das pernas, das estratégias, dos jogos para a vitória e dos encantos da competição. Do alto, alguém grita - Morri! Regra incorporada, sentido imposto. Fora da partida, reconhece-se o limite da permanência. Um círculo define a prática daquele conjunto de saberes, forjados na invenção da brincadeira. Como morto, um corpo coloca-se fora do jogo, espécie sofisticada de antecipação. Quantas vezes são necessárias para aprender a morrer? Julga-se que o filosofar nasça da experiência da morte e do morrer, entretanto quando criança morre-se com o corpo. Tenta-se ao máximo encenar a própria morte e as suas sensações, os seus desfalecimentos. Longe de qualquer razão que pretende pensar a morte e os seus medos, na infância morre-se de corpo e mente. Quando o tiro foi fatal? A pergunta invadiu! Lágrimas brotaram: quando se aprende a morrer? Quando se descobre que morre? Um silêncio profundo invade a sala! Arrepios pelo corpo e na superfície da pele. Alguma coisa ocorre, um abalo - quietude, quietude, pergunta demasiadamente grandiosa. A escrita doeu! Não pela morte! Mas pela infância, pela plasticidade da vida na infância que joga com o abismo... vive o abismo... trama com o abismo...

Fora, a encenação das dores, do morrer do baleado nos seus cambaleios e da expressão do seu sofrimento! O amigo só, ainda luta, tenta por um disparo salvar a própria pele, no seu campo de batalha. Nos jogos da infância, as reverberações dos desejos dos adultos. Afinal, polícia e ladrão, armas e tiros, mortos e presos expressam modos de ser e estar dos 'grandes' - reverberações, incorporações corporificadas nas imaginações dos que brotam em um mundo. Territórios em que formas se dão, tipos se constituem. Do alto da árvore colhiam-se as mamonas. De olhos arregalados o falecido amigo indaga: Quem é o Ladrão? Com olhos vibrantes alguém responde - vamos pegar o Alex! Memórias de infância - lembranças que vêm à tona na expectativa da brincadeira com/e das crianças. O trânsito entre mundos, um presente que remete a um passado. Um passado que se apresenta no convite dos garotos. De algum modo, aquele encontro estabelece conexões, incessante ir e vir de personagens, um povoamento de modos. Quando criança investe-se de todos. Um pouco de ladrão, um pouco de mocinho, um pouco da emoção de fazer um gol. Quanto de potência em um devir criança, em manter-se criança, em encontrar com o deslizar do devir criança. Distante desse encontro, a maquinaria conceitual põe-se em movimento. Como o encontro com a celebração da infância remete à infância? Como nas infâncias as formulações da imaginação se entretecem com a participação em um horizonte de sentido comum, pelo intermédio das relações entretecidas com valorações e tipos dos adultos? Como as reverberações dos estados instauram conexões com as lembranças e rememorações da infância? Em três transmutações, os velhos hábitos da forma transvertem-se na invenção permanente da criança e de seus jogos de inocência de vários mundos de eus.



Caro amigo, espero encontrá-lo bem! Por aqui os dias começam nublados. Com o decorrer das horas, o sol desponta e o céu se torna azul. O frio pela madrugada e manhã é intenso. No início da noite, com o cair das estrelas, os ventos uivam, o horizonte se alaranja e veste-se de roxo. Uma espessa névoa toma de assalto a casa na montanha. O lago mantém-se sereno e calmo. Do alto, sempre avisto homens e coisas e a saudade das nossas longas conversas tomam-me a lembrança. No dia de ontem, as questões relativas à produção da cotidianidade do cotidiano assombraram-me, pois quando abrimos os olhos, tocamos com as mãos, sentimos com o ouvido e com o paladar. Tudo se dispõem de algum modo! Essa naturalidade dos sentidos se apresentou em sua majestade. Junto à mesa, os objetos encontram-se dispostos de modo que há uma correspondência entre a ocupação dos seus lugares e o modo como se apresentam. De alguma maneira, essa correspondência transtorna, pois como é possível ultrapassar as condições gerais a partir das quais os fenômenos se dão? O apresentar se dá em uma emergência e como uma emergência? O emergir se constitui em uma direção, a partir de algum

horizonte de sentido que forja as condições gerais da percepção e entendimento. Parece haver a exigência de correspondência entre o modo como se percebe e o modo através do qual se entende. Longe, obviamente, da reivindicação moral do estabelecimento de uma relação de necessidade entre a percepção e o entendimento. Entretanto, parece haver uma correspondência entre as condições pelas quais a produção do sentido instaura-se e a apresentação daquilo que surge através da abertura estabelecida por um horizonte de sentido qualquer. Entretanto, como se dá a formação de um evento em um horizonte? Como as coisas se configuram em algum sentido? Essas são as questões que me rondaram no dia de ontem, meu estimado amigo.

Ao entardecer tive a oportunidade de assistir um filme de animação. Como durante o dia a configuração do sentido da mesa e das suas relações se manteve como questionamento, o problema da constituição geral do sentido impõe-se na sua violência e presença. Foi sob esse afeto que a expectativa da película se deu. O roteiro estabelecia e colocava em relação o comportamento de alguns animais costumeiros no deserto. Camaleão, coíote, abutre e porco do mato entretecem aventuras. O que chamou a atenção foram as rupturas gerais do modo habitual da apresentação do fenômeno do mundo e das coisas pelo intermédio das invenções violentas da imaginação, fator inclusive, que permite o riso e a surpresa, pois como pode um camaleão pairar no ar, quando lançado aos ares? Como pode um camaleão, após comer um amontoado de moscas, dar-se a voar, a fazer piruetas nos céus e nuvens? Um camaleão não voa, como também, moscas deglutidas não se transformam em motor e asas para o voo! A tensão entre o modo cotidiano de re-velação do sentido do mundo, naturalizado nas expectativas diante das ações dos animais do deserto, estabelece-se diante das invencionices violentadoras da imaginação. Menos por sua condição de produção de sentido, pois em ambos os casos, configura-se um possível sentido, mas

em função da comparação entre o estabelecido pela imaginação e as revelações da percepção na experiência cotidiana do real. Entretanto, mesmo no terreno da imaginação, o sentido de mundo e a concomitância da abertura apresentam-se equivalentes. Por equivalência considero a correspondência entre a abertura, provinda de um sentido, e a experiência mesma do evento. O copo sobre a mesa se re-vela como um copo sobre a mesa. De algum modo, o camaleão voa, assim como os pássaros. A extensão do conceito de voar, a animais que não se apresentam nessa condição, é que foi alterada, bem como, o fato de se alimentar e não digerir moscas que se transformam em motores para um voar, em asas que não se têm. Milagrosamente a imaginação altera as expectativas corriqueiras de sentido inventando fenômenos em outras direções. A construção da comparação nesse caso é evidente: o espanto gerado pela quebra da expectativa se dá sobre a mesma, pois é condição geral do espanto apresentar-se na falência da experiência do cotidiano do mundo ou diante da violência corriqueira da sua presença. Como pode um copo estar sobre a mesa? Nesse caso, é plenamente possível que o chão fique sobre a mesa e que as canecas possam sustentar o planeta e serem as razões do movimento do sol e dos astros! De algum modo, na imaginação, as cadeias do sentido tornam-se a se abrir. Em outro desenho infantil, um amontoado de merda canta a sua condição! Um gato se apaixona por uma garota, um porco come um lobo e um leão cruza os mares em uma aviação construída por macacos e pinguins.

Caro amigo, de algum modo sou muito grato pelo dia de ontem, pois a manutenção da questão ao longo do dia permitiu a presença do questionamento, a ponto de retornar na exibição da película. A abertura se manteve, pois o questionamento passou a indagar a aparência do mundo, em decorrência dos encontros da manhã. A cotidianidade do sentido manteve-se como questão, porém a produção mesmo do sentido se apresentou nos processos de produção da

imaginação. No entanto, mantém-se o problema da permanência do sentido ordinário, pois como podemos alterar o modo de instauração de um mundo e a noção de realidade subjacente? O assombro dirige-se para a noção de alteração e instauração de sentidos outros.

Por outro lado, a experiência de manter-se em um questionamento submete a variabilidade de possibilidades de sentido ao vigor do questionamento. A manutenção do estado de problematizar instaura o mundo enquanto problema. Essa convergência se apresenta novamente como a condição pela qual o mover-se da aparência do mundo se constitui.

Inúmeras aberturas, ou o império de uma tradição? Um copo sobre a mesa ou um camaleão a voar ou o pensar em uma direção? Ou... Uma breve pausa no sentido cotidiano ou...



Hoje, tudo é pressa. Hoje, tudo é pressa. A pressa faz passar. A pressa faz passar. Passar rápido, viver rápido. Passar rápido, viver rápido. Otimizar, fazer convergir tempo, espaço e energia. Otimizar, fazer convergir tempo, espaço e energia. Equação da máxima eficiência: no menor tempo, no menor espaço, no mínimo dispêndio de esforço e energia. Equação da máxima eficiência: no menor tempo, no menor espaço, no mínimo dispêndio de esforço e energia. Braços robóticos na velocidade dos bits montam a si mesmos, sem erro, com máxima eficiência. Braços robóticos na velocidade dos bits montam a si mesmos, sem erro, com máxima eficiência. Um décimo de segundo, um piscar de olhos, on-line, na transmissão ininterrupta, na velocidade da webcam: 24 horas por dia, 7 dias por semana, em tempo real. Um décimo de segundo, um piscar de olhos, on-line, na transmissão ininterrupta, na velocidade da webcam: 24 horas por dia, 7 dias por semana, em tempo real. Velocidade do instante. Velocidade do instante. Controle remoto, Bluetooth, processadores mais velozes, bandas mais largas: 1 mega, 10 gigas, um tera. Controle remoto, Bluetooth, processadores mais velozes, bandas mais largas: 1 mega, 10 gigas, um tera. Para aonde se vai, com

tanta pressa? Para aonde se vai, com tanta pressa? Pausa, só depois de amanhã. Pausa, só depois de amanhã. Quando encerrar a faculdade, quando terminar o trabalho, quando acabar a dissertação, defender a tese. Quando encerrar a faculdade, quando terminar o trabalho, quando acabar a dissertação, defender a tese. Hoje, tudo tem pressa. Hoje, tudo tem pressa. Hoje, tudo tem pressa. Hoje, tudo tem pressa. A buzina no trânsito, o saque no caixa, a fila na Xerox, na churrascaria, no self service, na escolha do hambúrguer, na mastigação, no escovar dos dentes, na troca da roupa. A buzina no trânsito, o saque no caixa, a fila na Xerox, na churrascaria, no self service, na escolha do hambúrguer, na mastigação, no escovar dos dentes, na troca da roupa. As formas de amar na velocidade de um cliêk. As formas de amar na velocidade de um cliêk. Nas abreviações, vc, q, tá. Nas abreviações, vc, q, tá. Um ínfimo instante é o que separa o envio da mensagem, da foto, da inscrição, do boleto e da consulta. Um ínfimo instante é o que separa o envio da mensagem, da foto, da inscrição, do boleto e da consulta. Em tudo, há pressa. Em tudo, há pressa. Milhares de páginas em uma busca, inúmeras conexões. Milhares de páginas em uma busca, inúmeras conexões. China, Índia, Rússia. Boston, Roma, Milão, Porto, Berlim. China, Índia, Rússia. Boston, Roma, Milão, Porto, Berlim. Canadá e Moscou. Canadá e Moscou. Chineses, paquistaneses, chilenos, romenos, americanos em um avião. Chineses, paquistaneses, chilenos, romenos, americanos em um avião. Resumir todas as questões, todas as palavras em um único som e gesto. Resumir todas as questões, todas as palavras em um único som e gesto. Traduzir todas as experiências em milhares de fotos digitais. Traduzir todas as experiências em milhares de fotos digitais. Na velocidade infinita, o signo emancipou-se! Na velocidade infinita, o signo emancipou-se! Tantas são as mensagens, as cores, os apelos, os sons. Tantas são as mensagens, as cores, os apelos, os sons. Os signos disputam a atenção, a cada instante, em qualquer estação e modalidade. São disparados ao infinito por infinitos emissores. Os signos

pressa há pensamento? Na pressa há pensamento? Na pressa há pensamento? Na pressa há pensamento? Na pressa há pensamento?

Um gesto: as mãos se esbarram. Pequena superfície se faz pele. Breve toque em uma brecha do tempo e no tempo. Os olhares se entrecruzam e a pressa é suspensão, o ruído é suspenso e as folhas voltam a cair suavemente. Ao longe, avista-se a colina que desenha as suas formas nos limites entre o céu e a terra. As luzes se apagam e a pressa se apequena, afinal, como é isso a velocidade, o desespero do fim. De algum modo, uma fuga do instante e do convite ao estar. Na pressa, nadaifica-se. A pressa faz fugir o encontro, pois rouba o instante, a presença. A pressa... A pressa... A pressa cansa.



Estimado amigo! Recebi suas notícias ontem pela manhã! Espero que as coisas tenham melhorado por aí! Por aqui o tempo seco apresenta as belezas do inverno. Me detive na madrugada sobre a questão da liberdade. Impressiona como à noite o pensar dá suas voltas. Não são raras as vezes que disputa com o sono. Sorrateiramente invade os outros espaços de produção da noite e sinaliza e exige algumas torções e direções. Irrompe em meio aos sonhos e rouba suas belezas e tramóias. Ao longo da noite, cansaço, sonho e pensamento dividem a atenção do ser-próprio. Como questão irrompe a desvinculação da suposta equivalência entre estar desperto e a presença imponente do pensar, pois, afinal, como se dispparam os processos do pensar? Estar desperto talvez não seja a condição cerceadora do pensar, se assim o fosse, a latência pela manhã não ocorreria. Aquela leve lembrança que teima em se manter como penumbra, como índice do percorrer de um caminho durante a noite, sinaliza a ausência dos estados despertos da vigília. A penumbra também se mantém nos intervalos em que a questão não é desenvolvida, desdobrada - uma espera vinculada aos intervalos entre

os prosseguimentos. Um hiato separa e mantém-se aberto no questionamento que formulou o problema. Esse distanciamento, bem como a distensão ocorrida durante a noite são uns dos aspectos mais significativos na atividade de pensar, meu estimado amigo. Parece-me inerente à atividade de pensar a exigência de distensão e do alargamento da presença junto ao tempo - um modo de estar disponível. Por outro lado, um conjunto de vozes dispara suas modalidades. Alguma sonoridade silenciosa, enredada em um horizonte de compreensão. Um jogo entre pergunta e problematização apresenta-se nas insinuações vinculadas ao estado do pensar, bem como, a ginástica da construção das designações em alguma língua. Campos conceituais e noções são disparados e organizados acabando por produzir uma pretensão de sentido na composição geral das proposições.

Caro amigo, lentamente pela manhã uma ideia revigorou e exigiu a sua presença - e a liberdade? Claro, pode ser uma reverberação dos exercícios do pensar nas aulas de filosofia pela manhã. Entretanto, a formulação da questão apresenta-se de modo corriqueiro - interroga-se sobre o sentido geral de uma noção. A interrogação aponta para a necessidade de colocar em suspeita a ordinariiedade do uso da palavra e dos eventos que lhe são correspondentes. A experiência naturalizada de uma interpretação é colocada em suspensão quando o questionamento se impõe. Por suspensão toma-se a saída de uma tácita compreensão, quando o encontro com a densidade da ideia ou de fenômenos clama a sua expressão em uma língua.

Nas aulas, conversávamos sobre os impactos da crise da metafísica sobre a manutenção e construção do campo moral e ético. Afinal, como se manteriam as relações entre as ideias de bem e mal após a derrocada da vinculação direta entre as possibilidades de acesso a uma verdade e a instauração do bem e dos juízos que daí decorrem? Manter-se-iam na

sua objetividade o conteúdo explicativo das idéias de bem e mal? Haveria ainda alguma ligação entre essas idéias, ou na crise, as condições de inteligibilidade estariam emancipadas ou até mesmo anuladas? De alguma maneira, os questionamentos do campo ético se mantiveram ainda no corpo. Mas pela manhã, foi a idéia de liberdade que despertou junto ao sono. Afinal, como é possível a liberdade? Como compatibilizar a idéia de liberdade com aquela da formação?

Nesse ponto, vale manter-se atento. Não para se orientar para a verdade do conceito ou da noção, mas para ponderar as possibilidades implicadas na formulação de um questionamento, pois quando iniciamos um processo de indagação o que está em jogo? A imposição de um modo possível de interpretar o mundo ou a conquista da certeza sobre os limites e validade daquilo que se pretende atingir e ou fundamentar? Em um caso como outro, a atividade do pensar se prestaria a tal fim, contudo, em um caso pretende-se encontrar e pavimentar os caminhos em torno da certeza de que esses são seguros por se revelarem atrelados ao fundamento que lhes possibilita. Entretanto, na outra via, pesam-se as implicações de alguma noção. Contudo, em ambos os casos a atividade de pensar apresenta-se como instrumento pelo qual se fundam ou se medem as implicações. A petição de princípio é evidente nos casos, pois a necessidade de pensar supõe a apreensão dos critérios que se prestam para tal. Essa exposição autofágica implode a noção de pensar como busca e esclarecimento do fundamento, além de impossibilitar sua atividade como avaliador dos valores.

Caro amigo, a decepção que se instaura em nosso peito diante das conclusões anteriores não é ainda a reverberação da imagem de um pensar que pretende e deseja a verdade, que encontra as suas razões na capacidade de se tornar o fim, o derradeiro fim e guia dos humanos? Essa violência dos limites do pensar sobre si mesmo, essa perversão da

vontade sobre si mesma, não seria uma das maiores invenções da atividade do pensar sobre si? Sobretudo, quando a suspensão cética não mais nos traz alívio? De algum modo, tenho enfrentado cotidianamente esse problema e os estados afetivos que lhes correspondem.

Fico no aguardo da sua chegada. Não se esqueça de trazer os deliciosos doces da nossa amada terra. A celebração das nossas saturnais esbarra no frontispício da nossa sabedoria, e quem sabe a nossa razão não seja apenas um pequeno aspecto da nossa loucura! Você, como mais ninguém, desfruta das bênçãos da nossa amada e afirmadora fome de vida. Sabe muito bem, após a morte da nossa querida mãe, que não faz muito sentido pretender que as palavras sejam capazes de amar algo para além de si. É com muita estima que aguardo nosso encontro e fabulações sobre o fim e o início, o meio e os entres que nos separam e nos fazem encontrar com o acontecer silencioso e gracioso que nos ronda e constitui. Por aqui, vou montar a nossa festa, e aguardar a companhia para celebrar as nossas núpcias junto ao luar e às uvas!



Um ladrão, a velha intrusa e as rusgas entre lobos, ou quando velhos lobos se encontram perdidos na sua solidão, ou quando as manhãs mantêm as exigências da noite...

O sol não havia despontado. Os céus queimavam com as incandescências da aurora. Entre a exuberância dos seus dedos rosados e os cantos dos pássaros, a questão se avizinhava. Dava as suas voltas, mostrava a sua face. Misturada ao sono e ao despertar, entremeada, pelos confusos e coloridos sonhos, teimava em se impor. A sensação de avizinhamiento, presente no dia de ontem, tomada como distensão, como hiato, como entre, na vigência das hegemônias, fez-se novamente presente!

No sonho, um ladrão tentava roubar a casa. De surpresa foi pego. Uma luta se travou. Um telefonema para a polícia - dizia da localização da casa e do ocorrido. Conversa com a atendente da urgência. Do outro lado da linha, atenção aos dados da ocorrência. Em meio à penumbra, pareciam ser três, os bandidos. No telefone, a linha caiu. Concomitantemente, e sorrateiramente, uma questão lutava para se

estabelecer. Movia-se rapidamente, procurando o seu espaço nos jogos de imposições que ininterruptamente batalhavam entre si. Disputa por hegemonia, essa é a impressão. Hegemonia que se apresenta como conquista da atenção, como resto violento de instauração de uma passagem, para dar vazão a um fluxo de intensidade e vozes. A impressão geral é a de que estados vão se sobrepondo nas suas exigências e demandas por atenção, para expandirem a si mesmos, tornando-se por breves intervalos os únicos a imperar. Por atenção toma-se a experiência, o jogar-se na e pela ocorrência violentadora do e no estado. De algum modo, uma fissura se estabelece entremeada à sucessão dos estados. Marca da síntese conjuntiva? Resto que permite a concomitância da passagem dos afetos e sua possibilidade de sensação, de se transfigurar em um modo de percepção? Como correlato, pode-se olhar sem ver, ouvir sem escutar, pensar sem problematizar - a percepção é adjacente ao estado, apesar de não ser sempre concomitante.

A disputa pela manhã entre as exigências do pensar, do despertar, do sonhar assemelha-se àquela entre o raiar do dia e o fim da madrugada. A sensação de continuidade é apenas uma ilusão produzida pelos estados que teimam em se afirmar, sobrepondo-se nas suas ultrapassagens. Ilusão afirmar um tempo para além dos estados, talvez a sensação do tempo se dê pela sobreposição ininterrupta dos estados. Junto a si trazem uma duração. De qualquer modo, a questão que se apresentou, colocou-se diante da necessidade de suspender as designações corriqueiras e cotidianas vinculadas à vivência de algum sentido, na vigência de algum estado na sua duração. A questão perguntou sobre as condições do tornar-se, do tornar-se pensador, pois como o pensar se propõe como alguém? O sentido indagado na formulação que despontava pela manhã defrontava-se com o fato do pensar, da sua ocorrência. Novamente, a indagação evidencia a

relação entre indagado e indagador. Um modo possível na efetivação das ocorrências do pensar? Há um eu que pensa, ou no pensar uma invisível expectativa se constitui e se apresenta?

Novamente escapa, dá-se em fuga. A noção de distensão espacial se avizinha àquela do tempo. Mede-se a ausência de um estado pela distância entre a sua duração - na mensuração temporal nos intervalos das suas vigências. O durar apresenta-se como expressão da intensidade, na sustentação momentânea da sua afirmação. Verter a duração como correlata ao que vive e o espaço como expressão da ocorrência da suspensão! A suspensão apresenta-se como a ausência de uma hegemonia, entretanto seria a brecha, a a-presentação do nada? Novamente a fuga... Perdura mais uma vez a sensação da ausência em um estado. Parte integrante da dança do pensar? Além disso, a concomitante sensação de uma divisão, um falar e um escutar silencioso mantém-se. Remissões que vão se dando... A cisão é parte integrante do processo de instauração da dinâmica do pensar, ou o resto?

Um recuperar, pela lembrança, se apresenta nos processos de efetivação do pensar. Entretanto, qual a relevância da apresentação das condições do que ocorre quando se pensa para o estabelecimento do pensar? Estaria com esse procedimento pretendendo atingir a verdade do estado, com fins a apreender as suas condições gerais? Maliciosamente as redes são novamente lançadas no intuito de capturar, de imobilizar as condições pelas quais um evento se dá! Não haveria outra via...

A tendência é considerar o aguardar da distensão como resposta, entretanto, no caminhar do questionamento estabelecem-se condições gerais do perguntado e da expressão em uma língua e gramática. Contudo, pretender escapar para uma forma, em uma linguagem genuína, manteria o problema no mesmo lugar. Novamente, a tentativa

de estabelecer uma condição última se avizinha. Uma pressa em se ter a certeza. Uma fome, uma orientação demasiadamente forte de certeza apresenta-se no horizonte pelo qual a experiência do estado se dá. Mais um intruso, outro afeto? Qual vínculo entre o pensar e o desejo de captura e de certeza? Não é necessário o estabelecimento de uma distinção?

Demasiada alegria preencheu o espírito! Grande vitória se conquistou! Uma alegria... Imensa alegria... Risos ecoam pelos ares... Dobrar-se as exigências de ordenação e segurança presentes na experiência de construir pelo pensar pontes que atravessem o abismo? Em lugar algum a certeza da passagem!

Certa vez, um velho lobo caminhava perdido pela floresta. Os seus olhos e ouvidos não eram capazes de lhe indicar o caminho. Em círculos, voltava refazendo inúmeras vezes o mesmo caminho. Com olhos tristes, rosnava à antiga companheira, a mata. Cansado de não poder alcançar as seguras trilhas do caminho viu-se às voltas ao lado de um jovem lobo. No início, pretendeu esconder a tristeza da sua face, ocultar, afundar-se em alguma toca ou entre os troncos das árvores.

Para aonde vais velho Lobo?

Estás perdido?

Entre risos e gargalhadas respondeu-lhe.

Basta ser lobo!

Basta ser lobo!

Despedindo-se, cada qual seguiu seu caminho.

Entremeado, o sol teima e queima ao afirmar a presença. As árvores balançam junto à leveza da brisa da manhã.

Estado outro se avizinha... Breve hiato?



O sol não havia se levantado! A noite era espessa e a névoa engolia a casa. As árvores se escondiam na escuridão da fria noite. No sonho – um homem, em um helicóptero, ferido a bala, rumava rapidamente para o hospital. Como intrusa, a disputa se deu. A tensão entre a manutenção do sonhar e a instauração do pensar descortinou-se. Em algum momento da sonolência, sonho e pensamento lutavam por hegemonia e predomínio na hierarquia dos estados, mas, por instantes, as duas vias se mantiveram em aberto, pôde-se sonhar e pensar. Imbricadas na disputa, as elaborações de sonhar e pensar sobrepassavam-se... A insinuação do pensar manteve-se presente ao sonho. Na ausência de delimitação a insinuação articulou e tomou a voz, e a felicidade? A questão teimava em brotar e violentamente

apresentava-se e lutava para se instaurar, distante dos elementos e das fabulações do sonho. Ao mesmo tempo, um homem correndo, ferido à bala, atravessa o questionamento da questão. Sangue escorre em meio às turbulências da ação. De qualquer modo, a questão se avizinhava e ao fim da noite, retumbava silenciosamente, e a felicidade? E a felicidade?

Como a questão se fez? Em meio à confusão do sonho uma voz sem som se apresenta - e a felicidade? Em uma língua, articula-se uma pergunta sobre o sentido de uma palavra. Seria o questionamento decorrente dos sentimentos presentes às experiências vividas no sonho?

À noite tratava da relação reivindicada pelo pensamento de Sócrates. A última lembrança do dia, a equação entre o exercício da razão, como garantia para a instauração de um método e de um caminho para a conquista da felicidade poderia ter se mantido a ponto de apresentar-se violentamente no início da manhã junto aos sonhos? Haveria alguma continuidade? Espécie de hiato, entre as indagações anteriores, entremeada pelo sonho? De qualquer modo, a questão pela manhã se impôs, e a felicidade? A presença da questão exige o desdobramento do questionamento? Tem força para instaurar os passos da dança do pensar? Lançado nas lembranças recorda-se que durante a disputa entre sonhar e pensar lembrou-se de Epicuro. A ponderação de que o medo da morte impede o acesso à conquista da vida feliz entrecortava os gemidos dolorosos do baleado ao entrar no helicóptero. Novamente, a confusão entre o homem baleado, as várias vozes, os vários sujeitos e os diálogos entretecidos junto aos pensamentos dos filósofos. A pergunta teimava em se colocar: e a felicidade? E a felicidade?

Há a felicidade? Como a felicidade? No sonho, a imagem da dor e as expressões de sofrimento, do escorrer do sangue, colocam em evidência o questionamento em face da possibilidade da felicidade. As relações entre

o medo da morte, a sensação de dor e a equação socrática teimavam em se manter presentes, entremeadas junto ao sonhar do sonho. Mesmo na ausência do estado de vigília estabeleceram-se relações entre o medo da morte, a sensação de dor, o sangramento e a instauração da pergunta sobre o sentido da felicidade. De alguma maneira, as remissões se deram. E a felicidade? Teimava a questão. Mas, como? O pensar do ser-próprio questionou o sentido da relação a partir dos elementos do sonho? Uma fala do ferido - Você está bem - Sim, (com um sangramento no ombro direito) estou bem! E a felicidade? Pode-se tomar a indagação como parte integrante do sonho, ou como instaurada pelo pensar? Porém, pode-se tomá-la como parte integrante de um processo de pensar que articulou os elementos do sonho com a presença da dor, do medo de morrer e da racionalidade diante de tais fenômenos. E a felicidade?



Quantas vozes nos habitam? Quantas, distantes daquelas que agora vigem e vigiam, podem nos brindar com suas pretensões de sentido? Quantos em nós, ainda não falaram, sequer falarão, ou mesmo reivindicam para si o expressar diante das exigências da estética do pensar? Em quais vozes os quantos em nós podem ainda se manifestar? Quantas vozes e silêncios são ainda necessários para os quantos em nós? Quantos em nós perambulam caídos pelas margens dos caminhos e das encruzilhadas, distantes dos signos e sentidos que são permitidos por alguns em nós? Quantos em nós ainda inseguros dão indícios, apenas balbuciam? Quantos em nós? Quantos em nós precisam arrombar,

destruir com martelos, foices e dinamites as paredes e as janelas das grandes e pequenas ruelas? Quantos em nós vivem do silêncio e no silêncio? Quantos em nós sequer falam, na sua mudez, andam, olham, rastejam, serpenteiam e beijam? Quantos em nós celebram? Quantos em nós festejam e agradecem?

Nesses dias de silêncio, muitas vozes ficam guardadas, mas dão indícios! Aquela habitual mudez, aquele habitual olhar afirma-se sobre os encantos do mesmo. À espera da abertura das portas, das avenidas e ou ruelas fica na espreita das suas possibilidades. Trata-se de espaço em alguns casos... Mais espaço e mais distensão são as chaves para a inauguração das vozes? E aquelas que não reivindicam o dizer e o falar? As condições para o império da sua hegemonia é um segredo de sábios, de sabiás e rochas. A partir de quais condições são instauradas as vozes, os ruídos ou gorjeios? Espaço e distensão...

Velho amigo, nesses dias de solidão estive afastado das pressões do pensar. Outras hierarquias se impuseram. Mais silenciosas, mais sorradeiras, mais infantis e alegres. De algum modo, a suspensão da hegemonia de um estado abre espaço para a vigência de outros modos, entretanto, nos vários modos possíveis alguns não se expressam na e pela violência do pensar e das exigências da sua disciplina, do rigor dos seus falantes e ouvintes, bem como, daquelas velhas conhecidas: a atenção e a disciplina no uso da língua e no aguardo das vozes e dos seus cantos. O estranhamento se apresenta diante do fato de que alguns estados, presentes à multiplicidade do ser-próprio, não se impõem como pensar e muito menos o exigem.

Como sabe, desde cedo, a vigília das construções, junto ao empilhamento dos tijolos e das formas que se transformam em vãos de portas e de janelas, caminham ao nosso lado, como um dos nossos mais deliciosos acontecimentos. Demasiado enigmático soa a forma de uma porta. Por

seu intermédio instauram-se lugares, limites entre um dentro e um fora. Na porta estabelecem-se hierarquias entre espaços. Reclusão; conforto; segurança; veleidades. Liberdade; desleixo; medo e afirmação. Definem-se rituais de chegada e partida. Posicionam-se corpos e estabelecem-se gestos, rostos e risos. Uma porta é sempre um enigma. A qual lugar levará? Para qual recanto mágico poderá fazer transitar, escorrer, sucumbir? Portas que abrem quartos, abrem amores. Portas que inauguram fluxos, que descobrem o sabor dos corpos e suas delícias. As portas, velho companheiro, sempre intrigam. Desde a infância. Por agora, a construção de portas e janelas chega ao fim mais uma vez. O pathos do terminar dita a sua regra e impõe sua exigência de sentido. Misto de lembrança e limpeza engendra a memória, o desejo de ordenar e despedir. Os rituais da partida, da instauração do distante engendram misteriosamente um passado.

Em meio ao uso das ferramentas, ausência de pensamento e pensar! Um silêncio engendra os agenciamentos entre os utensílios, a tarefa e a disposição do ser-próprio. Como um breve amanhecer, o uso irrompe sem necessidade de indicar as razões da circunvizinhança. O uso instaura o seu sentido, quando estabelece as condições pelos quais o corpo traduz o mundo e as relações que colocam em cena os processos do fazer e as suas necessidades. Traduzir em palavras não lhe é necessário, nem mesmo, desejável. O ser-próprio estende-se à utilização e transforma-se em instrumento mesmo de um fazer. Fazer que se propõe como a limpeza de um lugar, a retirada dos restos e o espalhar dos entulhos. Distribuí-los sobre a terra, terraplaná-los. Quanto de corpo é necessário, nessa velha proeza, para produzir e exigir que as coisas estejam em devidos lugares? Quantas ferramentas produzidas para o estabelecimento de usos e de lugares, de coisas e de relações, de ergonomias e agenciamentos? As exigências do entulho e a ergonomia do cabo da pá e do carrinho de mão ditam as posições e as regras da ação para as mãos, para as pernas e os pés que se subtraem às trilhas impostas por um horizonte de sentido. A

pá responde como pá, entrelaça-se com os restos que assumem o lugar de lixo e passam a entrar em composição e decomposição com os olhares que buscam, desprezam, colhem e recolhem ao bel prazer de qualificar, de julgar e de discriminar. O cansaço junto aos instrumentos instaura a necessidade de se chegar ao fim. Sob essa hegemonia a hierarquia da instrumentalidade invade e retira o ser-próprio das imposições do pensamento e do pensar. Qualquer lampejar estabelece-se em fuga diante da luta necessária ao seu afirmar e hegemonizar. Como soberano, o uso dita suas condições, como o sabor na língua e o olfato nas narinas. A instrumentalidade, enquanto dura, retira a velha voz da cena. Enquanto, dura, a ausência se mantém presente. Atrelado à retirada do entulho vigora a necessidade de manter-se no uso, estar à mão nos encadeamentos necessários na produção do fazer.

Nobre amigo, quanto de aprendizado há em um fazer? Quanto de disponibilidade às exigências dos materiais e do sentido da tarefa é necessário na consecução de uma finalidade? No nosso caso, o solo impõe suas exigências, bem como, toda a fisiologia e anatomia de um corpo lhe exige água, oxigênio, alimento, e disponibilidade na hegemonia do uso. A alça da pá impõe à mão suas regras, o entulho ao chão, exige uma posição, um trato com a pá e com o corpo. Ao longe, nenhum pensamento, nenhum...



Os conceitos devem se relacionar com as condições pelas quais os seus campos semânticos tornam possíveis suas relações de fundamentação, esclarecimento e remissões. Um conceito deve ser sustentado por um conjunto de relações estabelecidas por interconexões entre as derivações que lhe são anteriores. Quanto mais coesas, mais sustentáveis se apresentam as condições de validação de um conceito e sua teia, tendo em vista que um conceito é constituído por componentes também conceituais, e assim, ao infinito. A validade de uma construção assenta-se na sedimentação das suas bases, através de mecanismos de dedução de direito. O conceito de círculo exclui aquele de quadrado, pois as condições de remetimento entre si são excludentes. Quanto mais unívoco, mais claro e evidente, pois apesar de ser constituído por pluralidade, o conceito pretende a univocidade. O conceito de maçã, não pode ser aplicado ao de pêra. O remetimento pelas interconexões é inevitável na edificação dos conceitos e das suas possibilidades, por outro lado.

*Habitamos a fome de conceitos e de conceituações! Por onde se anda segue-se acompanhado! Caminhos pavimentados, ruas bem torneadas, olhares delineados. Disposições de sentido, horizontes encerrados. Com os seus inícios, os seus meios e os seus fins. Achatamentos conceituais, arquivamentos. Por onde se anda segue-se acompanhado! As regras e as suas terminologias, os seus conceitos, os seus planos de imanência e seus personagens conceituais, as inter-relações conceituais e os **remetimentos** nos seus campos de atuação e sentido. Forças que expressam os seus sintomas, na instauração de valores que afirmam ou negam a sua condição. Mais valia, expropriação, alienação, physis, ideia, vontade, representação, experiência, conceito, a priori, esquematismo da razão, igualdade, processo, dedução das categorias, intuição sensível, liberdade inteligível, sensível, claro, náusea, espírito absoluto, sublimação, vontade de poder, infratestrutura, existencialismo, esquecimento do ser, espírito livre, moralidade do costume, alegria, fracos, felicidade, apolo, ética, deserto, ser-para-a-morte, libido, evidência, instinto, o outro, moral, dialética, superestrutura, eterno-retorno do mesmo, medicamento, professor, silêncio, liberdade, cuidado de si, autopoiesis, senhor, afetação, esfera pública, delírio, trabalho, história, ironia, imperativo categórico, loucura, remetimento, reflexão, perfeito, infinito, esfera privada, real, dionísio, atual, ato, potência, história, indução, mimesis, punição, aluno, dedução, hábito, círculo, estrela da manhã, princípio de não contradição, fundamentação, critério de demarcação, tornar-se, escravo, totalitarismo, autonomia, proposição afirmativa, avaliação, má consciência, juízo estético, ritornello, pulsão, o belo, território, último homem, o jus naturalismo, a semelhança, lírico, diferença, pragmatismo, corrupção, memória, inclinação, justiça, disciplina, campo semântico, culpa, artificialidade, categorias do entendimento puro, bancário, duração, reterritorialização, nada, natureza, fatos, diálogo, panta-hei, homeomerias, ser, crise, simbólico,*

ente, cópia, tornar-se pensador, presente, Toten, fonocentrismo, ser para si, má-fé, materialismo histórico, épico, passado, formação, cultura, verificação, interpretação, crítico, simbólico, transculturação, proposição, território, barbárie, refutabilidade, sentido externo, entendimento puro, juízos sintéticos-a priori, modernidade, pós-modernidade, maiêutica, terrorismo, cosmopolita, memória involuntária, poetar, teorias da personalidade, construtivismo, coerência, para além do homem, labor, trabalho, discurso, ação, amor-fatí, simulacro, ceticismo, verdade, ensino, desterritorializar, tragédia, transvaloração dos valores, epistemologia, cura, morte, zona de desenvolvimento proximal, axioma, paradigma, dasein, dobra, invenção, sensação, objeto, aprendizagem, identidade, mercado, pluralismo, ensino médio, sofrimento, linguagem, democracia, ultrapassagem, afetos, real, complexidade, proeza, campo, violência, filosofia, circunstância, homem, diferenças, utilidade, pluralidade, sistema de objetos, sentido interno, mal, ordem, previsão, infinito, domínio, teoria, mudança estrutural da esfera pública, lógica, ação comunicativa, excesso, sociedade civil, sensibilidade, valor, fragmentação, corpo, sem, meio termo, técnica, política, órgãos, para além do homem, formação, maquinaria, agenciamento, vaidade, formação de conceitos, leão, plano estriado, filosofar com martelo, morte de deus, teoria dos três estados, indústria cultural, dicionário, alegria, homem lighth, incerteza, esquecimento, tecnologia, lembrança, agradecer, dor, afecção, niilismo, a sobrevivência do mais forte, linhas de fuga, ressentimento, eros, educação, experiência, ética, discurso, panotipo, vida, morte de deus, metafísica, arte, medievo, relação, processo, identidade, devir, absoluto, unidade, miséria, história, universidade, alma, semelhança, correspondência, ouvir, tu, falar, distribuir, eudaimonia, ataraxia, suspensão dos juízos, época, redução eidética, essências, contemplação, pensar, caos, absurdo, vida ativa, ação, conhecimento, mentira, ilusão, justiça, aprendizagem, cogito,

ciência, poder, relações de força, narcisismo, miséria, consciência, erro, camelo, tabu,...



Habitar: cuidar para potencializar, com fins a permitir que o vógar expanda e atue. Para a presença ser constante – entremeada pelo eterno do instante. A presença instaura um sentido, entre a norma e o crime, entre a forma e o informe, entre Apolo e Dionísio. Impede a fuga para lugares confortáveis, para o divertimento – espécie de cura para a presença, decaída da altura de se dar – a sua fuga. Desejar e amar o ócio, senhor de toda a invenção, de todos os farejamentos, macerações, alucinações benfazejos e sussurros.

Um dizer dos sussurros, do entre linhas do tempo, dos suspiros, da anterioridade a qualquer enunciação exaustiva, definitiva, enfática... Estava lá aguardando, de ombros caídos e testa obtusa, farejava entre o céu e a terra, entre o sonho e a vigília. Animal sussurrante. De olhos abertos acompanhava a sombra a sua frente. Os raios de sol ocultavam-

lhe os caminhos entre as esquinas das ruas. Esquadrinhar os limites, escrutinar os alinhamentos e as velhas paisagens. Pairar... Tocar, mas não ser colhido... Flutuar entre as coisas, os mundos e os homens, feito pássaro. Olhar de cima, próximo demais, a ponto de ser distante... Soerguer os laços e torná-los tensos. Habitar a fagulha, o dançar da chama, o peso da pata do coio. Uivar feito lobo selvagem, homens bárbaros, mulheres e gatos no cio. Rir para a soberba alegria. Habitar as distâncias, habitar o momento em que as mãos pretendem tocar, mas distendem...

Distender, verbo que acompanha a atividade de pensar, na aurora das manhãs. Como raio entre as penumbras brota com violência e sem rigor, envolto nas desventuras, no entre mundos. Nem sonho, nem vigília, híbridez permanente. Habitar!

Habitar o entre. Entre a maçã e a pêra. Entre a verdade e a mentira. Entre o amor e o ódio. Entre a palavra e o silêncio. Entre o gato e o rato. Entre o belo e o feio. Entre o chão e a terra. Entre a vida e morte. Entre, entre.

Caro irmão de caminhada, mais uma vez estivemos juntos. Aquela sensação de arrombamento e felicidade.

Esgueirava seus braços longos, sua boca salivava pérolas de mel, sobre a palavra e seus enfrentamentos, sua ferrugem. A palavra traz à tona o mundo, a palavra diz das coisas. A palavra entre o silêncio. Tive medo da loucura, de ser tomado pela incandescência da manhã, das suas certezas. Agradei com olhos cheios de lágrimas o nosso encontro. Agradecer, escorregar pela vias que se abrem, sem lamúria, medo ou espanto. Se acossar em meio ao trânsito de inúmeros sentidos e com a boca aberta proclamar hinos de louvor e glória. Esgueirava com os ombros caídos, com ironia!

As palavras instauram o mundo.

As palavras dizem o mundo.

As palavras emudecem o mundo.

As palavras torcem por você. As palavras encontram você. As palavras dizem de você e para você. As palavras caminham feito sombras... As palavras murmuram nos sonhos, tecem os sonhos e as figuras. Os dedos entrecortados diziam do silêncio que impede as palavras, o silêncio que emudece a capacidade de dizer e falar, o silêncio que impede o ouvir das palavras e o habitar o entre das coisas, nas coisas, no dia e na noite.

Esgueirava com os ombros caídos e o tom de sarcasmo. Ria de quê? Corria feito louco pela trilha aberta no caminho. Exalava o desprezo e a certeza da loucura. Feito leão abateu a presa. Com pressa, e a passos largos dizia, dizia, dizia. A língua salivava e da boca cuspiu. Coração acelerado.

O instante e a sua eternidade. Um pássaro pousou no entulho.

Por ora, os livros continuam sobre a mesa e os aviões continuam cortando os céus. O vrum de um veículo invade a sala e toma a cena, junto ao canto da sala a memória de ter vivido a experiência extasiante de jogar-se na piscina, no grande mergulho que instaura e permite a palavra.

Corria feito louco, esbravejava, mexia as mãos e corria ao vento, as palavras escorriam dos lábios, com pressa, com força e voracidade. Condenava o silêncio que impede as palavras, exigia que as mesmas apenas escorressem pelos lábios. Sentia o bafo da revolta, do desejo de sair dizendo para sempre e inaugurando todas as possibilidades abertas por um dizer. Por um breve instante estávamos lá, o despertar, a voracidade da língua, o verborrágico raivoso e o ódio ao silenciar. O que pode a memória exigir e impedir? O que pode a tradição fazer engolir? O que pode o que passou exigir?

Ao vento pululava. Ai de tu? Ainda tem coragem de dizer - Ah meu irmão! Cuidado para que não te esmagues uma estátua! Cuidado para que não te esmagues uma estátua!

Cuidado para que não te esmagues uma estátua!

Cuidado para que não te esmagues uma estátua!

Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!

E repetia ferozmente, com os ombros caídos sobre as sombras de si:

Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!

A aurora brotou e consigo a certeza da clareza das distinções, dos lugares do reto, do entorno, do erro e da verdade. No entre habita a confissão da impossibilidade de escapar dos ruídos, do som do mundo, da densidade das palavras, da desnaturalização de qualquer posse e porque não, do império da vida, da sua violência e incerteza.

Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não te esmagues uma estátua!
Cuidado para que não...



Caro amigo, espero encontrá-lo bem! Há algum tempo não tenho notícias suas. Escapa-me durante os curtos dias de inverno, entremeados pela ausência da atenção nos intensos, extenuantes e rotineiros momentos de cativa atividade. Zonas de exclusão, ou sobreposição e ultrapassagens de estados na efetivação das suas paixões? Apenas sobreposições, insinua leve dizer! As folhas acabaram de cair e o sol ilumina e aquece pouco. Quem sabe nos encontremos nesses dias frios, de névoa pela noite e manhã? Tomara, possamos nos recolher para nosso festivo encontro! Ocorreu-me, nas suas insinuações, que a destruição é parte integrante da totalidade das ocorrências! A todo instante os estados se sobrepõem. Nas afirmações, nas ultrapassagens persistem. Entretanto, a permanência da ausência, movimento típico da distensão, poderá manter-se até quando? Por outro lado, quanto de esforço exige a atenção? Esforço de rachar os estados, de permitir que outras vozes subam à superfície e tomem a dianteira do dizer. A concorrência é demasiada pueril e alegre, desloca-se feroz e velozmente entre as linhas de demarcação e atuação, talvez, por excesso de zelo, quicá de

manutenção - espécie de veneração. Demandam consistências... A hegemonia traz consigo a conservação? Enquanto perdura mantém-se nas suas exigências! Como condição, uma força bruta irrompe. Porém, um estado, quando dá sua vigência, carrega junto a si, na sua irrupção, a destruição. Destruir ou ausentar por modéstia? Sabe-se lá, caro amigo! Ademais, que relevância terá a pergunta sobre as condições de possibilidade? Interessante é perceber que retorna feito sombra, feito anão. Nessas trilhas já nos encontramos diversas vezes - uma questão pergunta sobre o indagado em si mesma, uma dobra que se volta, atrás dos resquícios, dos restos que seguem o rastro deixado pela lembrança na vigência de um estado.

Nesses dias de inverno e cinza as ultrapassagens são menos visíveis - Mas voltemos à questão do quando... Quando nos encontraremos novamente? Sinto saudades dos calafrios, dos rumores e dos êxtases da nossa possessão. Porém, quem sabe, nobre amigo, quando retornará das terras longínquas, talvez tenha deixado de ter sido? Brotará feito um estrangeiro, um estranho vindo de algum lugar ou, lugar e distância referem-se apenas à lembrança das ausências? Não se sabe... Se não se pode prever é possível estimular, fazer transbordar? Não se sabe... Quanto se diz por aí, deve-se estimular, fazer atritar... Dizem muito por aí... Das razões para o encontro entre amigos... Mas, se não tratar de amizade e muito menos de amor, de qualquer erótica ou atração, e se for uma imposição? Quanto de força e ímpeto são necessários aos estados para que exijam e afirmem a sua voz, e o seu estilo?

O velho hábito quer nos convencer! Por que não voltamos para a antiga história, a cantilena de que já foram percorridos passos em direção à certeza, sobretudo, pelos grandes inauguradores? As amizades, às vezes, corrompem demasiado a atenção e os encontros... A brutalidade de um encontro reside na força vinculada de destruição... A violência

instauradora do signo e do sentido - À primeira vista, não se trata de uma atração de receber e estimular o encontro para uma amizade... Seria o encontro a submissão, a despedida presente à violência das chegadas e partidas? Por violência toma-se a inusitada necessidade de dizer em uma direção...

Caloroso amigo, distante das tuas palavras, sofro de solidão! Quanto de esclarecimento exige a submissão?

Voltemos à distância e ao intervalo... A distância... A diferença entre a manutenção do estado que perdura e a violência de uma instauração. Mesmo que as portas estejam abertas, o amigo não vem - estaria de propósito se ausentando? Estaria retirado em exílio, expulso ao limite das fronteiras pelos seus inimigos e portadores dos archotes sagrados da mansão? O quanto de força é necessário para o arrombamento e a destruição?

Durar e destruir, destruir para durar, durar enquanto destrói, três modos, três ausências. Durar e destruir, na ultrapassagem do dia pela noite. Como exclusão de modos, afirmação do princípio de identidade e univocidade. Para durar, oprime. O ato da destruição é anterior. Nesse sentido, só dura porque destrói. Nessa acepção, o movimento primeiro coaduna com a exclusão e serve de base para a condição do durar. Destruir para durar, violentamente dizimar com fins a predominar - ausência de negociação, força bruta, toma de assalto e investe em si mesmo. Enquanto dura, destrói - concomitância - autofagia, invenção permanente - acordo entre Apolo e Dionísio. Gerando, parindo, comendo os filhos e a si próprio... Devorar... Forte o bastante para destruir uma forma de si, uma instância de si, devir permanente...

Novas núpcias, meu amado amigo! Cauda e boca se encontram. Estende-se ao limite do início, e ao fim, de novo, mais uma vez, inúmeras vezes, assim por todo o sempre. A destruição e a ausência não estão para além das ocorrências, pelo contrário, se mantêm imbricadas, pois a duração é autofágica, coabita a destruição que lhe é permanente. Ilusão qualquer estaticidade, então, amado irmão, tudo é vão? É absurdo admitir que todo sofrimento e dor não se justifiquem! Um pouco mais de alegria... Afinal, é absurdo...

Como um raio, despertou do grande sono! Mais uma vez, o anão tece o jogo e dá as cartas. Novamente, eis a verdade! Entretanto, qual a relevância e as implicações! Mesmo as implicações restam ainda fixadas por alguma normatividade. Por essa via reconhecem-se os degraus e as antigas lamúrias. Apenas faz sentido se houver uma recompensa, se os gonzos forem em algum lugar equilibrados e a razão festejar sua clareza com nosso estimado amigo, porém, e se... Quanto de força é necessário para destruir e fazer emergir outros modos de sentido, que se importariam menos com as demandas moralizantes e as exigências de fixidez? Amado irmão, distante nos encontramos nessa trilha, a sua ausência permite às vezes configurações outras. Quisera e pudera abolir os caminhos e instaurar as margens.

Um pássaro gorjeia. O sol dá as suas claras e o novo infinito apresenta-se aos olhos. O azul do céu tece a sua grandiosidade no instante em que a-presenta a inevitabilidade do seu destino: durar e autofagicamente destruir a si mesmo...



Velho amigo esforcei-me para ouvi-lo! Para deixá-lo falar! É grande e difícil o desafio. Muitas exigências nos separam, às vezes, nos opõem. Grandes orelhas parecem não ser suficientes. Trazem consigo o risco de ouvir demais e distinguir menos. Creio que as palavras eram demasiadamente conhecidas. Sob seu rotineiro encanto dissipei-me, enganei-me. Talvez, tenhamos que instaurar um dialeto, modular nossa música e quem sabe, assim, esculpiremos novos e inusitados ouvidos? - pois, quanto de passado há nas palavras e nos grandes ouvidos? Quem sabe da próxima vez!!!

Hoje à noite bateu à minha porta, estava em casa, porém, embriagado demais, louco demais, para degustar sua canção. A nossa distância, a nossa distância. Ruidosas foram suas palavras...

Ventos do sul chegam à nossa morada. Um traço de angústia aproxima-se da costa de nossa casa, da fronteira da nossa terra, do brilho e da intrepidez do nosso olhar. Desconstrução, instabilidade, incerteza caminham sob os pés descalços e bailarinos. Caminhos se vertem em

trilhos, trilhos em rastros, rastros em toques, balbucios, restos... Desejo de penumbra? Ou constatação da abertura, do infinito da abertura? Medo e alegria se misturam em um corpo líquido e obtuso. Corpo em permanente fuga, agenciado nos infinitos encontros, remetido aos inúmeros sentidos perpetrados na atualização das incessantes interpretações. Alargamento... Torpor de expansão, de conquistas de terras e mares, de viagens pela superfície do globo, de escaladas dos picos em neve das montanhas altas. Nas alturas: solidão, frio e embriaguês... Próximo demais do céu e do silêncio. Uma leve brisa corta a face formulando-se em questão: até aonde pretendes ir? Até aonde será capaz de afirmar? Por medo, recusa a expansão? Subtrair-se-á ao medo, insiste a voz?

Recrudescer, reforçar as linhas de demarcação, cristalizar a forma, hegemônizar a hierarquia, ou serpentear, arrastar-se na fragilidade alegre da expansão? Estender ao limite a necessidade de manutenção e conservação ou não se importar com o risco? Forjar armas, atacar inimigos, pavimentar estradas, destruir a oposição ou combater ao infinito? Por fim a tensão, o movimento, o devir dos fluxos e forças, ou jogar-se? Extinguir, cristalizar-se sob a hegemonia do medo? Medrar, tremer, balançar, estilhaçar... Destruir é o modo operacional no medo. Paradoxalmente, para manter-se é necessário destruir, impedir. Velho companheiro é o medo. Sempre à espreita, senhor da incerteza, apresenta-se nas fugas, nas trilhas, nas sendas, no lusco-fusco. Como é possível o medo - quanto de medo paira na instauração da forma-homem?

O medo invade. Sob sua hegemonia, instaura-se o perigo, objetiva-se uma razão. O ambiente verte-se em ameaça. As sombras convertem-se em armas, os ruídos em riso, os pingos em passos. A atmosfera assustadora do risco toma o ambiente. Olhos atentos procuram o inimigo, estratégias

de ataque são disparadas: repelir para se manter, resguardar para sobreviver, afugentar para manter... O medo... Sob sua hegemonia, humanos se formaram! Formas se deram e corpos se constituíram. Medo, suspiro último frente à iminente ultrapassagem! O que pode o medo? O que exige o medo? O que re-vela o medo?

A boca seca, as mãos frias, o coração palpitante, os olhos atentos, as fabulações intermitentes, o desespero, a vigília incessante, a posição fetal. Adrenalina alta, excesso de atenção, deslocamento rápido da retina, interpretações imprecisas, sombras, desvios, calafrios, pânico... Parálisia. A sobreposição avizinha-se... A coesão do corpo afeita ao colapso... Antecipação... Retorno ao útero, ao primeiro, ao confortável e seguro abrigo, processos de invaginação... Na última região, desdobrado sobre si, na forma de círculo: cabeça junto ao peito, joelhos tocam o queixo, braços abraçam para proteger, quietude... Imobilidade... Parálisia... No último abrigo, a resistência persiste, muda, subjugada, inerte - traço último antes da destruição... O medo instaura o último suspiro, as lembranças e memórias do ocorrido. No medo celebra-se a última imagem, a última visada, a linha limítrofe. O medo antevê a dissolução!

Velho amigo, por que tu insistes? Não escuto muito bem! Suas palavras são por demais sussurradas, esforço-me para ouvi-las, escapam-me. O medo... Quanto do passado do medo há no corpo? Quanto das violentas lutas há no corpo? Quanto de medo há nas ideias, na construção dos valores? Quanto de medo há na feitura de uma porta, do talher, na produção da escrita? Quanto de medo há por aí? Quanto de medo há nas auroras não vividas, nos intervalos das ocupações, nas idas e vindas? Quanto de medo há por aí?



Estimado amigo, o inverno chegou! Sob a predominância do cinza não avistamos mais as estrelas do céu. Apenas tons se sobrepõem. No pico da montanha casa e nuvem, boca e olhos, frio e névoa se misturam recolhidos junto à lareira e ao parco horizonte. A escuridão é o limite geral das aparências, sussurra, aos ouvidos, sua reconhecida voz. Enxerga-se pouco. De fato, tateia-se. Para sua vinda, preparei bolos e tortas e a água para o café está a ferver. Em meio à festa, chegou! Era noite, lugar público, sob o holofote das câmeras e dos olhares da família. Foi até reconhecido. Estava a acariciar os novos fios brancos da barba. Comemorava-se um casamento. Noivo e noiva circulavam sua felicidade. Lembranças, sabores, sons, luz, sombra, corpos dançantes em meio às núpcias dos jovens amantes... Novamente, roubou a cena,

remeteu o corpo e voz em outra direção! Aquela antiga questão exigiu a presença. Nesse chão já dançamos diversas vezes, velho amigo! No seu ímpeto habitual formulou-se e gritou aos ouvidos: “várias vezes já nos encontramos, sempre no espanto, imersos na sensação da retirada do chão, preso à náusea e ao achatamento. E, se?”

Ir ao fundo, em meio ao festim dos amantes? Forte o bastante para não sucumbir? Para manter janelas e portas sob tramela, vigiadas e resguardadas? Dessa vez, da manhã à noite, anunciava-se. Impunha seus sinais exigindo passagem através dos simples encantos: “os ovos de galinha não fecundam sem a presença do galo!” À tarde, brincalhão e sorrateiro: “sob a influência do álcool, alteram-se corpos e línguas”. Pela manhã no dia seguinte: “sob a fria noite de inverno congelou a manteiga”. Quando se pergunta sobre o sentido das ocorrências indaga-se sobre a objetividade do real. Por objetividade considera-se a qualidade apreensível daquilo que se revela no e através dos encontros. Por apreensível tomam-se os processos pelos quais se permitem a manifestação de algum horizonte de sentido. Ovo, galinha, galo, corpos, álcool, frio, noite, inverno, manteiga se celebram como um modo possível da aparência no e do mundo. Claro, indica a voz, “que o fenômeno visível do ovo é constituído na relação que se estabelece nos encontros, mas de qualquer maneira, no limite, um evento se deu como sensação”. Por uma via, pode-se atribuir aos objetos a condição de serem apreensíveis, por sua visibilidade. Por outra, pode-se atribuir ao sujeito as estruturas pelas quais a visibilidade do mundo se manifesta. Por outra, pode-se indicar a dependência entre as estruturas do sujeito e a objetividade do mundo, resguardando ao mundo mesmo as razões inacessíveis da sua ocorrência. Por outra, pode-se atribuir a visibilidade do mundo como resultante da atuação das estruturas sobre o inacessível mundo. Por outra, pode-se tomar o fenômeno do mundo como construído pelas atribuições dos sujeitos ao longo da história e da totalidade dos

homens e das suas construções durante as épocas, contudo, ironiza a voz, independentemente da apreensão, o ovo não é fecundado sem a presença do galo! Por outra via, pode-se indagar as condições de correspondência entre as designações ovo, galinha e galo, e a construção dos significados e referências na linguagem. Aqui, indica a voz, cairíamos novamente nas indagações anteriores, sobre a transcendência ou não do mundo e das coisas e das suas possibilidades de relação em uma língua qualquer! Por outra via, podemos tomar o apreensível do mundo como expressão do campo de atuação das interpretações que se impõem ininterruptamente. Nesse sentido, ovo, galinha e galo surgem como exigências gerais dos fenômenos. O ovo seria capaz de impor-se a ponto de exigir ser o que é, estendendo sua pretensão aos confins da linguagem. Nessa acepção, conhecimento seria deixar-se afetar pelas imposições, dispostas aos encontros e nos encontros.

Felicidade estonteante. A voz impõe-se. Entoar hinos de louvor e glória, rolar de rir! Então, trata-se: o mundo se apresenta como um fenômeno posterior. A regularidade da captura dos fenômenos reside na imposição geral das suas condições de apresentação. A harmonia do mundo é a resultante das tensões estabelecidas entre as necessidades de aparência e a efetuação das interpretações que se constituem como aparência! A disputa pela aparência é a condição para o fenômeno do mundo. Apreender é ser submetido pelas condições gerais contidas em um horizonte de visibilidade. Nesse sentido, o fenômeno ovo, galinha, galo se impõem como ovo, galinha e galo, quicá exigem a sua expressão entrecortada pela experiência designadora das linguagens. O fenômeno ovo exige uma língua em que possa se expressar. A construção do visível da forma coaduna com a experiência de ser submetido pelas necessidades de aparência inerente ao fenômeno no plano da sensação e da linguagem. O sentimento do belo é o ícone da vitória ocorrida no submetimento, sua expressão como verdade de si. Verdade e beleza são

os modos de ser do encontro diante das submissões e suas reivindicações e implicações gerais. Sons invadem a sala, late um cachorro, pingo de chuva escorre pela parede e o telefone toca.

Mas se o visível do mundo apresenta-se como modo de ser da premência daquilo que está sendo, a força de imposição é que define as condições gerais para a compreensão. Compreender é ser tomado pela condição daquilo que torna possível a face visível do mundo. Nesse sentido, as condições gerais da compreensão estariam atreladas ao modo de ser da língua em uma disposição de linguagem específica, pois a relação entre o galo e a galinha é construída na experiência da linguagem, entretanto, independentemente da linguagem, há uma relação estabelecida no visível do mundo entre os três fenômenos - galo, galinha, fecundação do ovo. Contudo, se retirar a construção dos pontos da relação na linguagem não é possível inferir a relação entre as partes, pois não haveria um galo, uma fecundação e muito menos uma galinha. De qualquer modo, a relação de compreensão é entretecida pela e na linguagem. Contudo, na ausência de uma linguagem qual mundo é possível? Um grande enigma. Na fronteira do enigma, uma voz - e, se fôssemos ao encontro daqueles que já fizeram um caminho? O velho anão! Mais uma vez, o velho anão! E se não se tratar mais disso...

Fecundar, alterar e congelar, três ações, três modos de expressar o fenômeno visível da alteração e formação.



Estimado amigo, mais uma vez surpreende a persistência da sua presença, pois, o questionamento do dia anterior se manteve junto ao cinza do céu, ao frio da montanha e ao longo das atividades do dia. Os móveis e os seus dizeres alternavam-se nas suas disputas para o estabelecimento das suas línguas e vozes na instauração de um sentido. A distensão novamente se apresentava como um dos eventos vinculados à atividade de pensar, bem como, a luta pelo espaço no qual a vigência das vozes se estabeleceria. Mesmo no exercício de outras atividades notava-se sua latente permanência nas remissões e maquinações para tomar de assalto a presença, para fazê-la sucumbir aos ritmos da produção de sentido. Em vários momentos, a insinuante latência indagava a relação entre a fatalidade das interpretações e a fatalidade das ocorrências e ou suas correspondências e ou remissões e ou afastamentos! Quais vias nos permitem compreender como se dão as relações de dependência entre alguns fenômenos e a produção do sentido que os institui em algum modo e de algum modo? No caso, assombrava a relação de dependência explícita entre a presença dos galos nos

processos de fecundação dos ovos das galinhas. Pode-se, reincidentemente, suspender o sentido da correspondência entre o signo e sua referência, pode-se até desconstruir a relação de dependência entre o signo, o significado e o significante, entretanto, a ocorrência manter-se-á, sobretudo, por sua expressa materialidade - não o galo, a galinha e/ou a fecundação - mas o que torna possível a sua aparência no visível. O resíduo remete para a fatalidade das ocorrências na ausência da produção de qualquer horizonte de sentido. Nessa acepção, o sentido atrela-se às condições de a ocorrência se dar desse e não de outro modo, ou o sentido é algum agregado, alguma roupagem que revela, mas esconde o primordial, o dar-se das ocorrências? Se tomarmos a pletora, com expressão da disputa entre as condições de hegemonização, a ocorrência se imporia como pura diferença! Na vigência da hegemonia compreende-se a visibilidade do que ocorre de um modo específico e não de outro. Nessa via, não há emancipação da ocorrência na relação estabelecida, e, sim, sua afirmação enquanto brotação em uma forma. A designação seria um dos modos de ser da passagem da ocorrência para o plano da voz e da língua. (É forte o bastante para impor-se - a legalidade expressaria o fatalismo da ocorrência - o equilíbrio momentâneo se instaura na vigência de uma hierarquia. A provisoriedade se apresentaria como resto na economia geral do processo. A instauração do sentido seria compreendida como um dos modos de ser da ocorrência.) A derrocada das interpretações atinge o sentido da ocorrência, a sua formulação em algum horizonte, o fato de a ocorrência se dar de um modo possível nos jogos expressos de interpretação e não a estrita fatalidade do que ocorre. Entre a derrocada do sentido da ocorrência e as condições gerais das ocorrências reside um hiato, apesar de realizarem no mesmo plano, pois... Falso problema, pois se não é possível distinguir a interpretação da ocorrência, há como supor a ultrapassagem, porém em outra configuração de forças e relações, que teimaria em impor suas

exigências de apreensão e visibilidade. Nesse sentido, pode-se imaginar outro sentido, e não outra interpretação, pois seria um contra-senso! Pode-se obviamente indagar se é possível a experiência de qualquer ocorrência fora de algum horizonte de sentido, tendo em vista, que as apresentações se dispõem sempre de algum modo, porém, o limite da questão reside no fechamento imposto na relação estabelecida entre a implementação das interpretações e a sensação da fatalidade. Por fatalidade toma-se a ausência de qualquer ordem de grandeza, beleza, ou razão no desvelar das ocorrências. A ausência do valor não é capaz de invalidar a necessidade expressa pelas e nas ocorrências, a emancipação da ocorrência se apresenta no absurdo inerente à fatalidade. Por fatalidade compreende-se o dar-se irremediável das efetuações nas suas expansões de domínio no visível da sua emergência.

É necessário dar mais um passo rumo à conquista da solução, afirma a voz! A solução apresenta-se como o momento pelo qual é superado o limite que instaurava a questão, entre as condições da indagação e extensão das tensões imanentes. Por limite, consideram-se as provocações implicadas na construção de um questionamento, pois o questionamento posiciona-se, em relação de dependência estrita, junto às ocorrências, a sua formulação em ocorrência e aos desdobramentos conceituais inerentes à construção de uma via de sentido. Resolver a questão supõe a retirada do torpor que advém junto ao encontro com o que violentou a máquina de pensar ou a máquina de calcular? A distinção é fundamental, pois enquanto cálculo, pretende-se por fim e atingir o resultado do problema, encontrar e dividir os restos e dividendos; por outro lado, se o pensar apresenta-se como um modo de ser das ocorrências, das disputas por hegemonia, e por produção de sentido, através da língua e da voz, pode-se supô-lo ininterrupto? Enquanto cálculo, ao produzir uma explicação, atinge-se zonas de conformação. Por conformação toma-se a introdução de alguma

narrativa que produza algum sentido que satisfaça as necessidades inerentes ao contato e submetimento à ocorrência. Por outro lado, a construção do sentido para a ocorrência exige a demarcação e a distinção entre as diversas possibilidades de produção e ou invenção de sentido. Exige também algum critério de demarcação que permita antever os graus de eficácia da postulação. Por eficácia toma-se a extensão do controle das ocorrências. Nesse sentido, o critério de demarcação passa a ser de vital importância para a decisão e provimento de novos acessos. (Falso problema, a questão da demarcação pressupõe deslocamentos entre a apresentação visível da ocorrência e a postulação do sentido que instaura o seu modo de ser, entretanto, se o fato da ocorrência exigir os modos para sua experiência, a concordância seria explícita, bem como, o delimitamento geral das suas condições de circunscrição e jurisdição.) A legalidade de um evento assenta-se no fato da sua ocorrência dar-se desse e não de outro modo, a fecundação do ovo da galinha pode prescindir do galo? Retomemos do início!



Era noite, comemorava-se a passagem do tempo, o seu rastro na lembrança e sua força na composição de uma memória sobre si. Fotos espalhadas pela casa datavam os usos e costumes, as idas e vindas, as partidas e as suas chegadas. A primeira vez em uma casa! Espetáculo que permite o reconhecimento das linhas obtusas pelas quais a vida se conquista e se dá. Três irmãs... Proximidades, tons de voz, estatura e rosto. Em uma das paredes, o convite para uma distância, uma passagem, um arrombamento, para o estático mesmo no tempo.

Havíamos nos despedido à tarde. Como de costume, outros modos frequentaram-nos. O silêncio que lhe é habitual manteve presente a sua ausência. Na distância que nos separa o passar do tempo ocupa-se de si. Olhos, ouvidos, boca e nariz dão-se a festejar. Rastejam, arrastam, bafejam; se esfregam e produzem rostos, odores, sensações, ruídos. Invadem com suas exigências de verde, de amargo, de doce, de música... Alojam-se fragmentariamente no tímão da presença, sorratamente disputam-se! O estômago... Velho companheiro - o devorador, a digestão.

As decomposições rotineiras dos pulmões e os movimentos repetitivos dos ventríloquos. Os rins e sua filtração, a urina, o ânus e o evacuar tomam a cena. A pressão dos testículos, a sua incansável procura. Na sua ausência, quanto de ocorrência, velho amigo? O movimento das pernas, o ar nos pulmões, as dinâmicas das trocas, das interações, do fora e dentro, a luta constante entre as hegemonias. A mastigação de uma pêra, o seu devorar...

Junto à parede...

Na sua ausência, os olhos voltam a brilhar e os ouvidos ficam atentos e os outros animais se põem a brincar. De nada adianta os ciúmes, queria ser o soberano, porém? Para governar é necessário ser forte o bastante para mandar, para estabelecer as equidistâncias, as funções e os ordenamentos, enfim, uma música, com seus ritmos, harmonia e melodias. Porém, como sabes, quando tu escondes és suprimido! Às vezes, predomina. Arromba e instaura os cômodos e a casa, dispõem os quartos, a sala e a cozinha, às vezes... Na sua falta, fiquei na janela para lhe ver passar, porém a dança?! Estávamos em festa. Algum resto mantém-se presente, talvez na lembrança da ausência, e não como substrato para o exercício das diferenças de ritmos e melodias e ou as disposições arquiteturais. Apresenta-se como uma lembrança que se mantém na presença, espécie de luto. Como as ultrapassagens são constantes, os rastros reluzem.

Os objetos exigiam olhares, os sabores exigiam olhares, os pés exigiam olhares, o tato exigia olhares, o estômago exigia olhares, os testículos exigiam olhares, o coração exigia olhares, e tu oprimido por essa nova música mantinha-se distante, na sua típica ausência... Outros estavam lá, com suas vozes e línguas...

O sol sombreia os telhados. O nascer de um dia pela manhã. Ruas estreitas convidam à experiência da proximidade, da estranha proximidade. Os sobrados alinham-se às casas que se alinham ao meio-fio, que as separa da rua, unindo-as ao outro lado. Frente a frente pequenas janelas entrecruzam aferrolhadas aos seus olhares matreiros. No alto, um poste ilumina as vielas, à noite. Lado a lado, ilhas se compõem e janelas desconfiadas perguntam sobre quem está por vir. Os paralelepípedos encaixam-se com perfeição e a rua desloca-se sinuosa - à espera de passos. O céu azul oculta os olhares que teimam em se encontrar entre as frestas dos pequenos vãos das janelas de madeiras, fechadas com trincos e tramelas. O branco das paredes contrasta com as tenras nuvens do céu, desfeitas pelos movimentos suaves da brisa do vento. Os sobrados se espremem e se encontram ao fim da curva, no limite da sinuosidade, entrecortada por uma rua. Ninguém por ali caminha, mas teimosamente a rua mantém-se aberta ao caminhar dos padres, das crianças, das procissões, das prostitutas, dos professores, dos escravos, do carro de boi, das donzelas e dos barrões do café. Estamos em Minas, cheira a broa de fubá e a caneca de louça queima a ponta dos dedos e a língua. Naquela parede, em uma tela, um mundo, a persistência de um mundo, a sua relutância em se manter constantemente e eternamente presente, disposto a aguardar e guardar a fagulha, o eterno do seu instante.

Foste tu quem me disseste? Ficou a noite toda revirando, dava voltas, rodeava a casa e as disposições dos cômodos. Queria destruir e tomar dianteira, perguntar o porquê, instaurar a questão. Voltava reticente, dava de ombros, e ria como se estivesse a confabular uma vingança, a derradeira vingança. Sem mim nada é, sussurrava aos ouvidos dispostos pelo olhar... Enraivecido e enciumado vagou ao longo do sonho e da madrugada. Invadiu o noturno e manteve-se ruidosamente na sua cantilena - o que afinal aconteceu? O que se passou por aí na minha

ausência? Em qual recôndito cômodo estava que não se colocou a fabricar as portas e janelas? Permitiu as ocorrências e as suas intermitências benfazejas? Como pode sucumbir à própria ruína? Para além e aquém de mim apenas incompreensões, erros, desvios, nebulosidades e incertezas vorazes! Sou tal e qual, a verdade, o caminho, o alfa e ômega! Afirmava roendo-se de inveja, pois, afinal, deve haver sempre um motivo, uma razão que explique as emergências e as suas ocorrências. As andanças do ser caminham ao meu lado, junto ao meu cetro e controle... Afinal, inveja e ciúmes... Mordia os lábios, e no espumar da boca manteve-se falando, porém, calado...

Prezado amigo, com alegria saúdo a sua ausência. Nas nossas distâncias corpos outros se configuram e dão passagens a variadas formas de composição e forma. Suas exigências indicam determinadas formas de olhar, de ouvir, de cheirar e de modo geral, implicam a construção de ilhas e de abrigos diante das flutuações incessantes das variações que se apresentam e se instauram como fatalidades. Espero que não sejas arrogante ao ponto de reivindicar a tomada de todos os espaços possíveis de expressão e produção de realidades. Soa-me demais invasiva a sua necessidade de ocultar, através da sua soberania, as vozes e as línguas que tenramente pretendem tomar a dianteira do sentido.



Ao fim da bibliofagia, da conceitofagia, e das doenças atreladas abre-se à multidão. Por multidão toma-se a experiência dos vários e seus atrelamentos vinculantes: demandas por imposição de sentido; pressão por abertura aos dialetos passageiros, às vozes entrecruzadas e remanescentes das comunidades e suas tradições, nos seus usos, costumes e regramentos; às vozes do passado e às certezas da posse do seu mundo e da disposição na linguagem das coisas, dos comportamentos e dos horizontes de mundo e homem; aos ruídos da aquisição desmedida de antídotos para infecções doentias e impróprias; aos adoecimentos revelados como exigências da vida gregária; às exigências de silêncio e adequação à variabilidade de dialetos; à presença de ruídos onomatopéicos, seus síns e não moralizantes; às demandas dos antecessores, suas parcelas de instintos dispostas em órgãos, funções e arrebatamentos.

A instauração da pletora torna visível e audível as demandas da multidão, espécie sofisticada de cura. Lugar que torna passagem os olhares que designam e se põem a designar.

Tenho que levantar!

Fica mais um pouco, calor é necessário! A madrugada deixou suas marcas nas vidraças. Gotículas de água escorrem pelas janelas. A névoa ainda densa oculta as árvores e funde a casa à montanha. Um pouco mais de tempo, de recolhimento e aguardo, de distinção para as vozes que pedem passagem. Tenho que levantar! Pensar sobre o pensar e sua ocorrência. Enfado!

Um grupo de vozes se põe a cantar e exigir no seu lirismo o seu lamento. Por que não voltas para a tradição, por que não aceitas os nossos indelévels caminhos? Afinal, o que tu fazes é demasiado pequeno! Por que não sobes nos ombros dos gigantes, dos seus dizeres, das suas conquistas? Tu és demasiado arrogante! Por que não se humilha e aceita que és a poeira da poeirinha e que a inteira dignidade do pensar já se deu em pensamento? Por que não se perde na bruma das nossas leituras? Por que, como de costume, não volta para a sua antiga pátria, para a degustação dos nossos corpos e vozes, nós, os porta-vozes da civilização, os derradeiros mestres, os grandes e únicos, nós os Europeus, os gênios civilizadores! Por que não voltas? Por que não voltas, carinhoso e disciplinado discípulo? 'Te amamos' tanto!

Tenho sede. Os rins pedem passagem. Na secura da boca os órgãos se contorcem. A água fluidifica, permite que esorra, transborde e faça retornar. Transbordamento e retorno, ciclo que se afirma.

Um grupo de pessoas caminha pela rua. Um homem segura em suas mãos um rojão, dentro de uma viatura de polícia - confusão e intrigas marcam a experiência da prisão e do ocultamento em meio aos signos da autoridade.

A consciência traz tristeza. Pedê passagem a tristeza. Falta de água? Abandono da tradição? Caminhos tornam-se trilhas? Incerteza e insegurança, fatalidade, desamparo e desespero. Insanidade, desrazão. Sem portos, sem chegadas. Partidas iniciadas, jogos de dados lançados ao sabor do destino, dos desatinos, fraturas, quedas, desperdícios. Nada se resgata? Os raios de sol celebram a sua inevitável ação. Imersos na sua estonteante visibilidade, abrem-se caminhos na espessa névoa, dissipa-a. Estaria triste a névoa?

Fica mais um pouco! Preciso de calor! Multidão e confusão. Alguém observa de fora.

A dialética quer se livrar disso: as contradições das vozes e seus interesses, suas divisões e partilhas. Convergência entre o sofrimento, a tristeza, a dor e a tomada de consciência. Rasga-se o véu da penumbra! A tristeza toma de assalto. A dor inerente à compreensão da devassidão do tempo se presentifica. Tomar a consciência do tempo como o aspecto fundante da tristeza, como marco indelével do passageiro, do rumo ao fim de qualquer desejo de manutenção! A suposição da alteração de estados é apenas uma benfazeja ilusão. Quanto de consciência é necessário para manter-se nos deslocamentos incessantes sem pretender senti-los como forças de dissolução e nadificação? De ultrapassagens indizíveis? A dor como um fenômeno de fachada, como interpretação instauradora!?

Tenho que levantar! A tensão entre os estados se mantém presente. A dissociação se apresenta como o momento do ainda-não da instauração. Momento derradeiro da discórdia e início da sua perene manutenção. Plena transitoriedade, como as disputas ao fim do dia, na passagem da noite - até que o anoitecer caia, até as estrelas do céu...

Observar as inconstâncias das vozes que não se afirmam. Vários rastros ficam pelo caminho. Anunciam, mas mantém-se na virtualidade. Agora pouco, ainda-não, em vias de subir e tomar a dianteira. À distância estão presentes... Entre a ausência e a realização de uma presença. Estão em vias de se fazer, como no crescimento das flores, nos processos invisíveis da floração - esbanjam sem se apresentar. Uma sonoridade sem som. Condição para qualquer sonoridade? Estão todas por lá, giram, orbitam, crepusculam, escapam velozes, demasiado velozes...

Ainda é noite. Na tela, a vitória da seleção brasileira de futebol, na Copa das Confederações, se mistura às manifestações que tomaram as ruas do país nas últimas semanas. Imagens de destruição e revolta fundem-se ao caminhar da multidão, em meio aos cartazes que exigem o fim da corrupção; da impunidade; o aumento de verbas para a educação e saúde e melhorias no transporte público e dos serviços públicos em geral. Uma voz invade fazendo-se retumbar. E se o pensamento tornar-se sensível? E tornar o sensível, pensamento? Não seria uma via... Tornar o pensamento sensível. Fazê-lo cavalgar aos ritmos da sensação, nas suas corres, sabores e odores. Fazê-lo saborear, aos ditames dos ventos e do cheiro da chuva, das gotas de orvalho que tecem as manhãs e tornam visíveis as teias das aranhas. Tornar sensível, dar-lhe a materialidade do olhar e a concretude do tato. Fazer-lhe escapar da representação, rumo à noção. Tornar o sensível, pensamento. Submeter o rigor e os desejos da dialética na circuncisão, perseguição e exclusão das contradições, à produção de linguagens errantes... Afeitas aos raios de sol sob a grama e ao brotar das ervas daninhas. Permitir e desejar as invasões, as rotas em fuga, os escapes, os desvios dos gametas não fecundados, em fim, trazer a morte, nos seus excessos e absurdos...



Hei, oi, estamos juntos! Por onde se olha e vá, estamos juntos! Hei, oi? Entrecortado, pelo visível do mundo, pelo audível do mundo, pelos afetos do mundo, pelo espaço do mundo, pela distância entre céu e terra. Entrecortados, habitamos entre. Entre o som e a luz, entre nós mesmos... Diante e entrecortada pela fatalidade do mundo, a presença é interpelada. Escorrega pela superfície do globo, da singeleza dos seus toques, da força bruta dos seus chamamentos. Hei, oi? Estamos juntos? Grande ilusão imaginar, ou exigir, o fechamento em língua definitiva! Intepelação, exigência para um dizer e falar - o mundo pede passagem na voz da língua. Quanto da interpelação se deixa passar? Quanto de ilusão há na pretensão de esgotar a interpelação, de tomar o passado com condição para o estar lançado na presença junto e entre, na voracidade da ruína? Ilusão supor a potência do signo, ilusão exigir do signo a ultrapassagem da interpelação, tomar o lugar de ser índice da voz primeira! Hei, oi? O sol é novo a cada dia. Cada dia é novo sol! Cada novo sol no dia! Cada novo dia no sol! Cada dia novo é sol! A cada vez no

dia o sol interpela e pede passagem, não o sol, mas um sol, jogado no entre. Hei, oi, estamos juntos! Quantas vezes esquecemos?

Velho amigo, tens mudado o tom. Nesses dias de reclusão, de recolhimento junto às coisas e às interpelações, tens surpreendido! Gostaria de abraçar-lhe, de acolher sua majestosa palavra e lhe dar as mãos, de submeter-me aos seus encantos e gorjeios. Se sua voz é outra, seria outro também? A velha arrogância começa a se dissipar, tons de agradecimento percorrem sua voz dadívosa. Partilha e doação apresentam-se à mesa. No intervalo dessa aurora abre-se potente brecha. As lutas se mantêm presentes, às voltas, em nossas andanças, verme e flor se entretêm, afirmação, negação e estados do gênero se põem na interpelação constante por acolhimento, por passagem e ponte. Alguns mais modestos, porém lobos na pele de cordeiros... De qualquer modo, estão rodeando com suas correntes de sentido dispostas em signos. Percebe-se o tom das exigências e da permuta entre os estados.

Hei, oi! Pisa devagar! Cuidado com as pontas, os intervalos, as distâncias instauradas no entre. Algumas fissuras estão sensíveis, o tráfego aumenta a cada dia. As solas dos pés pisam com força e agilidade. Crianças, bebês, moços, moças, gays, assassinos, corruptos, artistas, filósofos, professores, padeiros, juizes, judocas passam entre nós e sobre nós. Desde sempre, há muito tempo! Vários, do nascer ao morrer, senão todos. Hei, oi, já lhe vemos tantas vezes! Sentimos tantas vezes o peso do seu caminhar, a distância do seu percorrer e sua velocidade. Quando tinhas pequenos os pés. Temos marcas - ao colo com sua jovem mãe. Vimos de vários modos a distância entre os seus dedos, os joelhos e a ponta do nariz. O queixo e a barriga cresceram. Tu pareces menos achatado. Diversas vezes sentimos suas preocupações e ocupações. Sempre deslizando sobre nós, nas suas infinitas e apressadas itinerâncias. Hei, oi, já vai? Fica mais um pouco, tome um chá conosco!

Estás sempre de passagem, é sempre uma passagem, com peso, forma e voz. Quanto de vós sabemos nós? Quantos de vós sabemos nós? Quantos de vós andaram sobre nós? Lembras dos primeiros passos? Lembras das angústias daqueles passos, naquele dia? Recordá-se da pressa, dos descontrolos daquela noite? Quantos carregastes nos ombros, na testa e no olhar? Lembramos daquela lágrima, daquele peso no peito e do nó na garganta. Sofremos contigo, nos alegramos com ti. Quantas vezes deitou-se sobre nós e te acolhemos, te abraçamos com toda calma, sem pressa e medo. Vais voltar? Estaremos aqui, para o bem e mal, para noite e dia, para sol e chuva, para ver nascer e morrer.

Suas notícias acabaram de chegar. Tenho dúvidas quanto aos procedimentos adotados, sobretudo, aqueles que desconfiam e suspeitam da nossa capacidade de dar o prometido, pois velha é nossa aliança e tu sabes o que procuravas no momento do nosso trato e do preço a ser pago até o estabelecimento derradeiro do nosso projeto. Muito me envergonha, depois de vários encontros e da nossa longa história, que esteja a andar com outras vozes, afetos e pessoas. Sei que é difícil imaginar que possamos tudo aquilo, mas de qualquer forma, soa-nos infantil sua insegurança e desconfiança, mesmo porque, foi pelos nossos caminhos que tu chegaste a esse ponto lamentável de reivindicação e certeza. Fomos nós que indicamos o caminho que agora tu arrogas ser portador e auriga. Sabe do risco que tu corres! Sobretudo, pela ausência de critérios para decidir o que possas realizar. Sabe o preço exigido pelo sentido impresso por aquelas vozes que sempre estiveram acorrentadas sob os nossos pés? Há muito, tu sabes as histórias, pois diversas vezes já lhe contamos, das nossas intrigas, das dispersões e mortes que fomos levados a realizar e praticar em torno do nosso grande projeto arquitetural. No nosso altar, vários de vós, já foram sacrificados - diversas vezes pretenderam tomar a dianteira do projeto da nossa cidade e destino. Em nome da ordem e dos princípios sagrados da nossa

morada tens que silenciar, nosso costume o exige! Diversas vezes já fostes recriminado por suas tentativas de afirmar suas necessidades, sobretudo, por intermédio daquela palavra que forjamos, mas detestamos - soa, à séculos, demasiadamente, fraca. Tu sabes que foi por mera fatalidade a tua inclusão no nosso claro e esplendoroso dialeto! De qualquer modo, espero que tenhas consciência dos riscos que corres, sobretudo, diante das tensões que tomam conta da nossa cidade e dos seus maravilhosos jardins. Amigos seus me informaram das suas tentativas de dinamitar os alicerces que levamos séculos para construir. Espero vê-lo em breve na nossa limpa, clara, e fortificada língua e no seu elevado destino. A humildade é o preço a se pagar pela harmonia do trajeto. Sabes que as leis da arquitetura e da construção exigem posturas e disposições espaciais! Do seu estimado e ainda amigo.



Senti sua falta! Rondou por quais lugares? Estava submerso, perdido por algum canto do nosso vasto mundo? Dissolveu-se, ou esmagado foi? Quieto, ou silenciado? Cortaram a sua língua, ou pequeno demais para se impor? Estava demasiadamente fraco, entristecido? Faltou-lhe alimento ou algum apoio ou atenção? A ausência geral das suas necessidades e disposições é sempre desafiadora e espantosa.

Alegria com outros efetuidores! Tomaram a casa, dispuseram o jardim e os hinos, celebraram na sua ausência! A mão entreteceu com a vassoura e o chão. Um longo agenciamento se firmou! O chão disposto na forma retangular obrigou certos movimentos. Os braços esticados, paralelamente ao tronco, apoiavam firmemente. Os pés deslocavam-se de lado, os olhos deslizavam sobre a superfície, operando seleções - permissões e rejeições. Junto ao machado a coluna se curvou, os braços e os dedos se ergueram e com violência efetuararam os cortes. A lâmina projetada às alturas bailou do chão ao céu. As mãos entrelaçadas ao cabo de madeira nobre projetavam-se sobre a terra. Pancadas e

estrandos se deram junto aos ouvidos e pés. Insetos e terra se estremecem e anunciam os ritmos e as sonoridades do labor: olhos e pés e mãos e terra e tronco e braço e pulmões e rins e céu e coração e vassoura e ouvidos e chão entoam sua festejada celebração. Nessas melodias haveria espaço para sua manifestação, amigo forasteiro? Se extenuar, poderá vir, ou seu caminhar é lento o bastante para chegar amanhã, ou só depois de amanhã? Quanto de espaço o mantém à distância, quanto de espaço resiste a sua corriqueira manifestação? Ainda vais chegar, ou virá quando o sol se por, à noite, junto às pressões do sonhar? Pretenderás ficar? Avisarei para limpar os seus aposentos, como sabemos, és demasiado exigente! A lembrança poderá lhe restituir a longa ausência? Poderá lhe narrar as ocorrências nas suas ausências, os seus envios e reenvios, bem como suas exigências? Alguma língua é capaz de recompor o ocorrido? Espero boas notícias! Por aqui o inverno está mais ameno, a névoa dissipou-se e o céu abandonou o cinza e o recolhimento afins. O azul convoca à infinitude e à devassidão e pequenos pombos rondam o topo da nossa montanha.

A diferença entre os modos de produção da presença são patentes. No ambiente da instrumentalidade, a fatalidade se organiza a fim das demandas diante do enfrentamento, pois qual chão se dispõe a varrer? Qual pedaço de terra apresenta-se disposto à limpeza e à ordenação, ao submetimento característico de algumas possíveis relações? Um mecanismo de controle será instituído com fins a consecução de uma tarefa, decorrente de um horizonte aberto de sentido. A tarefa apresenta-se disposta por ângulos de entrada atrelados à abertura. A produção e a disposição indicativa da relação serão previamente dadas? Ou, pelo contrário, na composição da tarefa sobrevém a disponibilidade exigida pela instrumentalidade? Por outro lado, é necessário fundamentar a finalidade da instrumentalidade? De qualquer modo, a disposição exigida na relação de submetimento na abertura

instrumental estaria resguardada, pois pode-se usar um martelo como foíce e assim ao infinito. A otimização não responde ao problema da instrumentalidade e a questão do uso, pois qualquer coisa pode ser usada como meio para um fim! O estabelecimento dos fins é que determina a ordem dos usos, resguardada a possibilidade variada das funções dos instrumentos e suas utilizibilidades. A necessidade de produzir uma ferramenta que se adéque à totalidade do uso serve apenas aos desdobramentos da ordem maximizada do controle. A convergência da função das ferramentas - dispostas para as conjunções espaço-temporais afeitas ao assujeitamento de qualquer eventual disponibilidade de energia; ao sentido da exploração: submetido geral do apreensível dado na visibilidade das ocorrências; aos eventos no tempo: cronometria da medida dos usos e no uso; ao controle: dispositivo geral da instrumentação e otimização na conservação e superação da morte - é demasiado evidente. Atenção à simplicidade e à aceitação geral dessa equação: por controle eficiente toma-se o menor dispêndio de tempo e energia na execução para a conquista da zona de domínio antecipados. Futuro determinando a apresentação do instante do presente. Antecipação geral da expectativa do presente projetada como condição do futuro.

Saber nesse caso, indicaria a posse de um procedimento que permita com o máximo de eficiência conquistar a zona de domínio esperado. De algum modo, impor um sentido ao caos e à desordem e no limite à incerteza que ronda e constitui a fatalidade das ocorrências. Seriam os processos de formação decorrentes desse modo de avaliação? Educar para civilizar seria apenas um desdobramento da instrumentalidade e do horizonte geral da eficiência? Sob a influência da instrumentalidade a totalidade do saber converte-se em saber-fazer e o seu possuidor em perito? Caberia, ao pensar, ponderar sobre a vantagem ou desvantagem

da posse de tal saber? Seria o pensar o estipulador do valor dos valores, ou estaria vinculado ao sentido geral da tarefa da instrumentalidade?

Deitado em uma maca, com o crânio aberto, de mãos dadas com grande mão. - Está acordando. Vamos entubá-lo! Veio por amor! Jalecos brancos confundem-se com as luzes que se projetam sobre a maca. No quarto, a estranheza do estado confunde-se com a exigência de clareza por parte da vida desperta. A inconstância do sentido e das deduções que se apresentam estabelece confusão entre as exigências dos estados. Um efetuator que produz as imagens e seus sentidos; um efetuator que recebe as imagens carregadas de significado; um efetuator que instaura as condições elementares da sensação que se espalha rapidamente por todo o corpo. Júbilos, terror, desconfiança, crença, rapidamente se articulam na fronteira da vigiância. Da alternância das sensações, brota, distinguindo as produções absurdas da fantasia noturna das malhas da verdade. No despertar da manhã, coloca como questão, não a validade da sensação, mas a verdade da narrativa, suas correspondências com a vida desperta.

*Apresenta-se sorrateiramente,
exige no seu tribunal*

as confissões e o sacrifício dos diversos que transitam e pedem passagem. Sua arrogância desponta nas garantias das suas certezas: um copo serve para tomar água! A água serve para estar em algum copo.



Ventos sacudiram por toda a noite. Uivaram, deslocaram, redefiniram, balançaram. Folhas teimavam em se agarrar aos galhos. Lutavam para se manter firmes aos seus lugares e paragens costumeiras. Junto às árvores, turbilhão e ruído. Cães se recolheram e portas bateram por toda a madrugada. Sob suas violências tudo se moveu. No alto da montanha, pesadas nuvens se deslocaram rapidamente, se faziam e desfaziam nos passos das suas danças. Ventania, ventania!

Amigo, retira de qual lugar a validade dos seus prognósticos? O seu olhar é tão solar, iluminado. De onde provém a límpidez? A todo tempo tão seguro de si. Suas dúvidas, partes menores da sua clareza. Já se perdeu alguma vez? Já se perdeu com fins a não se encontrar? Já se permitiu perder-se alguma vez? Sempre tão concentrado, obtuso. Propõem diagnósticos sobre a matéria inerte ou sobre a matéria viva ou sobre a morte ou sobre a vida ou sobre a doença ou sobre a saúde, sobre o particular e o geral. Vem sempre de longe, das alturas. Já titubeou? Perguntou, sem pretender previamente responder? Suas perguntas são

partes integrantes das respostas. Indaga sempre do mesmo modo, pois investiga, na proposição, o sujeito, a predicação e ou suas relações - o que é o vermelho? Nessa elaboração supõe sempre que haja algum vermelho, alguma essência que corresponda ao em si daquilo que pretende dizer, para justificar o seu possuir. Volta-se sobre coisas e formas com fins a fazê-los responder suas indagações na firme convicção de submeter as infinitas visibilidades às trilhas seguras do seu dizer. Ao longo da marcha, as distinções costumeiras: lançar para fora toda a contradição, todo o contraditório e suas confusões e perigos.

Velha árvore secou. Escora ainda sobre a terra e balança, agraciada pelo vento, ainda... Nas pontas, algumas folhas verdes se apresentam, no espetáculo do último suspiro. Ainda mais um pouco, ainda mais um instante, ainda há fôlego e seiva. Para além, galhos secos, folhas ao chão, sementes ao vento. Velha árvore secou! Júbilo na beleza da dor. Responde ainda aos encantos do vento. Passos da última música transita na fronteira. Velha árvore secou?

Só discursa sobre? Nunca lhe vi senão falando sobre algo ou alguém. O verde é isso ou aquilo. Ele agiu mal, deveria ter feito isso! As coisas são... Até sobre si mesmo já andou dizendo por aí. Voltou-se sobre si com as mesmas pretensões, pois buscou da mesma maneira e encontrou da mesma maneira. No limite, forjou uma palavra e a definiu desse ou daquele modo - evitando todas as contradições possíveis e previsíveis dos encadeamentos. Não consegue caminhar com, junto, sempre sobre, sempre sobe. Espero encontrá-lo para uma conversa, mas, sempre tem a palavra final e aquele tom peculiar. Ainda mais, quando afirma que não convence, pois não se trata de algum tipo de artifício, mas da única palavra possível sobre o tema! A todo tempo pretende ser seguido e pelo caminho mais seguro e rápido.

Só diz do critério? Todas às vezes que nos encontramos afirma que sabe as razões das suas afirmações e por esse procedimento é capaz de justificar o porquê das coisas serem e deverem ser assim e não de outro modo. Está sempre apontando o dedo e fazendo comentários sobre todas as coisas e comportamentos. Uns julga gordos, outros bonitos, feios, magros, saudáveis, doentes, vivos ou mortos ou treloucados ou incompreensíveis ou desajeitados ou disformes ou mal criados, assassinos e marginais. Dizem por aí, que através de você construímos masmorras, senzalas, castigos e penas capitais. Você afirma que essas aplicações não lhe dizem respeito, que interpretaram suas palavras na direção oposta e não foi muito bem isso que disse. Afinal, urra e berra em alto e bom som: quem caminha junto a mim, não faz o mal e não erra! De qualquer forma, sempre teve muitas dificuldades em construir caminhos para além e aquém dos seus, para confirmar suas pretensões. Passou muito tempo escondendo o seu tesouro. Alguns afirmam que não passa de um amontoado de velhas moedas sem valor algum, depositadas em grandes e antigos baús de madeiras de lei. Claro, essas não são suas palavras finais! Vai dizer que lhe obrigaram a falar uma língua que não é sua e que não se pode exigir o salto sobre a própria sombra e que não é possível usar as escadas enquanto sobem-se os degraus ou que a mosca é incapaz de perceber que está presa dentro da garrafa.

Apresenta a orientação? Sempre apresenta um futuro, uma orientação. Se seguirmos e pavimentarmos chegaremos ao reino das luzes, das ordenações, dos lugares definitivos para as coisas, para os homens e para as ações. Disporemos a arquitetura geral do espaço e tempo - empilhando os tijolos na direção que lhes convém. As crianças serão crianças, os homens adultos, e despediremos da nossa longa e superável infância - sonora despedida. Ao final, a paz entre todos os sujeitos, devidamente colocados nos seus lugares e funções. Abrigados na verdade, as sombras dissiparão, não haverá engano, erro e dor!

Vincula e é vinculante? Sua corda liga e estica o círculo. O círculo se fecha e dá luz a um campo e sistema. Por campo a delimitação de qualquer instante, de todas as vidas passadas, presentes e futuras. De braços dados com o artificial derrota-se o monstro da fatalidade. Vincula e arrasta multidões. Tu, oh grande libertador!

Senhor das profundezas? Arroga-se o domador das profundezas, instaurador da melhor disposição do corpo e único auriga capaz de domar os cavalos descontrolados do desejo e da vontade. Foram inúmeras vezes que apresentou os seus diagnósticos sobre o real e o destino dos homens, receitando seus remédios e oferecendo a cura. Entretanto, velho amigo, por que sempre a verdade? Por que sempre pretende o controle, o empilhamento dos tijolos e a construção de limites, colunas e tetos? Por que não o liso, o movente? Por que não a vida? Espero que no próximo encontro possamos celebrar juntos, o ruído sonoro dos ventos do sul.

Tensão permanente: manter-se no território do pensar!



Subversão: estabelecer condições gerais para exercitar pequenas rupturas dos hábitos e das suas extensões. Produzir ruínas, permitir que as torções se dêem - especial forma de atenção. Os afetos circundam e pedem passagem a todo instante, reformulam e revolucionam suas trajetórias. A luta se mantém no invisível, nas vias do ainda-não. O distanciamento das avaliações rotineiras supõe algum tipo de disponibilidade e suspensão ou a suspensão e a disponibilidade remetem para a atuação do invisível, quem de qualquer volição? A proposição da vontade como integrante do pensar recoloca no cerne do acontecimento paragens outras. Caro amigo, sua violência atesta o contrário! A emergência arromba e se impõe, exige.

No horizonte, os dedos rosados da aurora se põem a celebrar o nascimento de mais um dia, ou seria apenas uma longa e eterna passagem, uma longa e infinita ultrapassagem do mesmo na sua novidade? Os pássaros gorjeiam e a luz penetra violentamente. Em um instante o claro se estabelece ofuscando o charme da escuridão.

Chegou cedo, imaginei que não viria. Ontem, invadiu por todo o dia - participou sua angústia e devassidão. Segurou nas mãos - apalçou-as, circundou suas relevâncias e investidas, indagou o toque -; atravessou com os pés - tocou a face do chão, suas entranhas e ranhuras; enclausurou a boca e os intestinos - pretendeu calá-los. Arrogou-se o único interprete digno de uma deliciosa lembrança. Em um prato, um pouco de abacate e açúcar. A textura verde-amarela da porção remeteu para os sabores e odores da infância, dos seus encontros e desencontros e das delícias dos sabores dos doces, dos aconchegos e dos carinhos na descoberta da flutuação dos sabores. Na boca, as concavidades celebravam o encontro. Dispõe-se ao encontro nas suas produções e reproduções. Procurou em todas as frestas. Forçou rupturas, a fim de impor suas condições, seus enquadramentos. Subiu nas árvores - teceu elogios ao medo e sua circunscrição e caminhou nos ombros do motoqueiro - olhava de soslaio o deslocamento. Pretendia a velocidade do vento? Pretendia o equilíbrio tênue entre pneus, pernas e chão? Habitou por todo o dia. Caminhou faminto por todo o dia. Em um fundo amarelo, entremeado de azul, entrecortado pelas copas verdes das compridas árvores, deslocam-se nuvens e ruídos. Um clarão incandescente aquece o corpo... Projeta as sombras dos objetos.

Parte integrante de um sistema. Um sistema dispõe as condições gerais de funcionamento das variáveis que o compõe e da integralização das suas partes e intercâmbio para o acionamento pleno das suas relações, funções e partes. A estratégia responde à necessidade inerente da otimização das relações entre as partes com fins a produzir o controle final, pelo intermédio da integralização no todo do sistema e seu funcionamento. A estratégia calcula, distribui, otimiza, ajusta, elimina, funde e equilibra com fins a finalidade da totalidade do sistema.

Relógios na parede: com a mudança de regime, instaurada pela nova direção do estabelecimento de ensino, foram fixados relógios nas portas das salas de aula. Uma comissão, integrada pelo Diretor Geral, pela Chefia de Departamento e pelo Diretor de Ensino, caminha pelas salas de aula para avaliar o desempenho didático dos professores. Entremeado por risos e olhares atestadores discursam sobre as vantagens da implantação do seu sistema de vigilância - em nome da melhoria e da qualidade do ensino e para o sucesso dos alunos. Quando a porta se abre no canto direito superior, um grande relógio marca o tempo decorrido da aula. Um dos diretores afirma, tendo em vista o espanto do professor com a presença da comissão e da avaliação da sua aula: "se tivesse planejado cada instante do seu trabalho não se sentiria incomodado ou ameaçado com a nossa presença, pois saberia que a aula estava no fim." Anota as considerações na prancheta que carrega nas mãos na execução do seu trabalho e segue os seus passos até a próxima sala.

Equilíbrio entre os poderes: por equilíbrio toma-se a manutenção da tensão. A permanência das tensões exige a atuação ao máximo da particularidade do exercício dos poderes. Na agonia da disputa, aloja-se a anti-hegemonia e a perpétua imposição de uma direção e sentido.

Chega sempre atrasado. Caro amigo, apesar de estar presente, está sempre atrasado, mesmo quando tens como tema as próprias produções. Nos seus atrasos, tem a pretensão de afirmar: por nosso intermédio sabe-se as razões e as essências de qualquer evento. Por essa condição está sempre a representar. Os desdobramentos indicarão a necessidade de se questionar a legitimidade e a correspondência entre a produção dos conceitos e suas relações com a anterioridade das quais partiu. Se emanciparmos os conceitos, e a rigor, todo conceito trafega em linhas próprias, pois supõe uma língua e uma comunidade de signos, teríamos

outras implicações - Uma teoria da correspondência seria sem sentido, bem como, uma teoria da invenção? Se destruirmos o reino da verdade e seus acessos, a distinção entre realidade e ficção tornar-se-ia sem sentido, bem como, aquela do real e sua representação enquanto idéia. O desafio propõe como questão as condições do pensar e suas vinculações com o conjunto de afetos que são disparados nos corpos e pelos corpos, tendo em vista, o acontecimento do pensar e suas disposições ao longo da história do pensamento. A recomposição de um pensamento permite a experiência do pensar, ou trafega à margem? As reverberações do corpo pensador são possíveis ao corpo leitor? Não seria o corpo leitor regido por outros afetos ou as hegemonias presentes em um corpo-pensador são expressas na modulação da sua língua? Para tal, não seria necessário a composição da arte do estilo, para as vozes e para as línguas?

Presença, sensações, e a anterioridade do pensamento - o pensar e suas relações com o fora. Todo o exercício de classificação não passaria da atividade de cálculo e do contar através de uma régua imprecisa? As distinções que lhe são imanentes não são demasiadamente arbitrárias? Nessa via, não nos mantemos distantes da meta, não da verdade, obviamente, pois o qual o vínculo entre a meta e a verdade?

Reivindicação do dizer em língua - ataque ao sobre - o dizer do pensar circunscreve-se ao âmbito da sua narrativa.



Pequena flor desloca-se do galho de uma árvore, desvincula-se sem cerimônias. Na sua queda, por instantes, dá a impressão de se esticar para se prender novamente. Resiste! Paíra! Flutua! Dias depois, a flor amarela do ipê, tornar-se marrom, seca, despedaça-se e seus restos são levados pelo vento, até que desapareça integralmente nas brumas do ar.

Hoje, veio cedo, porém com lágrimas nos olhos. O nó da garganta o perseguiu por toda a noite. Estava entristecido, vagaroso, prestes a ruir e arruinar. A força declinava e os ombros pesavam-lhe as pernas, quase imóvel, se pôs a chorar. Odes ao silêncio... Ao tique-taque da fatalidade. Quando a tristeza o invadiu? Como a tristeza o invadiu? Como estrangeira ajeitou-se no ninho e tomou a palavra - o céu se acinzentou e as flores causam dor e sofrimento. Um desajeitamento percorreu o corpo, uma desorganização pueril instaurou-se pelos cômodos da mansão. À volta, empalideceram-se as andadeiras e na abertura figura o desperdício. Signos do cansaço, do impossível passam a rondar e a afirmação da pequenez insinua-se nos aposentos. Investidas sussurram

que o esforço é vão e que todas as coisas dignas de serem ditas já foram anunciadas. Segue-se ao lamento, o encolhimento e o repouso. Pequena abertura nos lábios, a voz fraca se esforça, mas é vencida pelo silenciar. Torna-se resto a ocorrência do mundo. Palavras sem som invadem, deslocam e configuram. O pensar aproxima-se da sua fronteira... Ao longe, na aurora do dia, canta um pássaro. Ruídos de cães invadem a sala e sobre a mesa coisas diversas. O cinza do céu desbota as cores, homogeneiza a diversidade dos tons. O verde empalidece e flores não há mais. Caro amigo, posso oferecer-lhe os ombros?

O emudecimento é patente! Esforço na direção de nadificar, de deitar na relva e deixar passar. Sucumbir plenamente às tentativas e alternativas, às opções. Apenas ir. Desprender, vagar ao encontro da violência dos ventos e, de braços dados, jogar-se no mar. A tristeza o sacudiu! Esperou demasiadamente? Confiou demasiadamente? Segurou demasiadamente? Ao fundo, não paira a ruptura da ilusão, velho amigo? Saltou de uma ponta a outra com muita agilidade. Pretendeu garantidor e garantias? No fundo, desfeita a ilusão, resta-lhe caminhar novamente... Talvez, sem apostas... Não seria a sua tristeza...

Um furo em um grande muro ou passagem sem passageiro ou cidades sem ruas ou sem cavernas ou postos de gasolina ou patos sem chão e lagoas ou ruídos sem som ou passos na lua ou asas sem troncos ou luzes sem energia ou ouvir o ruído do andar das formigas ou saltar sobre o maior e infinito dos abismos e tecer com a água e receber um relâmpago e cutucar a nuca com a língua e ressuscitar os restos e voltar à década de 1930 e engolir a explosão nuclear de Hiroshima e conter a extinção dos dinossauros e ficar sem respirar por 3 anos e 3 dias?

Quanto da sua tristeza toca o impossível? Linha que se estende ao longo da superfície dos seus síns e nãoos. Quanto de decepção, velho amigo? Que

presteza a sua língua? Suas conclusões e cidades artificiais, suas cantilenas e posses e possessões? Na sua loucura pretendia qual razão? Construir sistemas, calcular os vetores e as integrais, artificializar, conter e manter contido? Seu grande dilema é o impossível, talvez sua grande amiga e companheira possa lhe auxiliar. Seria a fé o preço da sua tristeza, ou...

Pés de avestruz, dedos de criança de seis meses, olhos de dragões, da fronteira do México com o Uruguai. Cauda na forma de um rinoceronte e cores dos lagos do Tibé. Barriga de tubarão e patas de elefante, do norte do Brasil. Anda descalço sem os pés. De dois em dois caminha para ambos os lados, voa e anda ao mesmo tempo e lugar. Evacua pela boca e fala pela boca. Sente pelas bordas dos intestinos e conversa como um mago inglês do século XXII. Virá ontem, mas amanhã está de folga. Tem correias nas patas das mãos dianteiras e depois do jantar, almoça as suas presas. Vive faminto! Já comeu a si mesmo diversas vezes. Foi visto vomitando a si mesmo... Trafega pelas ruas do bairro e é capaz de cruzar a terra em um milhão de décimos de segundos. Discursou hoje pela manhã na democracia chinesa. Torce por, no campeonato de...

Nobre amigo, ainda amargurado? Sente dores abdominais e a cabeça lhe pesa demasiadamente? Insisto, a sua tristeza decorre da sua ilusão ou poderá ser fome ou sede? Tem se alimentado bem? Desconfiou que nas madrugadas frias, do alto da montanha, seja necessário manter o peito aquecido? Adoeceu, ou é doente? Alguma endemia das multidões ou algum adoecimento da época? Uma virulência contagiosa? Quanto da sua dor é proveniente de antigas tristezas? Quanto da sua dor ecoa velhas apostas, antigos dilemas? Quanto da sua dor é proveniente das suas companhias, dos seus companheiros de caminhada? Quanto da sua dor é proveniente da correção e exigências dos seus pais e padrinhos, dos seus amigos, mãe e irmãos? Afinal, amado amigo, sofres do quê... Há

pouco estavas tão risonho, dava volta pelos ares? O que se passa? Não se deixa apreender... Espero que amanhã possas estar mais bem disposto... Até onde se vai, quando estas prestes a ruir... A fé na sua tristeza não seria seu último suspiro, o limite da sua solidão? Não, começou a rezar... O reconhecimento dos seus limites, a velha cantilena dos iluminados... Para continuar respirando e não naufragar nos limites da tristeza... E, se, ir ao fundo... E, se deixar cair como última flor do inverno... E, se, afirmar a dor, querê-la e desejá-la para todo o sempre, para a eternidade da sua recorrência? E, se, a abertura fosse capaz de...

Afagar e estar disposto.

Disposto a receber, acolher e amar,

Disposto a dar as mãos, os olhos e ouvidos...

Disposto a cair junto ao vento, a transitar junto ao vento

A celebrar junto ao vento, a discorrer junto ao vento, a entristecer,

belamente, junto ao vento...



Um livro pousa e repousa sobre a mesa e enquanto persiste na sua imagem mantém-se presente e enquanto presente impõe-se na sua passageira visibilidade. Maritacas gorjeiam no topo das árvores e pássaros anunciam os seus cantos e cantilenas ao sabor dos ventos. Acontecimentos na ocorrência. Ao fundo, ruído de veículos se deslocando sobre o asfalto e figuras em tons de cinza sobrepostas ao azul nos confins do horizonte. O chão coberto de folhas secas torna-se marrom e o frio invade os espaços penumbrosos da aurora, fazendo corpo-inteiro arrepiar. Ventos balançam frágil galho e grunhidos se mantêm junto ao bater das asas dos pássaros. A necessidade de calor se anuncia. O livro insiste, persiste, a capa branca realça o traço tipográfico e cores vermelha e preta saltam aos olhos - insistem e persistem na reivindicação de suas relações e sentido. Latido de cão pede passagem. O livro insiste, persiste... A conversa das maritacas toma a dianteira e ruídos do trem de ferro invadem deixando os seus sinais. Aroma de café exala pelo ar vapores, na sua fumaça descreve danças, nas suas andanças. Estados se apresentam, sucumbem, exigem... A visibilidade da

ocorrência desloca-se para sua abertura. Como algo acontece? Como acontece o acontecer? Como se forma o acontecer do acontecimento? Ruído da geladeira vem à tona, impõe na superfície sua passagem. O livro insiste... Apresenta-se em uma forma que mantém atualizando-se - às vezes soberano. Às vezes imiscuído. O pensar desloca-se para suas próprias condições, assumindo-se como ocorrência, dobra que desdobra impondo a si mesma como visibilidade.

A descrição narra e pressupõe de saída alguma correspondência entre as partes, que separadas se relacionam. A relação é tomada como distante da ocorrência, e não integrante do processo que se instaurou no acontecimento. Tomada autonomamente a realidade exige um sujeito que a descreva, um objeto a ser descrito e uma língua pela qual se expressaria a ação de descrever.

Tomar a relação instauradora como passível de uma descrição constitui-se como ato corriqueiro de um modo possível ao pensar, pois qual correspondência haverá entre os pólos? O fato da relação não supõe um constante reenvio? Agora livro, agora amante, agora folha, agora ouvido, agora som e sol. Agora capa, agora profundidade, agora um conjunto de cores, agora um volume, agora caracteres tipográficos, agora em uma língua, em um sentido, agora, ainda-não. A distância não se apresentaria como ocultamento de um desvelamento ainda possível, sempre possível, porém, relacional e sempre transitório?

O exercício do pensar está garantido nas nomeações através das quais tomam forma as problematizações e seus desdobramentos? A implosão da descrição instauraria modos outros no pensar? Seria o pensar correlato ao anunciar das disposições nas suas relações? Seria o pensar a reverberação das imposições? Se, diferem apenas os modos, os afetos formuladores do olhar, do ouvir, do tatear garantem a propensão do

pensar? Por outro lado, que relevância teria a conceituação da atividade, esforço apenas de classificação, delimitação de fronteiras para futuros juízos, ou mais uma vez, presença maciça da vontade de verdade lançando recorrentemente os seus dados? Tornar problemáticas parcelas de realidade significa indagar suas condições de emergência, visibilidade e pensar, ou, ao nomear, trafega-se para outra instância onde os signos se apresentam como parte integrante das relações instauradas das ocorrências? As distinções acabam por produzir a composição de pólos estanques que se relacionam a partir das suas prévias constituições: o pólo do objeto; o pólo da nomeação; o pólo da língua em que se opera as distinções. Por outro lado, instaurar-se no pólo da sensibilidade ainda é manter-se na cantilena? Teríamos como problema a questão do acesso às condições de possibilidade em si mesma - duplicada ao infinito.

Caro amigo, suas imagens são muito sedutoras, apesar de se apresentarem como problemáticas geram a expectativa de que em algum momento a resposta se dará e o ciclo do questionamento decididamente encontrará a sua paz, chegando ao fim da trilha. Seu otimismo é patente, pois todas as distinções seriam capazes de construir solidamente caminhos que atem o sol a terra, salvo a indagação sobre a antiga necessidade e seus encantos. Seria apenas uma questão de quantidades de tempo e de inteligência ou da emergência da genialidade? Entretanto, depara-se sofreguidamente com a persistência das ocorrências... A fatalidade da sua singularidade e arrombamentos. Trilhas abertas são desfeitas incessantemente por inusitados rastros... Na sua loucura, joga-se na sedimentação, ocultando-se da fragilidade corriqueira das ultrapassagens. Fragilidade pueril e brincalhona - a ficção do ser se desfaz e com ela...

Ventos do sul trazem-me a sua casa, um abalo soberano faz tremer a choupana do encolhido pensador. Sob sua porta, estrondoso, pavoroso ruído. Escuta-se o trotar dos cavalos. Ao fundo, mais uma vez, ao abismo! Nas andanças, segue-se o rastro jovial da destruição, do sucumbir nas incertezas dos jogos frágeis de acasalamento. Por um instante, o brilho sedutor da visibilidade se anuncia como disfarce, como breve intervalo entre movimentos e destruições permanentes... Ao longe, risos se apresentam diante da melodia da destruição, inflamada no romper de mais um dia... Quão tênue... A sombra do galho de árvore projeta-se sobre um muro, balançam as folhas ao longo da branca parede. Romper o muro, realizar o furo... Embriagado, gira sobre si, com passos bailarinos dança no fino fio do abismo, onde se tece a destruição.

Velocidade do deslocamento, música para músicos! Velho, amigo, a sonoridade das suas palavras encadeia epopéias e sagrados mantos divinos. Elevada estirpe permitiu os seus jogos entre as disputas. Inveja, ciúme, amor, ódio e justiça sangraram a terra e percorreram os mares. Como signo da sua vitória o reino de solares deuses se deu, o que se passou depois? Não fostes capaz de tecer novamente... Miserável vingança o percorreu. O gato comeu sua língua? E, agora, para aonde vais? Fugirá para sua última morada? Construirá edifícios capazes de esconder as fundações, não sabes o preço das alturas? Como pôde pretender livre de nós?

A atenção, um dos momentos da imposição, um dos integrantes das fragmentações dos processos na hegemonização de um horizonte de sentido, ajeita-se junto à ocorrência, de algum modo, fala dos acessos!



Tambores se põem a rufar. Os rituais! Os sangrentos e constantes rituais... Raios de sol invadem e colorem de ouro as paredes. Sob a mesa, cadernos, copos, e superfícies se dão ao movimento de calor que dispara tons de azul e invadem as formas delicadas da noite. No limite, avista-se longa e alta cadeia de montanhas e ao sul, sinais indicam a dissolução evidente, a ruína da emergência. Com ternura, esperam-se antigos animais, com suas velozes e afiadas presas, com suas lógicas de caça e brío. As redes estão sendo esticadas do alto da copa das árvores. Olhares esquadrinham o chão e acertam as lentes. À espera, cuidam para que as vias estejam bem ajeitadas e que o milenar procedimento estabeleça-se sem mais delongas. A finalidade da caçada instaura-se junto ao grande grito: largar ou pegar, matar ou morrer, seguir e agarrar. As presas brotam no canto da boca, cheiro e desejo de sangue invade o ar. Em trilha, já descoberta, apresentam-se as ocorrências - dentro e fora, encima e embaixo, bem e mal... Ocupam-se os espaços, preenchem-se as fabulações. Em círculo, sentido se põe a narrar a si mesmo. Agora, do início, mais uma vez...

Foge para a cabana, oh pensador! Distancie da desvelada e corriqueira proximidade! Quão corriqueira é a disposição? Quão lastimável e pueril a segurança? Quanto de impossibilidade? Quanto de dança... Foge para o alto, oh pensador! Ajeite-se com olhos que não possui, com ouvidos a conquistar, com língua veloz aos braços do vento ou daquilo que se esgota, escapando, sem destino, vertendo si mesmo... Foge para o alto, oh pensador? Esconde do quê? Demasiados olhos, ofuscariam a claridade? Por que não escorregas, não atrita, não bebe os sinais, não devora a própria língua? Por que não esquece? Por que não esquece? Por que não esquece e se põe a andar e tocar e ouvir e falar e gemer e engolir? Por que não faz como nós? Por que não faz com nós? Por que não esquece? Devorando as palavras, destruindo as palavras, engolindo as palavras. Como se come uma palavra? Como se diz e come uma palavra? Como come e diz palavra? Foge para a cabana, oh pensador!

Querido amigo, temos nos obrigado às nossas distâncias. Com o passar do tempo nossos diálogos estão se tornando menos vorazes, diluídos e tênues. Definitivo silêncio se estabelecerá, ou inicia-se uma longa e necessária despedida, daquelas em que os amantes se lançam a outras camas e pés e braços e abraços e línguas? A distinção é fundamental, pois algum silêncio faz parte das constantes idas e vindas, bem como, precisa-se de algum aguardar e alguma emergência. Talvez o mundo não se apresente mais problemático? Talvez não seja necessário postular razões para as coisas, de obrigá-las a serem assim e não de outro modo, e, sobretudo, inquirir por que existe o ser e não antes o nada? O nada, sempre grande desconforto! Talvez alguma excrescência da voracidade em dizer, do descontentamento diante da possibilidade do riso e do silêncio e da grande e impiedosa e definitiva gargalhada. Afinal, que diferença faz se colhem ou não na língua e voz os restos e as sobras que sua vaidade quer? Como os raios do sol deixarão de existir, não

habitarás nem mesmo os caracteres tipográficos dos seus queixumes, lançados nas pequenas prateleiras empoeiradas da sua persistente dilação! A morte do pensador é inevitável, bem como, de todo o pensamento que já se houve sobre o pequeno planeta. A explosão solar que nos aguarda tornará pó, tudo e todos. A antiga cantilena, de que somos o que somos por habitarmos o questionamento, não se projetaria no mesmo fim? E o correr das águas, dos riachos, os gorjeios e tudo o mais? Pequeno hiato entre nada? A despedida não suspende a posição conquistada pelos seus pressupostos, pois quanto de corpo ainda é necessário para produzir alguma chegada, para impedir a fuga ou a ruptura total, ou, quanto de corpo se vê ainda aprisionado por suas exigências e velamentos, de suas estratégias de caçada? Espalhar-se, dividir-se, produzir-se em partes, ampliar as zonas de desconforto, desnaturalizar a linguagem e suas conceituações, voltar ao passado, buscar auxílio na tradição, deparar-se com blocos de pensamentos de épocas seria suficiente para manter a proximidade dos seus chamados? Parece que caminhamos inadvertidamente para uma colisão, claro que as perenes vozes indicarão os riscos de se perder na bruma, nas trilhas que se apresentam como possíveis, antes do desfecho e colapso esperado. Mas indagar sobre os seus tesouros ainda é desconfiar demasiadamente de outras possibilidades e destinos! Os velhos guardiões se põem a blasfemar e a exigir os antigos lugares de fixação das colunas, que arrombam espaços entre céu e terra e todos os aprisionamentos que garantiram as conquistas e vitórias, afinal, sucedem-se teimosamente os endemoniados, os criminosos, os loucos, os marginais, os endividados. As ameaças são constantes e teme-se perder a régua e a medida, contudo...

***A morte do pensador.** Estavam lá, com seus habituais trajes. Distantes do caixão, jovens viúvas disputavam os olhares da criadagem, dos convidados, do chão, das paredes e nuvens. Velho cão lambe as botas dos presentes e espera dos entristecidos as migalhas de pão. Terá sido bom, o*

homem? Cabelos penteados, camisa abotoada e cinto afivelado. Sapatos de couro engraxados, pernas esticadas e olhos cerrados. Inerte. Uma pequena mosca pousa na testa e um espanto se faz. - De fato, está morto, o que mais incomoda? Dispostos nos cantos da pequena sala, todos os grandes amigos, todos os pequenos grandes comentadores. Os seus legados, meninices e diabruras. Não havia nada a dizer, apenas constatar. Ruídos silenciosos enfim desfilam sobre a tez dos grandes anunciadores... Constatação ruidosa de um grande e sonoro fim...

Sob a relva descansa na lápide disforme

Seu grande irmão dá risadas e se espalha teimosamente entre o chão.

Homens de preto contam e catam os seus tesouros e repartem o...

Quanta novidade no mesmo,

Quanto medo vestido de loucura;

Quanto de razão maculado por dores

Por porretes na carne e ossos

Quão lamuriento! Nobre destino pobre...



Desliza sobre a face. Toca singelamente. Violenta a face - olhos, boca, nariz e ouvido invadem e são invadidos. Aproxima, distancia, aproxima, ajeita-se, faz ninho, distancia. Sempre aí. Feito brinquedo deixado pelo chão, como na inocente brincadeira das crianças. Agarra, solta, joga para cima. Agarra, solta, lança, deixa cair, escorrega, deixa para lá, desliza sobre as partes. Brota, irrompe. Para aonde olha, ouve, toca, cheira, está lá. Vigora de um modo no instante sensível - na superfície, na pele escorregadia, no tempo da sensação na pele. Na superfície, acontecimento. Na superfície, revela-se a cor dos olhos, o cheiro do amor, a textura das rosas, o som da tristeza... A cor dos céus, o odor do perfume, a ranhura das paredes, o som do pneu, o cabelo do pai, o café da manhã, os pêlos do pé, a 5 de Bethovem. Por onde se passa, vem e chega. Fica mais um pouco, permanece, escapa, se esvai. Superfície: parte externa dos corpos visíveis. Cavalga na distância que irrompe, pouco dura... Desliza sobre a face. Exaure-se na imposição. Enquanto dura, vigora junto ao olhar, ao tato, ao olfato e ao paladar. Enquanto dura, dá-se no olhar, no olfato, no tato e paladar. Enquanto

dura junto ao tato, e olhar e olfato e paladar. Diante das relações conjuga-se em algum sensível, um modo de ser da experiência na e da superfície. A todo instante o invisível faz superfície, transborda em aparência, dá-se como visível.

Hei, está por aí? Sua presença esgueira-se, toma a dianteira. O que se passou? Tabular, esquadriñar. No seu furor escultor, aferir e alcançar pontos indubitáveis. Estendê-los sobre a superfície, nos seus jogos de ir e vir. Iniciar a contagem e os espaçamentos, apresentar e identificar as presenças, ausências e recorrências. Como os procedimentos do cálculo fundiram-se ao ininterrupto trânsito do entre da superfície? Como os órgãos do sentido exigiram e aprenderam a colocar questões, a indagar, a desconfiar? Por quais procedimentos os sentidos tornaram-se aliados, espectadores dos seus espetáculos? Diante das exigências de algum todo, se perderam as partes, os entrecruzamentos e reenvio das partes, suas acolhidas e despedidas ou sobreposições.

Chuva fina escorrega pela vidraça. Pequena gotícula salta das alturas para o chão, vai se desfazendo enquanto realiza a queda. Ventos movimentam os sinos que esbanjam força durante a longa e fria madrugada. Junto à aurora, o cinza diminui a distância entre céus e terra. Homens são espremidos à superfície, lançado ao seu liso, movente chão. No encurtamento do espaço ampliam-se os seus tamanhos. Feitos gigantes alongam os braços e tocam as alturas com as pontas dos delicados dedos. Transitam na última hora, descortinam o segredo... Falta não há! À luz do instante, ausência de maldizeres e maldições.

O olho escorrega sobre a superfície, desliza nos seus contornos e nas aparições abruptas que circunavegam a claridade da sua abertura. Quanto do olhar está preso à corriqueira abertura e às suas quantificações? Quanto do tato está preso à corriqueira abertura e às

suas quantificações? Quanto do paladar está preso à corriqueira abertura e às suas quantificações? Quanto da audição está preso à corriqueira abertura e às suas quantificações? Classificações e arquivamentos e comunicações - disposição demasiadamente antiga - sob a regência da fuga à dor e ao sofrimento. Acossados em algum canto obrigaram-se a outra língua? A relação de dependência entre o apreender, o civilizar, o participar em uma comunidade de signos e as práticas exaustivas de castigos não acabou por instaurar uma correspondência entre dívida, sofrimento e culpa? Enfim, aprende-se e conquista-se um olhar, um tato, uma audição e um paladar sob a égide de um construir e organizar. Sob o ímpeto das conservações instauram-se o mesmo na diferença. Contar, para afastar o medo, a insegurança, a dor e o sofrimento. Contar como efeito do medo, da insegurança, da dor e do sofrimento.

Cada vez mais difícil, mais doloroso! Sendo desfeito antigo caminho. Em suas próprias vias!

Caro amigo, a nossa distância aumenta e outro silêncio passa a pesar-lhe os ombros. Os delírios da solidão e suas angústias passam a ser frequentes. Busca-se, mas nada é encontrado. Nada além da presença na superfície das ocorrências. Nenhuma paragem, nenhuma preocupação, nenhum problema se avizinha à nossa casa na altura dos divinos. Cíume e inveja rondam as fronteiras da nossa conquista. As folhas caem, os bois berram, não há sede. Água flui e desce o leito do rio, nas suas andanças, destrói a pedra e traça um caminho. O fim do pensador se avizinha! Não há nada a ser pensado, nada a ser medido, nada a ser prescrito, nenhuma doença a ser tratada, a morte não preocupa, a transitoriedade e nem mesmo a vida emanam a dignidade dos seus aposentos! O ruído do motor da geladeira. Se não há nada a pensar, que problema há? Pode-se desumanizar-se a esse ponto? O quê há ao romper

da fronteira? As velhas necessidades não se fazem presentes! As velhas indagações não se anunciam mais! Aquela perseguição, aquela erótica não dá sinais e a extensão das redes para a grande pesca torna-se inócua. As metáforas do ver, da beleza, caíram! As subidas, as descidas, as revelações prestam pouco! Nenhuma sarça arde, nenhum sol brilha, não há mais sombras, nem alguma tênue fagulha da fogueira e de tábuas.

Caro amigo, as suas pernas estão a tremer, como última vingança, desesperado indaga: seria a fatalidade sem sentido? E a fome e a morte do inocente?

Demasiado espaço há! Nessa altura as transcrições se afetam, se misturam em línguas incapazes de se decifrarem. Toma-se o injusto como se não fosse uma conquista e o exercício de direito travado em uma disputa, cravada no tempo e na memória do espaço. Que olhos vêem as trevas, que corpos gritam e esperneiam com as sombras? Que tatos percorrem as feridas abertas dos corpos nus jogados nas sangrentas valas? Quanto de sangue ainda é possível?

Na ponta dos dedos gigantes olham assombrados e alegres as disputas de anões: o preço a se pagar pelo esquecimento da lei reside na impossibilidade de...

Um grande silêncio se abateu sobre nós.



As fugas se dão na proximidade das distâncias! A distância é um modo de ser do próximo, na extensão do máximo alargamento, onde ainda possível é um dizer e um falar na distância. Medem-se presenças e ausências nas emergências da aparência. Porém, quando se afasta, mais próximo da distância, mais próximo do ponto da máxima extensão, do pólo oposto. Quanto mais distante, mais próximo. Paradoxo da experiência na ocorrência do visível da aparência. No máximo da distância, aloja-se em zonas limítrofes, habitando limites escorregadios da definição - apela-se à lembrança e à memória de um tempo perdido com fins à conquista de alguma redescoberta do tempo, na vã expectativa de restituir um dado, um fato, um conteúdo experiencial da ocorrência da presença na distância. Na distância império da memória, de marcas ainda visíveis nos intervalos da ausência, porém à sombra da distância paira possível experiência do acontecimento, do início sem fim. Na memória, teimam o aconchego e teima a representação. Livrar-se da distância, eis o novelo a ser encoberto. No acontecimento, fuga incessante, desvio incessante, troca de som, de gesto, indícios precisos e

imprecisos da fronteira e das rupturas gerais da emergência. A proximidade avulta-se como condição da resistência ao abandono na distância. Quanto de proximidade impede o encontro? Quanto de proximidade indica os caminhos, as aberturas e as presenças? Quanto de proximidade naturaliza as possibilidades de início sem fim? Seria necessário desaprender o próximo, colocá-lo em fuga, uma arte do esquecimento e do estilo?

Início, fim.

No início o fim se avizinha? É da ordem do início estabelecer-se com o fim, andar de mãos atadas ao fim, de se encaminhar inadvertidamente para um enlace revelador? Do início avista o fim, encurta-se a distância e se produz os achatamentos, as pavimentações e as certezas postas no alvo. O fim é avesso ao início ou seu destino final ou introdução do sentido geral para o início? Algum entre habita a distância possível entre o início e o fim ou o deslocamento ou apenas instaura vias para o encontro? Seriam correlatos início e fim ou é possível iniciar sem chegar, iniciar sem a expectativa de ultrapassar alguma barreira, alguma penumbra? Fariam parte do mesmo instante instaurador ou distanciariam apesar dos seus ínfimos remetimentos? Quanto de distância ainda é começo? Quanto de início avizinha-se ao perto? É da ordem do longínquo o início? Quanto de iniciar dispensa as implicações do fim? Se início e fim não se remetem, qual sentido de fim? Delegar fronteira à distância não é ainda permanecer preso aos sentidos de início e fim? O início remete para o ir e vir da distância ou cabe ao início abolir a distância, instaurando apenas distanciamentos?

Agora e depois.

Dizer do agora implica em um depois? Dizer do instante, do eterno e da eternidade depende ainda do começo e do fim e das duas distâncias, a da proximidade do seu pólo oposto? Quanto de instante remete ainda para o início? Quando da experiência é devedora da distância e do início? Depois se chega ao fim. Encontra-se ao fim, selam-se as mãos no fim. No fim o encontro. No fim, a revelação preterida pelo início. Início sem fim, distância sem começo? De algum modo, sem rastro nem distância. Entre um agora e um depois reside a presença no início sem fim.

Em tronco de árvore seca, um olhar, um gesto, gavião, urubu e terra e céu. Distantes das suas ausências se põem a celebrar o encontro em galho seco. Abrem asas, afiam o bico, tecem olhares e se dão a voar. Quanto de distância e início! Quanto de fim e depois. Agora, em pé. Agora asas dispostas ao vento. Antes e depois, início e fim nas itinerâncias das distâncias. Pequeno ponto cinza desliza sobre a grandeza cinza do céu. Quanto de distância na presença sem início?

Quantas fugas nos deslocamentos incessantes do sensível. A experiência da verdade alinha-se aos deslocamentos ocorridos na esfera da experiência da presença. Mesmo as aberturas tornam-se outras no encontro que se dão a celebrar nos ambientes em que as ocorrências se sobrepõem. Início, distância, agora. As nomeações alinham-se às celebrações presentes na epifania do distanciamento. Quanto de início afirma distância sem fim? Asas ao vento vão se distanciando do campo de visão, transtornam e são reafirmadas pela experiência do início na instauração do invisível no evento. Quanto de início habita as asas? Quanto de início habita o bico que se afia? Quanto de início no abrir dos céus e do som das asas? Quanto de início? Quanto de distância no encontro com a presença na abertura? Quanto de distância na presença da linguagem e seu depois?

Mas antes das nomeações ainda a persistência na sensação da memória do sentido. Quanto de início na experiência do encontro? Quanto de início na emergência da experiência no encontro?

Pobre diabo, a distância não é o apanágio da verdade! Como sempre, a antiga disputa entre verdade e mentira, segredos e métodos, condições e estrutura, as semelhanças, os jogos de luz e sombra. Insidiosamente, adentra o recinto. Gostaria das concordâncias, do apaziguar das necessidades e do conforto. O que pôde a distância, o que pôde a presença, ainda são velhas as perguntas e os mesmos problemas? No canto da sala a fatalidade da ocorrência teima em se afirmar. Vaso de flor branca sob a mesa. A proximidade impede a ocorrência! Quanto de afirmação, quanto de descontentamento, quanto de amor e amizade ainda rondam a nossa casa, quanto de busca e tempo afloram nas proximidades, na instauração das fronteiras. Mas, haveria outras possibilidades? Outras indagações, outros...

Do lado da porta,

olha sorrindo,

ralha de rir!

Falta sobre a face cansada.

Rodopia no ar e dá cambalhotas.

Despreocupado, anda esgueirando pelos cantos

Sobe e desce sem se angustiar

Sabe da fronteira, sabe da busca impossível, sabe da dor da busca impossível, reconhece a dor da busca impossível, sabe da impossibilidade do reconhecimento, dos acessos, das disputas entre os fantoches da linguagem, sabe dos jogos de gato e rato.

Não há labirinto.

*Não há perdição.
Nada se encontrará!*



Como de costume atacou pela madrugada! Disputou com o dormir, o sono e o sonhar o involuntário da criação, nos incansáveis jogos de ir e vir, de instaurar e encontrar, de imiscuir-se nas próprias invenções de formas, de sentimentos e trajetórias. Teimou em se afirmar durante os intervalos, nos sobressaltos da vigília - e a coerência? se pôs a indagar E a coerência?

A distância, às vezes, insinua-se como silêncio, porém, a distinção entre proximidade e encontro, distância e ausência, trafega as mesmas paragens de sentido. Faces imbricadas de uma moeda, nas efetuações que operam na manifestação de estados, na alternância dinâmica de

presenças e ausências. A noção de efetuações como ocorrência dos estados não exige, nem muito menos, supõe um todo integralizador, instrumento pelo qual supor-se-iam essências que se mantêm não atuando, esquecidas em algum canto da totalidade, no absurdo de afirmar atuações que não se efetuem estabilizados em um Eu.

Um cão desloca-se sobre o marrom das folhas secas caídas na presença do intenso frio do inverno. Abaixa e defeca sob a hegemonia do cinza do céu e seu apaziguamento.

O enigma continua sendo a possibilidade da ausência de um estado. Poderíamos supor virtualidades, como algo que está em vias de se constituir no plano do sensível e do visível. Obviamente, excluindo do plano do virtual, alguma latência. Por outro lado, a ausência remete sempre para a lembrança da presença, de algo que se passou dessa e daquela maneira.

Nas ultrapassagens junto ao sonhar, a irrupção é visível - isso sonha, isso pensa, isso sente, isso dorme. O remetimento é evidente, pois quando se opera de um modo, exclui-se a operação de outros modos, pois isso sonha e pensa ou isso sonha e pensa e sente e dorme e fode e defeca? Nesse sentido, o papel da inteligência, difere daquela da sensação e assim ao infinito ou a inteligência habita o sonho? Habita o pensar? Habita o defecar? Como partes, não haveria possibilidade de totalizações e muito menos convergências, identidades e univocidades e estados demandariam o que demandam e estruturariam o que estruturam nos jogos infinitos de invenção de mundos e modos. Supor faculdades ainda é reivindicar totalizações? Se os espaços de sentido são convertidos por suas demandas na composição das relações seria absurdo supor a permanência em alguma latência, ou a fuga para lugares distantes. Poderiam ser campos de simultaneidades, processos

que se mantêm atuando, porém sem a sua hegemonização. Os espaços silenciosos, momentos de composição... Supor efetuações apenas quando vêm à tona é delegar um início sem fim. Quanto, de suas invasões, é decorrente de pressões prévias, de algum jogo entre os afetos e suas demandas em assumir a dianteira e em estipular suas vias como meta ou na construção de condições para disparar as direções? Nesse sentido a violência dar-se-ia a qualquer instante e não por um privilégio momentâneo qualquer. Haveria em algum lugar a reserva da afetação, um deslocamento da ação para aguardar em algum retorno? Distensão? A expressão violenta das ocorrências que exige e põe a maquinaria a jogar nas trilhas do pensar não suportaria a manutenção de um estado sem ação, alguma disponibilidade permanente de ação, alguma reserva? Maneiras distintas de atacar a presença ou não da ausência! Em um caso, se apresenta como império e sucessão de estados nas suas disputas por hegemonia, no outro, por não estar sob a violência das ocorrências ou se manter ausente aos encontros mantêm-se invisível. Na madrugada, os jogos de luz e sombra se apresentam minimizados, o universo da dúvida esgueira-se para a certeza das invenções da imaginação nas traquinarias ininterruptas do sonhar, porém, junto à vida desperta, um conjunto de questionamento rompe e instaura-se na sua diferença. A percepção de diferentes estados remete para uma distinção anterior ou a distinção emerge com os procedimentos inerentes aos processos de dormir, sonhar, pensar, andar, nadar e etc... No profundo da noite, brota e inicia a indagação: e a coerência? Por que indagar a noção de coerência? Seriam as exigências de coerência partes integrantes dos processos que tornam possível a consecução do seu caminhar e da estipulação das trilhas ou busca um modo de atacar as questões a partir de alguma anterioridade, de modo que a organização dos eventos lhes seja anterior? Exigir a coerência como condição ainda é navegar nos horizontes abertos pelas interpelações morais, pois não seria a coerência presente aos sistemas todo-parte, início-fim, antes-

depois, solução-pergunta, vinculados ao horizonte de sentido a partir dos quais a questão se projeta como possível? A projeção das questões e seus descaminhos... O que pode a coerência na ausência de um sistema? Por outro lado, se a coerência inicia-se como indagação primeira de um sistema, de uma proposta de sentido, pode a incoerência ser alçada como frontispício do ante-sistema?

Perdido em seus compassos, o pensador no alto da montanha volta as costas para o seu colapso eminente. Nenhuma questão se apresenta como possível, nenhum encontro se apresenta ao horizonte, nenhum espanto se apresenta, a vida se dá na sua simplicidade e cotidianidade. Avizinha-se a despedida da pátria da questão, da indagação sobre o sentido, das condições gerais do sentido, do acesso a qualquer violência que exija a maquinaria e suas disposições corriqueiras. Na ausência de um fim, de um todo, as partes dialogam entre si sem nenhuma necessidade de se colocar diante da face do pensador. Realizam-se nas suas ultrapassagens. Não há nenhuma sucessão entre os signos mundanos, amorosos, sensíveis e da arte que garanta a interpretação e ou revelação na essência, na união entre signo e sentido. Supor essências ainda é supor encontros, supor encontros ainda é supor atuações distantes e próximas, presentes e ausentes. Supor atuações que se efetuam nos encontros é delegar para o absurdo do fim como início. Violentar-se não é manter-se na escuta de uma ausência que se presentificaria? Voltemos ao início, em meio às paixões do sonho, brotou e colocou como questão a possibilidade da coerência, como é possível a coerência? E, se, co-errância... E, se co-errância. De olhos fechados se despediram.

Incoerência:

Coerência

Coerrância

Querido amigo.

Tens escapado. Suas vindas duram pouco. Tornou-te insinuador. O maior dos sedutores - toma rapidamente o que oferece! Pequenos rastros à margem do caminho nas recorrentes andanças. Partes dos trajés, das modulações ofegantes, da entonação melódica da voz ficam retidas nos retornos para as distantes e demais paisagens. Em alguns lugares, marcas dos seus pés. Em uma parede, as lembranças do toque dos seus dedos. Um móvel fora de lugar. As insinuações do seu lindo rosto no espelho, de soslaio! Como de costume, às vezes chega sem avisar, às vezes emudece a ponto de ocultar os endereços e envios. Como fruto do nosso amor, signo da nossa amizade - na concordância dos nossos afetos - a fineza da sua língua na produção das conversas. Como bem sabes na fronteira dos encontros reside a razão do nosso amor - ser do aprendiz! Sei bem, das suas incertezas, dos seus escapes e saídas à noite, para encontrar com corpos amenos, mas independentemente daquilo que

dizem por aí, carrego a marca do nosso amor nas suas fugas, na sua pressa, nos seus relampejos. Sequer posso olhar seu rosto, tocar seus olhos, derramar sobre seu corpo. Aliás, do seu corpo, tenho vaga lembrança! Ultimamente, dificuldades em lembrar seus pratos preferidos. Certa vez, em alguma das suas passagens, entretemos sobre esse tema. Seus pés? Pretendi tocá-los, limpá-los da poeirenta estrada, mas novamente se desfizeram meus desejos. Por que tu foges? Julga-me feia, julga-me faminta demais, julga-me desejosa de filhos, de encontros permanentes ou receia os açoites da noite, da calada e gemida noite? Sabes das condições da montanha, do frio e da solidão das alturas. Ontem mesmo, lhe fiz o café, preparei-lhe o banho e a cama estava quente. Na parede da sala aquele quadro, aquela denúncia. De qualquer modo, sempre dolorosas suas chegadas e partidas. Tenho me preocupado com suas companhias, estás dormindo bem? Seus amigos festejam demais? Tenho ouvido coisas a seu respeito, sei do nosso compromisso, duvido às vezes, lhe confesso, mas as pessoas dizem por aí... Não me ama mais? Meu corpo carrega a memória das suas histórias, da clareza e parcimônia das suas proezas, das grandes vitórias e suas peripécias. Sei muito bem do que é capaz a sua língua, conheço seus labirintos... Sabemos dos encantos da fluência. Por que não narra os segredos das suas andanças, das suas conquistas diante de homens, mulheres, animais, monstros e divinos...? Como amante sua, sei que dedos percorrem sua reluzente cabeleira, pois quando estou só, vagueio por nossos afagos e me pergunto por onde andas e com quem, o quê comes e com quem dormes! Quando chegas, sinto o cheiro das suas misturas, dos seus disfarces, das estratégias para encobrir suas andanças nos banquetes das cidades e das núpcias com seus amantes. Sei das suas marcas pelo corpo!

Mais uma vez, o velho problema se desenhou! Apenas pode-se dizer e falar daquilo que de antemão se sabe, ou pode-se dizer e falar daquilo

que se configurou dentro da longa história das avaliações instauradoras de um dizer - o antigo hábito de se curvar, comum aos povos civilizados. Os saltos são tomados como ingenuidades ou impróprios, pois não passaram por instâncias de validação correlatas. Apenas pode-se dizer de algum objeto considerado antecipadamente por interlocutor certificado, através do qual sejam explicitadas as condições gerais de apreensão para o desdobramento do problema e das problematizações, permitidas através do dialeto específico e por rotas delimitadas para os acessos e tratamento dos modos de ser da totalidade das ocorrências. No mínimo, será exigido que se reconheça as condições gerais do problema, a produção nos antecessores, bem como, seus pressupostos gerais e específicos, pois de qualquer outro modo, as construções se resumiriam a asneiras, a delírios pessoais - irrísórias experiências psicológicas subjetivas, próprias, quem sabe, ao divã, e não a seriedade da academia e dos seus doutores. Derradeiramente insignificantes para o desenvolvimento e seriedade da busca pela verdade e a construção dos seus fiéis defensores e seguidores. Afinal, larga-se constantemente uma via para constituir e edificar no mesmo caminho, sobretudo, pelo intermédio da crítica - formas adocicadas de dizer: nós os bons, detemos as chaves gerais da compreensão do mundo e do sentido. Outra consideração indicaria que as investigações sem referência não passam de delírios persecutórios, que a maioria intelectual será alcançada na inserção em uma comunidade de fala, a partir da reprodução de dialetos específicos e da configuração dos modos aceitos para o estabelecimento verídico dos encontros referendados nas trajetórias dos grandes mestres, no caso, dever-se-ia, para transformar o delírio em seriedade, tecer a longa história dos conceitos e das suas ocorrências, distingui-la, expondo pormenorizadamente, todos os momentos significativos do desenvolvimento da idéia a ser perseguida, para ao final, dizer algumas palavras, já sabidas de antemão! No limite, indicar as peculiaridades pelas quais a novidade se apresentou naquela escrita -

obviamente respeitando todas as modas e os nomes do momento. Entretanto, se tomamos a experiência da construção de sentido afundada na experiência singular e singularizante da presença, lançada na fatalidade bruta do mundo, descobriríamos que as exigências da academia assentam-se no velho hábito de buscar intercessores para a angustiante caminhada no terreno incerto da vida e dos seus inevitáveis desconfortos. Ou o hálito bafejante da suspeita apenas revela as antigas e corriqueiras disputas para a manutenção e hegemonia dos poderes? Efeito rebote extinguir a variabilidade de floras e faunas lançadas aos contornos obtusos dos descaminhos do pensar. Como velhas senhoras, carcomidas pelo passar do tempo, na presença maciça das suas rugas, podem ainda pretender que jovens crianças, e por ventura, forte leões, teçam os seus rugidos através da velhacaria decadente dos seus encantos? Para manter-se em língua própria, exigem que as novidades se adéquem ao seu requentado, e por que não, morno jantar? Por aqui velho amigo, sigo seu rastro, persigo como amante suas andanças, cheiro os seus trajes, e me regá-lo com os momentos que sinto na face as alegrias do seu estado. Como garoto-garota persigo nas entranhas os desvios das suas ausências. Através dos seus inusitados rastros... a alegria... a potência das inveteradas curvas suas.



Estimado amigo.

Tuas desventuras misturam-se às ausências e presenças, chegadas e partidas. Está sempre a rondar os espaços e disputar com outros animais as cercanias da vizinhança. A avidez da tua presença não oculta a variedade de possibilidades, sobretudo, por não revelar os descaminhos da conquista das vozes. Que animais te habitam? Perguntar-te é irrelevante, sobretudo, pela possível incapacidade de dizer dos teus estimados e solitários animais. Tu és um, ou seria esse o maior dos disfarces? Como amante tua, receio ser tocada e invadida por vários, sinto que o hálito varia, mas quem sabe o poder das mágicas tuas? Certo é a petulância em pretender para além ou aquém deles - sabe das fronteiras, sobretudo, quando pretendes afirmar que todas as questões se resolveriam na esfera da linguagem. Tu bens sabe da ilusão confortante dessa imatura assertiva, sobretudo, pela efervescência. Quanto de tensão expressa a nossa perene e singular sinfonia, amante

esplendoroso? Pode-se, como Ulisses, retornar a Itaca, ou, como Teseu, esperar os fios de Ariadne para a fuga do labirinto?

Quando noite, junto à imensidão pavorosa de rio largo, caudaloso e barrento, desfilava as tuas vetes. Solitário percebia os riscos do afogamento, sobretudo, pela largura das margens. Tuas análises apontavam para as dificuldades do nadar sob a pressão da correnteza e da velocidade das águas. Refém sentiu-te diante da presença e da força dos animais da noite, da história e do berço. O velho hábito assinalou suas proezas. À luz da autoridade, o que podem as crianças e os seus segredos e encantos? Quanto dessas vozes habita teus sonoros dizeres, jovem amigo? Porém, arroga-te isento de influências e sempre seguro de si. Rondou, mas manteve garantidora distância. Os sequiosos do fim, da suspensão da tensão, anunciavam os seus sinais ruidosos. Olhem lá. Vejam bem! As margens estão distantes e o rio está a subir! Não se vê o fundo! Silenciosamente, percebeu-te a densidade das intrigas e das disputas que se avizinhavam. Ficou à espreita. De longe, manteve-se soberano, contudo, refém da insegurança e dos desejos de futuro. Quanto das tuas palavras emerge desse leito profundo?

Um raio de luz invadiu a escuridão da noite, pela fresta do vidro o clarão da lua se avizinhou. No topo da montanha, feras famintas uivavam! Margens! Queremos margem!

Era dia quando chegou. Nuvens saboreavam a companhia do vento e, de úmidas, fizeram chuva. O cheiro de terra molhada invadiu o lugar. Terra e árvores celebravam a vitória das águas, os seus arremedos e correntezas. Fortemente deslizavam para o encontro com os seus descaminhos. Partes pelo chão despedaçavam-se na opulência das águas que vertiam dos céus. Nas tuas andanças tens buscado aliados. Diversa são a fauna e suas necessidades e exigências. As preocupações com o

futuro e com o fim marcam tuas presenças nessas últimas paragens. Já descemos e subimos esse rio algumas vezes, mas a pressão aumenta a cada dia. A tua pequena embarcação navega em mar revoltoso. Ondas demasiado altas estão a rebentar nas pedras da orla e, em alto mar, grandes barcos já naufragaram devido à força e altura das marés. Angustia-te com as responsabilidades? Com a necessidade de instituir algum dever? Tua voz se tornou demasiado rápida e intrépida! Tens atacado ferozmente e seus aliados se apresentam como grandes e inveterados inimigos. Deseja vítimas para teus rituais? Pretende agora voltar para a tua história para celebrar a brancura dos seus dentes sobre os sabores de carne já morta? Necessidade de demonstração de força e mando, ou? Não cansou de matar os seus pais, avós e deuses? Quer, mais uma vez, ser o maior dos assassinos? Já descemos e subimos esse rio algumas vezes, mas a pressão aumenta a cada dia!

Pela manhã, olhei-te nos olhos! Estava faminto, rugia feito leão. Corajoso era na conquista e manutenção das tuas vastas planícies, após os abates pretendidos sobre teu sagrado altar. Perseguia com maestria as presas nas encruzilhadas dos seus pés. Acompanhava-lhes os passos atentamente para identificar as linhas de fuga e os caminhos comuns. Sabe como ninguém, como senhor das planícies, os caminhos sinuosos das tuas grandes e pequenas caças. Como rei acossa e esquadrinha e encurrala e ataca e abate. Devorando, julga capaz de suplantar! Como caçador sabe onde pretendes chegar e o que alcançar.

A fome. Quanto de fome deseja saciar? A fome instaura a caça e a caçada. O sentido da fome determina-se pelo sucesso da caçada. Nos teus olhos, no andar das suas patas, na ferocidade do devorar, a certeza da fome. Nos pulos, nos saltos, na envergadura dos golpes, a certeza da fome. Na saciedade futura, a certeza da fome. A certeza da fome retira-te o instante do presente. A preocupação da certeza da fome retira-te o

futuro e o presente. A certeza da fome constrói pelo caminho os banquetes regados pela coragem e a valentia. Manjar oferece-te tua fome. Sob o julgo da fome reservas o melhor de tua coragem e a maestria. O que pode a fome sem a força que instaura a caça? Segue a tua força na velocidade dos seus golpes, na agudez do seu raciocínio. Às vezes agachado espreita! De longe avista! Atrás dos montes sentes os cheiros, o ouvido toca a terra e o tato percebe os menores movimentos. Solitário ataca bandos, dissipa grupos e enfrenta manadas. A tua fome convoca a tua força e seus inusitados movimentos.

Quieto observa. Todos os sentidos revelam suas perspicácias, a boca saliva, o odor do medo chega às narinas ao contorcer da caça. A língua saliva aguarda o golpe final. O salto dá suas voltas, obriga o corpo, os órgãos à posição. As patas traseiras agarram suavemente ao chão; a bacia ajeita-se junto à dobra dos joelhos; as patas dianteiras flexionam fortemente a terra e saltam sobre a indefesa e amedrontada presa sob a vista dos céus. Na boca, aguarda-se o saboroso gosto do sangue. Da mastigação, escuta-se o movimento da maceração de singelas nervuras. O abate é uma festa.

A devassidão do encontro! Feito imagem de pingo sobre camada fina de terra disposta ao chão.



Inverno típico. Pela manhã, intenso frio. Ao meio dia, sol a pino. Ao fim da tarde, céu laranja. Noite coberta de estrelas. Rastro da via láctea corta a imensidão escura do olhar perdido em seus últimos limites. Com que lentes fazer ver a sinfonia dos raquíticos e parasitas e miúdos e sombrios e desconfiados, ou? Como identificar as estripulias do facho de luz de estrelas talvez mortas, porém presentes? Algumas folhas se equilibram nos galhos secos, mais a grande maioria desceu ao sabor dos ventos. Ao meio dia, momento de passagem, ruptura com as indicações da manhã e da madrugada. Apelo do estômago e seu conservadorismo. Como estômago e sonhos são aliados? Como os apelos da noite reverberam as indigestões ao longo dos dias? Trata-se sempre de alimentação, de preservação, de arranjos e submetimentos necessários à consecução das rotineiras e costumeiras tarefas. Inserido em comunidade, o estômago necessita da cadeia, da segurança e harmonia da rede. Clama pelo reconhecimento, da aceitação das suas regras e do sucesso das suas exigências. Utiliza-se dos mais requintados artifícios para impor suas regras e necessidades. Inimigo voraz das tensões e dos

conflitos teme ficar vazio e roer a si mesmo. A tática predileta é fazer sofrer. Aprendeu durante anos as técnicas mais atrozes da arte da confissão para a extenuação das forças e inimigos. Aos poucos suas vítimas contorcem de dor até esquecer a cor dos céus e o frio das alturas. Com suas máquinas de tortura consegue corcundar mais audaciosa das aves de rapina. Sussurra aos ouvidos: tornar rebanho, amar rebanho! Mestre na produção da dúvida e da suspeita interroga as prerrogativas altaneiras da arrogância e seus saltos na invenção.

Quanto do medo serve aos interesses do estômago? Império travestido de passividade? Sob a pressão desses animais tomou forma o pensamento e o pensar. Coberto de vestes e de enigmas se apresentou, com andar manco e vagaroso. Percorreu as cercanias da incerteza, do assombro diante da incerteza presente à travessia das pontes e dos viadutos e das passagens. Sempre às voltas ronda a ciranda circular do tempo com precisão exemplar. Nunca ataca. Pela frente, jamais! Invade de soslaio. Inicia pelas entranhas - remexe os baús, ativa e instaura os tribunais, indícia, pesa, suspeita e pune os culpados - quer de joelhos, quicá de olhos e boca sob os pés. Clama por choro e ranger de dentes.

Quanto da dúvida sobre si origina-se dessas exigências? Na dúvida, a tensão da ultrapassagem. Hierarquias se jogam na disputa infinita das suas condições. A dúvida toma a sua voz, inocula tenazmente suas recomendações sobre a necessidade da manutenção, do reconhecimento, do ser aceito, do quer e desejar ser aceito. O rigor da voz, indaga, em tom jocoso: sabe do preço? Sabe do fosso? Sabe do descontrole? Sabe dos riscos da arrogância? Sabe, afinal, do custo da solidão? Sabe do destino do dialeto próprio? Sabe da tensão da trilha? Não ama mais seus pais? Não sente dever algum perante seus pais, diante do amor e do carinho que lhe deram? Tem que ceder? Por que agora? De qual lugar pretende retirar as forças necessárias? Ousaria colocar em risco a harmonia do

sistema, seus usos e costumes, seus limites e fronteiras? Por que não se reconhece como criança que necessita de conforto e que sente fome e tem de ser constantemente alimentada, limpa e cuidada? É forte o bastante para fracassar, ou...? À noite, insinua arditamente as dívidas, convoca a memória para reencenar os momentos de maior tensão, quando animais vencidos não reconhecem a derrota! Querem destronar, instaurar a perpétua vigilância - do fundo de suas vísceras gritam: sozinho, não! Cê não pode não! Cê não pode não! Cê é pequeno, precisa de conforto e carinho. Tira a mão daí, vai se machucar! Cê não pode não! Como memória e estômago transitam no mesmo espaço? Quanto da memória serve aos interesses do estômago, quanto de estômago serve de interesse para a memória?

Caro amigo, tua língua faz tremer os rochedos da terra. Convocas nas memórias os castigos. Convida as autoridades para desfilarem com os seus rituais mais escabrosos. Faz duvidar das certezas menores e invade os territórios com fins a tomar a dianteira da peça. Pretende qual língua? Pretende instalar quem como aliado? Quem como senhor? Pelo que parece, qual foi sua derrota, por que receias o combate e goza com o extermínio? Estômago e memória aliados da conservação? Como digerir sem estômago, como esquecer sem memória? Tua voz traz os traços das exigências morais, dos juízos de bem e mal, dos enquadramentos, enfim, trabalha e prospera na manutenção da igualdade e da semelhança. Em nome de farta comida, receia-te os perigos da caça e as dores da fome, recusa duramente os riscos da singularização.

Junto à face sedenta da conservação e aos desejos dos alimentos suaves, cozidos, certos e seguros, exige também a coerência. Volta e meia retorna das suas ausências com a requentada cantilena da segurança sobre si, da certeza da coincidência entre fim e início. Como bem sabes, parte da herança das maquinarias de sangue ocorridas na construção

dos costumes instaurados nas comunidades, quando ainda se disputava escassos alimentos com bestas também famintas. Permissões, apenas se agrupadas e positivadas, através da sagrada e sacralizada autoridade da tradição! Quanto da autoridade é proveniente da composição da tua impetuosidade e desconfiança? Quanto da comunidade é dependente do teu amado estômago? Quanto da autoridade noturna, nas estratégias resolutas de obrigação, é um passo nessa longa dança? Como seu amigo, reconheço as implicações de movimentos precisos, apesar de estranhos. Vamos para a dedução por ti confienciada: papai compra com o seu dinheiro, fruto do seu honesto trabalho, os alimentos no supermercado. Mamãe os prepara com carinho e esmero. No dia de domingo, saem para ir à missa, para louvar o senhor e mostrar o seu bebê para a comunidade. Oh, como está gordinho! O bebê sorri vendo os olhos da mamãe brilharem. Comer é tão melhor quando se descobrem as razões da alegria dos olhos da mamãe sendo elogiada! Enfim, a santa paz de estômago!



Bola de fogo incandesce o céu. Pombos arqueiam suas asas e maritacas assumem o tom da conversa. Rabos de cachorros desfílam sob enorme manto marrom salpicado de insignificantes, mas visíveis, pontos em amarelo. Habita-se o baile do passar na sublime beleza. De ouro pinta-se o céu. Nuvens não há, e poucas folhas balançam ao sabor dos ventos e das ventanias. Brinquedos de criança aguardam o despertar das pequenas mãos e a ferocidade da imaginação. Ao relento na madrugada acordam para celebrar os movimentos da imaginação. Um grão de luz fixa-se na extremidade viva do vidro de alguma porta - forma-se fractal - inúmeras cores convergem naquele ínfimo... O dia nasce.

Como tornar possível a lembrança? Como produzir narrativas que instaurem o possível de uma lembrança? A memória antecede a lembrança ou na produção da lembrança se dá a memória? A memória é um depósito ou as narrativas expõem os arquivos? Como a memória se tornou possível? Quais vínculos entre a formação e a memória? Quais vínculos entre a imposição dos estados e a construção narrativa da lembrança? A intensidade dos estados é condição para a construção da

lembrança? A lembrança instaura o lembrado? O lembrado uma vez instaurado dá-se como registro?

Como se articulam as narrativas, a lembrança e a memória ou como nas disputas entre os estados, as demandas exigem a construção de arquivos? Os arquivos atendem a pletora dos afetos ou emergem das lutas por hegemonia? Parte da ausência pode ser acionada por complexos de lembranças, por ações nas redes de significância instauradas através das narrativas? A lembrança é um modo de recuperar a impetuosidade das vozes e da presença efetuada da diversidade dos animais?

Perseguem-se agora os registros, as formas de fixação e disputa pela instauração dos platôs e níveis. A dinâmica da instauração coaduna com a expressão vivida das singularizações ao longo dos encadeamentos necessários no possível. A variabilidade de eus assenta-se na construção do possível na emergência como visibilidade no plano das hegemonias. A duração da hegemonia retorna como narrativa sobre si? A presença dos animais afirma-se na potência virtual do registro? Alguns se perdem pelo caminho, ou de tão presentes, exigem a dinâmica do registro? Quanto dos animais não demanda voz, muito menos registro, daí sua ausência nas narrativas da lembrança! É ilusão supor pretensões que não venham disputar-se? Parcelas de vida percorrem todas as instâncias do organismo, reivindicam a todo instante a expansão ilimitada da sua hegemonia. Basta ater-se à construção das saúdes e das doenças e suas demarcações de limites específicos de relacionamento em uma hierarquia. Através da doença, seu número toca ao infinito, instaura-se contra-hegemonias - ampliadas por seu espectro perante a duração e registro? Podem-se supor as construções como camadas que se sobrepõem, com espessuras e temporalidade circunscritas aos planos de ação. O volume do depósito resulta da

duração da ação das disputas por hegemonia? Quanto maior a resistência, maior, potencialmente, o volume do depósito? A narrativa instaura algo a ser lembrado em um registro, porém aciona o conjunto espacializado do depósito. O depósito constrói o arquivo.

A variabilidade de efetuação das atuações define o plano geral do registro. As narrativas apresentam-se como reincidências de ocorrências. Lembra-se do salto na cachoeira, das quedas de bicicletas, das dores dos machucados, da vitória em uma disputa. A lembrança na narrativa re-instaura a hegemonia?

Toque de mãos remete para a presença consistente de registro de passado, instaurando o ocorrido. A suavidade do toque reinstitui no presente sua consistência. Atordoado tu presentes a simultaneidade e assombra-te com a desconstrução e reconstrução permanente das visitas que invadem. Por algum momento, as distinções da linguagem dissipam-se e a experiência do profundo da eternidade se estabelece como a potência do tempo. Dissonâncias poderosas instauram-se. Ouvído entra em cena, corpo se contorce e sob o império das profundezas dá-se a bailar. Como resistir a desconfiguração produzida pela imersão das zonas climáticas dos ouvidos. Poderosos signos confundem, assolam e dispersam. Lembranças estão a se produzir, memórias a se constituir, a bem vinda devassidão. No fundo dos teus olhos percebia-se a presença agraciada da lembrança. Como mágica a distância entre as durações se estendeu ao limite a ponto de não haver distinções entre os possíveis presentes. Tu não apresentaste forças para distinguir as instâncias, esquadriñar e discernir! Refém nas suas presenças, obrigou-se a outra voz? Por um instante re-instaurou-se a hegemonia e seus conjuntos de sensações e imposições. Traço constitutivo do arquivo na narrativa da lembrança. Quanto tu retornas-te dos mistérios da ocorrência tentou resistir às circunstâncias, por um breve instante sonhou em suplantar a

distância e reaver a abertura da presença, porém... O toque suave de dedos das mãos remeteu para a impossibilidade de distinção. A ruptura necessária, a breve distensão, não te foi permitida. Desmaterializações. Insinuem na sobreposição dos instantes vividos. Pequenos blocos de sentido invadem os ouvidos e instauram a força do registro da lembrança na memória. Não se poderá esquecer, não se poderá deixar de lembrar e remeter. Os arquivos e registros se efetivando. Instante tecendo a sua magia. Pelos de cão pelos ares convidam...

Ruas escuras e lagos profundos celebram e dão as mãos na extensão da sua distância. Alegria descendente, ascendente, risos de glória e louvor. Os registros estão se efetivando! Um sonoro instante. Regras da dissonância. Os planos de atualização vão se perpetuando junto à pressa corriqueira das vozes. Correndo, planos vão se distinguindo. Apressa a língua em verter em sentido a experiência ultrapassante do som.

Pobre amigo, por um breve segundo, as instâncias instauradoras se apresentaram aos teus pequeninos olhos. O que se passou entre nós? Memória, lembrança, registro, toque suave de outras mãos, presença de passado re-vivido no presente atualizado. Por um breve instante, o assombro diante da ocorrência percorreu-te as veias - subir e descer os degraus, subir e descer os degraus... Jovem de cabelos louros, o que tu pode diante da... Se tomado por desvios, se tomado por flutuações que invadem e exigem nova língua! Traduzir, sua sedução fortuita e rotineira? Ser tomado por integrantes: beleza versus som. Eus versus memórias! Olhos esbugalhados, ...



Quanto de solidão suporta a disciplina? Solidão e disciplina se excluem na arte da escultura de si? Quantos hábitos permanentes supõem uma disciplina? A disciplina é dádiva, arte resultante do estilo ou artistagem presente a um estilo? Brota das reivindicações de poder e da luta entre os complexos de relação e suas efetuações ou constitui-se nas adjacências? Pode-se manter-se distante das disciplinas, das disposições co-pertinentes? Não seria o caso a outra face da hierarquia? As estilizações, presentes às sobreposições das dinâmicas econômicas do ganhar e perder - da economia global, exigem a disciplina? Quanto de desprezo habita as solidões e os silêncios? O desprezo apresenta-se deslocado da disciplina ou é um dos mecanismos de controle? Na arte de um estilo, prescreve-se quanto de silêncio, quanto de solidão, quanto de desprezo? Trata-se de medidas, de disposições na construção dos territórios ou caoticidade e cega necessidade ditam as coordenadas da consolidação disciplinar de um estilo? Controla-se o disciplinar da economia global do todo? Como solidão e silêncio se relacionam na disciplina de um estilo? Como multiplicar a solidão permitindo

variações no silêncio? Como disciplinar de modo que solidão e silêncio forcem os limites das extensões? Como disciplinar de modo que o desprezo permita os silêncios? Como o silêncio torna possível as reivindicações e as inerentes variações nas tensões do estilo? Solidão como espaço de invenção de pequenos hábitos? Desprezo como permissão para a emergência de hábitos menores? Solidão como reivindicação da cura, como experiência da cura e tradução dos espaços no silêncio? Como pensamentos díspares reivindicam seus silêncios e solidões, ou como na composição de um estilo os espaços se definem na distribuição das intensidades? Qual a participação do desprezo na edificação da presença em uma abertura? Como solidão, silêncio e disciplina produzem e expressam reivindicações outras de sentido? Como as distâncias pretendidas nas equações da disciplina dispõem e produzem homem, mundo e coisas?

Caro amigo, sinto no tom da tua voz o colapso das tuas intenções, pois ronda a distante fronteira dos países limítrofes. Seria o seu silêncio fruto do seu colapso, da pressa em receituários e coisas do tipo? Ama-te a tensão a ponto de permitir suas benesses ou pretende pelo exercício da disciplina restringir a tua diversidade? Tenho dúvida quanto a tua capacidade em se permitir ao balanço dos ventos? Quando olhas para lado reconheces quem como companheiro? A solidão é demasiado perigosa, sobretudo se brotar do veneno das cobras! Como bem sabes, muito já esmoreceram e até sucumbiram diante desses adoecimentos. Caro amigo, o sabor da nossa amizade talvez possa lhe confortar. Espero em breve poder rever-te! Como remédio às longas e distantes caminhadas, um pouco de veneno também convém. Por que não instaura uma filosofia que para alguns é medicamento salutar para livrar das tentações e dos desejos de ser seguido? Subirá as montanhas à busca de encontros celestes e tábuas de bens? Ainda não sabes... As notícias não chegaram aos ouvidos dos teus animais? Pretendes

reivindicar que a cura dos teus tormentos possam servir de cura para a totalidade das dores do mundo? A tua disciplina regurgita a miséria da memória - quão salutares seriam doses acentuadas de esquecimento. Volta-te para o desprezo... Incorpora-o no teu silêncio e solidão.

Sombras, movimentos inusitados ao vento. Paredes tingidas pela ciranda da projeção dos raios de sol. Nas alturas, árvores se tocam e folhas despedem-se dos galhos, a cada instante. O aguardar dos objetos se dispõe aos inúmeros encontros. Páginas marcadas indicam a passagem em uma relação. Na longa espera, atentos ficam os órgãos! Dispostos às conexões, aos encantos das conexões. Facho de luz, bola ao chão, o bailé da superfície. Rastejando, perseguindo, mantendo-se à distância em uma presença gritante. A passarela do mundo visível, quanto esforço? No silêncio das vozes, a presença se lança na soberania da superfície. Livros tornam-se espaço e tempo, canetas tornam-se espaço e tempo, bastão torna-se espaço e tempo. Para quem, tornar-se junto ao encontro, pelo encontro. A sonoridade do movimento invade os espaços da disciplina. Por instantes... Na superfície, passagens, infinitas passagens. Para quem de todos os órgãos, a duração. A feroz duração do invisível. Um facho de luz ondeia formas em sombra. Os caracteres das letras tornam-se cor, dissipam na passagem intermitente das significações - romper o horizonte dos sentidos. Forçar a fissura, até os confins do limite da presença...

Corpo escorrega pelas entranhas. O forasteiro teima em se apresentar. Perdi alguma coisa? Cheguei demasiado tarde? O que se passou por aí? Alguma tendência? Algum traço distintivo? Expresso reivindicações, como bem sabes! Havia azul? Quanto de azul? As rosas eram brancas ou amarelas? Havia vento? Quanto de vento havia? Compor a rede, eis minha sina. Iniciemos do início, do ponto mais quem. Pretendo chegar ao ponto mais equidistante, o além. Quem e além os meus mais

prediletos sabores. No aquém, a devassidão do início sem começo, no além, o fim sem início. Na fronteira do meu silêncio aquém e além de mãos dadas celebram a união fraterna do UM. O UM como fronteira e meta? Como o UM se manifesta? Há um dizer e falar do UM, junto ao UM, colado ao UM? O UM não se pronuncia, o UM revela apenas um aspecto da face, o UM apresenta-se junto ao seu escapar. O enigma do UM. O meu saber é sempre aproximado, mais próximo, mais distante. O UM arrebata. As invasões corriqueiras revelam a persistência do UM, como ruído. Salto do ruído para a certeza. Enfatizo as necessidades de reconhecer o visível do ruído. Determino o visível como ruído. Para além de perseguir, certo estou de assumir como válido em qualquer circunstância. Subo e desço com facilidade e desconfio com enorme cinismo de qualquer outra tentativa que não esteja alicerçada nessa via. Afinal, salta-se do ruído, para o visível, esquecendo, esquecendo, esquecendo, pretendendo atingir a semelhança sem cópia.

O sentido da posse revela as exigências de se manter no torpor da possessão. Na esfera do conceito, a satisfação da clareza apresenta-se como regra. A forte convicção vinculada ao torpor da enunciação expressa a grandeza da vitória. Esquece-se a disciplina!



Caro amigo das profundezas, senhor do registro e das delimitações, ou seria um rico passageiro da superfície, das invasões e chamamentos da visibilidade tênue da pele, dos órgãos e das relações intermitentes? Noite conturbada, céu claro, chão iluminado. Inversões térmicas acentuadas. Calor e frio sobrepõem-se à luz da lua cheia. Manhã de verão, dia de inverno! Apenas no âmbito dos conceitos delimitações precisas - a folha, o rosto, o tronco. Por ora, velozes sucessões e efetuações. Distâncias se comprimindo na expansão dos seus limites. Cães enlouquecidos com a proximidade do cio perambulam pelo dia, e invadem a madrugada. Cheiro dos fluxos faz língua babar sobre lombo, concavidades e pelos. Calor do sol queima pele. Olhos intensamente vivos. Adrenalina demasiadamente alta. Respirar ofegante. Transpiração excessiva. Pingos de baba deixam rastros pelos trilhos instantaneamente percorridos. Ruídos de ferras descontroladas e resistentes. Efetuar apenas em uma direção, império na ausência de alternativas? Segue-se, foge-se, acumula-se, busca-se, fareja-se a meta é-se a meta. Como grito, ressoa grunhindo de voo de gavião nas alturas do céu. Como civilizar?

Como transitar as vias, inverter os sentidos, estabelecer trocas e recompensas? Como instaurar a espera? Como instaurar o desejo nas demandas tão intrépidas e imediatas? Como instaurar um ouvir em um depois, um cheirar em um depois, um sentir em um depois? Como instaurar a soberania de um antes? Como instaurar a soberania de um agora-ainda-não? Como instaurar a soberania de um agora-sempre, para sempre? Como apreender voz de outro? Como apreender-se à voz do outro? Parte do seu patrimônio querido irmão! Bocado do seu patrimônio! Parte do enredo das suas certezas. Até bem pouco, incapaz de reconhecer-te como portador da boa nova. Ilusão oriunda de algum esquecimento ou resquício do reconhecimento dos teus ares de construtor, do seu furor pelas fundações e alturas? Desejo maior, produzir sobre o solo da verdade. Quanto do civilizar repousa sobre o peso do passado e quanto do civilizar repousa sobre o esquecimento das condições que legaram a herança e seus patrimônios? Os tesouros ainda possuem brilho? As tarefas e o sentido das construções mantêm-se os mesmos, ou novas avenidas precisam se instaurar? Arroga-te ainda como autoridade que sustenta os eixos, as referências e as delimitações e os pavilhões? Parte dos animais não se reconhece nesse espelho esculpido por tuas mãos, afinal, no acaso da fatalidade, inúmeras relações, inúmeros arranjos. As tuas distâncias... Estender tuas distâncias, fazê-las proliferar ao limite...

Sinto que tens andado confuso - obviamente não se trata da tua natureza! Muito menos da antiga disputa... Parte se perdeu pelo caminho. Por outro lado, sabe dos riscos, sempre soube dos riscos, ou pretendeu sabê-lo... Volta e meia retoma a conversa nesse tom... Os bebês estão a nascer, na cidade continua-se a morrer. Pergunta-te sobre o hiato e os meios para se atingir as condições de alcançar o fim esperado, as núpcias e as bodas. Afinal, trata-se sempre da felicidade, dos seus encantos e das suas limitações. Se os bebês continuam a nascer, as

implicações acentuam-se, pois quem garantirá o velho ciclo de nascer e lembrar? Na melhor das hipóteses, a humanidade! Diante do problema novamente! Da verdade da felicidade depende a educação dos que ainda-não. A transição entre os mundos supõe a fatalidade, a fissura e o hiato. Obviamente declina-te diante das denúncias sobre as condições para a conquista da felicidade, sobretudo, após a construção das grandes noções. As três se relacionam e se implicam, pois como pensar a felicidade diante das exigências dos conceitos de igualdade e justiça e fraternidade? De algum modo, as tuas redes estabelecem dependência mútua entre algumas variáveis, enlaçando as noções de civilização, verdade, saber, poder, justiça, igualdade, beleza, bondade e humanidade. Mas, meu nobre amigo, como atar em nó profundo, regiões tão díspares? Não te exigir que apresente as fundamentações dessas relações, nos pormenores, pois como a ideia de liberdade relaciona-se com a de natureza? Como essa, relaciona-se com a de civilização? Como essa, relaciona-se com a de acaso e de necessidade? Como essas, relacionam-se com a de mal? Como essa, relaciona-se com a de corpo? Como essa, relaciona-se com a de razão? Como essa, relaciona-se com a de necessidade? Como essa, relaciona-se com a de felicidade? Como essa, relaciona-se com a de igualdade? Como essa, relaciona-se com a de educação? Como essa, relaciona-se com a de cultura? Como essa, relaciona-se com a de linguagem? Como essa, relaciona-se com a de verdade? Como essa, relaciona-se com as de efetuações? Como essas, relacionam-se com a de destino? Como essa, relaciona-se com a de fatalidade? Como essa, relaciona-se com a de pensar? E, assim, ao início! É com tristeza que reconheço as lágrimas em teus olhos apesar de todos os teus esforços, mas de qualquer maneira, a escada inicia do seu primeiro lance e degrau.

As distâncias produzidas por tuas andanças permitem a emergência de outras configurações e demandas de sentido. Sem o teu olhar

crepuscular e certo, as noções passam a operar no lugar dos conceitos. Como noções incorporam as variações, os tons e não se arriscam mais à univocidade e estabilidade temporal dos conceitos, bem como à presença sintomatológica da representação, da busca da semelhança sem identidade. Reconhece-te que os conceitos são parte integrante de sistemas de avaliações, que sintomaticamente, expressam suas exigências de sentido na construção de tábuas de valor específico. Visto sob esse prisma, revelam-te tuas exigências, bem como, a correlata necessidade de pretender assumir o antigo lugar, pois a tensão é permanente. Trata-se de assumir o lugar das figuras depositadas, ou trata-se de constituir outros lugares e vias? Nesse sentido, ainda presos às tuas recomendações? Em um caso, como noutra estaria refém ainda do seu amor, pois colocaria no teu lugar outro amante. Por outro lado, se reconhece as tuas verdades como invenções poderia continuar a permanente aventura. Obviamente, sem a ilusão do conceito como representação e a verdade como destino! Sinto que podes conceder, mas sinaliza as implicações. Na ausência da verdade ou na produção da verdade apenas processos de subjetivação, formas de homens e mundos sob a pressão de milênios.



Imerso na escuridão da clareza. Nuvens tomam de assalto o horizonte do pensador. Poucas árvores, animais recolhidos em seus ninhos. Voos ausentes. Grãos de luzes lançados como brancas ondas do frio uivante dos ventos. Paredes sentem-se no toque silencioso dos redemoinhos vaporosos das gotículas. O silenciar acresce à medida que se diminui o espaço entre céu e terra. Quando as alturas se comprimem, sob a força e a hegemonia da espessa névoa, faz-se recolhimento, exige-se recolhimento. No recolhimento, ausências tuas. Como o recolhimento foi difamado e como a clareza pode ocultar as diferenças, as sinuosidades das superfícies? Como a suposta certeza comprime o inusitado presente às experiências e às flutuações dos arrebatamentos passados. Como as certezas da clareza demarcam as aberturas e os horizontes, enredando, enfeitiçando em uma só direção! Quantos animais silenciados abundam nas reivindicações e experiências. Tuas ausências inauguram, fazem cruzar os mares, subir às alturas outros e enriquecedores tímbrs. Pequenos hábitos, mudança e descontrolo como condição da emergência de perspectivas, velho amigo. A justificativa, não mais exigida. Não há

dúvida, nem mesmo a certeza é necessária para a construção dos espaços. Difamou-se, demasiadamente, o silêncio e coisas afins. Na tua ausência, há silêncio? Quanto do silêncio da tua ausência é um silenciar? Como é dificultosa a abertura constante de porta e janelas, de construir nos desvios e nas encruzilhadas, porém quão afortunada a possibilidade de estender, ao limite, a participação dos personagens! Na forja da distância mantém-se presente a tensão dos abrigos, da exibição das peças e dos teatros. A ausência de registro e demarcações de lembrança e memória se apresenta como o processo que se instaura. Tu foges nessas condições? Se aparece, pretende decompor, dividir, analisar e concluir. Foge para a sua estepe, aplanador dos espaços e das diferenças. Pretendes reduzir à sua língua tão estranhas e outras necessidades? Por que não as delícias do pensar e sentir, do pensar e experiência, do pensar e experimentando, do pensar e criando, do pensar e exercitando, do pensar e afogando, do pensar e mergulhando. Façamos o exercício do pensar, pensando junto com a presença do acontecido. Distantes do sobre, do recurso à memória e ao depois, por que não na intermitência do acontecimento do pensar? Por que não o pensar como acontecimento e não o pensar após o acontecimento? Talvez, nobre amigo e amante, a tua soberania reside na certeza ilusória de que depois, na distância, as coisas se aclarem e tomem a devida forma. Na distância, com o devido silêncio, calma e distinção, atingir-se-á o objeto de encanto e o segredo dos segredos. Porém, e se... à sombra dos teus segredos reside uma série de questões, pois a tua língua não revela as pressões pelas quais a sua voz se organiza. De qual lugar retira a sua distância? De qual lugar supõe-te a invulnerabilidade das tuas disposições? Façamos um experimento, continuarei te amando como amante tua, porém, partirei para distantes terras a procura de novos amores e outros compromissos. Desviarei de ti quando vieres à noite ou pela manhã. Fugirei aos seus encantos. Outros servirão e disporão dos quartos da casa e de nossa sagrada cama.

Desespero-me atordoada sempre pelas tuas mesmas e inevitáveis conversas. Sinto não ser possível a alteração das modulações e a posição dos seus gestos. Foges sempre quando acossado, quando se desconfia da sua poderosa potência em dar as fichas e distribuir as regras do jogo. No teu terreno encanta a maestria e a disciplina, porém e os demais jogos e regras? Tu és forte o bastante para se manter na dianteira? Até quando permitirá a certeza sobre ti mesmo? As fissuras se apresentam em demasia e tu ainda pretendes resistir? Nas tuas ausências percorre que mundos? Gostaria de ouvir suas incertezas, seus riscos, seus grandes abismos? E tua aventura no terreno do conhecimento. Já nasceu sabido? Rememorações ou iluminações divinas ou a certeza a priori de um pensar? Nunca esteve prestes a ruir, a ser invadido por questões sem solução? A fome dos teus olhos e a certeza da tua missão poderiam ser colocadas sob suspeita? Tens ousadia para atravessar a fronteira? Para embaralhar as cartas? Sei da minha impaciência em suspeitar das tuas vastas conquistas, mas sem a aventura, o que podem os amantes? Sem o risco e a selvageria, o que podem os amantes? Acusa-me de descontrolo? Mas, o que pode o controlo? Serve apenas aos interesses da maioria? Tu és capaz de justificar o ainda-não, o vindouro? Pode atravessar o rio de cobras bravias? Não te acostumou a dizer do não, no máximo a instituir a culpa e a compaixão? Seus dedos podem tocar o sagrado sim?

Em momento algum fiz juras de amor. Por zelo, afirmo apenas aquilo que posso oferecer diante de mim mesmo e como prova a mim mesmo. Se subo, apresento as razões. Se desço, apresento as razões, Se faço, sei porque fazer. Se tenho, sei como ensinar. Se administro, realizo da mesma forma. Se julgo, o que se deve, o que vem a ser o bem e o mal o belo ou feio comporto-me da mesma maneira. Se seduzo é por franqueza e por não julgar sabido aquilo que não se sabe. Suponho que a clareza é mais distinta que a ilusão e que o mundo das sombras e do descontrolo é

mais violento que a paz derradeira dos meus precisos limites. Como sabes, diversas vezes apresentei o caminho da felicidade e com um sagrado não estipulei as vestes dos sábios e a destreza dos seus caminhos. Se me apresento à luz da beleza, se deve à limitação dos precisos e derradeiros caminhos, afinal, após as distinções e certas delimitações chega-se ao supremo brilho daquilo que se revela aos olhos da razão. Como instrumento, carrego a faculdade de discernir, julgar e nominar. Memória, lembrança, grandes aliadas. Se seduzi, foi pela certeza do meu olhar e pela expressão dos meus olhos. Agora, vens me dizer dos seus desejos por outros. Sabe que aquilo que não se pode justificar assemelha-se à loucura. Nesse caso, haveria mal maior?



O recolhimento se instaurou junto ao frio da noite e madrugada. Poucos ruídos. A luz branca invade entrecortada pela neblina de chuva fina. Animais percorrem a cena à busca de abrigo e calor. Leve vento balança os finos galhos e o inverno celebra sua força. Parcas folhas amareladas deixam-se cair sobre a exuberância e relutância do tapete cor terra. Na sua mistura, branco, verde e marrom produzem o achatamento do horizonte. Como marca, o encurtamento dos limites da visão. Sob a cortina, encerram-se os infinitos e instaura-se a lentidão. Fina lâmina apresenta-se como espaço junto ao mover incessante da nevoa gelada sob os encantos dos ventos. Claridade, na ausência de sol. Lentidão... A duração do tempo salta ao visível. As gotas escorrem preguiçosamente e os pássaros abrem pequenas frestas nos olhos, sob o império da brancura e do frio. A lassidão apresenta-se como destino. Sob a pressão do inverno, pensamento calmo. Sob a pressão do silêncio, pensamento calmo. Sob a pressão, da brancura pensamento calmo. Como operar distinções na hegemonia do branco? Como operar distinções no estreitamento dos horizontes? Como operar distinções nos apelos do

silêncio? Por um breve instante celebra-se o fim. O fim como ruína e acabamento da busca. O fim como ponto de ruptura das variáveis. Fim como império do silêncio e da brancura... Pode a brancura impedir as distinções, torná-las sem sentido, situá-las como falsos problemas? Pode a brancura silenciar o pensador? Pode a brancura encurtar as distâncias, forçando a proximidade que silencia? O silêncio como originário da brancura, do cessar do pensador. Como distinguir, na hegemonia do silêncio e da brancura, na fina espessura do branco? Por um instante todas as coisas reduzidas à brancura, à reluzente e escurecedora brancura. Sob a hegemonia do branco não se distinguem as flores, do campo. As hastes, das flores, do campo. O congelamento é eminente. No congelamento a densidade da parada, do fim. Silêncio e fim se lançam na celebração da brancura. O mínimo de abrigo. Move-se pouco, aconchega-se, ajunta-se, encolhe-se, funde-se, aterra-se. Os movimentos lentificados da terra narram sua passagem sobre si. Céu e terra aproximam-se sob a hegemonia da brancura e o pequeno espaço reverbera como silêncio. Brancura, silêncio e recolhimento instauram a espera na lentidão do tempo. Quanto de brancura habita o pensamento nas suas exigências de recolhimento? Quanto da brancura não expressa a caminhada lenta do pensamento? Quanto da brancura exige a distinção do pensamento ou foge o pensar da lentidão da brancura? O extremo da brancura seria a cessação do pensamento, diante da conclusão inevitável: o fim iguala tudo e todos. Na brancura atualiza-se a igualdade de todas as diferenças. Na brancura atualiza-se a abolição de todas as diferenças. Na brancura atualiza-se a destruição de todas as diferenças. Sob a hegemonia da brancura atualizam-se a igualdade, a abolição e a destruição. Como igualdade, abolição e destruição impellem o pensar à ruína?

Caro amigo, tenho saudade das tuas certezas, de quando na caça esperava-se a conquista do alimento. Porém, no jogo do visível, os

encontros multiplicam as aberturas, as sinuosidades e rugosidades das superfícies. A prática da síntese reverbera como alimento para sonhos antigos. Discrepâncias se celebram na variação dos estados, modulações se apresentam como antítese das sagradas e derradeiras oposições. Infinitos graus e ultrapassagens desafiam milimetricamente as entonações que clamam aos festivos enquadramentos. Como pensamento e olhos se relacionam? Como olhos e clima se relacionam? Como as afetações na brancura geram sensações e acabamentos? Como o encurtamento da distância e do horizonte força o pensar ao colapso? Seria a produção do sentido sintoma da exuberância, da vida nas cores e das cores? Quanto de infinito inspira e se impõe ao pensar? Quanto de infinito exige o pensar na superação da brancura?

***A brancura como desafio, como senão!** Remeter à brancura. Estende o véu sobre a face. Retira do círculo a abóbada. Transformam em reta, curvas. Instaura certeza em limites. Desacelera e faz recuar, retroceder. Pedre calma. A experiência da brancura é a do extermínio. Vitória do nada, ou nada como da ordem da brancura ou a brancura como da ordem e desdobramento do nada? Como nada, brancura, silêncio e apaziguamento atingem a esfera do pensar? Ou, como resistir ao acabamento da brancura, ao império da brancura, ao silêncio da brancura, à lentidão da brancura, à arrogância da brancura, à totalização da brancura, à nadificação da brancura, às respostas da brancura, à ausência de problemas da brancura, à explosão da brancura, à lentificação da brancura, à loucura da brancura, à aridez da brancura, à certeza da brancura, à escuridão da brancura, aos excessos da brancura, à extensão da brancura, às recusas da brancura, à indelicadeza da brancura, aos olhos da brancura, aos pulmões da brancura, aos rins da brancura, à memória da brancura, aos desejos da brancura, aos afetos da brancura, ao bem da brancura, aos males da brancura, aos deuses da brancura, aos sofrimentos da brancura, às*

ausências da brancura, às presenças da brancura, às flores da brancura, aos solavancos da brancura, às brincadeiras da brancura, aos abraços da brancura, aos sorrisos da brancura, aos olhares da brancura, às dívidas da brancura, aos agasalhos da brancura, aos impossíveis da brancura, à língua da brancura, à voz da brancura, aos lamentos da brancura, aos limites da brancura, aos afagos da brancura, aos passos da brancura, aos alentos da brancura, às incertezas da brancura, aos espaços da brancura, à vida na brancura, aos ruídos da brancura, às educações da brancura, às civilizações da brancura, aos amores da brancura, aos humores da brancura, às festividades da brancura, aos alimentos da brancura, aos afastamentos da brancura, aos beijos da brancura, às maledicências da brancura, aos remédios da brancura, às doenças da brancura, aos acidentes da brancura, aos acontecimentos da brancura, às amizades da brancura, aos medicamentos da brancura, às potências da brancura, à beleza da brancura, ao êxtase da brancura, à música celeste da brancura, à juventude da brancura, às alegrias da brancura, às rupturas da brancura, aos afastamentos da brancura, à rapidez da brancura, à brancura da brancura?



Abrir um furo, romper o lacre. Arrancar um furo. Instaurar um furo. Produzir um furo. Abrir uma fenda. Ultrapassar no muro através do furo - feito rato no lixo, sob a sombra do luar. Furar, forçar a quebra. Lançar como os dentes, feito roedor. Desviar da hegemonia, na hegemonia. Insiste, constata, passa a exigir. Com grandes dentes consome os tijolos das imensas paredes, das taciturnas paredes. A sonoridade insinua. Sussurrando, coíbe! Faz-se furo. Travessia roliça. Terreno movediço das passagens, dos deslocamentos, da ruína dos apelos cotidianos e naturalizados do corpo, na sua língua, na sua escrita. Corpo como furo, multiplicado pelo furo. Arrancar um furo. Vislumbrar naquela direção, um aonde aponta a irrupção da questão - roer. Duas escritas? Quatro leitores? Oito livros? Multiplicam-se as exigências. Quantas escritas? Quais exigências sob a escrita? Ter uma escrita, conquistar uma escrita, instaurar uma escrita. Escrituração infinita. Por seu intermédio, abolir a posse da escrita. Possessão da escritura, apelos inusitados da voz da escritura, da queima da escritura, da ardência na escritura. Incendiar na e pela escritura. Fagulhar corpo.

Fogo e furo comprazem-se no limiar de corpo que furado, irrompe como corpo furo. Dentes ferozes roem as paredes do muro!

Luzes artificiais encobrem os deslizes e ruídos da noite. Na hegemonia da escuridão espaços se ampliam, sombras bifurcam os limites estreitados das coisas. Ao longe, avistam-se pequenos pontos luminosos, pequenas ilhas de solidão na dança das teimosas luzes. Sobem e descem as sinuosidades das elegantes montanhas. Acanham a presença do brilhar das longínquas estrelas. À noite, amplia-se, avança-se. Como signo, o descanso da certeza das luzes artificiais, das sombras artificiais, dos calores artificiais.

De um lado a tensão do fim, a celebração dos encontros com intenção de dizer da fronteira, dos limites e das danações do fim. Do outro, os deslizes, as ultrapassagens, as movimentações tectônicas, dos terremotos, dos maremotos, dos transtornos e das fugas incessantes e dos escapes no e do território. De um lado, o apequenamento, a busca por soluções, o corpo extasiado com a possibilidade de descansar na sua paz. Do outro, a disputa infinita por hegemonia, por multiplicação dos signos, do arrastão dos signos. De um lado, a remoção dos entulhos, a pavimentação das superfícies, o estabelecimento de caminhos mensuráveis, observáveis e descartáveis. Do outro, a produção com os restos, com os trilhos e trilhas, com o esburacado dos limites e da expansão dos limites e da tensão da extensão dos limites. De um lado, a desconfiança da posse, a justificação da posse, a clarificação da posse. Do outro, a ausência da necessidade de proteção, de conservação da proteção e da superação dos riscos. De um lado, o estabelecimento da meta, dos utensílios e da instauração do controle. Do outro, a hegemonização do descolamento, das torções e trocas incessantes, da disputa pela tensão no domínio. De um lado, a voz rouca. Do outro, a velocidade de voz translúcida. De um lado, a busca do profundo. Do

outro, a certeza da superfície. De um lado, a fuga do corpo, a redenção do corpo. Do outro, a emergência do corpo como voz, como impossível escapar. De um lado, a moral, o pecado e a culpa. Do outro, a lei de si, o cuidado de si e a afirmação de si. De um lado, os gritos vorazes da carne. Do outro, a cantiga do riso, o contentamento do riso. De um lado, a fuga da morte. Do outro, o abraço com a vida e com as sangrias da vida. De outro lado, a ruptura, a distinção, a paralisia da identidade. Do outro, a variação, a mutação, o deslocamento. De um lado, a morte, os antídotos, os remédios. Do outro, a finitude, as alturas e as doenças. Seria a escrita profilaxia? Seria a narrativa profilaxia? Qual distância entre a escrita profilática e a narrativa profilática? Escrita como fuga de si, como escape de si, como estabelecimento de um si. Escrita como experiência de si, como salto em si, como variações de si. Escrita como colapso. Narrativa como colapso?

Quando anda sorrateiro teima em recolocar a dúvida, em instaurar um desequilíbrio entre a certeza da voz e suas demandas. A contradição apresenta-se na superfície da escrita quando as dúvidas passam a tomar dianteira. Ao recolocar a indagação sobre a propriedade do poder dizer de si, de instaurar um si na narrativa que se constrói em uma escrita projeta a dúvida. Como desviar o olhar quando as tensões disputam entre si a hegemonia daquilo que se busca como dizer? Como distanciar das distinções? Multiplicar os sinais, os desvios, as ruelas e os encontros junto aos novos e inusitados companheiros da festa? Quantas vozes são ainda possíveis no equilíbrio dinâmico da tensão? Quanto dos impedimentos apresenta-se como eco das disputas entre os pólos e nos pólos? Escapar aos pólos? Escapar nos pólos? Subverter a medida e as medições dos pólos? Subverter as nomeações na experiência metamórfica dos antípodas? Quanto de corpo é necessário para multiplicar as vozes? Quanto de corpo é necessário para instaurar a diversidade das vozes e a multiplicação dos signos? Ousar a

*multiplicidade de perspectivas de corpo móvel? Quanto de corpo para abrigar a dicotomia das vozes? Quanto de corpo para não fazer sucumbir a tensão dos opostos, da luta dos opostos? Quanto de corpo para manter a pletora, exigir e amar a pletora? Quanto de corpo para multiplicar as escritas? Não uma, duas, mas três, quatro, trilhões? Velozes e furiosas disputam a hegemonia, as virtudes, as transposições do *pathos* em *ethos*. Quanto de plástica? Multiplicar, não por amor ou compaixão, mas por vida!*

Saltou do banco... Com olhos vermelhos impôs a sua sentença- pobre de tu que imagina ultrapassar os limites estreitos do equilíbrio. Sonhas com navegar em mar revoltoso? És forte o bastante para desejar e amar a ruína, o transtorno? Quem aqui falou de doença? A antiga sabedoria - maledicências instauraram a decadência. O receio do limite reside no recuo diante da expansão das latências. Duas escritas, o pró e o contra! Mudar a música, ampliar os ritmos, ultrapassar as cristalizações, permitir resistências...



A: Caminhas abrindo trilhas? Teus pés se movem ao encontro do vento e no ruído dos sinos e junto ao arrastar das folhas sobre o chão e a terra? Reconhece-te sob o abrigo das circunvizinhanças do céu e dos teus encontros com a terra? Sabe de antemão aonde queres chegar? Tens os bilhetes das passagens e as angústias das passagens, com suas chegadas e partidas, locais e destinos? Quantos já se perderam na preocupação das viagens marcadas, quando ainda não estão de posse das poltronas? Nas exigências da preocupação perderam a experiência do desvio. Se os locais estão previamente decididos...

B: De onde estou não compreendo o sentido das tuas perguntas. Até bem pouco tempo me interessavam as dissonâncias e seus engodos festivos. Não me importo com as sombras e suas exigências. As sombras projetam suas lembranças sobre os espaços ainda a explorar. Toda a atividade decide-se nessas vias, no entre das linhas nas distâncias. Quanto maior a extensão menor a certeza em torno das chegadas e partidas. Talvez,

pequenas estadias. Banhos rápidos em águas frias, saltos em cachoeiras e nados sem botes.

C: Ouvindo o teu diálogo pergunto-me quando e porque a necessidade de tomar como certeza a própria opinião. Quantos já se perderam por aí? Dar razão à razão, desdobrar as implicações de uma fala e suas extensões. A busca por razões apresenta-se como estratégia na construção de caminhos certos. Mesmo o trilhar ainda pretende qualificar-se a si mesmo, a distinguir a si mesmo, a dizer da sua diferença e pretensão. Pode-se ultrapassar as opiniões e suas demandas de certeza? Alguma via ainda mais além, mais distante do repertório corriqueiro?

B: Tomar para si. Espécie sofisticada de posse. Implicado, quando convocado a dizer. De algum modo, o jogo de perguntas e respostas acaba por delinear as variáveis. De qualquer modo, a tentativa se esvai. Supor-se em trilha é compor em e por outras vias? Ou escapar nos próprios encantos dos sentinelas e guarda chaves?

C: Pretendes com isso afirmar que a obrigação recai sobre a parte que impõe a investigação? Que serve de parteira do processo? Como parir sem os passos do parteiro, sem as distinções do parteiro, sem as inquietações e pedidos de esclarecimento do parteiro? Do início - o que pretendes quando diz que?

B: Pretender o diálogo é supor que as condições da resposta estão contidas nas análises sobre a possibilidade inerente à forma da indagação, mesmo no exercício do reconhecimento da ignorância, pois ainda se serve de suporte para a certeza da ausência. Dizer de qualquer saber supõe a possibilidade de distinguir frente às demais modalidades de posse.

D: Ouvindo o seu diálogo percebe-se a pretensão da verdade, do não se permitir enganar, com fins a não emudecer a mais potente das vozes, pois como supor um dizer sem a pretensão do exprimir, do convencer e do se mostrar? É da ordem da disputa a necessidade do ganhar? A expressão supõe algum resíduo, o convencimento supõe a submissão e o mostrar supõe a vaidade do dito. É da ordem do resíduo, da submissão, da revelação e da vaidade. As variáveis se apresentam quando instaura-se a questão - o que queres dizer com isso? O resíduo aponta para um eu, a relação aponta para a submissão, a certeza aponta para o esclarecimento e a vaidade aponta para a vitória. Como transitar na escrita de modo que não ajam as convergências? Ou como nas convergências realizar outro?

B: Bom, não foi o que pretendi a dizer. Afinal, nunca pretendi a conversão. Ademais, concordo contigo sobre esse aspecto.

E: Distante desse país me encontro. A relevância nem mesmo se coloca na presença da certeza do que se diz. Pelo contrário, a tomada de posição revigora e exercita-se na e pela posição. A posição apresenta-se como a conquista de um ponto provisório, de um instante provisório. Por provisório, reconhece-se o trânsito. Desse lugar, não há preocupação, nem muito menos passagens e angústias da passagem. Trens e navios soam como artefatos. Não demandariam suportes, haveria suportes? Os usos e abusos dar-se-iam no jogo incessante do sentido atravessado na construção e na produção da narrativa.

B: Pretensão demasiado infantil supor-se ultrapassando os limites da correspondência com a certeza. O tom de apaziguamento não foge à sua voz.

D: Estranho se colocar dessa forma, pretendes dizer da possibilidade de não se importar com a qualidade do dizer. Nesse sentido, não haveria diferença entre o que se diz e o sentido daquilo para o qual se aponta? Como se dariam as avaliações diante das implicações? Todos os impasses presentes aos riscos do dizer e as repercussões do seu construir. Há, sem dúvida alguma, uma correspondência entre os dizeres e suas implicações nos demais terrenos. Por essa razão deveríamos policiar de antemão todas as formas consideradas válidas. Sabe dos riscos...

C: De algum modo, percebo que parte das suas indagações nasce da certeza das suas posições. Se tu pudesse deslocar para outra região saberíamos das suas intenções. Porém... Sem dúvida, há pretensão de validação...

B: Próximo e distante encontro-me das exigências desses caminhos. Afinal, a importância resolve-se nos seus descontroles, pois quanto do controle ressoa nas cantilenas dos interlocutores? Podem-se extinguir os limites demasiadamente estreitos da pretensão da saída. De qualquer forma, continua o impedimento.

D: Estranho imaginar-se acima de qualquer suspeita. Pretendes com isso afirmar a inviolabilidade do dito. Seria ingênuo o suficiente para não se responsabilizar...

B: Continuo tecendo com as intrigas da paragem. A cada salto a ilusão da fixação de um ponto seguro, da superação das angústias do caminho suposto do conhecimento. Primeiro vê, depois lembra, depois julga, depois capta, depois capta por julgar. Na sequência, graus e distâncias se impõem na tarefa de seguir adiante, na esperança de seguir adiante...

C: Deveria ser de outra forma?

F: Tola a pretensão de supor possível esvaziar a continuidade da construção. As vozes pretendem a manutenção da abertura ou redundam nos ecos do fechamento? A incisão deveria levar em consideração a possibilidade de deslocar a questão, não para os limites e condições de possibilidade, mas para os processos...



Como na ordem da disputa apresenta-se a vaidade? Como a vaidade move a ordem da disputa, nos seus deslizes e sobreposições? Presente ao mecanismo das hegemonias? Como distúrbio? Ou descontrolo geral da economia do sistema? Como excesso e excessivo? Parte das tipologias, dos adoecimentos e hemorragias? Ou oriunda das necessidades e do acaso? Impondo as direções através das quais se movem os animais, na produção dos seus destinos e metas? Ou como intrusa, ameaça que se instaura aquém das hegemonias diante do conjunto das múltiplas relações? Ou, como deleite do visível e da superfície? Ou, como resultante das relações surgiria como sintoma diante da intransigência do outro,

do reconhecimento da visceralidade e da radicalidade da presença do outro? Ou, como integrante da arte do visível apresentar-se-ia como uma das exigências remotas da superfície, da transitoriedade da superfície? Ou seria a vaidade...

A emergência carrega junto a si necessidade do visível e como visível a impetuosidade do jogar-se no visto. Duas ordens distintas de exigências? Ou parte integrante da pletora e das disputas? Não seria a beleza a revelação visível da vaidade? A forma presente na superfície do visível seria também dessa ordem? As formações, os apelos e encantos do visível apenas sintomas do reinante esforço na vigência da vaidade?

Imagem de urso repousa no alento. Pendurada, disputa a atenção da visão. Contorce-se, amplia-se, aprofunda-se, quase urra, enfim desloca-se para o visível. Encerra-se na vitória da sua exigência - o visto. Quando vista exige a manutenção da sua presença. Reposiciona-se a cada instante nas disputas no plano do visível. O movimento não cessa de reivindicar atenção. A pressão dos detalhes, a diferença visível dos detalhes emana como condição do visível. Agora, sob a luz. Agora, sob a sombra. Agora, sob a influência do vento. Agora, sob o relâmpago. Agora, sob a folha que lhe toca a face. Agora, sob o balanço das cordas. Sob a sagrada persistência daquilo que reivindica para si a atenção, a paragem naquela abertura, no movimento daquela abertura. Mesmo a imagem do urso na lembrança exige a persistência. Pode a persistência ser da ordem da vaidade? No plano e palco da vaidade o acontecimento como manutenção da abertura?

Caro amigo, são essas as questões que percorrem a presença na nossa relação nessa bela manhã de inverno. O sol desponta tornando iluminado o claro azul do céu. Infinitiza, com seus raios, as extensões e os limites costumeiros do espaço e da terra. Folhas dispersas ao chão

ampliam a presença da luz duplicando a experiência do visível na sua intermitente apresentação. Distante das angústias do branco e da dispersão da fria e negra noite o aspecto visível do mundo impõe-se na sua vaidade - como querer imoderado de ser visto, de ser tomado pelo visto, de ser a experiência do visto. Podem as emergências ser motivadas por suas vaidades? Podem as emergências ser a experiência da vitória das suas vaidades, da produção de si por suas vaidades e nas suas vaidades? Quanto difamadas foram as vaidades e seus segredos, pois como na tua presença escutam-se os encantos imoderados da busca pela vitória e a sede pela vitória? Quanto da tua presença não decorre da intransigência dos apelos do visto, da necessidade do ser visto? A ânsia pela verdade não seria dessa ordem: a do possuidor, a voz das vozes, o início, o meio e o fim? Seria a certeza da posse um dos encantos da vaidade? Que valor teria a posse sem o reconhecimento, pelo menos do possuidor? A menos, que da ordem da possessão fosse? Mas, nesse caso, a possessão dar-se-ia por quais mecanismos e não seria da sua ordem relampejos da vaidade, do movimentar-se na esteira da luz e da visão da luz? Luz, visão, beleza e verdade como fenômenos da vaidade! Sob essa perspectiva, a abertura do visível estaria recoberta pelas intenções da vaidade? Ou os impulsos não jogariam a si mesmos nesse palco? Parte do processo de instauração das vias não estaria escancarada sob o véu da vaidade? Quanto dos impulsos encontra a sua razão de ser na vaidade? Se os mecanismos de atenção são resultantes do estratagema da vaidade o caminho do pensar seria de outra ordem?

Como amigo, posso compartilhar das tuas razões, mas como amante, sofro das tuas intenções. Tuas idas e vindas, teus momentos de silêncio, teus momentos de anúncio e clareza não seriam parte integrante da tua vaidade, do teu desejo de sedução pelo brilho visível da sua face? Em vão, seria meu desejo de escapar, e por outro lado, não seria parte integrante, pois não seria da ordem da vaidade não se deixar

apreender, de ousar escapar para eternamente seduzir ao visível, ao querer do visível? Mas como vaidade e duração se converteriam na condição pela qual... Meu amado, seduzida pelo encanto da sua linguagem, pela sinuosidade visível da sua bela e esplendorosa face! Quanto do meu pequeno corpo fala à tua encantada voz? Como poderei, em nome do nosso amor, escapar aos delírios da sua voz ao pé dos meus ouvidos? Seria vaidoso o criminoso? Seria a vaidade a razão do descontrole? A sua persistência faz triturar as bolotas do conhecimento entre os afiados dentes. Quanto da sua ausência permite a vaidade da mastigação? Quanto da sua ausência instaura a necessidade da trituração? Quanto da tua vaidade responde às necessidades de encantar-se com a dificuldade da problematização, dos desafios da problematização? Quanto da sua vaidade não se deixa apreender? Como amante tua, não deixo de me colocar essas questões, pois parte da sua fuga esconde os caprichos da sua vaidade, ou como os encantos dos seus objetos podem me colocar diante dos desvarios e sinuosidades dos seus banquetes e jantares? Ao final, sigo atentamente os teus passos, percorro os teus labirintos e desvios sob pena de deixar-me embalar por seus encantos. Ou seriam apenas mostras visíveis da tua poderosa vaidade? Seria o tempo da digestão fruto dos deslocamentos imprevisíveis da tua vaidade? Ou seria a tua loucura atravessamento da vaidade da procura e busca por teus resolutos alimentos?



Luta contra o declínio. A voz tremula, desconfia de si. Anda sorrateira sobre os seus descompassos, sobre os tesouros que insistentemente reivindicam seu possuidor. Reluta na sua capacidade de afirmar a si mesma e transitar nos perigos e vielas da sua abertura. Por instantes, não vê razões na multiplicação dos signos, na interrogação constante dos seus limites e afastamentos, acabando por ressoar os ecos profundos do reestabelecimento moral no terreno vertiginoso do conhecimento. Por que afastar das inclinações rotineiras? Por que afastar do aprendizado do que é pensar, do que seja o pensamento? Algum nobre sentimento do dever invade e denuncia a irresponsabilidade. Como recompensa, recai sobre os ombros, as distinções longínquas. Os ecos da memória passam a exigir outros movimentos - o retorno e a reivindicação da antiga paz, a celebração do espírito gregário e suas exigências na consciência de habitar o rebanho. Como a ordem do conhecer pôde se instalar no âmago do pensamento? Como suas antecipações se apresentam sempre à mão, a naturalização tornou-se tão evidente. Por que escapar da comunidade? Por que se arriscar em trilhas, em mar infinito e revoltoso? A atração

dos discursos do sobre, da difamação, da prescrição e da falação começam a anunciar-se sorratamente: por que não retornas para o caminho de origem, aquele que prescreve o início, os instrumentos e o fim? Por que não retorna aos encantos do mestre rico em dispor os cômodos, propor distinções e instaurar delimitações precisas, claras e indubitáveis? Por que não retornas para o garantido palavrório, para a aplicação da extensa rede da conceitofagia historicamente instaurada? Por que insistes em continuar em uma direção sem fim, no firme propósito de desviar-se dos caminhos consagrados da tradição? A atração pelo mesmo e a segurança do mesmo no reino da cognição perderam por quais razões o delicioso sabor? Não seria esse o caminho do conhecimento: traduzir a incerteza do acontecimento no encantamento feliz do já conhecido, da segurança de um isto, em algum modo do constituído e dominado mundo do eu sei? Vamos ao receituário. Mergulhemos na caça de um problema já reconhecido. Parte-se da colocação de uma questão, inclusive da formulação aceita de antemão, de modo geral: as contribuições de x em y.

Caro amigo marca das tuas predileções reside na resistência em que mantém a proposição. Esse procedimento seria resultado da longa exposição aos rigorosos e eficazes métodos presentes na sua longa e derradeira história? Quanto da forma da tua indagação recupera no instante presente a marca indelével de um passado, de um assim foi eternizado? Quanto do desconforto presente à tua face nasce da ruptura com o esplendoroso edifício, no qual, razão, conhecimento e verdade se davam as mãos no intuito de apresentar uma justificativa para si e o mundo? Quanto do teu inveterado hábito alinha-se à exposição dessa forma? Ou, como a pressão da forma se mantém constantemente presente, pululando como natureza, como descontrolada natureza nas suas aparições? Eis, caro amigo, o nosso desafio e por que não o nosso destino? Quantos intervalos na corrente que se supõem límpida e única,

caro amigo? Aprendeu em demasia com os velhos mestres as técnicas de caça. E, como não?

Geralmente X é reconhecido através da consistência da sua reflexão. Ou pela capacidade de convencer atrelada à forma do conteúdo do seu pensar. Ou por estabelecer fortes redes de implicações sobre os vastos terrenos da produção humana. Repercussões no âmbito do conhecimento, da linguagem, da cognição, da antropologia, da epistemologia e da educação abundam nas produções de X. Ou, como ventríloquo da verdade, acaba por alicerçar uma infinidade de projetos, pois no livro A, de 19.. as variações conceituais permitem relações com o desconhecido Y. Afinal, negam-se as lentes da sua produção para convertê-las em visão privilegiada. Enfim, amplamente reconhecido no mundo e citado em diversos âmbitos acadêmicos - das breves comunicações às renomadas teses dos grandes centros de excelência. Para além dessa visibilidade apresenta-se como participante fundamental para a compreensão da época nos seus desenvolvimentos e ritmos. Presente a qualquer diálogo. Mesmo que sua voz não tenha se dirigido para aquela questão, converte-se em passagem obrigatória para qualquer percurso. Constitui-se como uma unanimidade - todos devem se curvar à exuberância da sua fala e voz - no máximo permite-se e aplaudê-se a comunidade de amigos e inimigos, o pró e o contra. Assim, soam os títulos: O impacto de X em Y. Y pensado a partir de X. A experiência segundo X a partir da presença em Y. A dinâmica do existir em X e suas repercussões pelos descaminhos de Y. Os desafios de Y pensados por X. Seria X solução para Y? Estudo de caso a partir de X para a coleta em Y.

Geralmente Y apresenta-se como signo do novo e da novidade, contudo mantém-se refém da estruturação corriqueira da indagação. Em linhas gerais: a todo y corresponde alguma resposta, pois da ordem do

problema é a correspondente solução. A delimitação estrita reconhece a necessidade da demarcação do objeto presente ao problema, pois como é sabido, não há solução para problema inexistente e a recíproca é sempre verdadeira, pois absurdo supor... É possível postular problemas ainda sem solução, mas solução sem problema seria um disparate. O conjunto do questionamento dirige-se para a otimização e superação das condições produzidas pela ausência da resolução. Em linhas gerais, o âmbito do problema origina-se dos descontroles causados por aquele evento, que de modo geral, é compreendido como algo em si e sujeito a leis, e por essa razão, passível de ser capturado com fins ao controle das suas variáveis. É da ordem do problema a construção da solução, sobretudo pelo grau de descontrole e risco que apresenta o desconhecido. Toma-se a natureza do problema como da ordem da superação e do controle. Ingenuidade e desperdício se atrever revelar como questão outro modo que não esse. Afinal, seria uma grande perda de tempo e energia. X e Y correspondem, em grande medida, aos mandos e desmandos da economia da época: otimizar com fins a superar a tragicidade do existir.



Sol desponta com vigor. Bordas roxas se misturam com rajadas laranja na borda inferior do céu. Distantes do chão, maritacas saúdam o nascer do dia. Como passe de mágica as nevoas se dissipam e a claridade inaugura-se no palco e plano do visível. No limite do instante as ultrapassagens se dão na superfície. As emergências abundam na celebração da afirmação das efetuações. A realização da ingênua e brincalhona necessidade, graça ao raiar de mais um dia - como vida, como excesso, como abundância, como brotação ininterrupta! Na fina retina, movimento. Nos compassos do ouvido, movimento. No toque das mãos, movimento. Na textura da pele, movimento. Como movimento, tensão, inevitável tensão. Como pôde o conhecimento pretender deduzir das ultrapassagens incessantes a idéia de ser? Por quais mecanismos a idéia de ser pôde se projetar sobre a escorregadia movimentação da superfície e sua visibilidade? Como a estaticidade presente aos conceitos e à lógica da gramática carregada da idéia de ser pôde pretender superar a dinâmica visível do movimento? Como a idéia de ser constitui-se como pretensão última do saber? Como passa a ser tomada

como local firme e seguro e por fim como destino último do saber? Como conhecimento e a ideia de ser celebram-se em um mesmo terreno e abertura?

Basta apenas um segundo para que os teus estratagemas voltem a encenar no palco do visível. A separação é um dos procedimentos básicos da tua gramática. Há sempre como resíduo das suas compreensões a separação dos âmbitos do sujeito e do objeto. Ora parte do sujeito para entender o objeto, ora parte do objeto para entender o sujeito. Não obstante, reincide na postulação de que aos problemas cabe a solução. Que é apenas uma questão de tempo o estabelecimento de um depois. Inclusive, toda a busca ressent-se da necessidade da apreensão. Às vezes na presença da sua ausência outros procedimentos passam a operar, contudo, quando assumem a tua voz, transmutam a maneira de dizer que lhes é típica. Tu tens a capacidade de reverter a diversidade inumerável dos acontecimentos no tom e na forma da tua voz. Salvo engano, permanece a dúvida em seu próprio terreno quanto à capacidade de expressão em outro modo de estar à tua altura. Talvez a tua ânsia em classificação e delimitação tenha embaralhado demasiadamente o enigma, a ponto de torná-lo invisível, pois a todo instante ressalta a necessidade de afirmar as distinções e de assumir que a tua voz confunde-se com a história das formulações do seu seletivo grupo de amigos. Configurando dificultosamente a ultrapassagem no teu próprio território. Julga absurda qualquer afirmativa contrária. No máximo concede a suspeita às condições delimitadoras do acesso, mas sobre a forma da construção da delimitação, mantêm-se soberbamente seguro, pois sustenta de antemão a invulnerabilidade do princípio de não-contradição. Nesse sentido, tu e teus amigos sois os únicos a produzirem as modulações tomadas como válidas para as vozes e o exercício da sua classificação. Para, além disso, a tua lentidão indica algo da ordem do salto. Encadeia-se ordinariamente a partir de um

depois, com fins a gerar a expectativa de que realizará a totalização dos eventos, mantendo a exterioridade típica. Mesmo os fenômenos visíveis do mundo interior passam por esse crivo. Primeiro se dá a ocorrência, em um segundo momento, tu entra em cena e realiza os recortes necessários. Como fórmula geral do teu procedimento pode-se inferir: primeiro as coisas acontecem e depois ocorre a tua atividade de classificá-las. De algum modo, a tua atividade supõe a exterioridade das ocorrências que tens como referência e a posterioridade da tua atuação para assim classificá-las. De modo geral, classifica a partir da produção de signos que buscam representar a ordem do acontecido. Além disso, supõe que as cadeias da linguagem possam restituir a ordem e classificar as ocorrências e suas ordens com fins a delimitar o âmbito dos juízos. De modo algum supõe a sua fabricação. Os órgãos do sentido são convidados a participar do processo de reconstituição de uma memória com fins a descolar a presença da semelhança com alguma idéia que lhe seja afim.

Tentativa vã escapar? Tentativa vã pretender disparar outros mecanismos? Tentativa vã pretender inventar outros mecanismos? Tentativa vã reconhecer e supor a ultrapassagem? Tentativa vã tecer em outra ordem? Tentativa vã pretender escapar? Tentativa vã supor a outra ordem? Tentativa vã supor outra ordem sem condição de classificá-la, nomeá-la? Tentativa vã supor que sem a descrição da totalidade das outras ordens possa-se imaginar a superação? Tentativa vã supor outro caminho? Tentativa vã imaginar que a superação seja necessária? Tentativa vã desejar a superação? Tentativa vã supor a possibilidade de superação?

Caro amigo, o estranhamento frente à questão inicia o seu afastamento. Afinal, qual a relevância em pretender aprisionar o procedimento em nome da sua classificação? Reconheço o seu rosto a cada instante que

nos aproximamos. A tua voz é demasiadamente corriqueira para que possa ignorá-lo, sobretudo, em função do longo aprendizado. A busca por outros caminhos não ressoa como último adeus, sobretudo pela insistência da sua presença. A luta como tu sabes é constante, devido ao encantamento que advém do brilho das suas madeixas, contudo, a instauração de outros modos se faz necessária em função da tensão que tem se exercido nos últimos dias. Uma grande ruptura se avizinha, porém a sua presença mantém o horizonte encoberto para outros encontros. Manter a distância, perceber os meandros e as estratégias do amante é um bom artifício para escapar aos seus encantos. O outro será como tí? Essa pergunta ainda caminha na sua direção, pois o tem como regra. O outro será diferente de tí? Na mesma via se encontra. Como sair do enigma, de trilhar sem a pretensão de reconhecer como isso ou aquilo? Seria uma tentativa vã? Obviamente não se trata de superação, pois no máximo estaríamos trocando um erro por outro. Mas e por que não? Talvez, uma grande risada nos aguarde no próximo, e quem sabe distante, encontro. Por aqui, o sol teima em pintar de azul o infinito e potente céu de inverno. Porém, pela manhã, a espessa névoa abateu-se sobre nós!



Grande batalha avizinha-se. Como tempestade avoluma e carrega o céu de relâmpagos e ventania. Do alto da montanha, feixes de luzes brotam, ruídos se encontram com o tato e põem-se a celebrar a ordem dos excessos e da abundância. Em breve, novas águas rolarão.

A visibilidade celebrada como signo das vitórias e derrotas no âmbito das lutas do invisível, na agonia dos seus jogos, presente à hegemonia do visível na irrupção da aparência. No âmbito das efetuações, vigem as aparências e a sutileza das aparências. Apesar de violentas, sanguinárias, perigosas e destruidoras, eternamente traduzem a exploração e os seus ordenamentos na forma da beleza - feito flor de orquídea! Transmutar, eis a tarefa. Transmutar si mesmo, eis a arte do tornar-se.

Grande batalha se avizinha, nobre amigo! Terás forças para enfrentar o seu derradeiro inimigo? Terás força para realizar a derradeira ultrapassagem? Terás forças para dispor as armas e instaurar o

conflito? Como o sol, reivindicará novamente a tua manhã? As grandes dores do parto celebrarão em ti as alegrias do nascimento. Ou preferes a exuberância da tua velha e mesma companhia? Será capaz de mudar a tua pele? De deixar de lado algumas carapaças? Ou de modo mais preciso, tu és forte o bastante para realizar novamente o caminho, de amar a recorrência do caminho? Seria da ordem da tua cura reconhecer e amar furtivamente a doença, a dor e os padecimentos da doença? O teu corpo é são o bastante para assumir o dano, para bailar no abismo do dano? Como ninguém, sabe dos riscos do teu saber! Tu és são o bastante para descer ao pior dos mundos? Tu és forte para também exigir e querer a sua noite, para instaurar rituais para amputações e macerações ou os seus remédios nascerão do vigor das tuas vísceras?

Caro amigo e amante, quanto da sua voz permanece como signo da tua doença? Quanto da sua voz dispõe com fins a alcançar a calma e os excessos da loucura pela paz, da destruição pela paz? Teu silêncio e tuas ausências não são sintomas da tua doença? O deleite pelo escrutínio, a certeza dos instrumentos e meios não são sintomas ainda da tua doença? O teu pesar, como expressão da tua elegante decadência, seria ainda sintoma da tua doença? Seria inócua a busca de técnicas para realizar amputações e dilaceramentos? O reconhecimento doentio do teu caráter não seria sintoma da potente e grande saúde que tens? De uma saúde que afirma alegremente os sintomas das doenças e forte o bastante para superá-las, mantendo a vigência de alguma presença? Tua alegria não dá sinais da produção de uma perspectiva como sintoma de vida que quer se afirmar, e para tal, interpreta o seu mundo como integrante das suas necessidades através da produção de um si que lhe habita? Seria a tua saúde capaz da contradição, capaz da afirmação da ambivalência doentia do teu corpo?

A co-pertinência entre vida, conhecimento e corpo apresenta a esfera do pensar como fenômeno do corpo, como linguagem cifrada de um corpo, que expressa por esse instrumento as demandas do seu crescimento. A suposta heterogeneidade do conhecer cai por terra, quando vida e corpo passam a figurar como produtores, por essa razão, deve-se escrutinar, na emergência da obra, o submundo dos impulsos e suas efetuações, pois como vida, a tua filosofia expressa a singularidade da diferença de um corpo, do pensar modulado por voz de um corpo.

Corpos que se dão na produção das condições fundamentais do seu existir, tendo como conquista seu direito ao isso e àquilo. A fuga ao teu pensar apresentar-se-ia como sintoma de um si mesmo que almeja a ruína de si, como falência do cuidado de si? Submeter-se como única alternativa? As modulações e graus passam ao primeiro plano, pois quanto de saúde e doença habita teu corpo? Quanto das permissões e ausências estão ainda presentes nas demandas pela irrupção das tuas vozes? Quanto do teu pensar ainda é da ordem da metáfora e do engodo? Quanto do teu corpo se avizinha nessas paragens e compreende-se à luz das ilhas que informam a necessidade de fixidez? Quanto do teu corpo não demanda as identidades e a forma nas vielas do ser? Quanto do teu corpo não busca ainda a paz? Quanto da celebração da tua verdade não soa como esquecimento da invenção e da criação de um si? Se é da ordem dos corpos a esfera do pensar, quanto de corpo perde-se diante da tua presença à maciça história do pensamento? Afinal, reincidir-se-ia na autofagia?

Produzir para que o conhecimento não seja da ordem da cura, do sobrepeso, mas afirmação das ultrapassagens, dos movimentos de ocasião. Produzir para que o conhecimento permita a abertura constante de portas para a expressão diversificada de corpos, na emergência das suas demandas à superfície e ao seu campo de efetuação.

Produzir para transitar nas zonas de exclusão a fim de adquirir o direito ao pró e ao contra. Abrir trilhas, operar furos, fazer sucumbir, mesmo através da vigência da maior dor. As construções e seus processos não instauram e tornam possíveis narrativas sobre si? O confronto exige a exuberância da grande saúde, ou a vitalidade demanda o grande combate? A diferença de graus expressa a diversidade de perspectivas frente à alegria do destruir, ou sucumbir à doença seria a cura? A ultrapassagem exige a afirmação da destruição, da demolição, e como não! Destrói-se como afirmação da dor da ultrapassagem. Contra a destruição permanente, a tensão da manutenção - presença maciça de movimentos involuntários de fixação e identidade. Contudo, a voracidade e impetuosidade dos animais os projeta como os derradeiros vencedores. A produção incessante como ruína da epopéia do espírito. Vida, conhecimento e verdade como produção trágica da vida mesma - a oposição fundamental do conhecimento.

A provisoriedade e precariedade do conhecimento como oriundas do aumento do sentimento da força. Como parte dos mecanismos para a conquista do alargamento dos horizontes, das infinitas possibilidades da experimentação de um si, da fabricação de um si. Ou, o conhecimento como sintoma de vida que cresce e ou declina?



Caro professor, com muito esmero, espero comemorar o nosso possível reencontro. Nossas diferenças não podem ocultar e menosprezar o aprendizado que traçamos entre nós. Como linha, como ponte, como passagem e meta. Ou seria inconveniente e até pueril afirmar tal proeza? Há muito, os nossos momentos têm revelado as sutilezas das nossas ocupações, os rastros dos descontentamentos e os percalços no vasto terreno dos conhecimentos que temos conquistado nesses últimos anos. Não julgo impróprios os comentários ressabiados de alguns dos meus companheiros que afirmam perceber profundas alterações após tê-lo conhecido. Inventamos vários modos através dos quais pudemos vir a produzir nossas interpretações e tomá-las na maioria das vezes como infantis, ingênuas e até impróprias. Às vezes, nos enganamos, e ficamos a suspirar diante dos desafios propostos por nossas relutantes invenções. Aprisionamento típico de quem constrói muros e algumas grades. Alienados, esquecemos a impetuosidade das produções - ordinariamente expõe a multiplicidade das tensões que subitamente acabam por configurar um mundo e os seus possíveis junto aos nossos corpos que as

produziram. Paradoxalmente o que dá vida também poderá asfixiar, matar. Tenho que te confessar, parte do aprendizado me atravessa sem que possa reconhecer os meios pelos quais vim a conquistar um saber que antes demandava e não possuía. Como passe de mágica, as nossas relações permitem ultrapassagens, deslizes e cataclismos. Inclusive, em meio as tuas aulas, diversas vezes me percebi ouvindo as tuas palavras, encantada pela tonalidade efusiva da tua voz e a modulação dos usos dos verbos. Já explicou, inúmeras vezes, sobre a importância e a necessidade de reconhecer e conquistar o adequado uso da linguagem e suas repercussões no uso corriqueiro das falas do cotidiano. Mesmo nas ausências e nas distensões que lhe são típicas, as afetações abundam nas remissões e nas lembranças que ficam perdidas pelos caminhos bifurcantes das apropriações. Ou seriam narrativas de viagens sem destino? Ambos reconhecemos que as presenças e as distâncias fazem parte do mesmo fenômeno que nos diz respeito. Foi neste sentimento de pertença que tomei a liberdade de lhe propor uma ingênua indagação, pois como aluno, suponho que tua reconhecida sabedoria já tenha percorrido a borda dessa questão. Pela manhã, com o nascer de mais um belo dia de inverno, presente aos apelos fortificantes do infinito azul do céu, acabrunhei-me de uma ideia. Daquelas que ficam martelando a cabeça, que não deixam a gente dormir e nem mesmo assistir tranquilamente a televisão. Ideia escabrosa, que aos poucos foi tomando a dianteira, passando a disputar a atenção de boa parte da presença. Tu bem sabes desse sentimento. Várias vezes sinalizou o tal arrebatamento, a tal violência. Às vezes, me pergunto se a ordem do arrebatamento é da mesma estirpe que a da violência. Às vezes, tomo o violentar como produção emergente do pensar. Mas lembro-me de algumas aulas em que dizia que o arrebatamento nasce de algo que nos ultrapassa. Fico em dúvida, mesmo porque poderia ser um misto, não? – Capazes de se arrebatam pela própria violência. Espécie sofisticada daquilo que tenho chamado de (_____). Palavra misteriosa, demasiado contaminada por

usos e desusos ao longo do tempo e da história. Talvez fosse melhor deixar em aberto o campo semântico dessa intuição genuína, tentarei a seguinte expressão (_____) Assumo a imprecisão. De qualquer modo, pretendi, junto a tua vasta cabeleira, indagar sobre as possibilidades de se pensar mundo sem a referência às esferas éticas, estéticas e políticas. Um passo em direção à desracionalização da sensação! Muito distante das tentativas estoicas da suspensão ou coisas do gênero. E, se de alguma maneira, poderíamos imaginar a construção da possibilidade, não de um acesso privilegiado, uma vã expectativa, mas algo de outra ordem, ou produção de narrativas que multiplicassem a tão gasta qualidade racionalizada do mundo? Certo da magnificência da sua grandeza resolvi escreve-lhe esta carta no intuito de ouvir atentamente os passos e as razões da tua voz. Espero que a tua estimada esposa não desconfie da nossa furtiva, mas silenciosa relação. Do seu prezado e estimado aluno.

Cara aluna(o), fiquei em dúvida com a utilização do vocativo. Pode ser apenas um ato falho, mas ao final da carta termina usando o gênero masculino, apesar de em alguns momentos, nomear-se de outro modo. De qualquer maneira... Quanto à minha esposa, julgo que não tem o costume de questionar as minhas relações de afeto, inclusive, é comum haver a confusão entre as partes. Há muito, coloco sob suspeita, as razões da sedução presentes aos momentos de transferências, resultante, na maioria das vezes, dos arrebatamentos da paixão ali implicados. Platão informa dos perigos presentes à arte da conversação - seria da ordem do domínio ou da posse? Talvez, seja em função do destaque da função, ou reverberações dos afetos da infância na construção do imaginário da autoridade - espécie sofisticada de amor ao pai. Quanto à presença da emergência da ideia, compartilho do seu estranhamento. Às vezes sou tomado pelas pressões, pelas sensações que percorrem todo o corpo e instauram o sentimento das alturas, do distanciamento e da

clarividência. Nessa distância, permitem-se apenas raios como comunicação. De qualquer modo, recebi com atenção a sua questão. Então vejamos, indaga sobre a correspondência entre a produção da perspectiva e a sua equivalência enquanto fenômeno ético, estético e político. Como bem sabe, alguns apontam a existência da correspondência entre os transcendentais do ser. O belo, o justo e o bem estariam imediatamente dados e vinculados à experiência da verdade na ideia de ser. Sob essa perspectiva, poderíamos separar as implicações gerais e as convergências entre os planos, pois quanto do estético não é também político e assim ao infinito? A convergência supõe como princípio a equivalência. Contudo, a questão indaga sobre a possibilidade de ultrapassar não só a convergência, mas também instaurar modos outros de avaliação.

Após o café, ambos se despediram e indagaram sobre as possibilidades de se reunirem em outro momento. À sombra da questão, voltaram aos seus pontos de origem. Seriam as conversas pequenos instrumentos, rotas de fuga para perguntas que fabricam os seus inveterados caminhos, para trilhos e rumos?

Conclusão.

E

ou

Referências bibliográficas

AAVV. **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ARENDT, H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1978/1992.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1958/1993.

_____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1954/1992.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978/1978.

BARROS, M. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010/2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio**. Secretaria de Educação, 2000, Brasília : MEC/SEF.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>

_____. **Parâmetros curriculares nacionais + ensino médio**. Secretaria de Educação, 2004, Brasília: MEC/SEF.
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>

_____. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 3. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf

BURCKHARDT, J. **A cultura do renascimento na Itália**. São Paulo: Cia das Letras, 1990/2009.

CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1951/1996.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982/1982.

DELEUZE, G. e GUATTARI. F. **O Anti-Édipo Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972/1976.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 1980/2011

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 2**. São Paulo: Editora 34, 1980/2011

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3.** São Paulo: Editora 34, 1980/2012

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4.** São Paulo: Editora 34, 1980/2008.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5.** São Paulo: Editora 34, 1980/2008

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991/1992.

DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o barroco.** São Paulo: Papyrus, 1988/ 1991.

_____. **Abecedário de Gilles Deleuze.** Disponível em:

_____. **A filosofia de Nietzsche.** São Paulo: Rés Editora. 1987/1999.

_____. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 1993/1997.

_____. **Diferença e repetição.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1968/1988.

_____. **Empirismo e Subjetividade.** Rio de Janeiro. Coleção Trans: 1953/19

_____. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1986/2005.

_____. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1969/2009.

_____. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense, 1964/2006.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1966/1981.

_____. **Cómo nace um 'libro-experiência'.** In: FOUCAULT, M. *El yo minimalista y otras conversaciones.* Buenos Aires: la marca editora, 2009.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1971/2006.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau editora, 1973/1996.

_____. **História da Sexualidade 1.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984/1993.

_____. **História da Sexualidade 2.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984/1994.

_____. **História da Sexualidade 3.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984/1985.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/1995.

_____. **Nietzsche, Freud e Marx.** São Paulo: Graal, 1980/1997.

_____. **¿Qué es un autor?** Córdoba: Ediciones Literales, 2010.

GREGOLIN, M. **O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas.** In: Sargentini e Barbosa, **Foucault e os domínios da linguagem.** São Carlos: Editora Claraluz, 2004/2004.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte.** São Paulo: Edições 70, 1977/2010.

_____. **A caminho da linguagem.** Petrópolis: Editora Vozes, 1959/2011.

_____. **Ensaio e conferências.** Petrópolis. Editora Vozes, 1954/2006.

_____. **Introdução à filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2009/1996.

_____. **Nietzsche I.** Rio de Janeiro: Forense, 1961/2010.

_____. **Nietzsche II.** Rio de Janeiro: Forense, 1961/2007.

_____. **O acontecimento apropriativo.** Rio de Janeiro: Forense. 2013/2009.

_____. **Qu'est-ce que la Philosophie?** São Paulo: Nova Cultural, 1955/1999.

_____. **Ser e verdade.** Petrópolis: Editora Vozes, 1933/2012.

_____. **Sobre o humanismo.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1946/1995.

LARROSA, J. **Nietzsche e a Educação.** São Paulo, Autêntica, 2005.

_____. **Tremores: escritos sobre a experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014/2014.

NIETZSCHE, F. **A filosofia na idade trágica dos gregos.** Trad. Maria Inês Madeira de Andrade; revisão de Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1872(1)/1995.

_____. **Also sprach Zarathustra.** Germany: Atlas-Verlag köln. 1885/1963.

_____. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Cia das Letras, 1881/2001.

_____. **A genealogia da Moral.** São Paulo: Cia. das Letras, 1887/1998b.

_____. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Cia das Letras, 1886/1992b.

_____. **Assim falou Zaratustra.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1885/1998a.

_____. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Cia das Letras, 1885/ 2011.

_____. **Aurora.** São Paulo: Cia das Letras, 1894/2004.

- _____. **A vontade de poder.** Rio de Janeiro: Contraponto. 1888/2008.
- _____. **Consideraciones intempestivas, 1.** Trad. Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1873(1)/2000.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos.** São Paulo: Cia. das Letras, 1889/2006.
- _____. **David Strauss Crente e Escritor.** In: Considerações Intempestivas. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença, 1871/1980.
- _____. **Da utilidade e desvantagem da história para a vida.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1872/2003.
- _____. **Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida.** In: Considerações Intempestivas. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa, Editorial Presença, 1874/1986.
- _____. **Ecce Homo – Como alguém se torna o que é.** São Paulo: Cia das Letras, 1888/1999.
- _____. **El nacimiento de la tragedia.** Trad. Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza Editorial, 1870/2000.
- _____. **Fragments posthumes 1870-1871.** In: La naissance de la tragédie. Trad. Michel Haar, Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy. Paris, Éditions Gallimard, 1870/1994. Coleção Folio/Essais.
- _____. **Humano demasiado humano.** São Paulo: Cia. das Letras 1878/2000.
- _____. **Humano demasiado humano II.** São Paulo: Cia. das Letras 1878/2010.
- _____. **La naissance de la tragédie.** Trad. Michel Haar, Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy. Paris, Éditions Gallimard, 1870(1)/1994. Coleção Folio/Essais.
- _____. **La philosophie à l'époque tragique des Grecs.** Trad., Jean-Louis Backes, Michel Haar e Marc B. de Launay. Paris, Éditions Gallimard, 1872/1995. Coleção Folio/Essais.
- _____. **Nietzsche contra Wagner.** São Paulo: Cia. das Letras 1889/1999.
- _____. **O caso Wagner.** São Paulo: Cia das Letras, 1889/1999.
- _____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** São Paulo: Cia das Letras, 1870/1992a.
- _____. **Schopenhauer éducateur.** In: **Considérations inactuelles.** Trad. Henri-Alexis Baatsch, Pascal David, Cornélius Hein, Philippe Lacoue-Labarthe et Jean-Luc Nancy. Paris, Éditions Gallimard, 1874/1990. Coleção Folio/Essais.

_____. **Schopenhauer educador.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro, Editora Puc-Rio, 1875/2003.

_____. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro, Editora Puc-Rio, 1875/2003.

_____. **Verdade e mentira no sentido extra-moral.** São Paulo: Conexões, 1873/1999.

_____. **Wagner em Bayreuth.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1874/2009.

PASCAL, B. **Pensamentos.** São Paulo: Nova Cultural: 1963/1999.

PLATÃO. **A apologia de Sócrates.** São Paulo: Nova Cultural, V a.c/1999.

_____. **Hípias maior.** São Paulo: Edipro, V a.c/2007a.

_____. **Cartas.** Pará: UFPA, V a.c/1975.

_____. **Ion.** Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=6702. Acesso em 10/10/12. V a.c/2012a.

_____. **Laques.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=6703. Acesso em 10/10/12. V a.c/2012b.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSSET, C. **A antinatureza.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1973/1989.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação.** Porto: Rés, 1980.

WITTEGSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus.** São Paulo: Editora da USP, 1961/1994.

